
MINIATURISTA
JESSIE BURTON

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

MINIATURISTA

JESSIE BURTON

TRADUÇÃO DE RACHEL AGAVINO



Copyright © Peebo & Pilgrim Limited 2014

TÍTULO ORIGINAL
The Miniaturist

PREPARAÇÃO
Marluce Faria

REVISÃO
Juliana Werneck

ARTE DE CAPA
Katie Tooke

MINIATURAS E FOTOGRAFIA
www.andersenm.com

FOTO DA CASA DE BONECAS
Anônimo, c. 1686–c. 1710, Rijksmuseum

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Manuela Brandão

E-ISBN
978-85-8057-817-1

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOLOGIA
Bembo

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Apresentação

Epígrafe

Igreja Antiga, Amsterdã: Terça-feira, 14 de janeiro de 1687

UM

- De fora para dentro
- Capa
- Novo alfabeto
- Trompe L’Œil
- O presente
- Transgressões
- Lista de Smit
- Na Kalverstraat
- Entrega
- Barco
- Encontros de casais
- Escritório

Degraus
Bradar e florescer
A esposa
Trocas
A garota abandonada

DOIS
De dentro para fora
Decisões
Contos
Oito bonecos
Escrito na água
O garoto no gelo
A rebelde
A raposa está febril
Rachaduras

TRÊS
Manchas
Armas doces
O espaço vazio
A testemunha
Almas e bolsos
Fuga
Semicírculo
Corpos escondidos
Sem âncora

QUATRO
Esporos
Stadhuis
Verkeerspel
Pão de açúcar da esperança

Animais selvagens devem ser domados pelo homem
O ator
Os florins e a boneca
Chegada
O contador de histórias
Filhas
Uma porta fechada
Quartos vazios
O mal no jardim
Gradações de estar vivo
Pedra

CINCO
Nova Hollandia

Glossário holandês do século XVII

Comparações salariais no final do século XVII em Amsterdã

Exemplos de custos domésticos de um cidadão rico de Amsterdã no fim dos anos 1600

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

Para Linda, Edward & Pip



A casa de bonecas de Petronella Oortman
(Rijksmuseum, Amsterdã)

O termo VOC refere-se à Companhia Holandesa das Índias Orientais, conhecida em holandês como Vereenigde Oost-Indische Compagnie (VOC). A VOC foi fundada em 1602 e administrava centenas de navios que faziam negócios na África, Europa, Ásia e no arquipélago da Indonésia.

Em 1669, a VOC tinha cinquenta mil funcionários, sessenta bewindhebbers (sócios) e dezessete regentes. Em 1671, as ações da VOC na Bolsa de Valores de Amsterdã chegavam a 570% de seu valor nominal.

Com as boas condições agrícolas e a força financeira da República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos, dizia-se que os pobres de lá comiam muito melhor que seus equivalentes na Inglaterra, Itália, França e Espanha. Os ricos comiam melhor que todos.

Saqueiem a prata! Saqueiem o ouro! Sua riqueza não tem fim; está repleta de objetos de valor!

Naum 2:9

Quando ele estava saindo do templo, um de seus discípulos lhe disse: “Olha, Mestre! Que pedras enormes! Que construções magníficas!”
“Você está vendo todas estas grandes construções?”, perguntou Jesus. “Aqui não ficará pedra sobre pedra; serão todas derrubadas.”

Marcos 13:1-2

(Todos os trechos são de passagens marcadas na Bíblia da família Brandt)

Igreja Antiga, Amsterdã: Terça-feira, 14 de janeiro de 1687

Era para o funeral ser bem tranquilo, pois o morto não tinha amigos. Mas, em Amsterdã, palavras são como água: inundam os ouvidos e correm por todos os lados, por isso o canto leste da igreja está lotado. Ela observa a cena da segurança do coro, enquanto homens da companhia e suas esposas se aproximam da tumba aberta como formigas seguem em direção ao mel. Logo se juntam a eles secretários da VOC, capitães de navios, regentes, pasteleiros... e ele, ainda usando aquele chapéu de aba larga. Ela tenta sentir pena do homem. A pena, diferentemente do ódio, pode ser encaixotada e esquecida.

O teto pintado da igreja — a única coisa que os reformadores não destruíram — ergue-se sobre eles como o casco emborcado de um suntuoso navio. É um espelho da alma da cidade. Pintados nas vigas antigas, Cristo em julgamento segura sua espada e o lírio, um barco dourado enfrenta as ondas, a Virgem repousa sobre uma lua crescente. Virando a velha misericórdia do assento ao lado, seus dedos percorrem o provérbio de madeira exposta. É o relevo de um homem cagando um saco de moedas, um olhar lascivo de dor em seu rosto. “O que mudou?”, pergunta-se ela.

E mesmo assim...

Até os mortos estão presentes nesse dia, as tumbas escondem corpo sobre corpo, ossos sobre pó, empilhados sob os pés dos enlutados. Debaixo daquele piso há mandíbulas de mulheres, a bacia de um mercador, as costelas ocas de um nobre gordo. Há pequenos cadáveres ali, alguns menores que um pão de forma. Ela nota que as

pessoas desviam o olhar daquela tristeza tão concentrada, que se afastam de qualquer lápide minúscula que veem, não pode culpá-las.

No meio da multidão, a mulher dá uma olhada no que a levou até ali. A garota parece exausta, o sofrimento impresso no rosto, de pé ao lado de um buraco no chão. Quase não repara nos cidadãos que foram bisbilhotar. Os carregadores de caixão sobem pela ala central, o esquife equilibrado nos ombros como se fosse o estojo de um alaúde. Pela expressão deles, pode-se concluir que alguns têm reservas quanto a este funeral. Culpa de Pellicorne, ela supõe. O mesmo velho veneno no ouvido.

Procissões como esta costumam ser mais organizadas, os burgomestres à frente e o povo atrás, mas neste dia ninguém se importou com isso. A mulher conclui que nunca houve um corpo como aquele em nenhuma das casas de Deus nos limites da cidade. Ela adora seu caráter raro, desafiador. Fundada sob risco, Amsterdã agora anseia por certeza, uma passagem ordeira pela vida, cuidando do conforto de seu dinheiro com obediência cega. “Eu já devia ter ido embora”, pensa ela. A morte chegou perto demais.

O círculo se desfaz conforme os carregadores abrem caminho. Enquanto o caixão é colocado sem cerimônia no buraco, a garota se aproxima da beirada. Joga um ramalhete de flores no escuro, e um estorninho sai batendo asas, subindo pela parede caiada da igreja. Cabeças se viram, distraídas, mas a menina não se mexe, assim como a mulher do coro. As duas ficam observando o arco de pétalas no momento em que Pellicorne entoa a prece final.

Enquanto os carregadores fecham a nova tumba, uma criada se ajoelha junto à escuridão que se desvanece. Começa a soluçar, e como a garota exausta não faz nada para conter as lágrimas que surgem, tamanha falta de dignidade e disciplina é notada com um estalar de línguas.

Duas mulheres usando vestidos de seda cochicham perto do coro.

— É esse tipo de comportamento que nos obrigou a vir — murmura uma delas.

— Se essas mulheres são assim em público, devem se comportar como animais selvagens a portas fechadas — responde a amiga.

— Verdade. Mas eu daria tudo para ser uma mosca naquela parede. *Bzz-bzz.*

Elas abafam uma risadinha e, no coro, a mulher percebe como os nós de seus dedos ficaram brancos de tanto apertar as misericórdias proverbiais.

Com o chão da igreja mais uma vez lacrado, o círculo se desfaz, os mortos permanecem a distância. A garota, feito uma santa que caiu do vitral da igreja, nota os hipócritas que não foram convidados. Essas pessoas começam a conversar ao saírem para as ruas sinuosas da cidade, sendo, por fim, seguidas pela menina e por sua criada, que caminham em silêncio, de braços dados, pela ala central da igreja, até chegarem lá fora. A maioria dos homens vai voltar para suas mesas e seus balcões, porque manter Amsterdã acima da água requer trabalho constante. O trabalho pesado nos trouxe a glória, é o que diz o ditado, mas a preguiça vai nos empurrar de volta para o mar. E, hoje em dia, as águas parecem muito próximas.

Quando a igreja se esvazia, a mulher sai do coro. Ela se apressa, sem querer ser descoberta.

— As coisas podem mudar — diz, seu suspiro ecoando pelas paredes.

Ao encontrar a placa funerária recém-colocada, vê que o trabalho foi feito às pressas, o granito mais quente que o dos outros túmulos, as palavras entalhadas ainda empoeiradas. Era inacreditável que aquilo tivesse acontecido.

Ela se ajoelha e enfia a mão no bolso para terminar o que havia começado. Esta é sua própria prece, uma casa em miniatura pequena o bastante para caber na palma da mão. Nove quartos e cinco seres humanos foram esculpidos lá dentro, a arte muito intricada, produzida fora dos limites do tempo. Com cuidado, a mulher põe sua oferenda onde sempre pretendeu que ficasse, abençoando o granito frio com seus dedos enrijecidos.

Quando abre a porta da igreja, procura instintivamente o chapéu de aba larga, a capa de Pellicorne, as mulheres com roupa de seda. Todos sumiram, e ela poderia estar sozinha no mundo se não fosse pelo barulho do estorninho preso. Chegou a hora de ir, mas a mulher segura a porta aberta para o pássaro. Percebendo sua tentativa, o animal, em vez de sair, voa para trás do púlpito.

Ela fecha o interior gelado da igreja, direcionando o rosto para o sol, saindo dos canais circulares e seguindo para o mar. “Estorninho”, pensa, “se acredita que esse prédio é o lugar mais seguro, então não sou eu quem vai libertá-lo”.



UM

Meados de outubro, 1686

Canal de Herengracht, Amsterdã

Não deseje as iguarias que lhe oferece,
Pois podem ser enganosas.

Provérbios 23:3

De fora para dentro

Na soleira da casa de seu novo marido, Nella Oortman ergue e, em seguida, deixa cair a aldrava de golfinho, constrangida com o barulho. Embora a estejam aguardando ali, ninguém aparece. O horário foi combinado e cartas foram escritas, o papel que sua mãe tinha era muito fino comparado ao velino caro dos Brandt. “Não”, pensa ela, “esta não é a melhor forma de dar boas-vindas”, ainda mais considerando a cerimônia apressada de casamento no mês anterior, sem grinalda, cálice de noivado nem leito nupcial. Nella deixa seu pequeno baú e a gaiola na entrada. Sabe que vai ter de decorar a casa como um lar, só que mais tarde, depois de encontrar um jeito de entrar, um quarto, uma escrivaninha.

Nella se vira para o canal ao ouvir a risada dos barqueiros vindo da construção de tijolos do outro lado da rua. Um rapaz franzino esbarrou em uma mulher e em sua cesta de peixes, e um arenque moribundo sai deslizando pela frente ampla da saia da vendedora. O clamor áspero de sua voz rude deixa Nella toda arrepiada.

— *Idiota! Idiota!* — grita a mulher.

O rapaz é cego, e tateia o chão em busca do arenque fujão como se o peixe fosse um amuleto de prata, seus dedos ágeis, sem medo de explorar ao redor. Ele o encontra, ri e corre com a presa, o braço livre estendido e alerta.

Nella vibra em silêncio e aproveita para sentir o raro calor de outubro e desfrutá-lo enquanto pode. Esta parte do Herengracht, a Gouden Bocht, é conhecida como Curva

Dourada, mas atualmente a ampla extensão é amarronzada e indistinta. Agigantando-se sobre o canal cor de lama, as casas são um fenômeno. Admirando a própria simetria na água, as construções são suntuosas e lindas, joias encrustadas no orgulho da cidade. Acima dos telhados, a natureza faz o que pode para acompanhar, e nuvens da cor de açafrão e de damasco ecoam as riquezas da gloriosa república.

Nella vira-se de novo para a porta, que está ligeiramente entreaberta. Estava assim antes? Não tem certeza. Ela a empurra, espiando o vazio enquanto um ar frio sobe do mármore.

— Johannes Brandt? — chama em voz alta, um pouco assustada.

"Isso é um jogo?", pergunta-se. "Desse jeito vou ficar em pé aqui até janeiro." Peebo, seu periquito, estremece a beirada das penas nas grades da gaiola, e seu pio fraco vai sumindo no mármore. Até mesmo o canal atrás deles, que está em silêncio, parece prender a respiração.

Ao olhar mais fundo nas sombras, Nella tem certeza de uma coisa: está sendo observada. "Ora, vamos, Nella Elisabeth", ordena a si mesma, passando pela soleira. Será que seu marido vai abraçá-la, beijá-la ou apertar sua mão como se aquilo não passasse de um negócio fechado? Ele não fez nenhuma dessas coisas durante a cerimônia, cercado pela pequena família dela e sem um membro sequer da dele.

Para mostrar que garotas do interior também têm bons modos, ela se inclina e tira os sapatos — delicados, de couro, seu melhor par, é claro, mas agora não sabe o motivo de tê-los escolhido. *Dignidade*, foi o que sua mãe falou, mas dignidade é muito desconfortável. Ela larga os sapatos, esperando que o barulho chame a atenção de alguém, ou talvez os afaste. Sua mãe diz que ela é

imaginativa demais, Nella-Cabeça-nas-Nuvens. Seus sapatos jazem inertes em anticlímax e Nella simplesmente se sente boba.

Do lado de fora, duas mulheres se cumprimentam. Nella se vira, mas, pela porta aberta, vê apenas as costas de uma delas, alta, sem chapéu e com cabelo dourado, afastando-se na direção dos últimos raios de sol. O cabelo de Nella se desarrumou durante a viagem de Assendelft, a brisa suave deixou escapar alguns fios. Ajeitá-los a faria parecer mais nervosa do que ela poderia suportar, então os deixa fazendo cócegas em seu rosto.

— Vamos abrir um zoológico?

A voz vem rápida e firme do breu do saguão. Nella se contrai, porque o fato de suas suspeitas estarem certas não evita os arrepios. Ela observa um vulto deslizar para fora das sombras, com uma das mãos estendida — se em protesto ou em cumprimento, é difícil dizer. É uma mulher, ereta, magra, usando roupas muito pretas, o chapéu engomado e passado até à perfeição. Não há sequer um fio de cabelo solto, e ela tem um cheiro vago e estranho de noz-moscada. Os olhos são cinza, a boca é séria. Há quanto tempo está ali, observando? Peebo gorjeia diante dessa aparição.

— Este é Peebo — diz Nella. — Meu periquito.

— Estou vendo — responde a mulher, olhando-a de cima. — Ou ouvindo. Presumo que não tenha trazido mais nenhuma fera.

— Tenho um cachorrinho, mas ficou em casa…

— Ótimo. Ele bagunçaria nossos quartos. Arranharia a madeira. Esses cães pequenos são uma afetação dos franceses e espanhóis — observa a mulher. — Tão frívolos quanto seus donos.

— E parecem ratos — acrescenta uma segunda voz, de algum lugar no saguão.

A mulher franze a testa, fechando os olhos por um instante, e Nella a observa, perguntando-se quem mais está vendo a interação delas. “Devo ser uns dez anos mais nova que ela”, pensa, “embora ela ainda tenha uma pele muito lisa”. Quando a mulher passa por Nella indo em direção à porta, há graciosidade em seus movimentos, conscientes e incontritos. Lança um rápido olhar de aprovação para os sapatos ordenados junto à soleira e depois observa a gaiola, com os lábios apertados. As penas de Peebo se ouriçam de medo.

Nella decide distraí-la pegando sua mão para cumprimentá-la, mas a mulher recua diante do contato.

— Ossos fortes para alguém de dezessete anos — diz a mulher.

— Eu me chamo Nella. E já tenho dezoito — corrige Nella, recolhendo a mão.

— Sei quem você é.

— Meu nome, na verdade, é Petronella, mas lá em casa todos me chamam…

— Ouvi da primeira vez.

— Você é a governanta? — pergunta Nella.

Uma risada mal abafada ecoa nas sombras do corredor. A mulher a ignora, olhando para o crepúsculo iridescente lá fora.

— Johannes está? Sou a nova esposa dele.

A mulher continua calada.

— Nós nos casamos há um mês, em Assendelft — insiste Nella.

Parece que não há mais nada a fazer além de insistir.

— Meu irmão não está em casa.

— Seu irmão?

Outra risada no escuro. A mulher fita Nella nos olhos.

— Sou Marin Brandt — diz, como se Nella devesse entender. Marin tinha um olhar severo, mas Nella conseguia

ouvir certa hesitação em sua voz. — Ele não está — continua. — Achamos que estaria. Mas não está.

— Onde ele está, então?

Marin volta a olhar para o céu. Sua mão esquerda espana o ar e, nas sombras perto da escada, surgem duas figuras.

— Otto — chama Marin.

Um homem se aproxima e Nella engole em seco, pressionando os pés gelados no chão.

A pele de Otto é escura, totalmente marrom-escura, o pescoço eleva-se da gola da camisa, os pulsos e as mãos despontam das mangas — tudo numa pele marrom-escura que dava a impressão de não ter fim. As maçãs do rosto proeminentes, o queixo, a testa larga, cada centímetro. Nella nunca tinha visto um homem como aquele.

Marin parece observá-la para descobrir o que vai fazer. A expressão nos grandes olhos de Otto não demonstra se ele percebeu a mal disfarçada fascinação de Nella. Ele se curva e a garota reage fazendo uma mesura, mordendo o lábio até o gosto de sangue lembrá-la que deve ficar calma. Nella vê a pele dele brilhar feito uma noz polida, seu cabelo preto nascendo espetado no couro cabeludo. Parece uma nuvem de lã macia, sem ser liso e oleoso como o dos outros homens.

— Eu… — diz ela.

Peebo começa a piar. Otto estende as mãos, com um par de tamancos nas palmas largas.

— Para os seus pés — fala.

Ele tem sotaque de Amsterdã, mas arrasta as palavras, tornando-as mais calorosas e fluidas. Nella pega os tamancos e seus dedos roçam a pele do homem. Desajeitadamente, leva os calçados aos pés. São grandes demais, mas ela não se atreve a dizer isso, e pelo menos mantêm a sola dos pés distante do mármore frio. Ela vai apertar as correias de couro mais tarde, quando estiver no

quarto — se algum dia chegar lá, se algum dia a deixarem ir além do saguão.

— Otto é o mordomo do meu irmão — diz Marin, os olhos ainda fixos em Nella. — E esta é Cornelia, nossa criada. Ela vai cuidar de você.

Cornelia dá um passo à frente. É um pouco mais velha que Nella, talvez tenha vinte, vinte e um anos, e é ligeiramente mais alta. A criada a alfineta com um sorriso nada amigável, os olhos azuis analisando a recém-casada, notando o tremor em suas mãos. Nella sorri, sentindo a curiosidade da criada queimá-la, esforçando-se para lhe dirigir um agradecimento vazio. Parece meio grata e meio envergonhada quando Marin a interrompe:

— Deixe-me mostrar o andar de cima. Você vai querer ver seu quarto.

Nella assente e certo divertimento cintila nos olhos de Cornelia. Pios alegres vindos da gaiola ecoam alto nas paredes e, mexendo o pulso, Marin indica que a criada deve levar o pássaro para a cozinha.

— Mas e a fumaça? — protesta Nella. Marin e Otto se viram para ela. — Peebo gosta de luz.

Cornelia pega a gaiola e começa a balançá-la como se fosse um balde.

— Por favor, tome cuidado — pede Nella.

Marin encontra o olhar da criada. A mulher segue seu caminho para a cozinha, acompanhada pela fraca melodia dos pios preocupados de Peebo.

No andar de cima, Nella se sente minúscula diante da suntuosidade de seu novo quarto. Marin parece apenas contrariada.

— Cornelia exagerou nos bordados — diz. — Mas esperamos que Johannes só se case uma vez.

Há travesseiros com monogramas, uma colcha nova e dois pares de cortinas recém-colocadas.

— O peso do veludo é necessário para não deixar entrar a névoa do canal — observa Marin. — Este era o meu quarto — acrescenta, indo até a janela olhar as poucas estrelas que começam a surgir no céu, colocando a mão no vidro. — É o que tem a melhor vista, então o demos a você.

— Oh, não — retruca Nella. — Então deve ficar com ele.

As duas se encaram, confinadas pela enxurrada de bordados, pela abundância do linho repleto de letras *B* de Brandt, circundadas por folhas de videira, entrincheiradas por ninhos de pássaros erguendo-se dos canteiros de flores. As letras *Bs* haviam engolido seu nome de solteira, com suas barrigas gordas e inchadas. Sentindo-se desconfortável, mas impulsionada pelo dever, Nella passa o dedo pelo excesso de lã, tentando melhorar seu humor.

— Sua casa grande e ancestral em Assendelft é seca e quente? — pergunta Marin.

— Às vezes, fica úmida — responde Nella, curvando-se numa tentativa de ajustar, desajeitadamente, as largas correias dos tamancos em seus pés. — Nem sempre as represas funcionam. Mas não é grande...

— Nossa família pode não ter uma linhagem tão antiga quanto a sua, mas que importância tem isso diante de uma casa aquecida, seca e sólida — interrompe Marin, fazendo uma afirmação e não uma pergunta.

— É verdade.

— *Afkomst seyt niet*. Linhagem não serve para nada — continua Marin, empurrando um travesseiro para enfatizar a palavra *nada*. — O pastor Pellicorne disse isso domingo passado e anotei na guarda da nossa Bíblia. O nível da água vai subir se não tomarmos cuidado. — Ela parece

estremecer para afastar um pensamento. — Sua mãe escreveu — acrescenta. — Insistiu que pagaria sua viagem até aqui. Não podíamos aceitar. Mandamos o segundo melhor barco. Você não está ofendida, está?

— Não, não.

— Que bom. O segundo melhor nesta casa ainda significa um de pintura nova e com cabine forrada de seda de Bengala. Johannes está usando o outro.

Nella pergunta-se onde seu marido está, em seu melhor barco, sem ter voltado a tempo de recebê-la. Pensa em Peebo, sozinho na cozinha, perto do fogo, próximo às panelas.

— Vocês só têm dois criados? — indaga.

— É suficiente — responde Marin. — Somos mercadores, não ociosos. A Bíblia nos diz que o homem nunca deve ostentar sua riqueza.

— Não. Claro.

— Isto é, se ainda tiver o que ostentar.

Marin a encara e Nella desvia o olhar. A luz no quarto está começando a diminuir, e Marin coloca velas finas nos candelabros. São de sebo e econômicas. Nella esperava algo mais cheiroso, como cera de abelha. A escolha por esse tipo mais fumacento e com cheiro de carne a surpreende.

— Parece que Cornelia bordou seu novo nome em tudo — comenta Marin por cima do ombro.

“É mesmo”, pensa Nella, lembrando-se do olhar minucioso e sinistro da criada. Seus dedos ficarão parecendo fitas vermelhas, e quem ela vai punir por isso?

— Quando Johannes chega? Por que ele não está aqui? — pergunta Nella.

— Sua mãe disse que você estava ansiosa para começar a vida de casada em Amsterdã — comenta Marin. — Está mesmo?

— Sim. Mas para isso é preciso um marido.

No silêncio frio que se segue, Nella se pergunta onde está o marido de Marin. Talvez ela o tenha escondido no porão. Para conter o impulso desesperado de rir, Nella sorri em um dos travesseiros.

— É tudo tão lindo — diz. — Não precisava se incomodar.

— Foi Cornelia quem fez tudo. Não tenho habilidade manual alguma.

— Tenho certeza de que não é verdade.

— Tirei todos os meus quadros. Achei que estes pudessem ser mais do seu gosto.

Marin indica a parede, onde há um par de pássaros caçados retratado a óleo, pendurado num gancho, com penas e garras em destaque. Adiante na parede está o retrato de uma lebre amarrada, um prêmio de caça. Ao lado há uma pintura de um monte de ostras empilhadas num prato de estampa chinesa, sombreado por uma taça de vinho derramada e uma tigela de frutas maduras demais. Há algo inquietante nas ostras, abertas e expostas daquele jeito. Em sua antiga casa, a mãe de Nella enchia as paredes com paisagens e cenas da Bíblia.

— Esses são do meu irmão — observa Marin, apontando para um vaso cheio de flores, mais vívidas que as reais, excessivamente coloridas, e com metade de uma romã na parte de baixo da moldura.

— Obrigada.

Nella se pergunta quanto tempo levará até virá-los para a parede antes de ir dormir.

— É melhor você comer aqui em cima hoje — diz Marin. — Passou horas viajando.

— Passei, sim. Eu agradeceria.

Nella estremece internamente diante dos bicos ensanguentados dos pássaros, seus olhos vidrados, a carne

desfalecendo. Ao vê-los, é tomada pela vontade de comer alguma coisa doce.

— Você tem marzipã? — pergunta.

— Não. Açúcar... não é algo que consumimos muito. Adoece a alma das pessoas.

— Minha mãe moldava o marzipã em várias formas.

Sempre havia marzipã na despensa, a única inclinação à indulgência em que a Sra. Oortman compactuava com o marido. Sereias, barcos e colares de joias açucaradas, aquela massa de amêndoas derretendo na boca. “Não pertenço mais à minha mãe”, pensa Nella. “Um dia vou moldar massa para outras mãozinhas pegajosas e vozes implorando por doces.”

— Vou pedir para Cornelia trazer um pouco de *herenbrood* e gouda para você — diz Marin, afastando Nella de seus pensamentos. — E uma taça de vinho do Vale do Reno.

— Obrigada. Você tem ideia de quando Johannes vai chegar?

Marin empina o nariz.

— Que cheiro é esse?

Instintivamente, Nella leva as mãos ao peito.

— Sou eu?

— É você?

— Minha mãe me deu um perfume. Óleo de lírios. É esse o cheiro que está sentindo?

Marin assente.

— É, sim. É lírio. — Ela tosse discretamente. — Você sabe o que dizem sobre lírios.

— Não. O quê?

— Primeiro a florir, primeiro a morrer.

Com isso, ela fecha a porta.

Capa

Já são quatro horas da manhã seguinte e Nella ainda não consegue dormir. A estranheza do novo ambiente, brilhante e cheio de bordados, envolto pelo cheiro da fumaça das velas, impede-a de relaxar. Os quadros continuam expostos, porque ela não teve coragem de virá-los para a parede. Deitada na cama, Nella deixa os acontecimentos que a levaram até ali rodopiarem em sua mente exausta.

Dois anos antes, quando ele morreu, disseram em Assendelft que o Seigneur Oortman tinha sido um homem que patrocinara cervejarias. Embora Nella detestasse a insinuação de que seu pai não passara de um Príapo bêbado, isso infelizmente se mostrou verdadeiro. O pai os prendeu em seu emaranhado de dívidas, portanto, a sopa ficou rala, a carne, magra, e os criados foram dispensados. Ele nunca construíra uma arca, como todos os holandeses deveriam fazer, lutando contra o mar que subia.

— Você precisa se casar com um homem capaz de manter um florim no bolso — disse a mãe dela, ao pegar a pena para escrever.

— Mas não tenho nada a oferecer em troca — respondeu Nella.

A mãe estalou a língua.

— Olhe para você. O que mais nós, mulheres, temos?

Essa frase a chocou. Ser diminuída pela própria mãe fez surgir uma nova agonia, e o luto pelo pai foi substituído por certo luto por si mesma. Seus irmãos mais novos, Carel e Arabella, podiam continuar lá fora, brincando de canibais ou piratas.

Por dois anos, Nella treinou para ser uma dama. Adquirira uma nova postura ao andar, embora reclamasse de que não tinha para onde ir e sentisse pela primeira vez vontade de fugir do vilarejo, ignorando o vasto céu, enxergando apenas uma prisão bucólica que já desenvolvia finas camadas de poeira. Com um espartilho recém-apertado, ela ensaiou o alaúde, movendo os dedos elegantes pelas cordas, preocupada com os nervos da mãe apenas o suficiente para não se rebelar. Em julho deste ano, as sondagens da mãe entre os últimos contatos de seu marido na cidade finalmente encontraram terreno fértil.

Uma carta chegou, a letra na frente fluida e elegante, cheia de confiança. Sua mãe não permitiu que ela lesse, mas uma semana depois Nella descobriu que tocaria alaúde para um homem, um mercador chamado Johannes Brandt, que viera de Amsterdã até o vilarejo. Conforme o sol baixava sobre as planícies amarronzadas de Assendelft, o homem desconhecido sentou-se na casa delas, que ruía aos poucos, e a ouviu tocar.

Nella achou que ele parecia comovido, e, ao terminar, ele disse que havia gostado.

— Adoro alaúde — falou para ela. — É um belo instrumento. Tenho dois pendurados na parede, mas não o tocam há anos.

E quando Johannes Brandt — de trinta e nove anos, um verdadeiro Matusalém!, vociferou Carel — pediu sua mão, Nella resolveu aceitar. Teria parecido ingratidão e, sem dúvida, estupidez recusar. Que outra opção havia senão, como diz Marin, a vida de esposa?

Depois da cerimônia em Assendelft, em setembro, seus nomes foram registrados na igreja, houve um breve jantar na casa dos Oortman e Johannes foi embora. Ele disse que uma carga precisava ser entregue em Veneza, e tinha que fazer isso pessoalmente. Nella e sua mãe assentiram.

Johannes era muito charmoso, com um sorriso torto, insinuando que detinha grande poder. Na noite de bodas, a recém-casada Nella dormiu da mesma forma que fizera durante anos, ao lado de sua agitada irmã, a cabeça de uma ao lado dos pés da outra. Mas tudo isso era por um bom motivo, pensou ela, vislumbrando sair de Assendelft como uma nova mulher, uma esposa, e tudo o que a esperava…

Seus pensamentos são interrompidos pelo som de cães no saguão. Nella escuta um homem — é a voz de Johannes, tem certeza. Seu marido está aqui, em Amsterdã, um pouco atrasado, mas aqui. Nella senta-se na cama de casal, ensaiando, apesar do cansaço. *Estou tão contente. Você fez boa viagem? Fez? Que bom, ah, que bom.*

Mas não se atreve a descer. A animação de ver o marido não é suficiente para superar o nervosismo que a consome. Enquanto espera, a apreensão aumenta em sua barriga, e ela se pergunta por onde começar. Por fim, calça os tamancos, joga um xale por cima da camisola e anda silenciosamente pelo corredor.

As patas dos cães fazem barulho nos ladrilhos. Carregam certa maresia no pelo, os rabos saem batendo nos móveis. Marin alcançou Johannes primeiro, e Nella escuta os dois conversando.

— Eu nunca disse isso, Marin — afirma Johannes, com a voz seca e grave.

— Esqueça isso agora. Irmão, estou feliz em vê-lo. Rezei para que voltasse em segurança.

Conforme Marin sai da sombra para observá-lo, a iluminação da sua vela se inclina e tremeluz. Debruçando-se no corrimão, Nella observa o estranho volume da capa com capuz de Johannes e seus surpreendentes dedos de açougueiro.

— Você parece exausto — prossegue Marin.

— Eu sei, eu sei. E o outono em Londres…

— É terrível. Então é lá que você estava. Deixe eu ajudar. — Com a mão livre, Marin o auxilia a tirar a capa. — Ah, Johannes. Você está magro. Passou tempo demais longe.

— Não estou magro. — Ele se afasta. — Rezeki, Dhana! — chama, e as cadelas o seguem como se fossem suas amigas íntimas.

Nella assimila o som estranho dos nomes. *Rezeki*, *Dhana*. Em Assendelft, Carel chamava os cachorros de Focinho e Olho Preto, algo pouco criativo, mas que refletia com perfeição a personalidade e aparência dos animais.

— Irmão — chama Marin. — Ela está aqui.

Johannes para, mas não se vira. Seus ombros caem e sua cabeça se inclina um pouco mais em direção ao peito.

— Ah — diz ele. — Entendo.

— Teria sido melhor se você estivesse aqui quando ela chegou.

— Tenho certeza de que você cuidou de tudo.

Marin para, e o silêncio se estende entre seu rosto pálido e as volumosas costas curvadas do irmão.

— Não esqueça — alerta ela.

Johannes passa os dedos pelo cabelo.

— Como eu poderia? — responde ele. — Como eu poderia?

Marin parece prestes a dizer mais alguma coisa, porém, em vez disso, cruza os braços.

— Está tão frio — comenta.

— Então vá para a cama. Tenho que trabalhar.

* * *

Ele fecha a porta e Marin joga a capa do irmão nos próprios ombros. Nella se inclina mais para a frente, observando a cunhada enterrar o rosto nas longas dobras do tecido. O corrimão range e Marin afasta a capa, espiando no escuro.

Quando ela abre um armário no corredor, Nella se esgueira de volta para o quarto e fica lá esperando.

Minutos depois, ao ouvir a porta do quarto de Marin se fechar no fim do corredor, Nella desce a escada principal. Para diante do armário e espera encontrar a capa pendurada ali, mas está largada no chão. Ajoelhando-se para pegá-la, percebe um cheiro úmido de homem cansado e das cidades que ele viu. Depois de colocar a capa no cabide, Nella se aproxima da porta atrás da qual seu marido sumiu e bate.

— Pelo amor de Deus — exclama ele. — Nos falamos pela manhã.

— Sou eu. Petronella. Nella.

Após um instante, a porta se abre e Johannes aparece, com o rosto na sombra. Ele tem ombros muito largos, Nella não lembrava que ele era tão imponente assim em Assendelft, naquela igreja quase vazia.

— *Esposa mía* — diz ele.

Nella não conhece o significado dessas palavras. Quando ele recua para a luz da vela, ela nota sua pele bronzeada e castigada pelo sol. As íris, cinza como as de Marin, são quase translúcidas. Seu marido não é nenhum príncipe, tem cabelo oleoso na raiz, de uma cor metálica e sem brilho.

— Cheguei — avisa Nella.

— Você chegou. — Ele aponta para a camisola dela. — Você deveria estar dormindo.

— Vim cumprimentá-lo.

Johannes dá um passo à frente e beija a mão da esposa, seus lábios mais suaves do que Nella imaginou.

— Conversamos pela manhã, Nella. Fico feliz que você tenha chegado em segurança. Muito feliz.

Os olhos dele ficam muito tempo sem se fixar em nada. Nella reflete sobre o enigma de sua falta de energia, percebendo um forte cheiro de mofo no ar, intenso e

inquietante. Voltando para o brilho amarelado do cômodo que parece ser o escritório, Johannes fecha a porta.

Nella aguarda um instante, observando a escada principal no breu. “Com certeza Marin está dormindo”, pensa. “Vou só dar uma olhadinha, para ter certeza de que meu passarinho está bem.”

Descendo na ponta dos pés a escada que leva à cozinha, encontra a gaiola do periquito pendurada perto do forno aberto, as brasas já fracas iluminando suavemente as grades de metal. “Todas as criadas são perigosas”, dissera sua mãe, “mas as da cidade são piores”. Ela não explicara exatamente por quê, mas pelo menos Peebo está vivo, no poleiro, com as penas eriçadas, saltitando e piando em reconhecimento à presença de Nella. Mais do que qualquer coisa, ela quer levá-lo para o andar de cima; no entanto, pensa no que Marin faria se a desobedecessem: Cornelia ia preparar duas perninhas de ave com uma guirlanda de penas verdes para o jantar.

— Boa noite, Peebo — sussurra.

Pela janela do quarto, a névoa ergue-se do Herengracht e a lua mais parece uma moeda desbotada. Fechando as cortinas e enrolando o xale no corpo, Nella senta-se num canto, ainda assustada com a cama gigante. Seu marido é um homem rico de Amsterdã, um sujeito poderoso e influente, um senhor do mar e de todas as suas recompensas.

“A vida é difícil se você não é uma esposa”, observara sua mãe.

“Por quê?”, indagara Nella.

Tendo visto a constante irritação da mãe com o pai virar pânico ao descobrir suas dívidas póstumas, ela perguntou por qual motivo a Sra. Oortman estava tão ansiosa por acorrentar a filha a um provável risco similar. A mãe a olhou como se ela fosse louca, mas dessa vez explicou: “porque o

Seigneur Brandt é o pastor da cidade, e seu pai era apenas uma ovelha.”

Nella observa a jarra de prata ao lado, a suave escrivaninha de mogno, o tapete turco, as pinturas voluptuosas. Um belo relógio de pêndulo marca o tempo com delicadeza. Há sóis e luas em sua superfície, os ponteiros têm filigranas. É o relógio mais lindo que Nella já viu. Tudo parece novo e sugere riqueza. Nella nunca aprendeu esse idioma particular, mas acha que será necessário. Pegando os travesseiros que caíram no chão, ela os amontoa na colcha de seda vermelho-escura.

Na primeira vez que Nella sangrou, aos doze anos, sua mãe lhe disse que o propósito daquele sangue era a “segurança dos filhos”. Nella nunca achou que houvesse motivo para se sentir segura, pois ouvia pelo vilarejo os gritos das mulheres sentindo as dores do parto, os caixões às vezes levados à igreja pouco depois.

O amor era muito mais nebuloso do que manchas em trapos de linho. Seu sangramento mensal nunca pareceu ter relação com o que Nella suspeitava ser o amor — do corpo, mas não só. “Isso é amor, Petronella”, dissera a Sra. Oortman, observando Arabella apertar o filhote Olho Preto até quase acabar com sua vida canina. Quando os músicos do vilarejo cantavam sobre o amor, na verdade cantavam a dor escondida na recompensa. O verdadeiro amor era como ter uma flor dentro de si, as pétalas desdobrando-se de dentro para fora. A pessoa arriscaria tudo por amor, feliz, nunca sem um pouco de consternação.

A Sra. Oortman sempre reclamara que não havia pretendentes bons o bastante num raio de quilômetros. Ela chamava os garotos da região de “mastigadores de feno”. A cidade e Johannes Brandt eram o futuro de sua filha.

“Mas… *amor*, mãe. Eu vou amá-lo?”

“A moça quer amor”, gritou a Sra. Oortman teatralmente para os muros descascados de Assendelft. “Ela quer os pêssegos e ainda por cima o creme.”

Disseram a Nella que era certo ela sair de Assendelft, e Deus sabe que, no fim, tudo o que ela queria era dar o fora dali. Não tinha mais vontade de brincar de naufrágio com Carel e Arabella, mas isso não impede a onda de desapontamento que sente agora, sentada na sua cama de casal vazia em Amsterdã como se fosse uma enfermeira junto de um paciente. Qual o sentido de ficar aqui se seu marido nem a cumprimenta direito? Ao subir no colchão branco, ela se afunda entre os travesseiros, contrariada pelo olhar desdenhoso de Cornelia, pela aspereza na voz de Marin, pela indiferença de Johannes. “Eu sou a moça”, pensa, “que sequer tem um pêssego, que dirá o creme”.

A casa ainda parece acordada, apesar da hora inclemente. Nella ouve o barulho da porta da frente se abrindo e se fechando, e depois o de outra porta acima dela. Há sussurros, passos no corredor, até que um silêncio profundo invade os quartos.

Desolada, vê um fio da luz da lua cintilar sobre a pintura de uma lebre e de uma romã podre. É um silêncio enganoso, como se a própria casa estivesse respirando. Mas ela não se atreve a sair da cama de novo, não em sua primeira noite ali. As lembranças de quando tocou alaúde no último verão se foram, e tudo o que passa pela cabeça de Nella são as palavras da vendedora de peixes — *idiota, idiota* — berrando com sua voz rude.

Novo alfabeto

Depois de abrir a cortina para deixar entrar o sol da manhã, Cornelia se aproxima da cama desfeita de Nella.

— O Seigneur chegou de Londres — diz ela para o pequeno pé despontando das cobertas. — Vocês vão tomar café da manhã juntos.

Nella ergue a cabeça do travesseiro, com o rosto inchado feito o de um querubim. Ela consegue ouvir todas as criadas ao longo do Herengracht, seus esfregões batendo nos baldes como sinos abafados enquanto lavam a sujeira dos degraus da frente.

— Por quanto tempo eu dormi?

— O bastante — responde a criada.

— Posso ter ficado nesta cama por três meses, sob efeito de um feitiço.

Cornelia ri.

— E que feitiço!

— O que você quer dizer?

— Nada, madame. — Ela estende as mãos. — Venha. Tenho que vesti-la agora.

— Você ficou acordada até tarde.

— Fiquei, é? — O tom de Cornelia é insolente, e tamanha confiança faz Nella hesitar. Nenhuma das criadas de sua mãe falava com ela desse jeito.

— Ouvi a porta da frente à noite — afirma. — E outra acima de mim. Tenho certeza.

— Isso é impossível — retruca a criada. — Toot trancou a porta antes de você subir.

— Toot?

— É como chamo Otto. Ele acha que apelidos não passam de besteiras, mas eu gosto. — Cornelia pega uma camisa de baixo, passa-a pela cabeça de Nella e a apronta com um vestido azul de detalhes prateados. — O Seigneur pagou por isso — diz, com a voz cheia de admiração.

A empolgação de Nella com o presente logo passa. As mangas são muito compridas e, por mais que Cornelia aperte, suas costelas parecem encolher dentro daquele corpete enorme.

— Madame Marin mandou suas medidas para a costureira. — Cornelia estala a língua, apertando cada vez mais o espartilho, consternada com a quantidade de fita sobrando. — Sua mãe as escreveu numa carta. O que vou fazer com todo esse material sobrando?

— A costureira deve ter entendido errado — diz Nella, baixando os olhos para seus braços escondidos. — Tenho certeza de que minha mãe sabe meu tamanho.

Quando Nella entra na sala de jantar, Johannes está conversando com Otto, murmurando sobre alguns documentos extensos. Ao ver a esposa, ele faz uma mesura, com uma expressão de divertimento. A cor dos olhos dele parecia ter se solidificado, tinham agora aparência de pedra. Marin toma um gole de água com limão, os olhos fixos no mapa gigantesco na parede atrás da cabeça do irmão: pedaços de terra suspensos em vastos oceanos de papel.

— Obrigada pelo vestido — Nella consegue dizer.

Otto vai para um canto e fica esperando, com os papéis de Johannes em suas mãos.

— Esse deve ser um deles — responde o marido. — Encomendei vários. Mas não ficou como imaginei. Não está um pouco grande? Marin, não está um pouco grande?

A irmã senta-se, dobrando o guardanapo num quadrado branco perfeito, um ladrilho solto na imensidão preta do seu colo.

— Acho que está sim, Seigneur — diz Nella. O tremor em sua voz chega a ser constrangedor.

Em que ponto, na comunicação entre Assendelft e Amsterdã, seu corpo de noiva virou uma piada? Determinada a não criticar o comprimento ridículo de suas mangas, ela observa o mapa na parede. É Nova Hollandia, com as palmeiras ocupando a costa, o mar azul-turquesa e rostos de ébano convidando o espectador.

— Não importa — atesta Johannes. — Cornelia vai ajustá-lo. — Ele fecha a mão em torno de uma pequena tulipa de cerveja. — Venha se sentar, coma alguma coisa.

No centro da toalha de mesa adamascada há um prato com um pão duro e um peixe pequeno.

— Estamos fazendo uma refeição frugal esta manhã — explica Marin, olhando para o copo do irmão. — Um gesto de humildade.

— Ou uma privação terrível — murmura Johannes, pegando uma garfada de arenque.

O cômodo está em silêncio, exceto pelo barulho suave de sua mastigação. O pão parece um obstáculo entre eles, seco, intocado. Nella tenta engolir o medo, olhando fixamente para seu prato vazio, notando a rapidez com que a aura de tristeza envolve seu marido.

“Pense nas coisas que você vai comer, Nella”, dissera, Carel. “Ouvi dizer que em Amsterdã eles comem morangos imersos em ouro.”

Imagine só como ele ficaria tão pouco impressionado.

— Marin, tome um pouco dessa ótima cerveja — sugere Johannes, por fim.

— Cerveja me dá indigestão — responde ela.

— A dieta de dinheiro e vergonha de Amsterdã. Não dá para confiar em si mesmo. Vá em frente, seja rebelde. Coragem tem sido algo muito raro nesta cidade.

— Só não me sinto bem.

Johannes ri, mas o rosto de Marin está contorcido de dor, sem achar graça.

— Papista — diz ela.

* * *

Durante o café da manhã autoedificante, Johannes não se desculpa pela ausência na recepção de sua esposa no dia anterior. Ele conversa com a irmã, enquanto Nella é obrigada a enrolar as mangas do vestido para não esbarrá-las no pedaço de peixe oleoso. Otto é dispensado e faz uma reverência, os dedos fechados com cuidado em torno dos rolos de papel.

— Cuide disso, Otto — ordena Johannes. — Obrigado.

Nella se pergunta se os homens com quem seu marido negocia também têm um criado como Otto, ou se ele é o único. Ela examina o rosto do mordomo em busca de qualquer sinal de desconforto, mas o sujeito parece confiante e hábil.

Preços de barras de ouro, quadros como moeda de troca, o descuido de alguns estivadores ao retirar sua carga da Batávia… Marin devora as bem mais deliciosas informações de Johannes. Se em algum momento ele fica relutante, a irmã consegue arrancar as fofocas, uma honra que pode evaporar. Ela extrai fragmentos sobre as vendas de tabaco, seda, café, canela e sal. Ele fala das novas restrições do xogunato para transportar ouro e prata de Dejima, dos

problemas a longo prazo que isso pode causar, mas que a VOC está convencida de que o lucro vem antes do orgulho.

Nella fica tonta com tanta informação nova, mas a cabeça de Marin parece firme. Quais são as novidades no comércio de pimenta com o sultão de Bantam, e o que isso significa para a VOC? Johannes conta a ela sobre as rebeliões dos cultivadores de cravo em Ambon, com suas terras cheias de árvores por ordem da VOC. Quando Marin pergunta qual exatamente é a natureza do descontentamento, o irmão faz uma careta.

— A essa altura a situação com certeza mudou, Marin, e já não sabemos mais nada.

— E esse, Johannes, muitas vezes é o problema. — Ela pergunta sobre a encomenda de seda de um alfaiate na Lombardia. — Quem ganhou o direito de importação?

— Esqueci — diz ele.

— Quem, Johannes? Quem?

— Henry Field. Um mercador com a Companhia Britânica das Índias Orientais — responde ele.

Marin dá um soco na mesa.

— Os *ingleses*. — Johannes olha para ela sem dizer nada. — Pense no que isso significa, irmão. *Pense.* Os últimos dois anos. Permitir que sejam transferidos para o bolso de outro homem. Nós não…

— Mas os ingleses compram nosso linho de Haarlem.

— Sim, mas são pães-duros.

— Dizem o mesmo de nós.

De barras de ouro a sultões, passando pelos ingleses, o vocabulário de Marin é impressionante. Johannes, sem dúvida, está ultrapassando um limite proibido, pois qual outra mulher entende tanto dos negócios da VOC?

Nella se sente bastante invisível e ignorada. É seu primeiro dia ali e nenhum dos dois lhe fez uma pergunta, embora pelo menos a conversa de negócios lhe dê a

oportunidade de analisar seu marido sem ser notada. Em comparação àquela pele bronzeada, Marin e ela são fantasmagóricas. Nella imagina Johannes com um chapéu de pirata, seu barco desbravando as ondas azul-escuras de um mar distante.

Ela vai além e pensa nele sem roupa, imagina o que ele tem embaixo da mesa à espera dela. Sua mãe lhe contou o que as esposas podem esperar: uma vara de dor ereta, a sorte de não durar muito, o membro mole gotejando entre suas pernas. Em Assendelft, há carneiros e ovelhas suficientes para que ela saiba exatamente o que acontece.

"Não quero ser só esse tipo de esposa", dissera ela à mãe.

"Não há outro tipo", foi a resposta.

Ao ver a expressão da filha, a Sra. Oortman abrandou um pouco, pegando Nella nos braços e dando tapinhas em sua barriga.

"Seu corpo é a chave, querida. Seu corpo é a chave."

Quando Nella perguntou o que precisamente deveria destrancar e como, sua mãe objetou.

"Você terá um teto sobre a cabeça, então dê graças a Deus."

Com medo de que os outros dois vejam essas lembranças passarem por seu rosto, Nella encara o prato.

— Já chega disso tudo — declara Marin.

Nella tem um sobressalto, como se a cunhada tivesse lido sua mente. Johannes continua falando dos ingleses, girando a cerveja cor de âmbar no fundo do copo.

— Você falou com Frans Meermans sobre o açúcar da esposa dele? — interrompe Marin. O silêncio do irmão a deixa emburrada. — Está *parado* no depósito, Johannes. Chegou do Suriname há mais de uma semana e você ainda não disse o que vai fazer com isso. Estão esperando.

Johannes apoiou o copo na mesa.

— Seu interesse na nova fortuna de Agnes Meermans me surpreende — diz ele.

— Não estou preocupada com a fortuna dela. Sei como Agnes quer se infiltrar nessa casa.

— Você e suas suspeitas! Ela quer que eu distribua o açúcar porque sabe que sou o melhor.

— Bem, venda e encerre logo esse assunto com eles. Lembre-se do que está em jogo.

— Mas de todas as coisas que posso vender, é nessa que você insiste! E o *lekkerheid*, Marin, o louco desejo por todas as coisas doces, o que o seu pastor diria? — Johannes se vira para a esposa: — Minha irmã acha que açúcar não faz bem para a alma, Nella, mas quer que eu venda mesmo assim. O que acha disso?

Recordando seu pedido de marzipã recusado, Nella sente-se grata pela súbita atenção que recebe do marido. “Almas e dinheiro”, pensa, “esses dois são obcecados por almas e dinheiro”.

— Só estou tentando manter minha cabeça acima das águas — diz Marin, com uma voz firme. — Temo meu Deus, Johannes. E você? — Ela segura o garfo como se fosse um pequeno tridente. — Por favor, venda o açúcar, irmão. Temos sorte por não existir uma Guilda de Vendedores de Açúcar. É o nosso preço, para quem quisermos. Livre-se disso e logo. Seria melhor.

Johannes olha para o pão intocado no meio do tecido de seda. O estômago de Nella ronca e ela instintivamente leva a mão à barriga, como se isso fosse silenciá-lo.

— Otto não aprovaria nosso novo tipo de comércio livre — diz Johannes, olhando para a porta.

Marin crava os dentes do garfo na toalha da mesa.

— Ele é um cidadão holandês. Pragmático. Nunca nem mesmo viu uma plantação de cana.

— Quase viu.

— Ele entende do nosso *negócio* tão bem quanto nós. — Os olhos cinza de Marin se fixam nos dele. — Não concorda?

— Não fale por ele — retruca Johannes. — Ele trabalha para mim, não para você. E esta toalha de mesa custa trinta florins, então tenha a gentileza de não furar tudo o que é meu.

— Fui às docas — confessa Marin. — Os burgomestres afogaram três homens ontem de manhã, um após o outro. Penduraram pesos em seus pescoços. Puseram-nos em sacos e os jogaram na água.

Em algum lugar no corredor, um prato se quebra.

— Rezeki, sua cadela malvada! — grita Cornelia.

No entanto, Nella percebe que as duas cadelas de Johannes estão dormindo em um dos cantos daquele cômodo. Johannes fecha os olhos, e Nella se pergunta o que o afogamento de alguns homens tem a ver com a venda de açúcar, ou com a opinião de Otto, ou com o fato de Agnes Meermans estar tentando se infiltrar naquela casa.

— Sei como um homem afunda — murmura ele. — Você parece esquecer que precisei passar a maior parte da vida no mar.

Há um alerta na voz de Johannes, mas Marin prossegue:

— Perguntei ao homem que limpava a plataforma por que os burgomestres haviam afogado aqueles sujeitos. Ele falou que não tinham os florins para apaziguar seu Deus.

Sem fôlego, ela faz uma pausa. Johannes parece quase desolado, afundando na cadeira.

— Deus não perdoava tudo, Marin? — pergunta, sem parecer esperar uma resposta.

* * *

O ar está quente, o ambiente mais parece um hematoma. Com o rosto vermelho, Cornelia aparece e recolhe os pratos,

depois Johannes se levanta. As três mulheres olham para ele em expectativa, mas o homem sai do cômodo, agitando uma das mãos. Marin e Cornelia parecem saber o que isso significa. A irmã de Johannes pega o livro que levou para o café da manhã, e Nella dá uma olhada no título: *True Fool*, peça de Hooft.

— Com que frequência ele viaja? — pergunta Nella.

Marin baixa o livro, estalando a língua contrariada quando uma página se dobra em cima da mesa.

— Meu irmão viaja. Volta. Viaja de novo. — Ela suspira. — Você vai ver. Não é difícil. Qualquer um conseguiria.

— Não perguntei se é difícil. E quem é Frans Meermans?

— Cornelia, como está o periquito de Petronella esta manhã? — pergunta Marin.

— Está bem, madame. Bem.

Cornelia evita o olhar de Nella. Hoje não há risadas nem comentários maliciosos. Ela parece cansada, como se algo a estivesse aborrecendo.

— Ele precisa de ar puro — diz Nella. — A cozinha deve estar cheia de vapores de comida. Queria soltá-lo no meu quarto.

— Ele vai bicar alguma coisa de valor — comenta Marin.

— Não vai, não.

— Vai voar pela janela.

— Não vou abri-la.

Marin fecha o livro com força e sai dali. A criada se empertiga, estreitando os olhos azuis para as costas da patroa. Após um instante de hesitação, ela também sai do cômodo. Nella desmorona de volta na cadeira, com o olhar perdido no mapa de Johannes. A porta ainda está aberta, e Nella consegue ouvir Marin e o irmão sussurrando do lado de fora do escritório.

— Pelo amor de Deus, Marin. Não tem nada melhor para fazer?

— Você tem uma esposa agora. Aonde vai?

— Também tenho um negócio.

— Que tipo de negócio você tem num domingo?

— Marin, acha que essa casa se sustenta com mágica? Vou dar uma olhada no açúcar.

— Não acredito em você — dispara ela. — Não vou permitir isso.

Nella sente a tensão entre os irmãos aumentar, uma segunda linguagem, silenciosa, preenchendo o ambiente.

— Que outro homem deixa a irmã falar dessa maneira com ele? Sua palavra não é lei.

— Talvez. Mas está mais perto disso do que você pensa.

Johannes sai em disparada pela porta da frente, e Nella ouve o ruído aveludado do ar, o lado de fora imergindo mais uma vez num silêncio. Ela espia pela porta e observa a cunhada no corredor. Marin tapou o rosto, e seus ombros estão curvados: uma postura de sofrimento.

Trompe L’Œil

Quando Marin vai para o andar de cima e o eco de seus passos se distancia, Nella se esgueira no andar inferior, onde Peebo está piando, chamando a dona. Para sua surpresa, deixaram a gaiola do periquito pendurada na copa. Ali não se prepara comida — esta tarefa é reservada à cozinha, do outro lado do corredor. A copa é usada apenas para exibir a coleção de louça dos Brandt, livre de panelas e tigelas gotejantes, as paredes sem manchas. Nella se pergunta há quanto tempo Peebo está respirando ar puro e, o que é mais intrigante, quem é o responsável por esse gesto de caridade.

Otto está sentado a uma pequena mesa de canto, lustrando sem pressa os talheres de prata que serão usados no jantar. Embora não seja alto, seus ombros são largos e ele parece grande demais para aquela cadeira. Ao vê-la parada na soleira, o homem aponta para a gaiola de Peebo.

— Ele é uma coisinha barulhenta — diz.

— Sinto muito. Eu o deixaria no meu quarto…

— Gosto do barulho.

— Ah. Que bom. Obrigada por trazê-lo para cá.

— Não fui eu, madame.

Madame. A palavra parece adorável ao ser dita por ele. Sua camisa é imaculada, meticulosamente passada, sem fios soltos nem manchas. Sob o tecido de algodão, os braços se movem com uma graça inconsciente. Quantos anos ele tem? Trinta, talvez um pouco menos. Suas botas brilham como as de um general. Tudo nele é tão novo, tão desconhecido. De repente, ser chamada de madame na

própria casa por um criado usando roupas tão perfeitas é o auge da sua vida. Seu coração se enche de gratidão, mas Otto não parece notar.

Corando, Nella anda até a gaiola e começa a acariciar o periquito por entre as grades. Peebo emite um piado suave e roça o bico nas penas, como se procurasse alguma coisa.

— De onde ele é? — pergunta Otto.

— Não sei. Foi meu tio que comprou.

— Então não nasceu de um ovo em Assendelft?

Nella nega com a cabeça. Nada tão brilhante e diferente poderia nascer em Assendelft. Ela fica constrangida, porém lisonjeada: Otto sabe o nome do seu vilarejo. O que sua mãe, os avós na praça da cidade e as criancinhas da escola achariam desse homem?

Quando Otto vai pegar um garfo para em seguida esfregar um pano macio em cada um dos dentes do talher, Nella aperta as grades da gaiola até as pontas dos seus dedos ficarem brancas, virando o pescoço para ver a parede de ladrilhos polidos se erguer até o teto. Alguém pintou uma ilusão de ótica: um domo de vidro atravessa o gesso em direção a um céu impossível.

— Seigneur Brandt mandou fazer — conta Otto, acompanhando o olhar dela.

— É engenhoso.

— É um truque — responde ele. — Logo mais vai acabar descascando com a umidade.

— Mas Marin me disse que esta casa é seca. E que linhagem não serve de nada.

Otto sorri.

— Então tenho que discordar dela.

Nella se pergunta a qual das duas afirmações Otto está se referindo. Ela observa as enormes prateleiras pregadas na parede, onde três enormes painéis de vidro protegem vários pratos e peças de porcelana. Ela nunca tinha visto uma

coleção tão grande. Em casa, eles tinham pouco mais de uma pequena amostra de porcelana de Delft, porque a maior parte das coisas teve que ser vendida.

— O mundo do Seigneur num jogo de pratos — fala Otto.

Nella escuta, tentando definir se há orgulho ou inveja no tom dele, mas não detecta nenhuma das duas coisas.

— Delft, Dejima, China — prossegue ele. — Atravessando os mares com louça.

— Meu marido não é rico o bastante para alguém viajar no lugar dele?

Otto franze a testa para a faca que está polindo.

— É preciso manter sua fortuna, e ninguém vai fazer isso por você. Se não cuidar dela, escorrerá entre seus dedos.

Ele conclui a tarefa, dobrando o pano macio num quadrado perfeito.

— Então ele trabalha muito?

Otto faz um gesto circular com o dedo para o falso domo de vidro acima deles, indicando a ilusão de profundidade.

— Os bens dele só cresceram.

— E o que acontece quando chegam ao topo?

— O que acontece sempre, madame. As coisas transbordam.

— E depois?

— Bem, depois — continua ele —, nós afundamos ou nadamos.

Pegando uma grande colher de sopa, o homem observa suas feições distorcidas e encolhidas na parte convexa da prata.

— Você vai para o mar com ele?

— Não.

— Por que não? Você é criado dele.

— Não navego mais.

Nella se pergunta há quanto tempo ele mora nessa terra dos homens, erguida dos pântanos com pôlderes profundos

e determinação. Marin o chamou de cidadão holandês.

— A alma do Seigneur pertence ao mar — diz Otto. — E a minha, não, madame.

Nella afasta a mão da gaiola de Peebo e senta-se perto da lareira.

— Como você sabe tanto sobre a alma do meu marido?

— Não tenho olhos e ouvidos?

Nella fica espantada. Não esperava tamanha ousadia, mas Cornelia se sente igualmente livre para dizer o que pensa.

— Claro que tem, eu…

— Madame, o mar é algo que a terra nunca será — comenta o criado. — Os caminhos nunca permanecem os mesmos.

— Otto.

Marin está parada à porta. Otto se levanta, os talheres posicionados como se fossem um arsenal de armas cintilantes.

— Ele está trabalhando — Marin se dirige a Nella. — Tem muito o que fazer.

— Eu só estava perguntando sobre o que o Seigneur…

— Deixe isso, Otto — ordena Marin. — Você precisa enviar logo aqueles pergaminhos.

A mulher se vira e vai embora.

— Madame — sussurra Otto para Nella, mais baixo que o distante som dos passos. — A senhora chutaria um vespeiro? Com isso só conseguiria levar uma picada.

Nella não entende se isso é um conselho ou uma ordem.

— Eu manteria essa gaiola fechada, madame — acrescenta ele, indicando Peebo com a cabeça.

Ela o ouve subir a escada da cozinha, os passos bem suaves e perfeitamente calculados.

O presente

Nas duas noites seguintes na casa, Nella espera que Johannes a toque para dar início à sua nova vida. Deixa a porta do quarto entreaberta, a chave pendurada no grosso painel de carvalho, mas, quando acorda de manhã, a chave está, assim como ela, intocada. Pelo visto ele trabalha até tarde. À noite, Nella ouve a porta da frente se abrir, e muitas vezes também de manhã cedo, quando o sol está baixo. A luz fraca invade seus olhos enquanto ela se senta, seguida pela percepção de que continua sozinha.

Depois de se vestir, Nella vaga sem rumo pelos cômodos no térreo e no primeiro andar. Nos fundos da casa, bem longe de qualquer possível convidado, os quartos são mais simples, pois todo o esplendor foi reservado aos cômodos que têm janelas com vista para a rua. Essas câmaras frontais parecem estar no auge da beleza quando não há ninguém ali, desgastando seus móveis ou deixando pegadas de lama nos pisos polidos.

Ela espia atrás de pilastras de mármore e lareiras vazias, observando com olhos de leiga os quadros... e quantos quadros! Navios com mastro em forma de crucifixo cortando o céu, paisagens de lugares que parecem quentes, mais flores mortas, caveiras de cabeça para baixo parecendo vegetais de raízes marrons, violas com cordas rompidas, tavernas e dançarinas espalhadas, pratos de ouro, copos de conchas esmaltadas. Olhar depressa para tudo isso causa um efeito nauseante. O revestimento da parede, de couro e folhas de ouro, ainda cheira levemente a porco e a faz lembrar dos currais de Assendelft. Virando-se de costas,

sem querer recordar um lugar que acreditava estar ansiosa para deixar para trás, Nella depara com as enormes tapeçarias de motivos bíblicos penduradas nos painéis: Maria e Marta com Jesus, as bodas de Caná, o engenhoso Noé e sua arca resistente.

Na copa, Nella vê os dois alaúdes de Johannes que Cornelia mantém polidos e pendurados nos ladrilhos. Erguendo a mão para tirar um deles do gancho, ela se sobressalta com o choque de sentir uma mão em seu ombro, detendo-a.

— Não é para tocar — afirma Marin. — É uma peça de artesanato que será destruída pela sua bisbilhotice.

— Você está me seguindo? — Como a cunhada não responde, Nella dá um tapinha nos alaúdes. — As cordas estão frouxas. Por falta de cuidado.

Nella se vira e sobe a escada. Ainda não explorou o quarto de Marin no fim do corredor do primeiro andar, e observa o buraco da fechadura ao longe, imaginando que lá dentro deve ser como uma cela vazia. Sua raiva quase a faz entrar. Quem Marin pensa que é para lhe dizer não? Afinal, Nella é a senhora desta casa.

Mas volta para seu quarto e fica olhando consternada os quadros com pássaros pintados, as penas manchadas de sangue, os bicos reptilianos e as narinas curvas. Meu Deus, até música Marin odeia! Será que ela não sabe que alaúdes não foram feitos para serem pendurados numa parede?

* * *

Normalmente Marin não conversa com ela, a menos que precise dar uma instrução ou passar algum sermão que tirou da Bíblia da família, em geral com o objetivo de atacá-la. Quando reúne todos no saguão para ouvir passagens do Livro Sagrado, Nella fica surpresa ao se dar conta de que

isso é tarefa da cunhada. Em sua casa, quando o pai estava sóbrio, era ele quem cuidava disso. Hoje em dia, Carel, aos treze anos e bem treinado, lê para as irmãs e a mãe.

Outras vezes, Marin senta-se numa cadeira de veludo verde na sala de estar, para trabalhar em seu livro-caixa. A cunhada de Nella parece tão diligente com as contas da família que as colunas na folha são partituras normais para ela, e os números, notas musicais com as quais seu dinheiro forma uma melodia silenciosa. Nella tem vontade de fazer mais perguntas sobre os negócios do marido, sobre o açúcar de Frans e Agnes Meermans, mas nunca é fácil conversar com Marin.

No terceiro dia, porém, ela entra na sala onde a cunhada está sentada, a cabeça curvada como se estivesse rezando. Como sempre, o livro-caixa da família está aberto em seu colo.

— Marin?

Nella nunca a tinha chamado diretamente pelo nome, então estranha sua pura ousadia, a tentativa falha de intimidade.

— O quê? — Marin ergue a cabeça de súbito.

Ela faz uma cena ao colocar a caneta sobre as páginas abertas, pondo as mãos no elaborado entalhe da cadeira. Pela severidade em seus olhos cinza, Nella supõe que a discussão por causa dos alaúdes não foi esquecida, e sente o escrutínio da cunhada, o que a deixa ainda mais em pânico. Uma gota de tinta pinga da pena de Marin.

— Vai ser sempre assim? — questiona Nella.

A pergunta atrevida deixa o ar pesado, enrijecendo a postura de Marin.

— Assim *como*?

— Eu… nunca o vejo.

— Se está falando de Johannes, posso garantir que ele existe.

— Onde ele trabalha? — Nella muda a direção da conversa para que Marin tenha que dar uma resposta mais precisa.

A segunda pergunta tem um efeito quase mais estranho que a primeira. O rosto de Marin se torna uma máscara.

— Em vários lugares — responde ela, com a voz firme e controlada. — Na bolsa de valores, nas docas, nos escritórios da VOC no Old Hoogstraat.

— E… o que exatamente ele faz nesses lugares?

— Se eu soubesse, Petronella…

— Mas você sabe. Eu sei que sabe…

— Ele transforma lama em ouro. Água em florins — revela Marin. — Vende a preços melhores o que outros homens produzem. Enche seus barcos e os leva para o mar. Acha que é o favorito de todo mundo. É tudo o que sei. Me passe o braseiro, meus pés parecem icebergs.

Nella acha que essa foi a maior sequência de frases que a cunhada já lhe dirigiu.

— Você também pode acender a lareira — responde, empurrando um dos pequenos braseiros quentes para Marin, que o segura com o pé. — Eu gostaria de ver onde ele trabalha. Vou fazer uma visita em breve.

Marin fecha o livro-caixa, a pena ainda presa lá dentro, e olha fixamente para sua capa de couro gasta.

— Eu não faria isso.

Nella sabe que deveria parar de fazer perguntas, porque só ouve não como resposta. Mas não consegue evitar.

— Por que não?

— Ele é ocupado.

— Marin…

— Com certeza sua mãe avisou que seria assim, não foi? — grita a cunhada. — Você não se casou com o tabelião local.

— Mas Johannes…

— Petronella! Ele tem mesmo que trabalhar. E você tinha que se casar com alguém.

— Você, não. *Você* não se casou com ninguém.

O maxilar de Marin claramente se enrijece e Nella, com isso, sente um pequeno triunfo.

— Não — responde Marin. — Mas eu sempre tive tudo o que quis.

Na manhã seguinte, Marin escolhe um provérbio, uma história de Jó sobre o enxofre, e termina com as águas claras de Lucas.

Mas ai de vocês, os ricos, pois já receberam sua consolação.
Ai de vocês, que agora têm fartura, porque passarão fome.
Ai de vocês, que agora riem, pois haverão de se lamentar e chorar.

Ela lê depressa, sem ritmo, como se ficasse constrangida ao ouvir a própria voz ressoando por aqueles intermináveis ladrilhos pretos e brancos, as mãos segurando o atril como se fosse um bote salva-vidas. Nella ergue os olhos enquanto a cunhada recita, perguntando-se por que Marin ainda está ali, solteira, sem um anel de ouro no dedo. Será que talvez nenhum homem tenha o coração forte o suficiente para aguentar o massacre? Nella sente prazer com o pensamento cruel.

“*Essa* é minha nova família?”, pergunta a si mesma.

Parece impossível que qualquer uma dessas pessoas tenha rido ao menos uma vez, exceto uma risadinha

abafada na manga da camisa. As tarefas de Cornelia parecem não ter fim. Se não está lá embaixo cozinhando peixe, está polindo os móveis de carvalho e pau-rosa, ou varrendo os enormes pisos superiores, batendo os lençóis, limpando as inúmeras vidraças. Todo mundo sabe que o trabalho torna a pessoa virtuosa, que mantém todo bom holandês livre das amarras da negligência e perigosa luxúria, mas, ainda assim, alguma coisa em Cornelia não parece tão pura.

Enquanto escuta as palavras, Otto tem uma expressão pensativa. Quando seus olhos encontram os de Nella, ele os desvia depressa. Contato humano durante um momento de reflexão espiritual como aquele parece quase um pecado. Johannes decide unir as mãos em oração, com os olhos fixos na porta.

* * *

Nella volta para o quarto e tenta escrever uma carta para a mãe, explicando sua difícil situação. Mas escolhe palavras que omitem as principais características, que não correspondem ao que sente. Nella não consegue descrever seu choque, as interações com Marin, o marido que fala todas as línguas, exceto a do amor, nem os criados, imersos em mundos secretos, e suas risadas, que também são outra língua. Em vez disso, ela rabisca nomes: *Johannes, Otto, Toot*, e desenha Marin com uma cabeça enorme, fazendo uma bola com o papel e jogando-o no fogo baixo.

Uma hora depois, o barulho de vozes masculinas, latidos e a risada de Johannes sobem pela escadaria principal. Nella vai até a janela, olha para o caminho ao longo do canal, e nota três artífices fortes com as cordas jogadas sobre os ombros. Estão saindo de casa, com as mangas das camisas arregaçadas.

Quando Nella sai do quarto, Marin já está no saguão.

— Johannes — sussurra asperamente. — Mas o que foi que você *fez*?

Nella anda em silêncio pelo patamar da escada e arqueja ao ver o que os três homens deixaram no corredor.

No meio dos ladrilhos há uma cristaleira: uma estrutura enorme, gigantesca, com quase metade da altura de Johannes. Um grande guarda-louça apoiado sobre oito pernas curvas e robustas, duas cortinas de veludo mostarda penduradas na frente. Depois de levar o atril da Bíblia para um canto na intenção de abrir espaço, Johannes para ao lado do armário. Uma das mãos está apoiada no móvel, e ele observa a madeira brilhosa, com um sorriso inabalável. Parece revigorado, e Nella o acha mais bonito do que nunca.

Marin se aproxima da cristaleira com cuidado, como se pudesse cair em cima dela ou começar a se mover por conta própria. Rezeki se afasta com um ganido profundo.

— Isso é uma piada? — pergunta Marin. — Quanto isso custou?

— Por favor. Pelo menos uma vez, irmã, não vamos falar de dinheiro — responde Johannes. — Foi você que me pediu para que encontrasse uma distração…

— Não uma monstruosidade. Aquilo nas cortinas é tinta de *açafrão*?

— Uma distração? — repete Nella da escada.

Marin se vira para encará-la, com uma expressão perplexa.

— É uma coisa para você — anuncia Johannes. — Um presente especial de casamento.

Ele bate na lateral do móvel, e as cortinas parecem se mexer.

— O que é, Seigneur?

— Feito de carvalho e olmo. Olmo é forte — diz Johannes, como se essa fosse a explicação que a esposa esperava

ouvir. Ele olha para a irmã. — É usado em caixões.

A boca de Marin se contrai, formando uma linha fina.

— Onde arranjou isso, Johannes?

Ele dá de ombros.

— Um homem nas docas disse que tinha alguns armários sobrando do negócio de um carpinteiro que morreu. Mandei melhorá-lo com uma camada de casco de tartaruga e incrustações de peltre.

— Por que fez isso? — pergunta Marin. — Petronella não precisa de uma coisa dessas.

— É para a educação dela — responde Johannes.

— Para minha o quê?

O marido estende a mão para Rezeki, mas a cadela se afasta do dono.

— Quieta, garota. Quieta.

— Ela não gostou — diz Cornelia, que desceu a escada atrás de Nella.

A menina se pergunta se a criada está falando dela ou do cão. “Pelo visto está se referindo a nós duas”, pensa, observando os pelos de Rezeki se eriçarem. Cornelia segura a vassoura diante do corpo como se fosse uma lança, parecendo esperar um ataque.

— Educação? — zomba Marin. — Por que Petronella precisaria de educação?

— Eu diria que ela precisa muito — afirma Johannes.

“Não preciso, não”, pensa Nella. “Tenho dezoito anos, não *oito*.”

— Mas o que é, Seigneur? — pergunta ela, tentando esconder a todo custo sua consternação.

Finalmente Johannes leva a mão às cortinas e, com um floreio extravagante, abre-as. As mulheres arquejam. O interior da cristaleira é revelado, dividido em nove cômodos, alguns revestidos com papel de parede ornado em ouro e outros com painéis de madeira.

— É… esta casa? — pergunta Nella.

— É a sua casa — corrige Johannes, satisfeito.

— É bem mais fácil de cuidar — diz Cornelia, esticando-se para ver o interior dos quartos no andar de cima.

A precisão do armário é assustadora, como se a casa de verdade tivesse sido encolhida, sua estrutura cortada ao meio e seus órgãos, expostos. Os nove cômodos — da cozinha, sala, até o sótão onde a turfa e a lenha são estocadas longe da umidade — são réplicas perfeitas.

— Tem um porão escondido também — informa Johannes, levantando o piso entre a copa e a cozinha para revelar um espaço vazio.

O teto na copa foi até pintado com a ilusão de ótica idêntica à da original. Nella se lembra da conversa que teve com Otto. *As coisas transbordam*, dissera ele, apontando para o domo falso.

Rezeki rosna e contorna a cristaleira.

— Quanto custou isso, Johannes? — Marin exige saber.

— A moldura foi dois mil — responde ele, plácido. — Com as cortinas, chegou a três.

— Três mil florins? Três *mil*? Muito bem investido, uma família poderia viver com esse dinheiro por anos.

— Marin, *você* nunca viveu com dois mil florins por ano, apesar de todos os seus jantares de arenque. E com o negócio que fechamos com os Meermans, por que devemos nos preocupar?

— Bem, se você estivesse tomando providências, eu não me preocuparia…

— Pelo menos uma vez na vida, *fique quieta.*

Marin reluta, mas se mantém afastada do móvel de madeira. Otto vem da cozinha e observa a novidade cheio de interesse. Johannes parece desanimar ligeiramente, como se sentisse que seu gesto não causara o efeito desejado.

O revestimento de casco de tartaruga lembra a Nella o outono em Assendelft, tons de laranja e marrom capturados em movimento, Carel pegando-a pelas mãos e a girando debaixo das árvores do jardim. Até incrustaram peltre, feito veias de metal, finas e fluindo por toda a superfície, inclusive pelas pernas. Há uma estranha energia na madeira e no casco. Até o detalhe das cortinas de veludo sugere certo poder.

Em Assendelft, Nella conhecia crianças mais ricas que ganharam casas de bonecas como aquela, mas nenhuma tão grande. Antes de seu pai gastar todo o dinheiro com bebida, ela tinha chance de ganhar uma também, menor do que essa. Seria um objeto de treino para que aprendesse a controlar sua despensa, sua roupa de cama, seus criados e os móveis. Agora que é casada, gostaria de acreditar que não precisava disso.

Nella flagra Johannes olhando para ela.

— O piso do corredor é idêntico — diz, indicando os ladrilhos pretos e brancos sob seus pés. Com delicadeza, põe o dedo nos quadros correspondentes em miniatura.

— Mármore italiano — informa Johannes.

— Não gosto disso — confessa Marin. — Nem Rezeki.

— Bem, esse é o gosto apurado de um cachorro — comenta Johannes.

O rosto de Marin fica ruborizado, e ela dispara em direção à porta da frente, batendo-a com força.

— Aonde ela vai? — pergunta Cornelia, parecendo em pânico.

Ela e Otto acompanham a patroa passar pela janela da frente.

— Achei que seria uma boa surpresa — diz Johannes.

— Mas, Seigneur — começa Nella —, o que devo fazer com isso?

Johannes a encara com o olhar um pouco perdido. Esfrega as cortinas de veludo entre o indicador e o polegar antes de fechá-las.

— Você vai pensar em alguma coisa.

* * *

Johannes some no escritório ao som do clique de uma tranca. Otto e Cornelia seguem rapidamente para o andar de baixo, em direção à cozinha. Sozinha, exceto pela presença de Rezeki choramingando pelos corredores, Nella avalia seu presente. Ela se sente um pouco triste. “Sou velha demais para isso”, pensa. Quem vai ver esse trabalho artístico, quem conseguirá se sentar nessas cadeiras ou comer a comida de cera? Ela não tem amigos, não tem família nesta cidade para a visitarem e se surpreenderem. Aquele é um monumento à sua impotência, à sua feminilidade roubada. É a sua casa, dissera o marido, mas quem pode morar naqueles quartos minúsculos, nesses nove becos sem saída? Que tipo de homem compra um presente de casamento como este, por mais majestosa que seja a moldura, por mais bonita que seja a construção?

— Não preciso ser educada — repete ela em voz alta. Rezeki choraminga. — Não há nada a temer — diz Nella a si mesma. — É só um brinquedo.

“Talvez eu possa cortar as cortinas para costurar um chapéu”, pensa ela, abrindo-as em seguida.

Enquanto analisa o interior à mostra, Nella começa a ficar desconfortável. A carapaça oca de olmo e casco de tartaruga parece encará-la de volta, como se os cômodos fossem olhos. Da cozinha, ouve vozes se elevarem. Cornelia é quem mais fala, as respostas de Otto saem mais baixas. Nella põe a mão na madeira outra vez, hesitante.

Comparada ao veludo, causa uma sensação fria, tão dura quanto pedra polida.

"Com Marin fora e os criados lá embaixo na cozinha, posso pegar Peebo e soltá-lo um pouco", pensa. "Johannes nem notaria, e seria bom ver meu Peebozinho voar."

Mas quando vira de costas para a cristaleira e de frente para a escada principal, ela volta a pensar na fechadura de Marin, no fim do corredor no andar de cima. "Esqueça o insulto que é essa casa de bonecas", Nella tenta persuadir a si mesma, fechando as cortinas mostarda. "Você pode ir para onde quiser."

Com o sangue pulsando, larga o presente de Johannes ali nos ladrilhos e sobe a escada rumo ao quarto de Marin, deixando Peebo completamente de lado. Mas a coragem do corredor começa a enfraquecer. "E se eu for pega?", considera, a imaginação ficando novamente agitada enquanto ela segue pelo corredor o mais depressa que suas saias permitem. "O que aconteceria comigo?"

Mas Nella abre a porta pesada e, no limiar do santuário de Marin, é pega desprevenida, pois aquela incrível visão acaba superando qualquer cautela.

Transgressões

Ainda na soleira da porta, Nella não consegue acreditar no que vê. Embora o lugar seja pequeno como o quarto de uma freira, os pertences encheriam um convento. Ela se pergunta com que boa vontade Marin abriu mão do espaço de seu antigo dormitório para ficar com essa entulhada cela de fantasia.

Pendendo do teto, o couro de uma grande cobra tremula feito uma bandeira da vitória, com uma textura de papel. Plumas de todas as formas e de todos os padrões, antes presas aos pássaros mais exóticos, roçam por seus dedos esticados. Instintivamente, Nella procura uma pena verde, aliviada ao não encontrar nenhuma que pareça ser de Peebo. Uma borboleta, maior que sua palma, está pregada na parede, o azul-celeste de suas asas coberto de espirais pretas. O quarto tem diversos odores. O mais forte é o de noz-moscada, mas também há certo traço de sândalo, cravo-da-índia e pimenta impregnando as paredes — aromas de calor e alerta.

Nella entra ainda mais no cômodo. Nas prateleiras simples de madeira há uma miscelânea de caveiras amareladas, pertencentes a animais que ela nem consegue distinguir, com mandíbulas compridas, crânios pontudos, dentes fortes e afiados. Carapaças de besouros, tão brilhosas quanto grãos de café, iridescentes à luz, cintilam em preto com matizes vermelhos. Um casco de tartaruga de cabeça para baixo oscila de leve com o toque dela. Plantas e frutas secas, cápsulas de sementes, as próprias sementes — a fonte desses odores intoxicantes — estão por toda parte.

Este quarto não é de Amsterdã, embora simbolize o impulso da cidade pela posse. Representa o objetivo da república, em quatro pequenas paredes.

Há um mapa do continente africano, enorme, totalmente desconhecido. Circulado no centro da costa oeste está um lugar chamado Porto Novo. Perguntas foram escritas naquele ponto, com a letra meticulosa de Marin. *Clima? Comida? Deus?* Há um mapa das Índias, com muito mais círculos e setas, indicando de onde vieram a flora e a fauna expostas naquele quarto. *Molucas 1676*, *Batavia 1679*, *Java 1682* — viagens que Marin, sem dúvida, nunca fizera.

Em cima da mesa perto da janela há um caderno aberto, que parece conter uma categorização detalhada de todas aquelas coisas. A letra de Marin flui melhor do que sua conversa, e Nella a reconhece do envelope enviado a sua mãe alguns meses atrás. Ela volta a sentir a tensão de ser uma intrusa. Sente-se desesperada a ficar e descobrir mais, porém apavorada com a armadilha que armou para si mesma. “Não sou mais senhora desta casa do que a pequena Arabella era em Assendelft”, pensa.

Mais adiante na prateleira há uma lâmpada estranha, com asas de pássaro e cabeça e seios de mulher. Nella estende a mão para tocar o metal frio e grosso. Ao lado da lâmpada há uma pilha de livros, e de suas páginas emana uma mistura pegajosa de umidade e couro de porco. Nella pega o que está no topo da pilha, curiosa demais sobre os hábitos de leitura de Marin para se preocupar com alguém subindo a escada.

O primeiro livro é um relato de viagem que recebeu o título *A infeliz viagem do navio Batavia*. A maioria das pessoas das Províncias Unidas conhece a história da revolta de Cornelisz, a infame escravização de Lucretia Jans a bordo do navio e seu envolvimento no assassinato dos

sobreviventes. Nella não é exceção, mas sua mãe detestava os detalhes mais lascivos da trama.

“É por causa dessa tal de Jans que as mulheres não viajam mais como antes, o que é uma coisa boa”, observara o pai de Nella quando ainda era vivo. — “Mulheres a bordo trazem azar”.

“Elas só trazem o azar que os homens dão a elas”, retorquira a Sra. Oortman.

Nella fecha o livro, coloca-o de volta na pilha e passa delicadamente os dedos pelos relevos e pelas saliências irregulares das lombadas. Há tantos títulos, e por mais que queira ler todos, sabe que não pode demorar ali. Marin deve gastar um bom dinheiro com esse hábito, supõe Nella, esfregando o papel exuberante.

Debaixo de *A infeliz viagem* há um livro de Heinsius, que, todos sabem, foi eLivros do país por homicídio. É quase um crime obter aquilo, e o fato de Marin ter um exemplar surpreende Nella. Há também uma edição em fólio de *Almanaque*, de Saeghman, *Doenças infantis*, de Stephanus Blankaart e *Os memoráveis relatos da viagem do Nieuw Hoorn*, de Bontekoe. Nella dá uma folheada. Os relatos de Bontekoe são contos de viagem e perigo, cheios de xilogravuras geniais, carcaças de navios afundados, incríveis nasceres do sol e mares revoltos. Uma das xilogravuras exibe uma costa, ondas ao fundo castigando uma grande embarcação. No plano principal, dois homens se encaram. O primeiro tem os braços e as pernas cheios de linhas pretas finas, uma argola no nariz e uma lança na mão. O outro está vestido de acordo com o antigo estilo holandês. No entanto, ambos têm a mesma expressão. Impassíveis, presos em seus mundos fechados, o espaço entre os dois é maior que o mar atrás deles.

A lombada é flexível, o livro foi muito manuseado. Quando Nella vai devolvê-lo à pilha, um pedaço de papel com

anotações cai do meio das páginas. Ela o pega do chão e as palavras aceleram sua pulsação.

Eu te amo. Eu te amo. De trás para a frente, eu te amo.

Nella sente um formigamento no céu da boca. Deslumbrada, devolve o livro, mas é incapaz de se desfazer daquele bilhete extraordinário. Há mais palavras no pedaço de papel — palavras rápidas, ritmadas, numa letra que não é a de Marin.

Você é a luz do sol que entra pela janela, diante da qual estou, aquecido.

Um toque perdura por mil horas. Minha querida...

Nella sente uma dor no braço. Alguém a aperta com força e recusa-se a soltar. Marin se agiganta sobre ela, com o rosto pálido, virando Nella como faria com uma boneca de pano. O bilhete cai no chão, e Nella o cobre com o pé enquanto Marin a arrasta para o lado.

— Você espiou os meus livros? — sibila Marin. — Espiou?

— Não... Eu...

— Espiou, sim. Você os abriu?

— Claro que não...

Marin aperta mais, a mão tremendo por causa da pressão.

— Marin... — Nella arqueja. — Isso dói. Você está me machucando.

Por mais alguns segundos, Marin não a solta, até que finalmente Nella consegue se libertar.

— Vou contar para o meu marido — grita. — Vou mostrar a ele o que você fez!

— Não gostamos de traidores — murmura Marin. — Vá. *Agora.*

Nella se afasta aos tropeços e, na pressa para sair dali, dá de cara com a pele de cobra.

— Essas coisas não são suas! — grita a cunhada atrás dela.

Marin bate a porta e o cheiro de temperos some.

Em segurança na ilha que é sua própria cama, Nella sussurra para o travesseiro, a boca seca e a mente incrédula. *Um toque perdura por mil horas.* Aquela tinta era um néctar secreto, pois Marin não é casada.

A escrita se resumia a rabiscos, mas Nella tem certeza de que não era da sua cunhada. “Eu nunca devia ter entrado lá”, pensa. “Talvez Marin estivesse inclusive esperando no escuro para me pegar no flagra…” Ela imagina a cunhada a pendurando numa das vigas do teto, os tamancos caindo de seus pés oscilantes em meio às penas, seu corpo frio aquecido pela poética luz do sol que entra pela janela.

Marin começa a mudar na mente de Nella. De suas roupas pretas sombrias, ela surge como uma fênix, com seu aroma de noz-moscada. Nada de lírio, nenhuma delicadeza floral. Coberta com os símbolos da cidade, Marin é cria de seu poder. Em segredo, é uma pesquisadora de mapas, uma catalogadora de espécies, e cataloga algo diferente também, não tão fácil de enquadrar numa categoria. Nella imagina o cheiro de tempero na pele de Marin, ouvindo-a falar do outro lado da toalha de mesa adamascada, dizendo como exatamente o irmão deveria conduzir os negócios. Quem é essa mulher? *De trás para a frente, eu te amo.*

No dia seguinte, logo antes do amanhecer, Nella vai na ponta dos pés até a copa. A casa está imersa em silêncio, mesmo Otto e Cornelia continuam dormindo. Sem hesitar, cheia de determinação, ela abre a gaiola de Peebo. Leva-o para seu quarto, pensando naquelas penas penduradas, convencida de que, dali para a frente, precisa ficar perto de seu periquito.

Lista de Smit

Acima da cabeça de Nella, Peebo bate as asas e pia de prazer pelo quarto, os olhos pretos brilhando.

— Marin é capaz de decapitar você — diz Nella ao passarinho, puxando mais o xale por causa do frio da manhã, tentando medir a ameaça.

À luz do dia parece ridículo, mas as regras nesta casa são escritas em água. “Ou eu nado, ou me afogo”, pensa Nella. Seu hematoma, ali há um dia, parece uma pequena mancha de vinho e dói de verdade quando é apertado. É totalmente desconcertante. Johannes não enxerga a irmã que tem? Ele não faz nada para domar Marin, apesar de ela obviamente não gostar de sua esposa.

Uma batida rígida à porta faz o estômago de Nella se revirar.

— Entre — diz ela, irritada por parecer tão apreensiva.

Marin surge na soleira, pálida. Nella se levanta e deixa o xale cair para expor a marca escura. Empertigando-se, em vez de olhar para o machucado, Marin observa o periquito, empoleirado na cabeceira da cama. Ela carrega um livro junto ao peito, e seus dedos se apertam em volta da capa.

— Vou mantê-lo no meu quarto — diz Nella.

— Tome. — É a única resposta de Marin, que sai numa voz falhada. Com a mão esticada, ela oferece o livro.

— O que é isso?

— A *Lista de Smit*. Um registro de todos os artesãos e comerciantes da cidade.

— E por que eu preciso da *Lista de Smit*? — pergunta Nella, pegando o livro das mãos da cunhada.

— Para decorar sua casa.

— Qual delas, Marin?

— Se deixar aquela cristaleira vazia, vai transformar o presente de Johannes num crime de perdularismo. Você tem que fazer alguma coisa com aquilo.

— Não tenho que fazer nada…

— Tome — interrompe Marin. — São notas promissórias com o selo e a assinatura do meu irmão. — Ela tira um maço de dentro do livro, seus dedos enrolando-o nervosamente. — Qualquer comerciante com quem você comprar pode levar a nota a Stadhuis para trocá-la. Você só precisa escrever a quantia e autenticar a assinatura. — Marin estende as promissórias para Nella, como se tentasse manter o demônio a distância. — Não pague mais de mil florins por nota.

— Por que está fazendo isso, Marin? Achei que a Bíblia dissesse que não se deve ostentar riqueza — diz Nella, embora tenha ficado animada com o dinheiro.

Ela não está tão distante quanto gostaria do terrível dia em que seu pai morreu, quando Arabella não encontrou nada no pote de moedas além de um botão e de uma aranha morta. “Marin nunca entenderia tamanho alívio”, pensa Nella.

— Pegue logo as notas, Petronella.

A agressividade se propaga entre as duas, algo familiar. Quando Nella pega as notas promissórias da mão de Marin, percebe como sua cunhada parece triste. “Se isso é um jogo, nós duas perdemos”, pensa, mas ao passar os dedos pela nota consegue sentir seu poder invisível.

— E o que meu marido vai dizer sobre isso?

O cansaço fica aparente no rosto de Marin.

— Não se preocupe. Meu irmão conhece o perigo de não ter nada para fazer.

Depois que Marin sai, Nella tenta afastar todos os pensamentos sobre a cunhada e o bilhete apaixonado, então leva a *Lista de Smit* até a escrivaninha e abre-a. O livro é cuidadosamente organizado por comércio em ordem alfabética. Astrônomos, boticários, doceiros, fabricantes de velas, libretistas e serralheiros são apenas alguns dos diversos artesãos que pagam uma taxa a Marcus Smit para figurar na lista. Os anúncios são feitos pelos próprios comerciantes, sem restrição quanto ao conteúdo.

Do lado de fora, o canal está cheio de vida. Barqueiros gritam uns para os outros comentando como esfriou, num canto afastado um padeiro anuncia sua mercadoria aos berros, e duas crianças brincam com um aro e uma vareta. Ali dentro, porém, tudo está quieto e imóvel — o único som no quarto é o ruído baixo do pêndulo dourado. Nella continua folheando o livro, até um anúncio na letra *M* chamar sua atenção:

MINIATURISTA
Morando sob a placa do sol, na Kalverstraat
Original de Bergen
Recebeu treinamento do conceituado relojoeiro de Bruges,
Lucas Windelbreke
TUDO, E AINDA ASSIM NADA

É o único anúncio em *Miniaturista*, e Nella gosta de sua concisão, de sua estranheza. Não tem ideia de onde fica Bergen, nem do que um miniaturista faz, muito menos de quais relojoeiros poderiam ser conceituados. O miniaturista com certeza não é de Amsterdã, isso ficou claro. Portanto, não pode ser membro das associações da cidade, e é ilegal desempenhar um trabalho com o qual os cidadãos registrados pudessem ganhar dinheiro. O pai dela lhe

ensinara isso. Ele vinha de Leiden e dizia que as leis draconianas das associações eram mais responsáveis pela sua destruição do que os garrafões de cerveja. Não que haja uma guilda de miniaturistas, não é mesmo? Nella fica surpresa que o anúncio esteja na *Lista de Smit.*

Livre da pressão causada pela presença de Marin, Nella sente sua rebeldia ganhar força. A cunhada nem se desculpou por beliscá-la como se ela fosse uma criança malcriada. Marin com seus mapas e seu jeito mandão, Johannes com sua porta sempre fechada, Cornelia e Otto em seu santuário compartilhado, com sua linguagem silenciosa de cortar em pedaços, polir, o movimento do esfregão e o brilho da faca…

Nella se sobressalta, desesperada para se livrar de seus pensamentos, o que Marin chama de o perigo de não ter nada para fazer. Ela não pode cuidar da casa de bonecas, isso é um insulto à sua condição de mulher. E ainda assim, quando abre as promissórias num leque, nunca na vida viu tanto dinheiro em potencial.

Enquanto Peebo rodeia os quadros caros de Johannes, Nella pega a pena na escrivaninha e extravasa sua fúria em garatujas:

Prezado Senhor,

Vi seu anúncio na Lista de Smit*, e gostaria de solicitar sua ajuda.*

Tenho uma casa de nove cômodos, em miniatura, montada dentro de uma cristaleira. Envio estes três pedidos e aguardo uma resposta. Imagino que o senhor tenha treinamento na arte das coisas pequenas. A lista não é de modo algum exaustiva, e tenho boas condições de pagar.

Item: Um alaúde, com cordas

Item: Um cálice de noivado, cheio de confetes

Item: Uma caixa de marzipã

Desde já agradeço.

Petronella Brandt, da casa de aldrava de golfinho, Herengracht

Seu novo sobrenome parece muito truncado, muito brusco em comparação ao que tivera por dezoito anos. Ainda é desconfortável escrevê-lo, como vestir uma fantasia específica sua, mas que não lhe serve. Ela risca a assinatura e, em seu lugar, escreve: *Obrigada, Nella Oortman.* "Ele vai reparar nisso", pensa, "e provavelmente vai rir." Ela enfia a carta no bolso junto de uma nota promissória de trezentos florins e vai até a cozinha na tentativa de arrumar um café da manhã tardio na bancada arranhada de Cornelia. Um pãozinho, um pedaço de carne, qualquer coisa menos arenque.

* * *

Cornelia está recheando um ganso com uma cenoura, sem se incomodar com a brutalidade da inserção. Atrás dela, Otto afia pinos e usa-os para abrir buracos em nozes. Nella se pergunta por que ele está fazendo isso, mas não questiona em voz alta, imaginando que a resposta será a mesma generosa evasiva de sempre. Há um molho fervendo no fogo. Aos olhos do mundo, Cornelia e Otto parecem um casal em seu casebre, cuidando da refeição diária. Mais uma vez, Nella sente a proximidade confortável dos dois, e isso a faz sofrer. Ela aperta a carta no bolso, tentando tirar forças de sua subversão à tentativa de Johannes e Marin de domar a recém-chegada. "Ah, vou decorar minha casa, Marin", pensa Nella, "com todas as coisas que você detesta".

— Está doendo, madame? — pergunta Cornelia, com cascas de cenoura suspensas na mão feito turvas fitas

alaranjadas.

Nella puxa o xale em torno de si.

— Do que está falando?

— Do seu braço.

— Você estava *espionando*?

Otto olha para Cornelia, mas a criada ri.

— Ela é como um caranguejo saindo da carapaça para beliscar, madame! Nós ignoramos e a senhora devia fazer o mesmo. — Cornelia coloca as cascas na bancada. — Vi que pegou seu pássaro — acrescenta, parecendo quase impressionada. — Vou lhe dizer uma coisa: madame Marin só usa preto, mas por baixo é outra história.

— Como assim?

— Cornelia — diz Otto, em tom de advertência.

— O *forro* — prossegue a criada, determinada a oferecer essa migalha a Nella. — Pele de zibelina e veludo, debaixo de cada vestido. Minha patroa, que cita Ezequiel para a gente, *"darei fim ao orgulho dos poderosos"*, anda por aí usando peles escondidas.

— É mesmo? — Nella ri, estupefata com a informação dada por Cornelia.

Encorajada, ela baixa o xale para mostrar o machucado.

Cornelia assobia.

— Isso vai ficar feio — diz, olhando para Otto. — Mas vai passar. Como todas as coisas.

Nella, que esperava uma reação mais maternal, agora se sente uma tola.

— Ontem você ficou acordada até tarde de novo? — pergunta, cobrindo a marca.

— Por quê, madame?

Cornelia joga as cascas de cenoura no fogo e pega o esfregão. Nella sente o clima amigável se dissipar a cada pergunta que faz.

— Tenho certeza de que ouvi vozes.

A criada olha para o balde de água suja.

— Estávamos cansados demais para ouvir vozes — diz Otto.

Dhana trota para fora da sombra e esfrega o focinho na mão de Nella. Rola de costas e oferece a barriga, mostrando um pequeno sinal preto no pelo. Cornelia observa a demonstração de afeto.

— Ela não faz isso com ninguém — diz, com certa admiração na voz.

Nella se vira para subir a escada.

— Tome, madame — diz Cornelia.

Em sua mão estendida há um pãozinho quente com manteiga. Nella o pega. Ofertas de trégua nesta casa são feitas de formas bem estranhas.

— Aonde está indo, madame? — pergunta Otto.

— Vou sair. Isso é *permitido*, não é? Vou à Kalverstraat.

Ao ouvir isso, a criada enfia o esfregão no balde. A água espirra para os lados, a superfície parecendo um espelho quebrado.

— Sabe onde é, madame? — questiona Otto, com gentileza.

Nella sente gotas de manteiga escorrerem pelo pulso.

— Vou encontrar — responde. — Tenho bom senso de direção.

Otto e Cornelia trocam outro olhar, dessa vez mais demorado, e Nella percebe o quase imperceptível balançar de cabeça de Otto.

— Vou com a senhora, madame — avisa Cornelia. — Tenho que tomar um pouco de ar.

— Mas…

— Vai precisar de um casaco — recomenda Otto. — Está muito frio.

Mas Cornelia pega seu xale e conduz Nella para fora.

Na Kalverstraat

— Meu Deus — murmura Cornelia. — Otto tinha razão. Esse inverno vai ser terrível. Por que a senhora quer ir à Kalverstraat?

— Quero deixar um recado para uma pessoa — responde Nella, irritada com a tranquilidade com que Cornelia a questiona.

— Para quem?

— Ninguém. Um artesão.

— Entendo. — A criada estremece. — Vamos precisar estocar nossa carne em breve, pois terá que durar pelo menos até março. É estranho que ele ainda não tenha nos mandado um corte.

— Quem não nos mandou um corte?

— Deixe para lá — responde Cornelia, olhando para o canal e entrelaçando o braço ao de Nella. — *Alguém.*

As duas garotas caminham unidas, andando depressa pelo Herengracht em direção ao centro da cidade. O frio ainda não é insuportável, mas está ganhando força, percebe Nella. Sentindo o braço de Cornelia enroscado ao seu, ela reflete sobre como é estranho estarem se tocando. Em Assendelft, criadas e mordomos nunca faziam gestos tão amigáveis assim. A maioria tinha verdadeira má vontade.

— Por que Otto não veio? — pergunta Nella. Cornelia não diz nada, então ela insiste: — Vi que ele recusou.

— Ele fica onde é mais fácil — responde Cornelia.

— *Mais fácil*? — Nella ri.

A criada faz uma careta e Nella torce para não ouvir outro *deixe para lá*. Mas, pelo contrário, em se tratando de Otto,

Cornelia é efusiva.

— Toot diz que sua sorte é uma faca de dois gumes. Ele está aqui… e ao mesmo tempo não está.

— Não entendo o que você quer dizer.

— Ele foi levado para um navio negreiro português, madame. Obrigado a ir de Porto Novo, em Daomé, para o Suriname. Os pais dele tinham morrido. O Seigneur estava visitando a Companhia das Índias Ocidentais na época, vendendo cobre para as refinarias de cana.

— O que aconteceu?

— O Seigneur viu o estado de Toot e o trouxe de volta para Amsterdã.

— Johannes o comprou.

Cornelia morde o lábio.

— Às vezes florins funcionam mais rápido que preces.

— Não deixe Marin ouvir você dizer isso.

Cornelia ignora o comentário. Parece que a brecha para fofocas sobre Marin e suas pinças de caranguejo acabou.

— Otto tinha dezesseis anos quando chegou — continua. — E eu tinha doze, e era tão nova na casa quanto ele.

Nella tenta imaginá-los chegando aos degraus da frente assim como acontecera com ela. Será que Marin já observava das sombras naquela época? Que mundo Otto deixara para trás? Nella tem vontade de perguntar a ele, mas não sabe se receberia resposta. Tinha ouvido falar de uma palmeira, mas não consegue imaginar o calor de Porto Novo, o mundo do Suriname. Tudo aquilo trocado por paredes de tijolos, canais e um idioma que ele não falava.

— Ele é um verdadeiro cavalheiro holandês — diz Cornelia —, mas as pessoas não concordam. — Nella nota que sua voz ganhou um tom cortante. — Quando chegou, ficou um mês sem falar. Só ouvindo, sempre ouvindo. Aquela pele cor de café. Vi a *senhora* olhando — acrescenta ela, um pouco provocadora.

— Eu, não — protesta Nella.

— Todo mundo olha. A maioria das pessoas nunca viu um homem como ele. Quando ainda nos visitavam, as moças colocavam pássaros canoros em seu cabelo, como se fosse um ninho. Ele odiava. — Cornelia faz uma pausa. — Por isso não surpreende que madame Marin não suporte o seu periquito.

Elas continuam caminhando nas margens do canal estranhamente silenciosas, a água lenta e marrom formando um gelo fino nas margens. Nella tenta se agarrar a essa imagem do jovem negro, a cabeça cheia de pássaros, os dedos das mulheres tocando seu cabelo. Sente vergonha por seu fascínio ser tão óbvio. Johannes o trata como um homem igual a qualquer outro, o que Otto é, mas com sua voz e seu rosto, em Assendelft ninguém acreditaria nisso.

— Por que as moças não visitam mais? — pergunta.

Mas não recebe resposta, pois Cornelia parou diante de uma confeitaria, que tem uma placa com dois pães doces e o nome *Arnoud Maakvrede* acima da porta.

— Madame — encoraja Cornelia —, vamos parar aqui.

Embora quisesse demonstrar ao menos um pouco de autoridade, Nella sente o cheiro da fornada e não consegue resistir.

O interior está deliciosamente aquecido. Através de um arco nos fundos da loja, Nella espia um homem gorducho de meia-idade, o rosto vermelho e suado por causa do forno. Ao vê-las, ele revira os olhos.

— Hanna, sua amiga está aqui — grita.

Uma mulher aparece, um pouco mais velha que Cornelia, o chapéu de cozinheira muito bem engomado, com manchas de farinha e açúcar no vestido. Seu rosto se ilumina.

— Centáurea! — exclama

— *Centáurea*? — repete Nella.

Cornelia cora.

— Oi, Hanna.

— Por onde você andou?

A amiga faz um gesto para que as duas se sentem no canto mais fresco da loja. Em seguida, pendura na porta uma placa de *Fechado*, deixando um cheiro de canela em seu rastro.

— Pelo amor de Deus, o que você está fazendo, mulher? — grita o marido.

— Ah, Arnoud. Cinco minutos — diz Hanna.

O casal se encara e o homem volta para o forno, fazendo um barulho ritmado e zangado com os tabuleiros.

— Favos de mel esta manhã — murmura Hanna. — E marzipã à tarde. É melhor evitá-lo.

— Mas evitá-lo agora significa ter que aturar muito mais depois — diz Cornelia, com uma expressão preocupada.

Hanna lança um olhar para ela.

— Bem, você está aqui agora e quero aproveitar sua visita.

Nella olha ao redor para o piso de madeira brilhante, o balcão limpo, os bolos decorando a vitrine, empilhados como presentes irresistíveis. Ela se pergunta por que Cornelia a levou ali em vez de ir direto para a Kalverstraat, mas o aroma dos bolos é delicioso. Quem é Centáurea, essa pessoa mais gentil e doce evocada pela esposa de um confeiteiro? O batismo verbal é súbito e estranho, distorcendo a essência de Cornelia. Nella se lembra de algo que a criada dissera na primeira manhã, sobre chamar Otto de Toot. *Ele acha que apelidos não passam de besteira, mas eu gosto.*

O papel usado para embrulhar os bolos parece caro, e tem as mais variadas cores: escarlate, índigo, verde-grama, branco-nuvem. Cornelia lança um olhar expressivo para

Hanna, abaixa o queixo num gesto que a mulher mais velha parece entender.

— Por favor, madame — diz Hanna a Nella. — Dê uma volta na loja.

Obedientemente, ela perambula pelo lugar, dando uma olhada nos waffles, nos biscoitos temperados, nas caldas de canela e chocolate, nos bolos de laranja e limão, nos pãezinhos enrolados de frutas. Enquanto observa Arnoud pelo arco, batendo os tabuleiros arrefecidos e teimosos de favos de mel, ela tenta ouvir Hanna e Cornelia, que mantêm as vozes baixas.

— Frans e Agnes Meermans fizeram questão de que só o Seigneur o distribuísse — diz Cornelia. — Sabem como os negócios dele se expandem pelo exterior. E madame Marin está incentivando. Apesar de odiar açúcar, e apesar de pertencer a *eles*.

— Isso poderia trazer muito dinheiro a todos os envolvidos.

Cornelia funga.

— Poderia. Mas acho que há outros motivos.

Hanna ignora esse comentário, muito mais interessada na parte comercial da conversa.

— Mas por que não vender aqui? Sem associação nenhuma controlando esses velhacos, muito do açúcar desta cidade é misturado nas refinarias com farinha, giz e sabe Deus o que mais. Há padeiros e confeiteiros ao longo do Nes e da Bunsenstraat que se beneficiariam com um produto melhor.

Arnoud xinga alto, enfim soltando os favos de mel.

— Experimente alguma coisa — grita Hanna para Nella, animada.

Ela estica o braço para o balcão e pega um pequeno embrulho amassado. Nella, confusa por ver pena nos olhos

da mulher mais velha, abre o pacote e encontra uma bola de massa frita, coberta de açúcar e canela.

— Obrigada — agradece, direcionando o olhar para Arnoud e fingindo que sua atenção está totalmente voltada para o confeiteiro gordo, que acende o forno.

— Hanna, acho que está acontecendo de novo — sussurra Cornelia.

— Você não teve certeza nem da primeira vez.

— Eu sei, mas…

— Você não pode fazer nada, Centáurea. Cabeça baixa, foi assim que nos ensinaram.

— Han, eu queria…

— *Shiu*, tome isto. É um dos últimos.

Nella se vira a tempo de ver um pacote sendo passado de uma para a outra, em seguida desaparecendo rapidamente dos dedos de Hanna para as saias de Cornelia.

— Preciso ir — diz a criada, levantando-se. — Temos que fazer uma visita na Kalverstraat. — Cornelia pesa a palavra, com uma sombra encobrindo seu rosto.

Hanna aperta a mão da amiga.

— Bem, chute a porta por mim — diz. — Meus cinco minutos acabaram. Tenho que ajudar Arnoud. Pelo modo que bate aqueles tabuleiros, qualquer um acharia que ele está forjando uma armadura.

Do lado de fora, Cornelia se apressa.

— Quem é Hanna? — pergunta Nella. — Por que ela chama você de Centáurea? E por que vamos chutar uma porta?

Mas Cornelia está taciturna e muda. A conversa com Hanna lhe causou uma tristeza inesperada.

* * *

A Kalverstraat é uma rua comprida e movimentada que fica distante do canal, onde muitos comerciantes estabelecem seus negócios. Já não se vendem mais bezerros e vacas ali, mas a constante presença de estrume dos cavalos provoca um clima pesado e pungente em meio a estamparias e tinturarias, armarinhos e boticas.

— Cornelia, o que houve?

— Nada, madame — responde ela, por fim, abatida.

Mas Nella já notou a placa com o sol. Um pequeno sol de pedra foi gravado numa placa, encravada no muro de tijolos. Recém-pintada de dourado, é como um corpo celeste na Terra, com brilhantes raios de pedra emitindo de uma esfera cintilante. Fica tão alto no muro que Nella não consegue tocá-lo. Sob o sol, foi registrado um provérbio: *O Homem Toma Por Brinquedo Tudo o Que Vê.*

— *Assim nunca um garoto ele deixará de ser* — completa Cornelia, com melancolia. — Faz anos que não ouço esse provérbio.

Ela olha para os dois lados da rua, como se procurasse alguma coisa. Nella bate à porta simples e pequena, quase imperceptível em meio ao barulho e ao tumulto, e espera o miniaturista aparecer.

Porém, não há resposta. Cornelia bate os pés, com frio.

— Madame, não tem ninguém aí.

— Espere um pouco — pede Nella, batendo outra vez.

Há quatro janelas que dão para a rua, e ela teve a impressão de que vira uma sombra em uma delas, mas não tem certeza.

— Olá? — grita, mas não obtém resposta.

Não há alternativa, por isso Nella enfia sua carta e a nota promissória debaixo da porta, jogando-as o mais longe possível. Só então percebe que Cornelia não está mais ao seu lado.

— Cornelia? — chama, examinando a Kalverstraat.

O nome da criada morre em sua garganta. A muitos metros de distância da porta do miniaturista, uma mulher olha para ela. Não, não olha, a encara. Ela permanece parada em meio à multidão, os olhos fixos no rosto de Nella, que vivencia a sensação inédita de ser empalada, pois o escrutínio da mulher parece um facho de luz fria a dissecando, dando-lhe consciência de seu próprio corpo. A mulher não sorri, mas absorve Nella, os olhos castanhos com um tom quase laranja na luz fraca do meio-dia, o cabelo à mostra parecendo pálidos fios de ouro.

Um frio e uma claridade cortante tomam os ossos de Nella. Ela aperta mais o xale no corpo, e a mulher continua a encarando. Tudo parece mais brilhante, aliviador, embora o sol ainda esteja atrás da nuvem. Nella imagina que poderiam ser os velhos tijolos, a pedra úmida provocando a súbita falta de calor. Poderia ser, mas aqueles olhos... ninguém jamais olhou para Nella daquele jeito, com uma curiosidade tão calma, tão assombrosa.

Um garoto com um carrinho de mão passa e por pouco não atropela Nella.

— Você quase quebrou o meu pé! — grita ela para as costas do menino.

— Eu, não! — berra de volta o garoto do carrinho.

Quando Nella olha de novo, a mulher desapareceu.

— Espere! — grita, abrindo caminho pela Kalverstraat, observando um cabelo brilhante da cor de trigo.

Mas o sol sai de trás das nuvens, bloqueando a visão de Nella.

— O que você quer?

Ela tem certeza de que viu a mulher sumir numa passagem estreita, por isso começa a empurrar a multidão com mais força. Embrenhando-se no beco escuro, seu coração acelera ao deparar com um vulto à sua frente, mas

é Cornelia, sozinha no fim do beco, o rosto franzido, tremendo diante de uma porta enorme.

— Onde ela está? O que você está fazendo? — pergunta Nella. — Viu uma mulher loura?

Cornelia dá um chute rápido na porta.

— Todo ano — diz. — Só para me lembrar de como tenho sorte.

— O quê?

Cornelia fecha os olhos.

— Minha antiga casa.

O barulho das pessoas na Kalverstraat é abafado pelas paredes estreitas do beco. Nella se encosta na porta chutada. Uma placa que mostra crianças reunidas em volta de uma pomba gigante e vestindo vermelho e preto, as cores da cidade, foi pregada acima da arquitrave. Abaixo dela, as palavras formam uma rima sem graça:

Nosso número cresce e nossas paredes começam a gemer
Por favor, doe o que puder para nossos mestres pararem de sofrer.

— Cornelia, aqui é um orfanato?

Mas a criada já está voltando pela passagem, em direção à vida, à luz e ao barulho. Nella só pode segui-la, ainda sentindo-se esvaziada pelo olhar da mulher de cabelo claro.

Ao voltar para Herengracht, Nella descobre que Marin mandou transferir a cristaleira para o seu quarto. Larga demais para passar pela porta, foi guinchada pela frente da casa.

— Isso não podia ficar no saguão — afirma Marin, abrindo as cortinas mostarda para exibir os nove cômodos vazios. — É grande demais. Estava bloqueando a luz.

Além da presença invasiva da casa de bonecas, o quarto de Nella também cheira a lírio. Na mesma noite, ela encontra o frasco de perfume que trouxe de Assendelft tombado, o conteúdo criando uma poça no chão e uma bagunça viscosa debaixo de sua cama.

— Foi o entregador — diz Marin, quando Nella indica os cacos de vidro e pede uma explicação.

Sem acreditar, Nella joga alguns travesseiros bordados do enxoval em cima da mancha. Feliz por não ser lembrada daqueles símbolos provocantes do seu casamento, ela torce para que absorvam o cheiro.

Deitada de costas, ouvindo Peebo piar na gaiola, o ar impregnado com o presente inapropriado de sua mãe, Nella pensa em Otto e Cornelia. O escravo e a menina órfã. Como Cornelia saiu de lá e acabou parando em Herengracht? Será que foi "resgatada" como Otto? "Você também foi resgatada?", Nella pergunta a si mesma. Até o momento, a vida que ela leva ali parece o contrário de uma fuga.

No escuro do seu quarto, ela invoca a cabeça loura e os olhos incomuns da mulher na Kalverstraat. Era como se estivesse tirando a pele de Nella, feito um daqueles animais nos quadros de Johannes, e em seguida desmontando cada parte do seu corpo. Ainda assim, ao mesmo tempo, Nella se sentia tão *concentrada*... Por que a mulher estava lá, na rua mais movimentada da cidade, parada, encarando... Não tinha nada melhor para fazer? E por que estava olhando justo para ela?

Enquanto cai no sono, Nella pensa em grandes pratos de prata e Johannes os girando, o rosto virado para o teto falso, na direção da profundidade inexistente. Ascendendo nesse pesadelo inquietante, ela é acordada por um grito breve e

alto, que parece o de um cão sentindo dor. Totalmente desperta e com o coração acelerado, ela acha que pode ser Rezeki.

Faz-se silêncio outra vez, tão pesado quanto um tecido de seda, e Nella se volta para a casa de bonecas vazia. Monumental, quase vigilante, como se sempre houvesse estado ali, no canto do seu quarto.

Entrega

Três dias depois, Cornelia está com Marin no açougue.

— Posso ir? — perguntara Nella.

— É mais rápido se formos só duas — respondera Marin rapidamente.

Johannes fora para o escritório na VOC, na Old Hoogstraat, e Otto está no quintal, plantando bulbos e sementes para a próxima primavera. O jardim é seu domínio. Ele passa muito tempo lá fora, criando novos padrões de cerca viva e conversando com Johannes sobre a umidade do solo.

Quando Nella passa pelo corredor trazendo algumas nozes que roubou para Peebo, uma rápida sucessão de batidas à porta da frente a sobressalta. Enfiando as nozes no bolso, ela puxa os ferrolhos e abre a porta pesada.

Encontra um jovem parado no último degrau, um pouco mais velho que ela mesma. Nella fica sem ar. As pernas compridas do rapaz estão muito afastadas, como se ele tentasse ocupar todo o espaço. Um cabelo escuro e desgrenhado emoldura seu rosto pálido, e os malares parecem esculpidos com precisão e simetria. Suas roupas são modernas, mas mal-arrumadas. Os punhos da camisa despontam do caro casaco de couro, e um par de botas, ainda mais novas que o casaco, apertam suas panturrilhas como se não quisessem largá-las. Os cadarços da camisa estão soltos, e um triângulo de pele à mostra no colo revela algumas sardas. Seu corpo, por si só, é uma história, que começa nítida e tem um fim incerto. Nella se segura à moldura da porta, torcendo para ser tão notável para ele quanto, ao que parece, ele sabe que é para ela.

— Entrega — diz o garoto com um sorriso.

Nella fica surpresa com sua voz. Tem um sotaque diferente, sem ritmo nem modulação. Ele conhece a palavra em holandês, mas fica óbvio que essa não é sua língua materna.

Rezeki se levanta e começa a latir para o entregador, rosnando quando ele tenta acariciar sua cabeça. Nella olha para as mãos do garoto, vazias.

— Você deve usar a porta de baixo para entregas — diz ela.

Ele sorri outra vez.

— Claro — fala. — Sempre esqueço.

Nella, inquieta com a beleza dele, tem vontade de tocar suas maçãs do rosto, nem que seja apenas para afastá-las. Ao sentir a presença de alguém atrás de si, ela se vira. Johannes está ali, avançando rapidamente e se colocando entre Nella e o rapaz.

— Johannes? Achei que estivesse no trabalho — exclama, surpresa. — Por que você…

— O que está fazendo aqui? — pergunta Johannes ao garoto, com uma voz abafada, quase um sussurro.

Ele ignora a expressão confusa de Nella e puxa Rezeki, ainda rosnando, de volta para casa.

Embora o rapaz esteja despreocupadamente com a mão debaixo do casaco, ele se empertigou um pouco, aproximando as pernas.

— Só vim entregar um pacote — diz.

— Para quem?

— Nella Oortman.

O garoto pronuncia com cuidado o nome de solteira de Nella, olhando diretamente para Johannes, e ela sente o marido ficar tenso. O rapaz ergue um embrulho, e ela vê que foi marcado com um sol. “Será que o miniaturista já fez

minhas peças?”, pergunta-se, quase sem conseguir conter a vontade de pegar o pacote e correr para o quarto.

— Seu mestre trabalha rápido — observa ela, esforçando-se para recuperar o mínimo da compostura.

“Esta entrega é para mim”, pensa, “não para o meu marido”.

— De que mestre ela está falando? — indaga Johannes.

O rapaz ri, estendendo o embrulho para Nella, que o segura junto ao corpo.

— Sou Jack Philips. De Bermondsey — diz ele, pegando a mão de Nella.

Seu beijo é seco e suave, e lhe faz estremecer.

— *Ber-mond-sey*? — repete ela.

Nella não tem qualquer imagem para associar a essa palavra incomum, nenhum significado, de fato, para esse rapaz incomum.

— Às margens de Londres. Às vezes trabalho para a VOC — diz Jack. — Outras vezes para mim mesmo. Eu era ator na minha cidade.

Do corredor, Rezeki late e o barulho ecoa pelo céu nublado.

— Quem o pagou para trazer isso? — pergunta Johannes.

— Pessoas de todos os cantos da cidade me pagam para fazer entregas, Seigneur.

— Quem o pagou desta vez?

Jack dá um passo para trás.

— Sua esposa, Seigneur — responde. — Sua esposa.

O garoto faz uma mesura para Nella, depois desce calmamente os degraus e vai embora.

— Venha, Nella — chama Johannes. — Vamos fechar a porta para os olhos curiosos.

* * *

De volta ao lado de dentro, eles veem Otto aguardando no alto da escada da cozinha, um ancinho na mão cujos dentes afiados brilham na luz.

— Quem era, Seigneur? — pergunta ele.

— Ninguém — responde Johannes, e o criado assente.

Johannes vira-se para Nella, que se encolhe diante de seu tamanho, o qual, confinado no saguão, parece ainda maior.

— O que há no embrulho, Nella?

— Algo para a casa de bonecas que você comprou — responde a esposa, imaginando o que ele diria se visse o alaúde, o marzipã e o cálice de noivado.

— Ah. Excelente.

Nella espera mais curiosidade, porém, nada acontece. Na verdade, Johannes parece apenas agitado.

— Devo abrir lá em cima? Você podia vir comigo e ver — propõe ela, esperando que ele aceite. — Podia acompanhar como seu presente de casamento vai se desenvolver.

— Tenho que trabalhar, Nella. Vou lhe dar privacidade — responde ele, com um sorriso ansioso, indicando seu escritório.

“Não quero privacidade”, grita ela em pensamento. “Eu abriria mão disso em um instante se você me desse um pouco de atenção.”

Mas Johannes já havia saído, e Rezeki, como sempre, foi correndo atrás dele.

Ainda inquieta por ter visto Jack Philips de Bermondsey, Nella sobe na sua cama gigante e senta-se com o pacote. Volumoso, do tamanho de um prato de jantar, foi embrulhado com papel macio e amarrado com barbante.

Escreveram uma frase em volta do sol, em letras maiúsculas pretas:

TODA MULHER É ARQUITETA
DE SUA PRÓPRIA SORTE

Nella a lê duas vezes, confusa, sentindo uma empolgação de nervoso na barriga. “Mulheres não constroem nada, muito menos seu destino”, pensa. Todos os destinos estão nas mãos de Deus, ainda mais os das mulheres, depois de passarem pelas mãos do marido e pelas dores e complicações do parto.

Ela pega o primeiro objeto e coloca uma minúscula caixa de prata na palma da mão. Na tampa, foram gravadas as letras *N* e *O*, emolduradas por flores e videiras. Ela abre a caixa com cuidado. As dobradiças em miniatura foram bem lubrificadas, então são silenciosas. Lá dentro há um bloco perfeito de marzipã, mais ou menos do tamanho de um grão de feijão, e suas papilas gustativas se aguçam diante da ideia do doce amendoado. Ela tira um pedaço com a unha e o põe na ponta da língua. O marzipã é de verdade, foi inclusive aromatizado com água de rosas.

Depois pega um segundo objeto. Lá está o alaúde, que não é maior do que seu indicador, com cordas de verdade, afinadas, a estrutura de madeira curva para manter o som das notas. Nella nunca viu nada como aquelas coisas: o artesanato, o cuidado, a beleza daqueles objetos. Ela puxa uma corda, hesitante, e fica chocada quando soa baixinho. Lembrando-se da estrutura da música que tocou para Johannes em Assendelft, Nella a toca de novo, sozinha, dessa vez.

Quando volta a enfiar a mão no pacote, encontra o cálice de noivado que encomendou. Feito de peltre, com um homem e uma mulher de mãos dadas em torno da borda, não tem o diâmetro maior que um grão. Na república, todos

os recém-casados bebem desses cálices, assim como ela e Johannes deveriam ter feito em setembro. Nella imagina os dois tomando um gole de vinho do Vale do Reno, de pé no velho pomar do seu pai, arroz e pétalas sendo jogados em cima deles. Esse pequeno cálice é uma recordação de algo que nunca aconteceu. O que ela pretendera que fosse uma rebelião contra Marin estava deixando-a estranha e pateticamente triste.

Pega o embrulho para jogá-lo fora, então percebe que há mais coisas lá dentro. “Isso não pode estar certo”, pensa, sua tristeza se tornando curiosidade. Tudo o que pedi já está na cama.

Ela vira o pacote de cabeça para baixo e três itens embrulhados caem na colcha. Nella tem dificuldade para abrir o primeiro e encontra duas requintadas cadeiras de madeira. Leões do tamanho de joaninhas foram entalhados nos braços, e os encostos são cobertos de veludo verde, preso com tachas de cobre. Em cada um dos braços, monstros marinhos se contorcem em folhas de acanto. Nella se dá conta de que já viu essas cadeiras. Na semana anterior, na sala do andar de baixo, encontrou Marin sentada em uma.

Começando a ficar desconfortável, ela desembrulha o próximo item. Há algo pequeno, porém volumoso, dentro das dobras do pano, e Nella usa a força para libertá-lo. É um berço, feito de carvalho, com intricados entalhes florais, dobradiças de lata e uma borda de renda no mosquiteiro. Embora seja um pequeno milagre talhado em madeira, ainda assim sua minúscula presença faz surgir um nó na garganta de Nella. Ela põe o berço no meio de sua palma, que balança, descrevendo um movimento perfeito, quase por vontade própria.

“Isso só pode ser um erro”, pensa, “essas peças eram para outra pessoa. Cadeiras, um berço… talvez sejam

pedidos comuns que uma mulher faz para a réplica de sua casa, mas eu não pedi isso. *Definitivamente* não.” Ela rasga o embrulho do terceiro pacote e por baixo de outra camada de material azul há dois cães em miniatura. Dois lebréus, não maiores que traças, cobertos de pelo cinza sedoso, com cabeças do tamanho de ervilhas. Entre os dois há um osso para mastigarem, um cravo pintado de amarelo, com seu cheiro inconfundível. Nella pega os animais e observa-os mais de perto, o sangue correndo acelerado por seu corpo. Não são quaisquer cães. São Rezeki e Dhana.

Nella os larga depressa, como se a tivessem picado, e pula para fora da cama. No canto escuro do quarto, a casa de bonecas espera receber suas entregas. As cortinas continuam abertas, feito saias inconvenientemente levantadas. Ela se permite lançar um breve olhar para os cachorros espalhados. A mesma cor e curvatura dos flancos, as incríveis orelhas em pé.

— Ora, por favor, Nella Elisabeth — diz a si mesma. — Quem disse que são os mesmos cães aconchegados junto ao forno de Cornelia?

Ela ergue as duas cadelas em miniatura para a luz. Seus corpos são levemente porosos, com as juntas articuladas, cobertas de pele de rato e suaves como um lóbulo de orelha. Quando Nella os vira para cima, sua pulsação diminui para uma batida desconfortável. Na barriga de uma delas há uma pequena marca preta, exatamente no mesmo lugar que o sinal de Dhana.

Nella olha ao redor do quarto. “Tem alguém aqui?” Ela se esforça para ser razoável. “Claro que não, Nella”, pensa, “você nunca se sentiu mais sozinha”. Quem pode querer lhe pregar uma peça? Cornelia não teria dinheiro para fazer esse tipo de brincadeira, nem tempo para pensar nisso. Muito menos Otto. E com certeza ele não escreveria voluntariamente para um estranho.

Nella tem a sensação de estar sendo invadida, como se fosse observada de perto em sua tolice nupcial. “É Marin”, pensa. “Ela está se vingando por causa do casamento de Johannes e por eu estar em seu caminho. Derramou meu perfume de lírio, me proibiu de comer marzipã, me beliscou com força no braço. Foi *ela* quem me deu a *Lista de Smit*. Por que não pagaria para o miniaturista me assustar? Para ela, é só mais uma diversão frívola.”

Ainda assim. *Frívola* e *diversão* não são palavras que alguém associaria a Marin Brandt, e por mais que esteja pensando na cunhada, Nella sabe que isso não faz sentido. Marin come feito um rato e compra tanto quanto uma freira, exceto por seus livros e espécimes, que provavelmente foram furtados das viagens de Johannes. Isso não pode ser coisa de Marin, porque envolve gastar dinheiro. Mas quando Nella volta a olhar para as peças não requisitadas, parte dela torce para que seja mesmo coisa da cunhada. “Porque se não for Marin”, pensa, “que outro tipo de estranheza deixei entrar na minha vida?”

Alguém andou espionando a vida de Nella e a desequilibrou. Se esses objetos não foram mandados por engano, então o berço é uma zombaria de seu leito nupcial nunca visitado e do que começa a parecer uma virgindade eterna. Que tipo de pessoa se atreveria a ser tão impertinente? As cadelas, tão cheias de detalhes; as cadeiras, tão precisas; o berço, tão sugestivo. É como se o miniaturista tivesse uma visão perfeita e íntima.

Subindo outra vez na cama, Nella percebe o incômodo provocado por aquelas peças, como sua curiosidade se aguça com uma ponta de terror. “Não posso continuar assim”, pensa. “Não vou ser intimidada de longe tanto quanto sou de perto.”

Escutando o ruído constante do pêndulo dourado, cercada por aqueles objetos recebidos de forma inexplicável, ela

escreve um segundo bilhete para o miniaturista.

Senhor,

Agradeço pelos itens que pedi, entregues hoje por Jack Philips de Bermondsey. Sua habilidade é excepcional. O senhor faz milagres com as pontas dos dedos. O marzipã é especialmente gostoso.

A pena de Nella paira no ar, mas antes que possa mudar de ideia, a ponta reencontra o papel numa febril sucessão de palavras.

Entretanto, o senhor ampliou a encomenda de forma inesperada. Os lebréus, apesar de idênticos, podem sugerir um palpite de sorte, Seigneur, pois muitas pessoas na cidade têm esses cães. Ainda assim, eu não sou muitas pessoas, e esses cães, o berço e as cadeiras não me pertencem. Sendo esposa de um renomado comerciante da VOC não me deixarei intimidar por um artesão. Obrigada por seu trabalho e tempo, mas estou encerrando nossos negócios agora mesmo.
Atenciosamente,
Petronella Brandt

Ela esconde as peças debaixo da colcha e chama Cornelia, colocando a nota recém-rascunhada e selada na mão da criada antes que mude de ideia, admitindo que essa possibilidade é bem real. “Talvez eu tenha rejeitado alguma coisa aqui”, pensa, “um desafio, um propósito oculto para essas peças que vieram de surpresa, algo que nunca vai ser descoberto. Será que vou ficar um pouco arrependida? Não”, Nella se corrige. “Isso é só imaginação sua.”

Cornelia lê o endereço.

— O artesão de novo? — pergunta. — Aquela pessoa?

— Não abra — ordena Nella, e a criada assente, silenciada pela primeira vez pela urgência na voz da patroa.

Depois que Cornelia sai para ir até Kalverstraat, Nella se dá conta de que não devolveu as peças não solicitadas ao miniaturista. Uma de cada vez, ela as retira de baixo da colcha e as coloca na cristaleira. Parecem perfeitamente em casa.

Barco

No dia seguinte, Cornelia passa a impressão de estar revigorada.

— Venha, madame — diz a criada, entrando com Marin logo atrás. — Deixe que eu arrumo esses tufos do seu cabelo. Posso enfiá-los para baixo e escondê-los!

— Do que você está falando, Cornelia?

— Hoje à noite Johannes vai levar você a um banquete na Guilda dos Prateiros — explica Marin.

— Foi ideia dele?

Marin olha para a cristaleira, que está com as cortinas fechadas para evitar olhares curiosos.

— Ele adora banquete — responde a cunhada. — Achou apropriado que você fosse.

“Agora sem dúvida a aventura vai começar”, pensa Nella, “meu marido está jogando seu pequeno bote nos mares agitados da alta sociedade de Amsterdã, e ele, o melhor dos navegadores, estará lá para me guiar.”

Afastando de sua mente a miniatura dos lebréus e do berço, Nella inclina-se para debaixo da cama, passa os dedos na mancha do perfume de lírio e, bem na frente de Marin, esfrega-os no pescoço.

Depois que a cunhada sai, Nella pergunta a Cornelia o que aconteceu em Kalverstraat.

— Ninguém atendeu de novo — diz a criada. — Então enfiei o envelope debaixo da porta.

— Naquela com a placa do sol? Você não viu ninguém?

— Nem uma alma, madame. Mas Hanna mandou lembranças.

— Marin, por que você não vem? — pergunta Johannes naquela noite, enquanto espera o barco.

Ele está usando um terno elegante de veludo preto, camisa branca e colarinho engomados, e botas de pele de bezerro que foram polidas por Otto até parecerem espelhos. O criado espera com uma escova de tirar pelo de roupa.

— Considerando o momento, acho que você deve ser visto com sua esposa — responde Marin, encarando-o.

— O que você quer dizer com “considerando o momento”? — pergunta Nella.

— Converse com as pessoas, Johannes — diz Marin. — Exiba a sua…

— Vou apresentar você, Nella — interrompe ele, franzindo a testa para a irmã. — Acho que é isso que Marin quer dizer.

— E converse com Frans Meermans, irmão. Ele estará lá hoje — insiste Marin, emburrada. — Convide os dois para jantar.

Para surpresa de Nella, Johannes assente. Por que deixa a irmã falar desse jeito com ele?

— Johannes, você promete…

— *Marin.* — Ele finalmente se irrita ao som da voz dela. — Quando foi que gerenciei meus negócios de forma errada?

— Nunca. — Ela suspira. — Pelo menos, até agora.

A boca de Nella está seca, mas sua barriga está tão agitada quanto peixes num cesto. Durante a viagem de barco até a Guilda dos Prateiros é a primeira vez que ela e o marido ficam sozinhos fora de casa. Nella acha que o silêncio vai afogá-la, mas a voz dentro de sua cabeça é tão alta que tem

certeza de que Johannes também consegue escutar. Tem vontade de perguntar a ele sobre o quarto dos mapas de Marin, sobre Otto e o navio negreiro. Também quer contar sobre os minúsculos cães, o berço e o lindo alaúde em miniatura. Não dirá nada sobre a mulher na Kalverstraat a encarando — prefere guardar isso para si mesma — mas, de qualquer modo, sua boca não se mexe.

Johannes começa a limpar as unhas, distraído. Os semicírculos descartados de sujeira caem no chão do barco, e ele a flagra olhando.

— Cardamomo — diz ele. — Fica preso nas unhas. Assim como sal.

— Entendo.

Nella inspira o ar do barco, os indícios dos lugares onde ele esteve, o cheiro de canela entranhado em seus poros. Seu marido recende de leve ao aroma almiscarado que ela sentiu no escritório na noite em que ele chegou em casa. O rosto moreno e o cabelo comprido demais, clareado e endurecido pelo sol e pelo vento, lhe despertam um desejo constrangedor, não necessariamente por ele, mas por saber como será quando enfim dormirem juntos. O presente de casamento e agora essa viagem para a Guilda… Será que pode acontecer esta noite, depois do banquete? Os dois corados pelo vinho… farão isso.

A água é tão tranquila e o barqueiro tão experiente que as casas parecem estar se movendo, e não o barco. Nella, mais acostumada a andar a cavalo, fica inquieta com o ritmo lento, agindo de forma supostamente tranquila quando na verdade isso é tudo que ela não está. Tenta acabar com sua agitação pressionando as palmas das mãos. *Como eu começo a amar você?* Essa pergunta, importante, impossível de ignorar, não sai da sua cabeça enquanto ela encara Johannes.

Nella tenta se concentrar em como deve ser o salão dos prateiros, um cômodo todo iluminado, pratos que parecem moedas gigantes, os convidados sendo refletidos em todas as superfícies.

— O que você sabe sobre as associações? — pergunta Johannes, interrompendo seu fluxo de pensamentos.

— Nada — responde ela.

O marido absorve sua ignorância com um gesto de cabeça e Nella percebe, desejando soar mais esperta.

— A Guilda dos Prateiros tem muito dinheiro — conta ele. — É uma das mais ricas. As associações oferecem proteção em tempos difíceis, aprendizado e meios de fazer negócios, mas também determinam a carga de trabalho e controlam o mercado. É por isso que Marin está tão entusiasmada em vender açúcar.

— Como assim?

— Bem, assim como chocolate e tabaco, além de diamantes, seda e livros, esse é um mercado aberto. Não há guilda para esses produtos. Posso determinar meu preço… Ou Frans e Agnes podem.

— Então por que estamos indo à Guilda dos Prateiros?

Ele sorri.

— Comida de graça. Não, estou brincando. Eles querem que eu amplie minha clientela e é bom que me vejam fazendo isso. Sou a brecha no muro que leva ao jardim mágico.

Nella imagina quão mágico é o seu jardim, quanto ele de fato pode dispender. Marin pareceu tão desconfortável com o dinheiro gasto na casa de bonecas… e o que foi que Otto disse? *As coisas transbordam*. “Não seja boba”, pensa ela. “Você mora no Herengracht agora.”

— Marin parece querer muito que você venda o açúcar de Frans Meermans — ela se atreve a dizer, mas se arrepende no mesmo instante.

Há uma longa pausa, tão longa que Nella acredita preferir morrer a ter que suportá-la por mais tempo.

— A plantação é de Agnes Meermans — diz Johannes, por fim. — Mas Frans assumiu o controle. O pai de Agnes morreu ano passado, sem deixar filhos homens... Embora não tenha desistido de sexo até dar o último suspiro. — Ao ver Nella corar, ele se detém. — Desculpe. Não quis ser grosseiro. O pai dela era um homem horrível, mas ainda assim Agnes herdou suas terras com plantações de cana. É o nome de uma mulher que consta nos documentos, apesar de todos os esforços do seu pai. E agora ela entregou a Frans. Da noite para o dia, os pães de açúcar os transformaram em mercenários. Era o que estavam esperando.

— *O que* eles estavam esperando?

Johannes faz uma careta.

— Uma boa oportunidade. Estou estocando o açúcar no meu depósito, e concordei em vendê-lo. Minha irmã vive duvidando de que eu vá fazer isso.

— Por quê?

— Porque Marin fica sentada em casa tendo ideias, mas não entende as verdadeiras nuances de um negócio. Faço isso há vinte anos... Há tempo demais. — Ele suspira. — É preciso tomar cuidado ao negociar, mas ela sai atropelando tudo como um elefante.

— Entendo — diz Nella, embora não tenha ideia do que seja um elefante. Soa como se fosse uma flor elegante, mas o marido não parecia estar fazendo um elogio à irmã. — Johannes, Marin é... *amiga* de Agnes Meermans?

Ele ri.

— Elas se conhecem há muito tempo e às vezes é difícil amar alguém que conhecemos tão bem. Essa é a resposta. Não fique chocada.

A observação atinge Nella como uma pedra de gelo.

— Você acha mesmo isso, Johannes?

— Quando conhecemos realmente uma pessoa, Nella, quando enxergamos além dos gestos mais amáveis, dos sorrisos, quando vemos a raiva e o medo patético que cada um de nós esconde, então o perdão é tudo. Todos nós precisamos desesperadamente disso. E Marin... Marin não sabe perdoar. — Ele faz uma pausa. — Há certos... degraus na sociedade... e Agnes adora subi-los. O problema é que ela nunca gosta da vista. — Os olhos dele brilham com uma piada imperceptível. — Enfim. Aposto um florim que Frans estará usando o maior chapéu do salão, e que foi Agnes que o obrigou a colocá-lo.

— As esposas vão a esses banquetes com frequência?

Ele sorri.

— As mulheres costumam ser *interdites*, exceto em ocasiões especiais. No entanto, há certa liberdade entre as mulheres de Amsterdã que não existe entre as francesas e inglesas.

— Liberdade?

— As mulheres podem andar sozinhas na rua. Casais até podem ficar de mãos dadas. — Ele faz outra pausa, olhando pela janela. — Esta cidade não é uma prisão, se a pessoa trilhar seu caminho corretamente. Os estrangeiros podem expressar desaprovação, com seus *well I never* e *alors*, mas tenho certeza de que sentem inveja.

— Claro — responde Nella, mais uma vez sem reconhecer as palavras estrangeiras, não entendendo nada do que ele diz.

Interdites. No pouco tempo em que ela está naquela casa, Johannes muitas vezes falou em outras línguas, e ela sempre fica impressionada quando ele faz isso. O marido não parece estar se gabando, é mais como buscar algo que seu próprio idioma nunca alcançará. Nella percebe que nenhum homem — nenhuma pessoa, na verdade — nunca

tinha falado com ela como ele fez naquela noite. Apesar das alusões misteriosas, Johannes a trata de igual para igual, esperando que ela o entenda.

— Venha aqui, Nella — chama ele.

Obediente, com um pouco de medo, ela se aproxima, e Johannes ergue gentilmente o queixo dela para alongar seu pescoço. Nella retribui o olhar e eles se examinam feito escravo e mestre num mercado. Segurando o rosto dela com as mãos, ele acaricia o contorno de suas bochechas jovens. Ela se inclina para a frente. As pontas dos dedos dele são ásperas, mas esse é o momento que Nella tanto aguardara. A cabeça dela lateja ao sentir o toque dele. Nella fecha os olhos, lembrando-se das palavras da mãe: *a moça quer amor. Ela quer os pêssegos e ainda por cima o creme.*

— Você gosta de prata? — pergunta Johannes.

— Gosto — sussurra Nella, sem querer estragar esse momento tagarelando.

— Nada neste mundo é mais bonito do que prata — diz Johannes.

As mãos dele se afastam de seu rosto, os olhos dela se abrem de repente e Nella sente um súbito constrangimento por estar naquela posição.

— Vou mandar fazer um colar para este pescoço.

A voz dele soa muito distante do bramido dos seus pensamentos. Ela se afasta, esfregando o pescoço como se o trouxesse de volta à vida.

— Obrigada — ouve-se dizer.

— Você é uma esposa agora. Temos que vesti-la com elegância.

Johannes sorri, mas a frase é como um golpe para Nella, que sente o medo pesar dentro de si. Ela percebe que não tem nada a dizer.

— Não vou machucar você, Petronella.

Pela janela, a moça observa a sequência sem fim de fachadas de casas. Apertando bem as pernas, imagina o momento da penetração. Será que algo nela vai se romper? Vai doer tanto quanto ela teme? Independentemente de qual seja a sensação, Nella sabe que não pode evitá-la, que deve ser superada.

— Estou falando sério — diz Johannes. — Muito sério.

Agora é sua vez de se inclinar para ela. O cheiro de sal e cardamomo, além de sua estranha masculinidade, ameaçam dominá-la.

— Nella, Nella, está ouvindo?

— Sim, estou, Johannes. Eu… você não vai me machucar.

— Que bom. Não tem por que ter medo de mim.

Ao dizer isso, Johannes recua, olhando as casas à margem do canal. Nella pensa na imagem do livro de viagem de Marin, o nativo e o conquistador, quilômetros de incompreensão entre seus corpos. Já anoiteceu de vez. Ela observa as luzes dos barcos menores e sente-se totalmente sozinha.

Encontros de casais

O salão de refeições da Guilda dos Prateiros é grande e está lotado de gente cujos rostos se misturam num borrão de olhos, bocas e penas arremetendo das abas dos chapéus. Em volta, aumenta o som de prataria sobre prataria, as risadas dos homens ecoando nas paredes, num delicado contraponto ao riso contido das mulheres. Há uma quantidade quase monstruosa de comida. Mesas compridas e cobertas com toalhas brancas de seda foram alinhadas, amontoadas com pratos de frango, peru, frutas cristalizadas, tortas de carnes variadas e candelabros de prata torcida. Johannes entrelaça com força seu braço ao de Nella e eles percorrem o corredor vertiginoso, mantendo-se próximos ao painel de mogno escuro. Sussurros e risadas abafadas parecem atravessar o salão com a passagem dos dois.

As outras esposas deslizam para seus lugares, parecendo saber onde se sentar. Todas estão vestindo preto, o colo cheio de enfeites de renda, com apenas uma parte da pele branca à mostra. Uma mulher em especial lança um olhar, cintilante como azeviche à luz de velas, focando-o em Nella. Seu jeito de encará-la não poderia ser mais diferente do que o da mulher na Kalverstraat.

— Sorria e sente-se comigo — diz Johannes, abrindo um sorriso experiente para a esposa. — Vamos forrar o estômago antes de enfrentar as massas.

Nella pensa que, se não fosse toda aquela comida, seria devorada viva.

Eles ocupam seus lugares em uma mesa onde o primeiro prato de caranguejo foi servido.

— Vejo muito de mim mesmo na comida — observa Johannes, erguendo seu garfo com caranguejo.

Nella, observando os talheres lustrosos de prata e as grandes jarras de vinho, pergunta-se o que o marido quer dizer com isso. Diante dessas outras pessoas, os problemas de Johannes com Marin são esquecidos. Ele é cordial, ciente dos olhares dos convidados ali reunidos, conversando com sua jovem esposa como se tivessem passado duas décadas juntos enfrentando os sete mares.

— Sementes de cominho e experimentar um novo queijo me fazem lembrar que sou capaz de sentir prazer — diz Johannes, alto. — Manteiga de Delft, tão boa e cremosa, muito diferente das outras, me dá enorme satisfação. Eu vendo pratos de porcelana em Delft, então levo várias manteigas. E a manjerona e a cerveja de ameixa de Cornelia me deixam mais feliz que um negócio bem-sucedido. Ela tem que preparar um pouco para você.

— Minha mãe faz — responde Nella, começando a ficar intimidada com os ruídos de mastigação e dos talheres.

Ela sente-se sugada pela energia do salão, tão cristalizada quanto os grandes pedaços de fruta.

— Figos e coalhada para um café da manhã bem cedo no verão — prossegue Johannes, distraído. — Uma alegria especial, que me faz voltar à infância. Esse é o único sabor dessa época que lembro até hoje. — Ele olha para a esposa. — Você sem dúvida se lembra da sua, pois não faz muito tempo.

Nella se pergunta se essa alfinetada é proposital ou um sintoma do seu nervosismo por estar acompanhado, sob o escrutínio de todos. De qualquer modo, sente vontade de discordar. Neste momento, sua infância parece incrivelmente distante. Foi substituída por incerteza, um

leve temor constante. O medo em sua barriga, que parecia uma pedra, se parte numa ansiedade enjoativa. Ela detesta a cacofonia do salão, o timbre das conversas, a invasão do desconhecido.

— Faz muito tempo que saí do berço — murmura, pensando no objeto indesejado do miniaturista e ficando ainda mais confusa.

— As lembranças vêm através da comida — diz Johannes. — O próprio alimento é uma linguagem. Cenouras, nabos, alhos-porós e chicórias, e eu ainda faço barulho mastigando quando não tem ninguém ouvindo. E peixe! Linguado, solha, limanda e bacalhau são meus favoritos, mas comerei qualquer outra coisa oferecida pelos mares e rios da minha república.

Nella percebe um tom protetor no modo que ele fala, como se esperasse que suas palavras impedissem que a mente dela se encha de preocupação.

— O que você come quando está em alto mar? — pergunta ela, reunindo coragem para participar daquele jogo.

Ele baixa o garfo.

— Outros homens.

Nella dá risada, uma explosão tímida que cai entre eles e aterrissa na toalha de mesa. Johannes põe outro pedaço de caranguejo na boca.

— Canibalismo é a única forma de sobreviver quando a comida acaba, mas prefiro comer batata. Minha taverna favorita na cidade fica nas Ilhas Orientais, perto do meu depósito. Lá encontro as batatas assadas mais macias. — Ele espeta o caranguejo no prato. — É meu lugar secreto.

— Mas você acabou de me contar.

Ele larga o garfo.

— Contei — reconhece ele. — Contei mesmo.

Johannes parece refletir sobre a observação e desvia o olhar para o caranguejo. Sem ter nada a dizer, Nella também observa a carne espalhada e perecível, as pinças cor de tinta, a carapaça em tons raivosos de vermelho. Arrancando uma pata e usando o garfo para pegar o último pedaço da carne branca fibrosa, ele cumprimenta um dos prateiros. Nella pega uma pequena porção do seu crustáceo. Está salgado e fica preso em seus dentes.

Johannes a deixa depois de terminar o caranguejo.

— Não vou demorar — diz, com um suspiro. — Negócios. — Ele faz isso parecer uma obrigação e vai até um canto onde há homens reunidos.

Sozinha, Nella se sente totalmente exposta, mas assiste com fascínio a seu marido se transformar. Se Johannes está cansado de falar de trabalho, comissões, a situação dos negócios, consegue disfarçar. Ele é muito bonito comparado aos outros, apesar de todos aqueles casacos elegantes e botas de couro. Ouve-se risadas acima dos chapéus, as cabeças dos homens pendem para trás. No meio de rostos pensativos e inclinados com as bochechas coradas e as barbas salpicadas de pequenos pedaços de caranguejo está Johannes, bronzeado, sorrindo.

“Eu poderia amá-lo”, pensa Nella. “Deve ser fácil ser esposa de um homem como ele. E o amor tem que vir, ou não posso viver. Talvez cresça aos poucos, como uma das sementes invernais de Otto.”

Aprendizes começam a se aproximar de Johannes, mostrando a ele o que fizeram. Ele ergue cada peça, manejando as jarras e os vasos de prata de forma delicadamente respeitosa. Um elogio seu faz os jovens irem embora satisfeitos. Os outros comerciantes se afastam, observando Johannes com olhos perspicazes enquanto ele abre espaço para um debate artístico, defendendo a superioridade dos méritos de entalhes com estampas

marinhas em comparação com as florais. Johannes parece entendido, observador, completamente fora do comum. Anota nomes, guarda uma caixa prateada, diz para um aprendiz encontrá-lo na VOC.

Nella está observando seu segundo prato, uma tigela de vieiras regada com molho de carneiro e cebola, quando a mulher com olhos inquietos se aproxima. Está com as costas esticadas, o cabelo claro retorcido num coque elaborado e coroado com uma faixa de veludo preto com pérolas. Em silêncio, Nella agradece a Deus por Seus pequenos milagres, pois as habilidades de Cornelia com a costura fizeram seu vestido cair perfeitamente.

A mulher para diante da mesa, fazendo uma reverência.

— Bem, disseram que você era jovem. Ele abandonou você?

Nella segura firme as laterais de sua tigela.

— Tenho dezoito anos.

A mulher se empertiga, percorrendo o salão com os olhos.

— Ficamos imaginando como você seria — continua, no mesmo tom de voz baixo. — Mas posso ver que com a esposa Brandt mantém o mesmo padrão que exige das outras coisas. O nome Oortman é *muito* antigo. E o que diz mesmo o Eclesiastes? Um bom nome é melhor do que um perfume finíssimo! — Seu tom é solícito, de admiração, mas há algo nele que atinge a vulnerabilidade de Nella.

Ela tenta sair do banco, mas a mesa e sua saia rodada conspiram para mantê-la presa ali. A mulher espera pacientemente por um cumprimento, observando o esforço de Nella. Saindo, enfim, do espaço estreito entre a mesa e o banco, Nella se inclina, o rosto se aproximando da saia preta de brocado da mulher, aberta diante dela como as asas de um corvo sufocado.

— Ah, levante-se, criança — diz a mulher.

“Tarde demais, madame”, pensa Nella.

— Sou Agnes, esposa de Frans Meermans. Moramos sob a placa da raposa, em Prinsengracht. Frans adora caçar, então escolheu o local pessoalmente.

Essa oferta de intimidade paira no ar de forma constrangedora, e Nella apenas sorri, já tendo aprendido com Marin que o silêncio é uma vantagem marginal.

Agnes dá tapinhas no próprio coque e Nella entende qual é sua intenção com os anéis enfeitando cada um dos seus dedos — pequenos rubis, ametistas e o verde aquoso da esmeralda. Não é um costume holandês usar todas aquelas pedras preciosas para todo mundo ver, a maioria das mulheres usa as joias bem escondidas debaixo das roupas. Nella tenta imaginar a mão de Marin brilhando daquele jeito.

Diante do silêncio da garota, Agnes dá um sorriso tenso e prossegue:

— Somos praticamente vizinhas, fazemos parte do mesmo *gebuurte*.

Agnes Meermans tem um jeito estranhamente forçado de falar, as palavras não são espontâneas, como se ela andasse ensaiando sua graciosidade diante de um espelho. Nella observa a auréola de pérolas que contorna a cabeça soberba da mulher. As pérolas têm o mesmo tamanho de dentes de leite e cintilam à luz bruxuleante dos candelabros.

Talvez Agnes seja um pouco mais velha que Marin, mas seu rosto fino e comum não tem marcas: nada de verrugas ou manchas de sol, nem olheiras, nenhum sinal de trabalho ou filhos. Ela parece etérea, com pouca experiência de vida, exceto pelos olhos escuros, que piscam depressa e depois se estreitam numa ociosidade felina.

Agnes observa o vestido prateado de Nella, a cintura fina.

— De onde você é? — pergunta.

— De Assendelft. Meu nome é Petronella.

— Um nome comum, partilhado por muitas mulheres nesta cidade. Você gostava de Assendelft?

Nella nota que os dentes de Agnes são ligeiramente manchados. Pensa em qual é a melhor resposta para dar a essa mulher, que parece testá-la.

— Faz onze dias que saí de lá, madame, mas parece que tem uma década.

Agnes ri.

— O tempo é uma vela teimosa quando somos jovens. E como Marin encontrou você?

— Me encontrou?

Agnes ri de novo, interrompendo Nella. Solta o ar de leve, depois inspira com desdém. Isso não é uma conversa, é Agnes disparando dardos e os vendo fincarem. Parece haver um traço permanente de diversão em sua voz, mas Nella tem certeza de que há algo mais por baixo de sua segurança simulada, algo que ela sente, mas não consegue definir. Olha diretamente para Agnes e sorri, defendendo sua angústia com dentes mais brancos e jovens.

Em volta delas, o aroma de frango e de frutas assadas e o barulho do vinho sendo servido ameaçam invadir seu pequeno círculo, mas o magnetismo que Nella sente por Agnes afasta todo o resto.

— Uma noiva para Johannes Brandt — diz Agnes com um suspiro, puxando Nella com simultânea delicadeza e insistência pelo braço para sentar-se com ela no banco. — Faz *tanto* tempo. Marin deve estar muito satisfeita. Ela sempre disse que ele tinha que ter filhos. Mas Brandt era exasperante com herdeiros.

— Não entendo.

— “Não há garantia”, dizia ele. “Feios saem das pernas de uma beldade, mal-educados recebem bons cuidados, e alguns viram estúpidos apesar de terem pais inteligentes.”

De certo modo é engraçado, como Brandt sempre é. Mas um homem precisa passar suas coisas adiante.

Parece tão desrespeitoso, tão irreverente o fato de Agnes usar apenas o sobrenome de Johannes e falar dele com tamanha liberdade. Nella se sente afrontada, muda, incapaz de imaginar em que circunstâncias Johannes pode ter falado sobre herdeiros com aquela mulher peculiar.

Agnes pega uma jarra e serve duas taças de vinho para elas. Por alguns momentos as duas mulheres ficam em silêncio, avaliando a lenta embriaguez, os respingos do vinho do porto na toalha de seda, o cintilar de pratos limpos, o resto da comida sendo servida.

— A Gouden Bocht — diz Agnes, examinando Nella como se ela fosse as cartas de um baralho. — Vindo de Assendelft, deve parecer tão longe quanto a Batávia.

Ela coloca uma mecha de cabelo imaginária atrás da orelha, os dedos cheios de anéis brilhando outra vez.

— Um pouco.

— Mas um amor como o meu… é tão raro! Frans me mima — sussurra ela em tom conspiratório. — Assim como Brandt vai mimar você.

— Espero que sim — responde Nella, sentindo-se ridícula.

— Meu Frans é um homem bom — diz Agnes.

A observação não solicitada paira como um desafio, e Nella pensa em sua estranha provocação. Talvez seja uma conversa moderna, belicosa e inquietante fazendo-se passar por um bate-papo comum.

— E você conheceu o Preto? — prossegue Agnes. — Um *assombro*. Há centenas na minha propriedade no Suriname, mas não conheci nenhum deles.

Nella toma um gole de vinho.

— Você está se referindo a Otto. Já foi ao Suriname?

Agnes ri.

— Como você é boazinha!

— Então nunca esteve lá?

O sorriso de Agnes some. Ela parece quase triste.

— Termos recebido a propriedade foi um maravilhoso exemplo da caridade de Deus, madame. Nada de irmãos a espreita, sabe... apenas eu. Jamais arriscaria a vida numa viagem de três meses agora que Deus me encarregou do açúcar de papai. Como eu poderia honrar a memória dele estando presa num barco em um lugar qualquer?

O vinho de Nella sobe ao nariz. Agnes se inclina mais para perto.

— Acho que o Preto não deve ser um escravo no sentido *preciso* da palavra — diz ela. — Brandt não nos deixa chamá-lo *assim*. Conheço um casal de regentes que tem um aqui em Amsterdã. Eu gostaria de ter um que tocasse música. O tesoureiro geral tem *três*, dos quais um deles é mulher *e* sabe tocar viola! Prova de que se pode comprar qualquer coisa sob o sol, suponho. Como será que deve ser para ele? Todos nos perguntamos isso. É a cara de Brandt trazê-lo para casa...

— Agnes — chama uma voz, e Nella se levanta depressa. — Por favor — diz o homem diante delas, fazendo um gesto para confirmar que não há necessidade de mesura vestindo aquele tafetá pesado.

Os dedos ágeis de Agnes se contorcem em seu colo.

— Meu marido, Seigneur Meermans — apresenta. — Esta é Petronella Oortman.

— Petronella Brandt — corrige ele, olhando em volta do salão. — Eu sei.

Por um momento, essa cena — o homem de pé, a mulher sentada ao lado dele, ambos vestindo sua riqueza, ligados por laços invisíveis — é a mais perfeita imagem de um casamento que Nella já viu. A unicidade deles é intimidante.

Frans Meermans é um pouco mais jovem que Johannes, e seu rosto largo não foi castigado pelo vento nem pelo sol.

Aquela mandíbula larga e sem barba seria capaz de mastigar cinco vieiras ao mesmo tempo. Ele segura um chapéu, que tem a aba mais larga que a de qualquer outra pessoa no salão. “Um florim para você, Johannes”, pensa Nella, perguntando-se que outras apostas seu marido ganha.

Meermans é o tipo de homem que logo mais vai engordar, supõe ela. E deve mesmo, considerando a comida que servem nesses lugares. Ele recende levemente a cachorro molhado e fumaça de lenha, aromas mais fortes que o creme corporal de frutas que sua esposa passou. Frans se inclina para a frente e pega uma colher brilhante.

— Você é prateira? — pergunta.

Agnes dá um sorriso forçado com a piada sem graça.

— Vamos conversar com Johannes esta noite? — indaga ela.

Instintivamente, Meermans ergue a cabeça e percorre o salão com os olhos. Johannes se afastou do grupo perto da mesa de Nella e sumiu de vista.

— Vamos — responde ele. — Já faz quase duas semanas que o açúcar está no depósito dele.

— Nós... você... precisa concordar com os termos. Só porque *ela* não vai comer nada doce não significa que os outros também não vão. — Agnes solta um *rá* nada divertido, depois serve-se de outra taça de vinho, com a mão tremendo um pouco.

Nella se levanta.

— Tenho que encontrar meu marido.

— Ele já está vindo — diz Agnes, de forma recatada.

Meermans aperta a aba do seu chapéu. Agnes faz uma reverência lenta e exagerada quando Johannes se aproxima. Meermans enrijece a coluna e estufa o peito.

— Madame Meermans — cumprimenta Johannes.

Os dois homens não se cumprimentam com a saudação cortês.

— Seigneur — murmura Agnes, os olhos escuros absorvendo o corte caro do casaco de Johannes.

Para Nella, parece que Agnes está fazendo um grande esforço para não estender o braço e acariciar a lapela de veludo de Johannes.

— Vejo que está espalhando sua mágica de sempre esta noite.

— Não é mágica, madame. Apenas eu.

Agnes olha de relance para o marido, que parece concentrado na toalha de mesa. Como se pudesse sentir o olhar dela em seu pescoço, Meermans fala:

— Gostaríamos de conversar sobre o açúcar... — Ele não termina a frase e Nella percebe uma sombra em seu rosto parcialmente escondido.

— Quando será vendido? — questiona Agnes, a pergunta golpeando o ar.

— Tenho tudo sob controle, madame.

— É claro, Seigneur. Eu nunca duvidaria...

— A corrupção de Van Riebeeck no Goede Hoop, esses malditos imperadores em nossos postos militares mais avançados — diz Johannes. — Os corruptos da Batávia, mercados negros no Oriente... As pessoas estão ansiando por bons produtos, e vou dizer a elas que é a senhora quem os fornece, madame. As Índias Ocidentais acabarão salvando todos nós, eu suponho. Mas não levarei seu açúcar aos pregões. A arena de negociação é um circo, os corretores parecem aves de rapina loucas. Esse açúcar exige uma liberação cuidadosa e controlada no exterior...

— Mas não para os ingleses — interrompe Agnes. — Odeio os ingleses. Os problemas que causaram para o meu pai no Suriname...

— Nunca para os ingleses — garante Johannes. — Está tudo bem estocado — acrescenta com tranquilidade. — Se quiserem, podem verificar.

— O senhor é muito inusitado, insistindo em vender no exterior — observa Meermans. — A maioria dos bons holandeses manteria um tesouro desses para si e, levando em conta a qualidade do produto, conseguiria um ótimo preço.

— Acho que todo esse *amour-propre* é autodestrutivo — afirma Johannes. — Não ajuda a ninguém. No exterior nos consideram pouco confiáveis. Não quero ser assim. Por que não difundir a reputação do seu açúcar?

— Para o bem ou para o mal, depositamos nossa confiança no senhor.

— Estou guardando um pão de açúcar em casa — interrompe Agnes, apaziguando o ambiente. — É tão... lindamente *sólido*. Duro como diamante, tão doce quanto um filhote. É o que meu pai costumava dizer. — Ela mexe na renda em seu pescoço. — Mal suporto quebrá-lo.

Nella oscila, um pouco embriagada, olhando as gotas que ficaram em sua taça de vinho.

— Vou navegar até Veneza por vocês dois — informa Johannes. — Há muitos compradores lá. Não é o melhor momento para a chegada do açúcar, mas tenham certeza de que haverá venezianos interessados em comprar.

— Venezianos? — Agnes arqueja. — *Papistas?*

— O pai dela se dedicou muito, Seigneur Brandt — comenta Meermans — e não foi para encher a barriga dos católicos.

— Mas um florim é igualmente útil, não importa de que bolso venha, não é? Um verdadeiro homem de negócios sabe disso. Veneza e Milão consomem açúcar tanto quanto nós holandeses respiramos...

— Venha, Agnes — interrompe Frans. — Estou cansado. E cheio.

Ele enfia o chapéu na cabeça como se quisesse interromper os próprios pensamentos. Agnes continua esperando de pé, enquanto o silêncio constrangedor se estende.

— Então, boa noite — despede-se Johannes, por fim, o sorriso largo incapaz de esconder a fadiga em seus olhos.

— Fiquem com Deus — diz Agnes, entrelaçando o braço no do marido.

Enquanto o casal segue seu caminho pelo painel de mogno, pelas toalhas de mesa destruídas, as jarras de prata emborcadas e os restos de comida, Nella vai ficando mais preocupada.

— Johannes — começa —, Marin disse que deveríamos convidá-los...

Ele põe a mão no ombro dela e a esposa parece afundar sob seu peso.

— Nella. — Ele dá um suspiro. — Sempre temos que deixar pessoas como essas querendo mais.

Porém, quando Agnes lança para ela um olhar arrogante por cima do ombro, Nella não tem tanta certeza.

Escritório

No caminho de volta, Johannes deita no barco, esticado como uma foca na areia da praia.

— Você conhece muitas pessoas, Johannes. Elas admiram você.

Ele sorri.

— Acha que elas falariam comigo se eu não fosse rico?

— Nós somos ricos? — pergunta ela.

As palavras saem antes que Nella possa evitar, a preocupação evidente em sua voz, o tom inquiridor muito alto e acusatório.

Johannes vira a cabeça para olhá-la, o cabelo preso no banco sob seu rosto.

— Qual é o problema? — indaga ele. — Ignore Marin e as coisas que ela diz. Ela adora se preocupar.

— Não tem a ver com Marin — responde Nella, em seguida se perguntando se de fato não tem.

— Só porque alguém diz algo com um pouco de entusiasmo não significa que seja verdade. Já fui bem mais rico. Também já tive bem menos dinheiro que agora. Nunca parece ser uma diferença visível. — A voz dele se torna mais lenta, inebriada por causa da comida e da noite exaustiva. — Não se pode realmente tocar na minha fortuna, Nella. Ela está no ar, aumentando, diminuindo. Crescendo de novo. As coisas que ela compra são sólidas, mas podemos colocar as mãos nela tanto quanto numa nuvem.

— Mas, marido, com certeza não há nada mais sólido que uma moeda…

Quando ele boceja e fecha os olhos, Nella imagina o dinheiro do marido, não mais que umidade, dissolvendo-se e retomando forma, sem aviso.

— Johannes, há uma coisa que eu preciso contar. — Ela faz uma pausa. — Tem um… miniaturista que eu contratei…

Ao olhar para ele, porém, Nella vê que o marido sucumbiu ao torpor de um estômago cheio. Ela deseja acordá-lo para lhe fazer mais perguntas. Ao contrário de Marin, Johannes sempre lhe dá respostas interessantes. Pareceu inquieto depois que Frans e Agnes partiram, os olhos cinza desviando para pensamentos íntimos, trancando-a outra vez do lado de fora. Por que Meermans pareceu tão menos entusiasmado que a esposa ao negociar com Johannes? Por que Johannes não os convidou para a casa deles?

Nella sente o resíduo da fragrância do creme de Agnes em suas mãos. A barriga ronca sob a anágua de renda e ela gostaria de ter comido mais. A idade de Johannes se apresenta no modo como as pálpebras pendem e o queixo é atraído em direção ao peito. O rosto parece forte e calejado, um príncipe de conto de fadas aos trinta e nove anos. Nella pensa nos silêncios que se seguem às conversas animadas, antes de ele cair novamente numa distração sombria. Ela fecha os olhos, levando a mão à barriga plana. *Assim como Brandt vai mimar você*.

A lembrança do bilhete de amor escondido no quarto de Marin volta à sua mente. De onde veio? Há quantos dias — ou anos — repousa ali em meio àquelas páginas? Nella se pergunta o que Marin sente quando o lê — prazer ou desdém? O toque suave de zibelina na sobriedade de seu simples corpete preto, o buquê de noiva, um crânio amarelado apoiado nas prateleiras. Não. Ninguém jamais ia mimar Marin. Ela não permitiria.

Nella ergue a mão em meio à penumbra, olhando sua aliança, as unhas parecendo conchas em um cor-de-rosa

desbotado. Em Assendelft, havia apenas uma praça, mas ao menos as pessoas sentadas lá a escutavam. Aqui ela é um fantoche, um vaso onde os outros despejam seus discursos. E não foi com um homem que Nella se casou, mas com um mundo. Prateiros, uma cunhada, pessoas estranhas, uma casa na qual se sente perdida, uma versão menor dessa mesma casa que a assusta. Há muitas coisas ostensivamente à disposição, mas Nella sente que algo é tirado dela.

Quando entram em casa, ela se vira, determinada a falar — mas agora Johannes está curvado, interagindo com Rezeki. Está claro que é sua favorita, e Johannes passa a mão na cabeça da cadela. Rezeki mostra os dentes, com um prazer nada agressivo. Ninguém acendeu as velas no saguão. O lugar está bastante escuro, não há luar entrando pelas janelas altas.

— Eles alimentaram você, minha linda? — pergunta ele com a voz gentil, repleta de amor.

O *whippet* responde batendo o rabo com força nos ladrilhos, e Johannes ri.

A risada irrita Nella, a atenção que ela tanto deseja dada a um animal.

— É melhor eu ir para a cama, então — diz ela.

— Sim, sim — responde ele, se levantando. — Você deve estar cansada.

— Não, Johannes. Não estou cansada.

Ela o encara até ele desviar o olhar.

— Tenho que fazer algumas anotações sobre os homens que conheci.

Johannes caminha para o escritório e a cadela o segue imediatamente.

— Ela vai fazer companhia para você? — pergunta Nella.

“Onze dias sozinha como esposa”, pensa. “Mais tempo do que Deus levou para criar o mundo.”

— Ela me ajuda — responde. — Se tento resolver um problema sozinho, não consigo. Se paro para cuidar dela, a reposta vem.

— Então ela é útil.

Johannes sorri.

— É, sim.

— E quanto você pagou pelo Otto… ele é útil? — questiona ela, a voz fria e estridente com a tensão.

A expressão de Johannes se fecha e Nella sente o sangue esquentar o próprio rosto.

— O que Agnes disse para você? — indaga ele.

— Nada — responde ela.

No entanto, a verdade é que as palavras de Agnes ficaram marcadas em sua mente.

— Eu apenas paguei adiantado os primeiros salários de Otto — diz ele, com a voz neutra.

— Otto acha que você o libertou?

Johannes exibe uma expressão contrariada.

— Isso incomoda você, Petronella? Viver aqui com ele?

— Nem um pouco. Eu só… eu nunca… quer dizer…

— Otto é o único criado que já tive — justifica Johannes. — E o único que vou ter.

Ele se vira. “Não vá embora”, pensa Nella. “Se você for, vou me tornar invisível agora mesmo, neste corredor, e ninguém nunca me encontrará outra vez.” Ela aponta para a cadela, sentada obedientemente ao lado dele.

— Essa é Rezeki ou Dhana? — pergunta Nella.

Johannes ergue as sobrancelhas, acariciando o animal com afeto.

— Você tem prestado atenção. Esta é Rezeki. Dhana tem uma marca na barriga.

“Eu sei”, pensa Nella, imaginando a pequena cadela lá em cima, esperando-a na cristaleira.

— Elas têm nomes estranhos.

— Não se você for de Sumatra.

— O que Rezeki significa? — Nella se sente jovem e idiota.

— Sorte — responde ele, entrando no escritório e fechando a porta.

* * *

Nella espreita na escuridão do corredor, uma corrente de ar frio soprando como se outra porta tivesse sido aberta para além da grande extensão de ladrilhos de mármore. Os pelos em sua nuca se arrepiam. Há alguém nas sombras.

— Olá? — chama ela.

Ao longe, da cozinha, emergem vozes indistintas, murmúrios urgentes, um eventual retinido de panela. A sensação de estar sendo observada diminui um pouco, e esses barulhos, embora distantes, são um conforto. A casa faz com que Nella perca o senso de proporção e, como se para se certificar, ela estende a mão e toca a madeira sólida do batente da porta de Johannes. Quando ouve bem atrás dela o que acredita ser uma inspiração, e algo se esfrega na bainha de seu vestido, Nella bate com as duas mãos na porta do escritório.

— Marin, agora não.

— Sou eu, Nella!

Johannes não responde, e ela encara a escuridão, tentando não deixar que o terror a vença.

— Johannes, *por favor*, me deixe entrar.

Quando a porta se abre, o brilho amarelo é tão bem-vindo que Nella quase chora.

* * *

O que a surpreende é que o escritório parece muito mais habitado que qualquer outro cômodo da casa em que já estivera. É um lugar com um propósito bem-definido. Sabe para que serve e é o mais perto que Nella já se sentiu do marido. Depois que ela entra e ele fecha a porta, Nella tenta espantar o medo que sentiu no corredor.

— Não tem ninguém lá fora, Nella — diz ele. — É só a escuridão. Por que você não vai para a cama?

Ela se pergunta como o marido sabia de seu medo, assim como também sabia que Agnes a tinha perturbado com relação a Otto. “Ser observada por Johannes é como ser esquadrinhada por uma coruja”, pensa. “Você se sente imobilizada.”

Do lado de fora começou a chover, um suave tamborilar noturno, ritmado e conhecido. Há um cheiro forte de papel no pequeno cômodo, uma alta mesa de madeira presa à parede, uma confusão de rolos de pergaminho e um tinteiro de ouro. A fumaça das velas cobre o teto baixo de manchas escuras, e o trançado de um extenso tapete turco mal pode ser visto por causa das diversas folhas soltas, repletas de línguas desconhecidas. Pedaços vermelhos de lacres de cera se encontram espalhados por todo lado, e alguns se enfiaram na lã do tapete.

Há mapas em todas as paredes, mais do que possui Marin. Nella olha para os contornos da Virgínia e do restante das Américas, o *mare Pacificum*, as Molucas, o Japão. Cada um deles é marcado com linhas finas, que formam padrões de diamante. São unidades de precisão, não pontos de perguntas cobiçosas. Sob a janela há um grande baú com cadeado, entalhado em madeira escura.

— É aí que guardo os florins — conta Johannes, sentando em seu banco.

Nella gostaria que Johannes fosse mais como um lobo e menos como uma coruja. Isso lhe daria uma ideia do papel

adequado, talvez a deixa para agir como esposa.

— Eu queria… agradecer — balbucia Nella. — Pela casa de bonecas. Tenho tantos planos…

— Não precisa me agradecer — diz ele, fazendo um gesto no ar com a mão. — É o mínimo que posso fazer.

— Mas queria mostrar minha gratidão — insiste ela.

Nella tenta imitar o gracioso gestual de Agnes Meermans, acariciando a manga da camisa dele com a mão trêmula. Ela quer aquela unicidade, aquela imagem do casamento se tornando realidade. Ele não reage. Os dedos dela o tocam como os de uma criança pidona.

— É? — diz ele.

Ela baixa a mão e a pousa no alto da coxa dele. Nunca em sua vida tocou um homem desse jeito, muito menos alguém tão imponente. Pode sentir o tônus muscular da perna de Johannes sob a lã grossa.

— Você me fascina quando fala outras línguas — confessa ela.

Imediatamente percebe que disse algo errado. Ele se levanta do banco.

— O quê? — pergunta ele.

Johannes parece tão consternado que Nella leva as mãos à boca, como se para remover as palavras.

— Eu só… é só que…

— Venha aqui — interrompe ele.

Para surpresa de Nella, ele acaricia seus cabelos com movimentos pesados.

— Sinto muito — diz ela, embora não saiba por que pede desculpas.

Ele se inclina para a frente, segurando os braços finos de Nella e a beija na boca.

O choque — os resíduos alarmantes e quentes de vinho e caranguejo — a domina, e ela precisa de toda a sua força para não se tencionar durante o abraço. Nella abre um

pouco os lábios, ao menos para aliviar a pressão da boca dele. Johannes continua a segurando, e ela decide depressa, antes que o medo a vença, colocar a mão na parte da frente da calça dele. “Se é isso que todas as mulheres devem fazer”, pensa ela, “então a prática deve tornar o ato levemente prazeroso”.

Nella consegue tocá-la, a protuberância quente sobre a qual não tem nenhum conhecimento. Mas não é a vara de que sua mãe falara, parece mais para uma minhoca curva, um…

Os dedos dela provocam um movimento, e Johannes a solta, dando um salto e retornando para perto de sua mesa.

— Nella — balbucia ele. — Ah, Deus…

— Marid…

— Vá! — grita ele. — Saia.

Nella sai cambaleando, o que provoca um único latido de advertência de Rezeki, e Johannes bate a porta. Ela ouve a chave girar na fechadura, e o medo de estar outra vez no corredor escuro retorna. Ela corre para seu quarto no andar de cima.

O móvel da casa de bonecas está no canto. Ela puxa suas cortinas, o berço lá dentro brilhando ao luar como um insulto. Nella chuta a perna da cristaleira, mas a madeira e o material feito de casco de tartaruga não cedem, e ela escuta o estalo de um osso. Uivando de dor, ela se recusa a chorar. Manca pelo quarto, virando os quadros do marido para a parede. A lebre capturada e a romã podre, todos eles.

Degraus

— Por que os quadros estão todos ao contrário? — pergunta Cornelia, desvirando o mais próximo dela.

Na pintura, uma lagarta se arrasta para fora da romã em direção à borda da moldura. A criada estremece, olhando para a casa de bonecas.

— A senhora pode aprender a viver aqui, madame — diz, baixinho. — Basta querer.

Nella a observa apenas com um dos olhos aberto, a humilhação da noite anterior a invadindo e prendendo-a à cama. Enterra o rosto no travesseiro. “Será que Cornelia estava no corredor ontem à noite, ouvindo o desenrolar do desastre? Então por que não me consolou?”, pensa ela. A ideia de seu fracasso como esposa ter sido entreouvido é devastadora.

A rejeição de Johannes cobre o ânimo de Nella como uma película. Ela bateria com força na própria cabeça se isso pudesse acabar com aquelas ideias bobas de amor verdadeiro, leito nupcial, risadas e filhos. Quando Cornelia desvira outro quadro, a ostra estendida sobre o fundo índigo, Nella sente as paredes se cerrando à sua volta, com imagens ampliadas de pássaros mortos e de flores berrantes.

— Acho que Marin tentou empurrar os piores quadros para você — diz Cornelia.

Outra migalha, ao menos. Esse sorriso era o fragmento de informação que a criada lhe oferecia. Marin e sua esperteza traídas por alguém mais astuto.

Cornelia abre as cortinas, e a luz da manhã do fim de outubro lança tudo em uma desconfortável evidência. Ela faz uma careta enquanto tira um dos tamancos, mostrando o pé pequeno.

— Pode acreditar ou não, madame — começa a criada —, mas meus pés também ficam cansados. — Apoiando-se na parede, ela começa a esfregar a sola. — Terrivelmente cansados. Esgotados como um homem morto.

Nella se senta. Em Assendelft, nunca tivera uma criada como ela. Essa sensação de liberdade que Cornelia manifestava, fazendo e dizendo coisas que não poderia em nenhum outro lugar. A voz dela está animada; o prazer de massagear os pés parece grande demais para que se preocupe com o que a patroa pensa. “Talvez seja algo nesta casa”, reflete Nella, “alguma permissividade que não compreendo. A vida aqui é de fato confusa — parece errada, mas todos a compreendem com facilidade. O modo como as meias de Cornelia estão remendadas, montes de pontos se entrecruzando, um emaranhado de lã. Marin não pode lhe dar meias melhores?” Nella se lembra do comentário de Johannes sobre sua fortuna ser como uma nuvem, intocável.

O toque incerto de Johannes, intumescido e indiferente, vem à memória. Nella estremece. Observando Cornelia desvirar a pintura da lebre, sente uma indignação formigar sua pele. *Você não faz ideia*, tem vontade de dizer. *Tente ser casada.*

— Cornelia — diz ela. — Por que Marin está tão decidida a vender o açúcar de Agnes? Estamos pobres?

A criada a encara boquiaberta.

— Madame, não seja ridícula. *Pobres*? As mulheres de toda a cidade dariam um braço para estar no seu lugar…

— Não preciso de uma *lição*, Cornelia. Fiz uma pergunta…

— Para ter um senhor que trata a esposa com respeito, que a leva a banquetes, compra vestidos e casas de

bonecas de três mil florins. Ele nos alimenta, cuida de nós. Otto vai dizer a mesma coisa.

— Otto me disse que as coisas iam transbordar.

— Bem, há muito o que admirar no Seigneur — responde Cornelia, as palavras apressadas, urgentes. — Ele criou Toot como se fosse um filho. Quem mais faria isso? Um criado que fala francês e inglês? Que sabe esboçar um mapa, verificar a qualidade de um grande rolo de lã de Haarlem…

— Mas o que Otto pode fazer com tudo isso, Cornelia? O que qualquer um de nós pode *fazer*?

A criada parece desconfortável.

— Do meu ponto de vista, madame, sua vida está apenas começando. Tome. — Cornelia enfia a mão no bolso do avental e põe um grande embrulho na cama de Nella. — Foi deixado nos degraus lá fora, endereçado em seu nome. O que houve?

— Nada — gagueja Nella.

Marcado com o símbolo do sol, o pacote indesejado repousa sobre a colcha.

— Nada de arenque hoje, a senhora vai gostar de saber — prossegue Cornelia, olhando o embrulho. — Geleias e manteiga cremosa. O Seigneur pediu a refeição bem cedo.

Ela pega o tamanco solto e o enfia de novo no pé.

— Tenho certeza que sim — diz Nella. — Aparentemente ele se sente realizado com a comida. Já vou descer.

Depois que a porta se fecha, Nella pega o embrulho com cuidado. “Não encomendei isto”, pensa. “Minha carta pedia expressamente que o miniaturista parasse.” Mas mesmo com essa lembrança os dedos de Nella rasgam o papel. “Quem não abriria o embrulho?”, pondera. Ela se lembra bem da carta. *Sendo esposa de um renomado comerciante da VOC não me deixarei intimidar por um artesão.*

Um bilhete voa de dentro do embrulho e, nele, estão as palavras:

— Ah, luta, Sr. Miniaturista? — diz Nella em voz alta.

Ela vira o pacote e uma série de minúsculos objetos domésticos cai. Ferros do tamanho de grãos de cevada, cestos muito pequenos, sacos de pano, alguns barris e um esfregão, um braseiro para secar roupas. Há vasilhas e panelas, minúsculos garfos e facas de peixe, uma almofada bordada, uma tapeçaria enrolada que revela a imagem de duas mulheres e um homem. Nella está convencida de que é a mesma tapeçaria pendurada no andar de baixo, na parede de Johannes: Marta e Maria discutindo sobre Jesus. O medo começa a se misturar à indignação.

Numa pequena moldura dourada, um vaso de flores foi pintado a óleo, e ainda uma lagarta rastejando. É um tema comum, Nella diz a si mesma, tentando manter a calma, olhando para a versão em tamanho real que Cornelia acabou de desvirar na parede. Há livros encadernados com perfeição, alguns deles do tamanho de uma moeda de stuiver, repletos de uma caligrafia ilegível. Nella folheia as páginas, parte dela esperando encontrar um bilhete apaixonado — mas não há nada. Há dois pequenos mapas das Índias e uma Bíblia com um grande B na capa.

Um pacote à parte chama sua atenção, brilhando sob o tecido. Aninhada ali dentro se encontra uma pequena chave dourada, amarrada a uma fita. Ela a balança em meio à luz da fria manhã. É linda, do tamanho de sua unha, o corpo da chave esculpido com um padrão intricado. “Pequena demais para abrir qualquer porta”, pensa Nella. “Inútil senão para fins decorativos.”

Não há mais nada no embrulho — nenhum bilhete nem explicação, apenas a estranha frase de desafio e esse monte de presentes. Cornelia jura a Nella que entregou a

carta que pedia ao miniaturista que parasse. “Então por que ele não me obedeceu?”, pergunta-se ela.

Mas ao olhar para aquelas peças, sua extraordinária beleza, o objetivo inalcançável, Nella pensa se quer mesmo que o miniaturista pare. Ele próprio parece não querer desistir.

Com delicadeza, Nella coloca os novos objetos na casa de bonecas, um de cada vez. Sente uma gratidão fugaz que a pega de surpresa.



— Aonde você vai? — pergunta Marin quando Nella passa pelo corredor, uma hora mais tarde.

— A lugar algum — responde Nella, já pensando na placa do sol, nas explicações que residiam atrás da porta do miniaturista.

— Foi o que pensei — diz Marin. — O pastor Pellicorne está pregando na Igreja Antiga e presumi que você gostaria de ir.

— Johannes vai?

Johannes diz que não, alegando precisar estar na bolsa de valores para conferir os últimos números lançados na arena de negociações. Nella se pergunta se de fato é o culto que seu marido está evitando.

* * *

Desesperada para ir à Kalverstraat, Nella deliberadamente anda mais devagar atrás de Marin, cujos pés golpeiam a margem do canal como se esta lhe tivesse feito uma ofensa pessoal. Rezeki, que nunca fica feliz longe do dono, está com Johannes na bolsa de valores. Não querendo deixar Dhana para trás, Nella caminha com a segunda *whippet*, a

cadela trotando obedientemente ao seu lado, o nariz preto úmido erguido na direção de sua dona recém-adotada.

— Vocês costumam levar os cães para a igreja? — Nella pergunta a Cornelia.

A criada assente.

— Madame Marin diz que não se pode confiar neles sozinhos.

— Eu poderia trazer Peebo.

— Não seja ridícula — diz Marin por sobre o ombro. Nella fica impressionada com a boa audição da cunhada.

O dia está lindo, os telhados de terracota quase escarlates, a temperatura fria o bastante para dissipar qualquer mau cheiro proveniente do canal. Carruagens passam fazendo barulho, as águas repletas de embarcações cheias de homens, mulheres, pacotes e até algumas ovelhas. Eles andam pelo canal Herengracht, pela Vijzelstraat e atravessam a ponte no Mercado de Turfa em direção à Igreja Antiga. Nella olha com pesar para seu destino inicial, até Cornelia lhe lembrar que, a menos que a madame olhe por onde anda, vai acabar tropeçando nas pedras.

Dos barcos, das janelas e da margem do canal, as pessoas observam. A cada passo que dão pelas altas e estreitas casas comerciais na Warmoestraat, pelas vitrines das lojas vendendo maiólicas da Itália, seda de Lyon, tafetá da Espanha, porcelana de Nuremberg e linho de Haarlem, os cidadãos de Amsterdã lançam sobre eles uma variedade de olhares. Por um instante Nella se pergunta o que eles fizeram, então vê os músculos se tensionarem na nuca de Otto. Ele chama Dhana para que ela siga na frente.

— Isso fala! — Nella ouve alguém dizer, provocando risadas.

Quando Otto passa, é difícil encontrar um rosto que não se mostre surpreso por vê-lo andando com aquelas

mulheres. Algumas expressões são marcadas por suspeita, outras por desdém ou medo absoluto. Algumas são inexpressivamente fascinadas, ou parecem nem mesmo se incomodar, mas não compensam as outras. Quando o grupo sai da Warmoestraat e se aproxima dos fundos da Igreja Antiga, um homem com marcas de varíola, sentado em um banco baixo junto à porta, grita ao ver Otto passar:

— Não consigo arranjar trabalho e vocês dão emprego a esse animal?

Marin estremece, mas Cornelia para de andar. Ela volta e ergue a mão a poucos centímetros da pele esburacada do homem.

— Aqui é Amsterdã, Cara Furada — provoca. — Vence o melhor.

Nella dá uma risada abafada, nervosa, que morre quando o homem ergue a própria mão diante do rosto de Cornelia.

— Aqui é Amsterdã, sua vaca. O melhor tem os amigos certos.

— Cornelia, controle sua língua — adverte Marin. — Venha.

— Ele merecia uma lição!

— *Cornelia!* Santo Deus, somos todos animais?

— Faz dez anos que Toot está aqui, e nada mudou — resmunga a criada, voltando para junto da patroa. — Eles já deviam ter se acostumado.

— *Cara Furada*, Cornelia. Como você pôde? — pergunta Marin, mas Nella percebe um nítido tom de aprovação em sua voz.

Otto olha para o horizonte, muito além dos prédios de Amsterdã. Ele não observa o Cara Furada.

— Dhana — chama. A cadela enfim para, ergue alegremente a cabeça e trota na direção dele. — Não vá longe demais, garota — diz ele.

— Eu ou a cadela? — Cornelia suspira.

* * *

Embora as pessoas continuem a olhar com perplexidade, ninguém mais faz comentários. Nella também nota o modo como olham para Marin. Alta demais para os padrões femininos, com seu pescoço longo e a cabeça sempre erguida, Marin é como a figura da proa de um navio, deixando ondas de rostos que se viram em sua esteira. Nella a vê sob o olhar daquelas pessoas — a holandesa perfeita: imaculada, elegante e caminhando com determinação. Só lhe falta um marido.

— Ao que parece, Johannes não vem à igreja. — Nella ouve Marin comentar com Otto. Diante do silêncio dele, ela se vira para as moças. — Ele convidou os Meermans para jantar? — pergunta a Nella.

Nella hesita, prestes a contar uma mentira.

— Ainda não — responde.

Marin para, incapaz de esconder sua raiva, a boca aberta num indigno “O” por conta do choque, enquanto acusa Nella com um lampejo de seus olhos cinza.

— Bem, eu não podia *obrigá-lo* a fazer o convite — defende-se Nella.

— Meu Deus — grita Marin, pisando numa poça de lama. Ela avança, deixando os três para trás. — Será que eu preciso fazer tudo?

Bradar e florescer

Nella nunca tinha ido à Igreja Antiga antes.

— Quem é Pellicorne? — sussurra para Cornelia. — Já não lemos a Bíblia o suficiente em casa?

Cornelia faz uma careta, pois Marin escutou a conversa.

— Também se deve adorar ao Senhor em público, Petronella — diz a cunhada.

— E pouco importa o que se tenha que suportar? — murmura Otto.

Marin finge não ter ouvido.

— Pellicorne — sussurra ela, como se estivesse se referindo a seu ator favorito. — E os cidadãos estão observando.

Havia uma pequena igreja em Assendelft e, comparada a ela, a Igreja Antiga é enorme. Altas colunas de pedra branca separam as abóbodas ao redor da nave e no meio dela. Passagens da Bíblia estão pintadas em várias janelas, e, através dos vitrais de santos, a luz do sol inunda o chão em tons aquosos de vermelho e dourado, índigo opaco e verde. Nella sente que poderia mergulhar ali, mas os nomes dos mortos entalhados no chão a lembram de que na verdade a água é pedra.

A igreja está cheia; os vivos estão marcando seu território. Nella fica surpresa com o barulho permitido, os pais e as mães, as fofocas e zombarias, os cachorros soltos e as crianças. Latidos e tagarelice infantil sobem pelas paredes caiadas, o som apenas ligeiramente absorvido pela madeira mais acima. Um cão se alivia ali perto, a perna alegremente erguida junto a uma pilastra. Há luz para onde quer que

Nella olhe, como se por uma hora Deus houvesse voltado toda a sua atenção para essa câmara que se eleva e para os corações que batem lá dentro.

Ao observar as pessoas que circulam na igreja, o coração de Nella bate com tanta força que ela sente quase um soco no estômago.

A estranha mulher da Kalverstraat está ali, sentada sozinha numa cadeira perto da porta lateral. O sol que passa por uma janela sem vitrais atinge o alto de sua cabeça loura. Mais uma vez, ela observa Nella. Não há nada neutro em seu olhar: é ativo, investigativo e curioso. Mas ela está tão imóvel que Nella acredita que a mulher poderia ser um dos santos dos vitrais, caída do painel da igreja.

Cedendo à sensação de ser avaliada e considerada incompleta, Nella é incapaz de resistir ao olhar. Desta vez, porém, a atenção da mulher se desvia para Otto, Cornelia, Marin e até para Dhana, estudando todos os cinco. Nella ergue a mão em um cumprimento e a voz de Marin a interrompe:

— Ela é velha demais para sair.

— O quê? — pergunta Nella, baixando a mão.

— A cadela — diz Marin, inclinando-se. Ela tenta mover Dhana, sentada com firmeza no chão.

O animal se recusa a sair do lugar, ganindo, o focinho erguido na direção da mulher, as patas batendo na pedra.

— Mas o que há de errado com ela? — Marin se empertiga, massageando a lombar. — Estava bem há cinco minutos.

Nella olha outra vez para onde a mulher está sentada, mas agora vê apenas uma cadeira vazia.

— Para onde ela foi?

— Quem? — pergunta Cornelia.

Apesar da luz do sol, a igreja parece muito fria. O tumulto aumenta, diminui e torna a aumentar, as pessoas

continuam a circular, e a cadeira da mulher permanece vazia. Dhana começa a latir.

— Ninguém — diz Nella. — Quieta, Dhana, quieta. Você está na casa do Senhor.

Cornelia dá risadinhas.

— Vocês duas estão fazendo muito barulho — adverte Marin. — Por favor, lembrem que as pessoas estão sempre olhando.

— Eu sei que estão — responde Nella, mas Marin já havia se afastado.

* * *

Fiel ao modelo calvinista, o púlpito fica no meio da nave, onde a multidão murmurante se reúne em grupos.

— Como moscas em um pedaço de carne — diz Marin em tom de reprovação quando os outros se unem a ela. Caminha digna e lentamente pela nave. — Não devemos nos sentar na multidão. A palavra de Deus tem longo alcance. Não é preciso se amontoar como crianças de quatro anos para ver o pastor Pellicorne.

— Quanto mais eles se esforçam para parecer sagrados, menos convencido eu fico — comenta Otto.

Um pequeno e discreto sorriso surge no rosto de Marin, mas logo desaparece ao ver Agnes e Frans Meermans.

Emanando uma onda de intensa fragrância floral, Agnes desfila com sua saia volumosa por entre as frias lápides.

— Elas trouxeram o selvagem — sussurra para o marido, os olhos cravados em Otto.

— Seigneur e madame Meermans — cumprimenta Marin. Ela tira o livro de Salmos de uma bolsa lateral e passa-o de uma mão para a outra, como se avaliasse a possibilidade de arremessá-lo.

As mulheres fazem uma reverência. Frans Meermans se inclina, observando os dedos de Marin se moverem nervosamente pelo livro de couro gasto.

— Onde está seu irmão? — pergunta Agnes. — O Dia do Julgamento...

— Johannes está trabalhando. Hoje ele agradece a Deus de um jeito diferente — responde Marin. Meermans bufa. — É verdade, Seigneur.

— Ah, sim — diz ele. — A bolsa de valores é conhecida como um abrigo para os devotos.

— Houve um equívoco na Guilda dos Prateiros — continua Marin, ignorando o tom de voz dele. — Meu irmão pretendia convidá-los para jantar, mas tantos deveres acabaram por distraí-lo. — Ela faz uma pausa. — Vocês devem ir jantar em nossa casa.

Meermans funga.

— Não precisamos...

— Ficaremos honrados, madame Brandt — interrompe Agnes, os olhos escuros brilhando com um velado entusiasmo. — No entanto, não deveria ser a esposa dele a fazer esse convite?

Nella sente o rosto ficar vermelho.

— Jantem conosco amanhã — diz Marin, em voz firme.

— Amanhã? — Nella não consegue se deter. Não é típico de Marin ser tão apressada. — Mas...

— E tragam um pão de açúcar. Vamos prová-lo e brindar à fortuna por vir.

— Você quer *provar* nosso tesouro caribenho? — Agnes enterra o queixo na ostensiva estola, os olhos negros perfurando Marin.

A cunhada sorri, e Nella percebe como ela fica atraente desse jeito, mesmo que seja com um sorriso falso.

— Quero — responde Marin. — Muito.

— Agnes — diz Meermans, e o nome da esposa se torna um tom de alerta. — Vamos para o nosso lugar.

— Iremos amanhã — acrescenta Agnes. — E levaremos um açúcar de tamanha doçura que certamente você nunca experimentou igual.

Eles se despedem, distribuindo cumprimentos, acenando e assentindo ao se afastarem.

— Eu poderia matá-lo — murmura Marin, o olhar fixo nas costas deles. Nella se pergunta a quem ela se refere. — Tesouro caribenho uma ova. Por que Johannes concordou com isso?

— Mas não precisamos, madame? — sussurra Cornelia. — A senhora mesma disse…

Marin se vira de súbito.

— Não precisa repetir minhas palavras, garota. Ouvindo atrás das portas… Você não sabe de nada. Só garanta que tenhamos um jantar decente amanhã.

Cornelia se encolhe, inclinando-se para se ocupar da cadela, o rosto com uma expressão de orgulho ferido. Marin massageia as têmporas, os olhos fechados por conta da dor.

— Você está bem? — pergunta Nella, ao sentir vontade de intervir.

Marin a encara.

— Muito bem.

— Temos que nos sentar — diz Otto. — Há lugares no coro.

Ele parece ilhado em meio aos comentários sussurrados que acompanham cada um de seus movimentos.

O pastor Pellicorne se posiciona diante do púlpito. É alto, tem mais de cinquenta anos, barba bem feita, o cabelo grisalho, curto e elegante, o colarinho largo e de um branco brilhante. Sua aparência sugere que ele tem um grupo de criados atentos.

Pellicorne não perde tempo com introduções.

— Hábitos abomináveis! — brada ele, se dirigindo aos cães e às crianças, aos pés que se arrastavam e ao monte de gaivotas do lado de fora.

O silêncio cai sobre o recinto, todos os olhos voltados para o pastor, menos os de Otto, que baixa a cabeça, concentrado em seus dedos entrelaçados. Nella olha para Agnes, cujos olhos estão erguidos na direção de Pellicorne, como uma criança fascinada. “Ela é tão estranha”, pensa. Em um minuto tão loquaz e arrogante, no outro tão infantil e empenhada em impressionar.



— Em nossa cidade há muitas portas fechadas, e não podemos ver o que há atrás delas — continua Pellicorne, duro e impiedoso. — Mas não pensem que podem esconder seus pecados de Deus. — Os dedos finos apertam a beirada do púlpito. — Ele os descobrirá — sentencia, acima das pessoas. — Não há nada escondido que não vá ser revelado. Os anjos do Senhor olharão pelas janelas e pelo buraco da fechadura de seus corações, e Ele os julgará por seus atos. Nossa cidade foi construída sobre um pântano, nossa terra já sentiu a ira de Deus antes. Triunfamos, trouxemos a água para o nosso lado. Mas não descansem agora... foi a prudência e a boa vontade para com o próximo que nos ajudaram a triunfar.

— Sim — grita um homem na multidão.

Um bebê começa a chorar. Dhana solta um ganido e tenta se enfiar debaixo da saia de Nella.

— Se não segurarmos firme as rédeas de nossa vergonha — diz Pellicorne —, voltaremos todos ao mar. Sejam honrados em favor de nossa cidade! Olhem dentro de seus

corações e pensem em como pecaram contra seu vizinho, ou como seu vizinho é um pecador!

Ele faz uma pausa de efeito, ofegante em sua retidão. Nella imagina a congregação abrindo as costelas de todos, olhando a confusão pulsante em seus corações pecadores, espiando cada um dos corações antes de fecharem seus corpos. No canto da igreja, um estorninho bate as asas. “Alguém deveria deixá-lo sair”, pensa ela.

— Eles sempre ficam presos — sussurra Cornelia.

— Não permitamos que a fúria do Senhor nos machuque outra vez. — Há diversos grunhidos de concordância vindos da congregação e, a essa altura, a voz de Pellicorne está ligeiramente trêmula de emoção. — É a cobiça. A cobiça é o vício que temos que combater... a cobiça é a árvore e o dinheiro é sua raiz profunda!

— O dinheiro também comprou esse seu belo colarinho — murmura Cornelia.

Nella fica sem ar, tentando não rir. Ela arrisca um olhar para Frans Meermans. Enquanto a atenção da esposa está voltada para o púlpito, ele observa os Brandt.

— Não devemos nos enganar achando que dominamos o poder dos mares. — Pellicorne modula sua voz em um sussurro insistente, tranquilizante, antes de tocar na ferida. — Sim, a generosidade de Mamon se mostrou para nós, mas um dia irá afundar a todos. E onde vocês estarão nesse dia fatídico? Onde? Atolados até o pescoço em doces açucarados e tortas de frango gordurosas? Cercados de sedas e colares de diamantes?

Cornelia suspira.

— Quem dera — comenta. — Quem dera...

— Cuidado, cuidado — alerta Pellicorne. — Esta cidade floresce! O dinheiro dela lhes dá asas para voar. Mas ele é um jugo em seus ombros e vocês deveriam perceber o hematoma que cria em volta do pescoço.

Marin estreita os olhos com força, como se fosse chorar. Nella torce para que seja apenas um tipo de êxtase espiritual, uma entrega ao poder das sagradas palavras de advertência de Pellicorne. Meermans ainda está olhando. Marin abre os olhos e percebe isso, então seus dedos apertam ainda mais o livro de Salmos. Ela se mexe no assento, o sofrimento estampado no rosto de cera. A garganta de Nella está seca, mas ela não ousa tossir. Pellicorne está chegando ao clímax e os corpos da congregação se aproximam, tornando-se mais compactos, alertas.

— Adúlteros. Homens do dinheiro. Sodomitas. Ladrões — grita o pastor. — Tomem cuidado com todos eles, procurem por eles! Avisem seus vizinhos se a nuvem do perigo estiver se aproximando. Não permitam que o mal atravesse a porta de sua casa, pois, uma vez que o vício chega, é difícil acabar com ele. O chão sob nossos pés se desintegrará, a fúria de Deus cairá sobre nossa terra.

— Sim — diz o homem na multidão. — Sim!

Dhana late, cada vez mais agitada.

— *Quieta* — sussurra Cornelia.

— O que vocês podem fazer para expulsá-lo? — brada Pellicorne, voltando à carga total, os braços abertos como o próprio Cristo. — *Amor*. Amem seus filhos, pois eles são as sementes que farão esta cidade florescer! Maridos, amem suas esposas, e, mulheres, sejam obedientes, por tudo que é bom e sagrado. Mantenham suas casas limpas, e suas almas seguirão o exemplo!

Ele termina. Há suspiros de alívio, sons de concordância, um despertar e esticar de pernas. Nella começa a ficar zonza. A luz brilha nas lápides. Sejam obedientes. Maridos, amem suas esposas. *Você é a luz do sol que atravessa a janela, sob a qual me posto, aquecido. Minha querida.* O bebê chora outra vez, e Nella e Marin olham ao mesmo

tempo enquanto a mãe tenta, sem sucesso, silenciá-lo, afastando-se da congregação e saindo pela porta lateral da igreja.

Nella segue o olhar de Marin, ambas fitando com inveja o breve quadrado de dourada luz do sol proporcionado pela saída da mulher. Neste intenso novo mundo de Amsterdã, nesta igreja fria da cidade, uma hora de adoração parece um ano.

Nessa noite, no quarto de Nella, a luz do luar ilumina partes de sua casa de bonecas. O ritmo do relógio de pêndulo golpeia o ar como uma pulsação abafada, parecendo cada vez mais alto a seus ouvidos. Ela pensa na mulher na igreja, que a observava em silêncio.

— Por que você não falou comigo? — pergunta-se em voz alta, olhando os nove cômodos escuros. — O que você quer de mim?

Não há resposta, claro, e as peças da casa de bonecas emanam um tremeluzente brilho prateado. “Amanhã”, pensa Nella, “vou até o miniaturista acabar de uma vez por todas com a presença indesejada dessas coisas. Sem dúvida não é correto receber itens que não foram solicitados, certo? Isso é invadir um espaço proibido.”

É verdade que Nella está feliz por sair de Assendelft, mas sente que seu lar não é em lugar algum; não é nos campos nem aqui nos canais. Sem rumo, ela parece naufragada entre a ideia de seu casamento e a situação real. E a casa de bonecas, linda e inútil, é um terrível lembrete de tudo isso.

A reserva de Johannes em relação a ela começou a doer profundamente. Ele sumiu muitas vezes, seguindo para a

bolsa de valores, para a VOC ou para o depósito perto das tavernas nas Ilhas Orientais, onde as batatas são as mais macias. Não tem interesse nela, não vai à igreja. “Pelo menos Marin me nota a ponto de me deixar com um hematoma”, pensa Nella. Que ridículo ser grata por um beliscão! Sua âncora foi lançada, mas não encontrou onde se firmar, e assim continua, enorme, perigosa e impossível de ser parada, afundando no mar.

O som de sussurros a desperta da autopiedade. Sentando-se, Nella ainda consegue sentir o cheiro de lírio no ambiente. “Até eu estou começando a não gostar”, pensa. Ela caminha lentamente pelo quarto, aguçando os ouvidos ao abrir a porta. O corredor está congelante, mas certamente há duas vozes, as palavras se distinguindo da respiração urgente. Parecem animadas ou temerosas, sem dúvida descuidadas, os sussurros chegando ao andar de cima.

Nella se pergunta se sua imaginação a está traindo quando as vozes param, duas portas batem e a casa fica em silêncio outra vez. Ela anda pelo corredor, colocando a testa entre as longas barras do balaústre, tentando ouvir, em vão. Há apenas silêncio, como se as pessoas tivessem desaparecido nos painéis da parede.

Quando o ruído de um movimento desordenado começa, os pelos dos braços de Nella se arrepiam. Seu estômago embrulha ao olhar para baixo, na direção de onde o barulho aumenta, mas é só Rezeki. A cadela olha para cima, para ela, antes de sair andando calmamente pelos ladrilhos. O animal se move como líquido derramado, sem dono, uma peça de xadrez fora do lugar.

A esposa

Ao meio-dia, já fazia horas que Cornelia estava na cozinha preparando o jantar para os Meermans. O banquete será suntuoso; uma variedade de comidas de inverno, temperadas ao máximo com regalos das negociações de Johannes no Oriente.

Nella a encontra sentada à mesa, picando dois grandes repolhos.

— Está com fome? — pergunta a criada, olhando para a jovem patroa, parada no último degrau com Dhana a seu lado.

— Como um cão — responde Nella, tentando ver no rosto de Cornelia traços de uma noite maldormida.

A criada parece mais atarantada do que qualquer outra coisa.

— Isso é que é pouca antecedência! — reclama Cornelia. — Vocês vão comer pão seco e arenque até eu terminar todos os pratos... Madame Marin insiste. Esse repolho precisa de guarnição. — Ao ver a expressão de Nella, a criada abranda. — Ah, aqui. Coma um *puffert*. Acabaram de sair da panela. — Ela empurra um prato para a patroa, com uma pilha de pequenas panquecas fritas polvilhadas com açúcar.

— O que Hanna deu para a senhora na loja do marido dela?

Enquanto Dhana vai até sua cama junto ao forno, a mão de Cornelia paira sobre o restante do repolho. Sua pele está em carne viva, as unhas brancas de tanto sabão.

— A senhora está comendo o que sobrou do melhor açúcar de Arnoud — diz Cornelia, inclinando-se. Seus olhos são muito redondos e azuis, as íris, negras. — Hanna tem razão. A maior parte do que está à venda nesta cidade é horrível. É uma pena que o Seigneur vá vender todo o açúcar de Agnes no exterior.

A espontaneidade de Cornelia em compartilhar rompe uma carapaça, e Nella sente em seu peito um calor crescente. Até o repolho parece brilhar, um globo verde sob a luz amigável do forno aberto.

Respirando fundo uma lufada de ar frio, Nella engasga com o cheiro de esgoto. “No verão esse canal vai ser um inferno”, pensa, andando até a Gouden Bocht. Agora, porém, caminhar sozinha é maravilhoso. E mulheres desacompanhadas, como seu marido comentou no barco, não são raras a ponto de Nella se sentir observada. Passando pela Vijzelstraat, atravessando a Reguliersdwarsstraat e pegando a Kalverstraat depois de pedir informações, Nella logo encontra a placa do sol com o provérbio abaixo: *O Homem Toma Por Brinquedo Tudo o Que Vê.* Ela bate à porta pesada. A rua não está movimentada; as pessoas preferem ficar em casa, aquecidas. A respiração de Nella se condensa no ar enquanto ela bate novamente.

— Olá? — chama. “Por favor, atenda”, pensa. — *Olá?* Sou Nella Oortman. Petronella Brandt. Preciso falar com você. Você me enviou objetos que não encomendei. Gostei deles, mas não entendo por que fez isso.

Nella encosta a orelha na madeira espessa, tentando em vão escutar sons de passos. Ela se afasta da porta, erguendo os olhos para as vidraças. Não há velas acesas lá

dentro e tudo está quieto, ainda que a casa tenha a inconfundível aparência de estar ocupada.

Quando o rosto aparece na janela, Nella cambaleia para trás no meio da Kalverstraat, um choque de reconhecimento detendo a respiração em sua garganta. O vidro pode ser grosso e opaco, mas aquele cabelo é inconfundível. É a mulher que a observava na igreja.

Com o rosto redondo e pálido, os cachos louros brilhando através das sombras no vidro, a mulher pousa a palma da mão na janela. Fica nessa posição, imóvel, lançando um olhar tranquilo para a rua abaixo.

— Você! — exclama Nella. Mas a mulher não se mexe. — Por que...

— Ela não vai sair — interrompe uma voz masculina. — Não importa o quanto você tente. Estou prestes a denunciá-la às autoridades.

Nella se vira para o homem. Ele se encontra a uma curta distância dela, sentado do lado de fora do que parece ser uma loja de lã. Nella engole em seco. É o homem da varíola, o *Cara Furada*, o que chamou Otto de animal, com quem Cornelia gritou na rua. De perto, sua pele parece uma esponja do mar, cheia de furos rosados.

Nella volta a olhar para a vidraça. A mulher se foi, a janela está vazia, e a casa de repente exibe um aspecto cadavérico, como se ninguém morasse ali. Ela corre até a porta e começa a bater, como se isso pudesse devolver vida à construção.

— Eu disse. Ela não atende. Tem suas próprias leis — observa o Cara Furada.

Nella se vira e apoia as costas na porta.

— Quem é ela? Me diga quem é ela.

Ele dá de ombros.

— Ela não fala muito. Sotaque estranho. Ninguém sabe.

— *Ninguém?* Não acredito em você.

— Bem, nem todos pensam coletivamente, madame — diz ele. — Ela se mantém isolada.

Nella faz uma pausa para respirar.

— Na *Lista de Smit*, um miniaturista colocou um anúncio contendo este endereço. Está me dizendo, Seigneur, que a única pessoa que mora aqui é uma mulher?

O Cara Furada passa a mão pelos fiapos de lã da calça.

— Estou, madame. E quem sabe o que ela apronta aí?

— Tudo, e ao mesmo tempo nada — responde Nella.

— Então é *assim* que vocês, mulheres, chamam isso.

Não é possível que uma mulher more sozinha no centro de Amsterdã, aos olhos dos burgomestres, das associações, dos puritanos hipócritas como o Cara Furada. Que pensamentos zumbem sob seu cabelo claro? Por que ela envia aquelas peças não solicitadas tão impressionantes?

"Só quero saber", pensa Nella, fechando os olhos, lembrando-se da inexplicável sensação do olhar da mulher na igreja e, pouco antes, ali na Kalverstraat. "É maravilhoso demais para ser verdade. Uma mulher!" Nella sente vergonha do que escreveu na segunda carta: "Senhor… estou encerrando nossos negócios agora mesmo." Mas isso parece não ter importância. Pelo visto, a mulher gosta de desobedecer às regras.

— Uma mulher sozinha assim só pode significar uma coisa — continua o Cara Furada. — Ela é uma meretriz. E o garoto que veio pegar os embrulhos é outro forasteiro. Essas coisas deveriam se restringir às Ilhas Orientais. Pessoas honestas que só querem trabalhar e viver decentemente não deveriam ter que…

— Há quanto tempo ela está aqui?

— Três ou quatro meses, suponho. Por que ela é tão importante para você?

— Não é — diz Nella, a mentira vindo de imediato. Parece uma traição. Ela zomba de si mesma, sentindo-se protetora

com relação à mulher, mas sem saber exatamente por quê. — Ela não é nada importante.

Nella acredita ver movimento numa das janelas mais altas, mas é atrapalhada pelo reflexo de outra mulher na janela acima da loja de lã, batendo um tapete e olhando irritada para a confusão em sua porta.

— Seigneur, se falar com ela…

— Não vou fazer isso — interrompe o Cara Furada. — Ela tem o demônio no corpo.

Nella pega um florim e o põe na mão imunda do homem.

— Se falar com ela… — Nella se vira e grita na direção da janela. — Diga-lhe que Nella Brandt sente muito! E que ignore a última carta. Só quero saber o porquê. E diga a ela… que espero ansiosa pelo que vai mandar em seguida.

Mesmo enquanto grita essas palavras para a janela, Nella se pergunta se são mesmo verdadeiras. Apenas viúvas e prostitutas vivem sozinhas, algumas felizes, outras em negação. Então o que exatamente a miniaturista está fazendo lá em cima, enviando as peças, vagando sozinha pela cidade? Nella não sabe exatamente com o que está se metendo, mas sem dúvida não se parece com um brinquedo.

Ela se arrasta de volta pela Kalverstraat. “A extraordinária existência da miniaturista é menosprezada por pessoas como o Cara Furada”, reflete. E *será* extraordinária, do modo que for, apenas por conta daqueles olhos, daquele olhar, daqueles pacotes incríveis cheios de pistas e histórias. Os pelos na nuca de Nella se arrepiam e ela se vira depressa, acreditando estar conectada àquela casa com a placa do sol.

Mas a Kalverstraat está silenciosa outra vez, inconsciente da presença que se esconde bem em seu âmago.

Nella volta para casa e corre diretamente para a casa de bonecas no andar de cima, os dedos percorrendo as peças da miniaturista. Elas têm uma energia diferente, estão carregadas de um significado que Nella não consegue compreender, mas são ainda mais viciantes em seu mistério. “Ela me escolheu”, pensa, animada com a descoberta, ansiosa para saber mais.

A voz e os passos de Cornelia se aproximando a despertam de seu devaneio. Nella fecha as cortinas da casa de bonecas às pressas, no momento em que a criada enfia a cabeça pela porta entreaberta.

— Os Meermans chegam em uma hora — balbucia Cornelia. — E o Seigneur ainda não está em casa.

No andar de baixo, ela e Otto se exauriram polindo, varrendo, esfregando, batendo as cortinas, afofando as almofadas, como se a casa estivesse fora de forma e precisasse de uma reparação impossível de ser alcançada. A faiança e a porcelana brilham na copa, a madrepérola cintila na decoração das peças, e ao ver que todas as velas de sebo foram substituídas pelas de cera de abelha, Nella aproveita para inalar sua adorável fragrância.

— Os afazeres para organizar o caos não vão mais longe do que isso — murmura Otto para si mesmo ao passar, e ela se pergunta o que ele quer dizer com aquilo.

Marin se arrumou com seu melhor vestido preto, mas não se rebaixando tanto a ponto de usar perfume. Armada com um escudo de saias volumosas, ela anda de um lado para outro no salão, a passos largos e regulares como o relógio de pêndulo. Os dedos finos seguram com firmeza o livro de Salmos, o cabelo afastado do rosto por uma faixa branca apertada revela feições belas e austeras. Nella senta-se, trajada por Cornelia com outro de seus vestidos ajustados, este de cor dourada.

— Onde está Johannes? — pergunta Nella.

— Ele vai chegar — responde Marin.

A cada passo inquieto de Marin no piso encerado, Nella deseja poder voltar para o quarto e procurar nas miniaturas algum sinal do que virá em seguida, ou ao menos o que os provérbios significam.

Os Meermans chegam, a rajada de vento frio vindo da margem do canal e entrando atrás deles no saguão, mas Johannes ainda não voltou. Todas as janelas foram limpas por Otto, e as vidraças refletem vinte velas acesas tremeluzindo ao início do crepúsculo, o cheiro de mel se misturando ao aroma mais pungente de vinagre e soda cáustica.

Se Agnes percebe o esforço que Marin impôs aos criados, não faz qualquer comentário. Entrando com graciosidade, tem agora uma postura perfeita, e todos os traços da garotinha na igreja evaporaram. Elas se cumprimentam com uma reverência, o silêncio quebrado apenas pelo farfalhar de suas saias volumosas ao tocar o chão. Frans dá um passo para a frente, o olhar tenso. Marin ergue a mão e ele a segura, o ouro de sua aliança contrastando com a pele pálida da mulher. O tempo parece andar mais devagar, as luzes piscando em volta deles.

— Seigneur — diz Marin.

— Madame.

— Entrem, por favor. — Ela liberta a própria mão e os conduz ao salão.

— Seu Preto está aqui? — pergunta Agnes, mas Marin finge não ouvir.

* * *

As mulheres levam alguns minutos para se acomodar nas cadeiras em volta da lareira por conta da grande quantidade de tecido que as envolve. Meermans fica de pé

junto de uma das janelas, olhando para fora. Nella observa as poltronas de veludo verde — as tachas de cobre e os leões de madeira entalhados — e pensa em suas versões encolhidas lá em cima, na casa de bonecas. Como a miniaturista poderia saber da existência delas?, pergunta-se, desesperada para entender.

Mas o medo pulsa dentro de Nella. Ela me escolheu, mas para quê? Quem é essa mulher, olhando de longe, que opina sobre minha vida? Instintivamente ela se vira para as janelas, pensando que talvez possa ver um rosto ali, espiando da rua. Mas já está bem escuro lá fora, e a estatura de Meermans afastaria qualquer pessoa.

— Cornelia deveria fechar as cortinas — diz Marin.

— Não — intervém Nella.

Marin se vira para ela.

— Está frio, Petronella. Seria melhor.

— Sente-se ao meu lado — sugere Agnes, interrompendo.

Nella obedece e se desloca com o vestido dourado farfalhando.

— Você parece uma moeda! — exclama Agnes. E o comentário ridículo, jogado ao ar de forma tão brusca e direta, cai no chão com um baque.

— Onde está Johannes? — pergunta Meermans.

— Está chegando, Seigneur — diz Marin. — Ele se atrasou por conta de negócios inesperados.

Agnes lança um olhar para o marido.

— Estamos especialmente cansados.

— Ah, é? — responde Marin. — E por quê, madame?

— Agnes, me chame de *Agnes*, está bem? Marin, não sei por que depois de doze anos você não consegue me chamar pelo meu nome. — Agnes ri. O som faz Nella estremecer.

— Agnes — diz Marin, baixinho.

— Principalmente por conta de banquetes — prossegue Agnes, em tom conspiratório. — Tantos casamentos antes

do inverno. Você soube que Cornelis de Boer se casou com *Annetje Dirkmans*?

— Não reconheço o nome — responde Marin.

Agnes objeta, em uma careta pronunciando o lábio inferior.

— Sempre a mesma coisa — diz a Nella, o tom de voz uma mistura de censura divertida e alfinetada deliberada. — *Adoro* casamentos. Você não?

Nem Marin, nem Nella respondem.

— Casamento é... — Agnes para propositalmente, observando a plateia.

As mãos de Marin estão tão imóveis em seu colo que poderiam ser entalhes de um túmulo. Nella sente a desarmonia da conversa, os becos sem saída, e as palavras não ditas formam um nó em sua mente. Os únicos barulhos são o crepitar do fogo e, vez ou outra, o rangido das botas de couro de Meermans quando ele se ajeita perto da janela. Da cozinha, emana o aroma da comida de Cornelia, frangos em noz-moscada e alecrim, pombo com salsa e gengibre.

— Preciso saber — anuncia Agnes. Marin se vira para ela, com olhos assustados. — *O que* Brandt comprou para você como presente de casamento, Nella?

Os olhos de Nella encontram os de Marin.

— Uma casa — responde ela.

— Que *exagerado*! É um chalé de caça? Estamos comprando um chalé em Bloemendaal.

— Essa é adornada com casco de tartaruga — diz Nella, começando a se divertir ao ver os olhos de Agnes se esbugalharem. — Você... não teria como viver dentro dela.

Agnes parece confusa.

— Por quê?

— É esta casa, reproduzida dentro de uma cristaleira — diz Marin.

À janela, Meermans se vira.

— Ah, uma *daquelas*. — Agnes estala a língua em reprovação. — Achei que estivesse falando de uma casa de verdade.

— Você tem uma casa de bonecas, Agnes? A de Petronella é rajada de peltre — informa Marin.

Os traços infantis de Agnes aparecem de novo, um desafio momentâneo brilhando em seu rosto.

— Claro que tenho. A minha é coberta de *prata* — responde ela.

Sua ostentação descamba para uma mentira deslavada, que paira entre as mulheres em silêncio. Cada uma delas examina o tecido do próprio vestido, incapazes de erguer os olhos.

— Quem você pagou para mobiliar a sua? — Agnes pergunta por fim.

Nella hesita. A ideia de Agnes ir à Kalverstraat, de ela ter uma ligação com aquela mulher, de apenas ela saber da existência da miniaturista, parece insuportável. Seria como se seu conhecimento secreto fosse tirado dela, os melhores pedaços roubados.

Pressentindo a fraqueza, Agnes se inclina para a frente.

— *Então...?*

— Eu…

— Minha mãe guardou algumas peças de quando eu era criança. Petronella as está usando — diz Marin.

— Como é, Marin? — provoca Agnes. — Você foi criança?

— É melhor eu mandar servir o vinho da Renânia — acrescenta Marin, ignorando tanto o comentário de Agnes quanto a gratidão cintilante no rosto de Nella. — Otto esqueceu de trazê-lo.

Marin sai do cômodo, chamando Otto. Agnes a observa se afastar, recostando-se na cadeira.

— Pobrezinha — murmura. — Pobrezinha. — Vira-se para Nella, com uma expressão preocupada. — Não sei por que

ela é tão infeliz. — Agnes se inclina para a frente, dessa vez mais do que antes, e segura a mão de Nella entre as suas. Os dedos estão úmidos, como um sapo recém-saído da lagoa. — Nossos maridos, Nella, eram muito amigos. — Ela aperta as mãos, as pedras dos anéis penetrando na palma de Nella. — Venceram algumas das piores tempestades que o mar do Norte já viu.

— Você pensa demais no passado, minha querida — diz seu marido da janela. — O presente não é mais interessante?

Agnes ri.

— Ah, Frans. Nella, seu marido deve ter lhe dito que eles se conheceram quando tinham vinte e dois anos, trabalhando nos navios da VOC. Passaram pelo Equador, escaparam das tempestades do Caribe porque o vento vindo à nordeste os empurrava. — Agnes fala como se recitasse um conto de fadas, aprendido após anos de repetição.

— Minha querida…

— Eles eram tão talentosos, trabalhando pela glória da república! Claro, no fim Meermans acabou encontrando sua vocação na Stadhuis, mas as muralhas de Amsterdã nunca puderam deter Brandt.

Quando seu marido para à porta, o olhar de Agnes o segue como o de um falcão.

— Brandt lhe contou suas histórias da Batávia? — pergunta a Nella.

— Não.

— Ele negociou sua carga e *quadruplicou* o dinheiro com que partiu. Praticamente encheu os bolsos de florins e voltou com uma tripulação própria.

A admiração de Agnes, com um traço sutil de desdém, é magnética. Embora essa informação pareça causar certo desconforto a Meermans, Nella está ávida por saber mais.

— Isso foi há dezessete anos, Agnes — diz Meermans, fazendo um esforço para manter a voz cordial. — Hoje em dia ele fica mais feliz nas Ilhas Orientais, se enchendo de batatas.

O homem sai da sala como se morasse na casa e soubesse aonde ir. Ela ouve os passos pesados pararem no corredor e o imagina sentando-se em uma das cadeiras, em busca de um momento de alívio, mas sem saber exatamente do quê.

No entanto, ele tem razão sobre uma coisa: Agnes é a única pessoa que Nella já conheceu que gosta de trazer o passado à tona. Isso fazia sua mãe sofrer, e seu pai, chorar. O restante de Amsterdã parece querer seguir em frente, construindo sempre todos os avanços, apesar da terra pantanosa que pode afundar todos eles.

Agnes parece sem fôlego, ligeiramente descontrolada. Abrindo as mãos e dando de ombros, ela tira, distraída, uma poeira invisível de sua saia.

— Homens! — diz, misteriosa e outra vez adulta.

— Claro — responde Nella, pensando que dois homens não poderiam ser mais diferentes do que Frans Meermans e Johannes Brandt.

— Dei um pouco do nosso açúcar à sua criada — informa Agnes. — Frans diz que vamos experimentá-lo depois do jantar. Você acha que Marin vai comer um pouco? — Ela fecha os olhos. — Todos aqueles pães de açúcar perfeitos! Frans tem sido... *maravilhoso*. O processo de refinamento foi muito bem feito.

— Essa foi toda a sua herança, estou certa?

Agnes pisca.

— No ato da submissão, madame Brandt — murmura ela —, sempre se ganha muito mais.

Instintivamente, Nella rejeita essa oferta de confidência. Decepcionada com o silêncio entre elas, Agnes se

empertiga.

— Embora talvez haja mais açúcar por vir, é importante que seu marido o venda bem para nós. O clima nem sempre é generoso com o Suriname, e os estrangeiros estão sempre atacando as terras do meu pai… quer dizer, as nossas terras. Essa safra pode ser nossa única renda por muitos anos.

— Sim, madame. Ficamos muito honrados que tenham nos escolhido.

Agnes visivelmente se abranda um pouco.

— Você já foi ao escritório do seu marido? — pergunta.

— Nunca, madame.

— Vou com frequência à Stadhuis. Frans gosta quando faço visitas. É tão estimulante ver suas conquistas no governo da república! Ele é um homem incrível. Mas me diga: Marin fez você comer arenque, esse massacre culinário de autoedificação?

— Nós…

— Refeições de um arenque e vestidos exclusivamente pretos! — Agnes leva a mão ao coração, fechando os olhos. — Mas *aqui*, madame, Deus vê nossos verdadeiros atos.

— Eu…

— *Você* acha que Marin parece doente? — Agnes abre os olhos de súbito, assumindo a postura anterior, de preocupação.

Nella não sabe o que dizer, exausta pela conversa inconstante daquela mulher. A tristeza parece emanar de Agnes em ondas irregulares, e ainda assim ela pode parecer confiante de um modo tão convincente que a confusão é inevitável. Ela está ávida por alguma coisa, e Nella não pode saciá-la.

— Marin sempre foi a mais forte — observa Agnes, com um breve lampejo de rancor.

Nella é salva da obrigação de responder pelo latido de Rezeki.

— Ah! — exclama a convidada, ajeitando o vestido. — Seu marido enfim chegou.

Trocas

O jantar, apesar da fome de Nella e dos talentos culinários de Cornelia, é uma tortura. Sobre a extensa e macia toalha de mesa, Agnes bebe três copos de vinho e fala tanto dos excelentes sermões quanto da devoção do pastor Pellicorne, da importância de se ser sempre grato… e quanto àqueles ladrõezinhos com as mãos amputadas que ela viu sendo soltos da Rasphuis?

— O que é a Rasphuis? — pergunta Nella.

— A prisão masculina — responde Agnes. — A Spinhuis é para onde são enviadas as mulheres perversas; a Rasphuis é onde eles domam os homens selvagens. É onde vivem os loucos — continua ela, inclinando-se para a frente e arregalando os olhos numa imitação de loucura. É uma imagem chocante e, quando Agnes insiste naquela expressão, Frans fixa os olhos na toalha de mesa. — Abandonados pelas famílias, sustentados pelo pagamento de um estipêndio para que a prisão os mantenha seguros. — Agnes aponta um dos dedos com anel para Nella. — Mas os homens *realmente* selvagens são mandados para a câmara de tortura no fundo da Stadhuis, ao lado dos estoques que guardam o ouro da cidade.

Marin fala pouco, lançando olhares para o irmão, que acompanha Agnes a cada copo e ainda toma mais um quando Cornelia recolhe o primeiro prato.

Johannes mantém a compostura, mas está com o olhar apático, a barba por fazer cobrindo com um tom prateado o rosto bronzeado. Ele observa o prato com concentração redobrada, espetando com o garfo os pedaços de pombo

besuntados de molho de gengibre. Conforme Agnes soa mais tola, Meermans assume o comando, tentando impressionar com sua conversa sobre negócios. Ele quer discutir extrato de cana e equipamentos de cobre, pães de açúcar, o grau de punição que os escravos devem receber. Johannes mastiga as cenouras com uma ferocidade pouco silenciosa.

Por fim, a torta de ameixa e a nata são enfrentadas e engolidas, o jantar termina, e o verdadeiro motivo para eles estarem ali não pode mais ser evitado. Com um gesto de cabeça de Marin, Cornelia traz o pão de açúcar numa travessa de porcelana, tão insegura quanto se carregasse um recém-nascido. Atrás dela entra Otto com uma bandeja de colheres.

Nella observa o açúcar, uma estrutura cônica, cintilante, do tamanho de seu antebraço, os cristais bem compactos.

— Metade da safra foi enformada antes de ser embarcada — diz Meermans. — A outra metade foi refinada em Amsterdã.

— Colheres? — oferece Johannes, estendendo-as. Todos pegam uma. — Cornelia, Otto, vocês deviam experimentar — sugere ele. — São os prováveis especialistas.

As narinas de Agnes se dilatam e ela franze os lábios. Hesitante, Cornelia aceita uma colher e entrega outra a Otto. Quando Johannes saca um pequeno canivete e se levanta para fazer o primeiro corte, Meermans ergue-se da cadeira e tira uma adaga do cinto.

— Permita-me — fala, brandindo a lâmina.

Johannes sorri e volta a se sentar. Marin se mantém rígida, as duas mãos repousando na toalha adamascada.

O primeiro pedaço branco cai curvado junto à base do cone.

— Para você — oferece Meermans, entregando-o com um floreio para a esposa. Agnes abre um sorriso radiante. Ele

entrega mais pedaços de açúcar, deixando Johannes e Otto por último. — *Incroyable!* — exclama quando põe sua fatia na boca. — Seu pai pode não ter sido abençoado com filhos homens, minha querida, mas tirou a sorte grande com este açúcar.

Nella sente o pedaço derreter em sua boca, doce e granuloso, desaparecendo em um instante. “Deixa um traço de baunilha no fim, e gruda sua língua ao céu da boca.” Marin segura a colher, evitando olhar para a doçura à sua espera. Agnes não tira os olhos dela enquanto os nós dos dedos de Marin apertam o cabo do talher, os lábios mal se abrindo conforme ela engole depressa.

— Excepcionalmente bom — diz Marin, com um leve sorriso.

— Mais um pouco, madame? — oferece Agnes.

— O que acha do açúcar, Cornelia? — pergunta Johannes.

Marin lança um olhar de alerta à criada.

— Muito bom, Seigneur. Delicioso. — A voz de Cornelia soa tímida como Nella jamais a ouviu.

— Otto, o que acha? — quer saber Johannes.

— Deus seja louvado, mas você vai nos conseguir fortunas, Brandt! — interrompe Agnes.

Johannes sorri, aceitando mais uma fatia branca e curva do cone cintilante. Nella observa Otto limpar a boca com delicadeza, cada gesto bem comedido.

— Quando você vai a Veneza? — pergunta Meermans. — Todos aqueles *palazzi* e *gondolas*... vai ser como estar em casa longe de casa.

Marin, que experimentara mais um pedaço, pousa a colher.

— Veneza? — questiona.

— O que é uma *gondola*, querido? — Agnes pergunta ao marido, a voz tola, os olhos brilhando por conta do vinho e do desejo de ser amada.

— *C’est un bateau* — responde ele.

— Ah… — faz Agnes.

— Viajo até o fim do mês — informa Johannes. — Gostaria de me acompanhar, Frans? Ah — acrescenta, erguendo um dedo —, esqueci que você tem problemas com a água.

Meermans franze o nariz.

— Pouquíssimos homens suportam mares agitados.

— Verdade. — Johannes bebe todo o conteúdo do copo. — Mas sempre há os que conseguem suportar.

Marin se levanta da mesa.

— Petronella, você tocaria o alaúde?

— O alaúde?

Com o aviso de Marin para não tocar o instrumento do irmão surgindo em sua mente, Nella não consegue esconder a surpresa.

— Foi o que eu disse.

Os olhos das duas mulheres se encontram pela terceira vez na noite. Nella, vendo o cansaço no rosto de Marin, abstém-se de qualquer protesto.

— Claro que posso tocar, Marin — responde. — Claro.

É um prazer tocar alaúde, porém o prazer é ainda maior ao ver os rostos da plateia conforme as cordas afinadas às pressas se entregam a seus dedos. Pela primeira vez, Nella é alvo de atenção e admiração, tocando por quarenta minutos diante das cadeiras arrumadas em semicírculo. Até Otto e Cornelia vêm ouvir.

O contencioso, e agora reduzido, pão de açúcar está outra vez na bolsa de Agnes, e uma tranquilidade recai sobre a sala, atando cada momento ao outro com notas simples e uma canção grave sobre amor perdido. Johannes olha sua

nova esposa com algo semelhante a orgulho. Marin encara o fogo, ouvindo, Agnes balança a cabeça fora de ritmo, enquanto o marido se mexe na cadeira.

Os Meermans vão embora pouco depois, prometendo conversar com Johannes sobre seu progresso em novembro. Marin fecha a porta.

— Graças a Deus eles se foram — sussurra. — Limpe tudo pela manhã — diz a Cornelia, que não consegue esconder a surpresa por ser liberada de uma noite de lavagem de pratos.

Regozijando-se com seu triunfo, Nella aninha o alaúde nas mãos, apoiando-se na janela do corredor. Agnes e Frans estão descendo os degraus da frente.

— *Casco de tartaruga*, Frans. — Agnes nem se incomoda em manter a voz baixa, ou não consegue, depois de todo aquele vinho. — Com *peltre*.

— Agnes, fique quieta.

— Que presente de casamento mais estranho… o modo como funcionam essas mentes brilhantes! Eu também quero uma, Frans. Poderemos comprá-la em breve. E quero que a minha seja melhor que a dela.

— Eu não diria que a mente dele é exatamente brilhante…

— E, o Senhor seja louvado… você viu a expressão de Marin quando comeu o nosso açúcar? Passei *semanas* esperando por isso. Fransy, o Senhor tem sido generoso…

— Ah, controle essa sua língua insuportável.

Enquanto se afastam, madame Meermans cai num silêncio que não volta a ser quebrado.

A garota abandonada

Na manhã seguinte, quando Nella acorda, Cornelia já acendeu o fogo. Nella se veste sozinha, sem se incomodar com a pressão de um corpete, preferindo uma camiseta e colete a todas as barbatanas que Cornelia lhe imporia.

— Há alguma encomenda para mim? — pergunta ela a Otto, que se encontra no andar de baixo.

— Não, madame. — Ele parece aliviado.

O comentário de Agnes ainda ronda a mente de Nella. *Frans gosta quando faço visitas.* Embora Nella tenha se sentido animada com a apresentação de alaúde, a noite como um todo deixou um vestígio de descontentamento.

Apesar de não querer imitar Agnes Meermans em nada, Nella reconhece que a outra *sabe* mais sobre casamento do que qualquer um naquela casa. “Devo ser vista, é uma forma de incentivar Johannes”, pensa ela, “de valorizar o seu trabalho. Em troca, talvez ele em breve me valorize”. Seu plano é surpreender o marido no escritório e, depois disso, voltar à placa do sol. Se o Cara Furada não estiver rondando, talvez a miniaturista queira conversar.

* * *

Embora todos os cômodos estejam outra vez impecáveis, a casa transmite uma sensação de mudez, um ar de exaustão após uma luta. A porta do escritório de Johannes está aberta, e Nella pode ver seus mapas e papéis espalhados pelo chão.

Ela vaga até a sala de jantar e para ao avistar Marin, que não está completamente vestida e usa seu robe sobre uma blusa e uma saia. Marin o fecha em volta do corpo. O cabelo castanho-claro está solto e cai sobre os ombros, exalando um leve aroma de noz-moscada. É como vê-la através de lentes mais suaves e melhoradas.

— Johannes já foi para Old Hoogstraat? — pergunta Nella.

Otto vem servir duas xícaras de café, e o aroma amargo aguça seus sentidos. Algumas gotas respingam do bule, espalhando-se na toalha de mesa como ilhas virgens num mapa. Ele se mantém focado nas manchas que provocou.

— Por quê? — rebate Marin.

— Queria perguntar a ele onde fica Bergen.

— Na Noruega, Petronella. Não o perturbe.

— Mas...

— E por que você quer saber sobre Bergen, entre tantos lugares no mundo? Tudo o que eles fazem é vender peixe.

* * *

No saguão, Cornelia esfrega os ladrilhos pretos e brancos perto da porta da frente, a cabeça baixa, muito concentrada. Otto segue para a cozinha, deixando o rastro do aroma do bule de café ao passar. A luz fraca de outubro entra mortiça pelas janelas, e as velas de sebo, recém-resgatadas de seus esconderijos, já estão acesas. Nella puxa os ferrolhos e abre a porta. Cornelia para e se empertiga quando entra o ar da rua.

— Madame, são só oito horas — diz, a cabeça erguida, as mãos apertando a vassoura como uma lança. — Aonde vai tão cedo?

— Cuidar de alguns assuntos — responde Nella.

Seu mau humor cresce visivelmente diante do olhar descrente da criada. Sente-se aprisionada outra vez, aquela

nova sensação de poder proporcionada pelo alaúde já desaparecida.

— Mulheres não têm assuntos para cuidar, madame — rebate Cornelia. — Deveriam saber seu lugar.

Aquilo é como um tapa, um insulto que nenhum criado jamais ousaria cometer em Assendelft.

— A senhora deveria ficar aqui — insiste Cornelia, com um ar quase de sofrimento. Nella vira o rosto alerta para inspirar o ar da rua, longe do cheiro de fumaça das velas e da expressão vigilante de Cornelia. — Aonde quer que seja, não deveria ir sozinha — murmura a criada, mais gentil dessa vez, pondo a mão no braço de Nella. — Eu só estou…

— Ao contrário de *você*, Cornelia, posso ir aonde eu quiser.

Vai ser interessante ver o marido em seu ambiente de trabalho, testemunhar seus esforços para consolidar sua riqueza. É um modo de compreendê-lo. Nella vira no Kloveniersburgwal, de onde já é possível sentir a maresia e ver os mastros dos grandes navios a certa distância. Andando ao longo do canal, ela até considera mostrar a Johannes as miniaturas de suas adoradas cadelas. Sem dúvida, ele iria gostar.

Ela atravessa o arco principal da entrada da VOC na Old Hoogstraat, perto do arsenal, onde escudos e peitorais de armaduras retinem, organizados por tamanho. Este lugar é o eixo da cidade toda, alguns diriam que até mesmo de toda a república. Seu pai uma vez lhe disse que Amsterdã contribuíra com mais da metade do financiamento de guerra do país. Ele parecera muito desconfiado da riqueza e

do poder da cidade, mas misturada a essa cautela havia uma admiração desejosa.

Nella contorna o primeiro pátio, tonta com o padrão repetitivo dos tijolos. Dois homens conversam no canto mais afastado e, quando ela passa, curvam-se em uma reverência. Ela retribui o gesto e eles a observam com curiosidade.

— Nunca vemos mulheres na VOC — diz o primeiro homem.

— Exceto à noite — logo intervém o amigo —, e com um cheiro de almíscar e baunilha.

— Estou procurando Johannes Brandt — responde ela, a voz cheia de ansiedade por causa do comportamento sugestivo dos homens.

Uma nuvem de espinhas vermelhas cobre a testa do segundo rapaz. Ele é pouco mais que um garoto. Deus foi perverso com seu pincel.

Os homens trocam um olhar.

— Atravesse aquele arco para o segundo pátio e você vai ver uma porta no final, à esquerda — diz o primeiro. — É uma área privativa — acrescenta. — Mulheres não são permitidas.

Nella pode sentir os dois homens observando-a às suas costas enquanto atravessa o segundo arco. Ninguém atende quando ela bate à última porta à esquerda, então Nella a abre com impaciência. O sal se entranhou nas paredes e nos poucos móveis, tornando o lugar úmido. Nos fundos há uma escada caracol e ela começa a subi-la, cada vez mais alto, até chegar a um andar mais arejado, um longo corredor em cujo fim há outra grande porta de carvalho.

— Johannes? — chama.

“Estou sempre chamando por ele”, pensa Nella. “Sempre esperando atrás das portas dos cômodos onde ele está.” Ela corre para o escritório do marido, com passos rápidos como

os de um gato, o entusiasmo aumentando enquanto pensa na surpresa que ele terá.

A maçaneta no fim do corredor é dura e, quando Nella a empurra com força e a porta se escancara, o nome do marido fica preso em sua garganta.

No fundo da sala, Johannes está estirado em um sofá, de olhos fechados, nu, completamente nu, impossibilitado de se mover por causa de uma cabeça de cachos negros que paira sobre sua virilha.

Os cachos parecem grudados em seu marido. E então Nella vê que a cabeça está se movendo, para cima e para baixo, para cima e para baixo. A cabeça pertence a um corpo, um torso esguio, um par de pernas ajoelhadas, semiescondidas atrás do sofá.

Com o som da porta, os olhos de Johannes se abrem, arregalando-se de horror ao ver a esposa. Ele agita o corpo. A cabeça de cachos se ergue e é de Jack Philips, a boca aberta, os olhos em choque, virando o rosto pálido na direção de Nella. Ele recua e se levanta de trás do sofá, o peito nu e liso alimentando o olhar horrorizado de Nella.

Movendo-se como se estivesse embaixo d’água, Johannes não se cobre, ou talvez não consiga fazê-lo. Ele está lento e parece incapaz de respirar. Sua coisa, sua *minhoca*, é agora um mastro — tão carnudo, tão ereto, tão úmido. Ele empurra Jack e se levanta como uma cortesã musculosa em sua alcova, o peito largo muito cabeludo se comparado ao do jovem.

A luz cinzenta do dia cai pálida sobre todos eles.

— Nella — diz o marido, mas a mente da mulher está muito agitada e ela mal consegue ouvi-lo. — Você não deveria. Você não…

O encanto se quebra quando Jack joga uma camisa para Johannes. Eles tremem — braços, dedos, joelhos —, ambos desajeitados, em pânico e, enquanto observa sua dança

apressada, os joelhos de Nella também começam a ceder. Do chão, ela olha para cima e vê que o marido conseguiu ficar de pé. Ele estica os braços, se para ela, para Jack ou para as roupas, Nella não sabe. É como se agarrasse cordas invisíveis no ar. E ali se encontra Jack de Bermondsey, sem camisa, correndo os dedos pelos cachos. “Ele está sorrindo, fazendo uma careta ou as duas coisas ao mesmo tempo?” A pergunta morre no bramido da mente de Nella e ela leva as mãos aos olhos.

A última coisa que vê é o pênis de Johannes começando a murchar, grande e escuro contra a parte superior da coxa.

O silêncio ensurdece os ouvidos de Nella, a dor explode em seu coração. A humilhação se espalha de um ponto para milhares, e a mágoa adormecida finalmente ganha voz.

Ela não sabe se ele consegue ouvi-la, se as palavras estão saindo.

— *Idiota, idiota, idiota* — sussurra, estreitando os olhos com força.

As pernas de Nella parecem chumbo, a pele quente, o corpo pesado como pedra de moinho. Ela sente mãos masculinas sobre seus ombros e, ao ser levantada, a cabeça pendendo, vê os cinco dedos brancos do pé de Johannes. É a primeira vez desde o beliscão de Marin que alguém a toca.

— Nella — diz uma voz familiar.

É Cornelia. Cornelia veio. Nella se permite ser arrastada para fora da sala, tateando às pressas pelo corredor interminável, como se as duas estivessem fugindo de uma onda.

Johannes chama seu nome. Nella consegue ouvi-lo, mas não pode responder. E será que ia querer responder, mesmo se pudesse? Sua boca não forma palavras. Elas ficam engasgadas na língua.

Cornelia desce com ela os últimos degraus, ordena que ela ponha um pé na frente do outro, meu Deus, madame, apenas ande, por favor, apenas ande para podermos ir para casa. Elas passam pelos mesmos homens ainda parados no pátio. Cornelia precisa arrastá-la, cobrindo o rosto de Nella para que ninguém veja a desolação estampada na expressão da patroa.

Enquanto caminham pela Kloveniersburgwal, a agonia de Nella explode e ela sente ânsia de vômito. Cornelia põe uma mão com firmeza sobre a boca da patroa, porque, naquelas ruas estreitas e alertas, um grito chamaria muita atenção indesejada.

Elas chegam à casa. A porta se abre como se por vontade própria, mas então Nella vê Marin e Otto esperando nas sombras. Escondendo o rosto, ela permite que Cornelia seja sua escora, ajudando-a a subir. Nella deita na cama e puxa as cobertas nupciais, tentando respirar, engasgando com as lágrimas.

Então, do fundo de sua alma, vem o grito, um ganido que rasga o ar.

Nella sente alguém acariciar sua testa repetidamente, segurando-a, forçando-a a beber algo. Ouve seu grito começar a desaparecer, até o último som morrer. Otto, Marin e Cornelia inclinam-se como os reis magos diante da manjedoura, seus rostos repletos de preocupação.

“Sou eu que estou errada”, pensa Nella. “*Idiota*. Eu não deveria…”

Os rostos somem e Nella cede, a imagem de seu marido nu desaparecendo sob uma lagoa escura.



DOIS

Novembro, 1686

Acaso pode sair água doce e água amarga da mesma fonte?

Tiago 3:11

De dentro para fora

Um cheiro doce irresistível a desperta. Nella abre os olhos e vê Marin aos pés da cama, perdida em pensamentos, um prato de biscoitos no colo. Distraída, a cunhada parece muito mais branda, os olhos cinza com as pálpebras baixas, a boca, uma linha abatida. Por sete dias ela se sentou aos pés da cama de Nella e, em todos eles, Nella fingiu dormir.

A imagem de Johannes e Jack Philips retumbou por dias na cabeça de Nella, como uma mariposa batendo as asas sem parar. Com toda a sua força de vontade, Nella conseguiu interromper o voo. Ela a surpreendeu e arrancou suas asas. Mas a mariposa não desapareceu.

O que mais os dois tinham feito antes de ela chegar ao escritório — serviram-se do atlas aberto como cama, deuses acima de seu mundo de papel? “Não sou capaz de suportar essa vida em Amsterdã”, pensa Nella, desejando estar longe dali. “Sinto que tenho menos de dezoito anos, mas um fardo de alguém de oitenta.” Era como se toda a sua vida tivesse chegado de uma vez, e ela atravessa com dificuldade um mar de suposições, sem a possibilidade de tirar a água do barco. “Como fui tola de pensar que poderia conquistar Amsterdã, que poderia estar à altura de Johannes Brandt! Arranquei minhas próprias asas. Não tenho dignidade.”

A casa de bonecas, desabitada, avulta em um canto. Alguém abriu as cortinas, e ela parece crescer conforme os raios de sol iluminam o móvel. Isso também chama a atenção de Marin. Ela deixa o prato de biscoitos no chão e caminha devagar até lá, pondo a mão dentro de um salão

em miniatura. Pegando o berço, ela o balança em sua palma.

— Não toque nisso — dispara Nella, as primeiras palavras que disse em uma semana. — Essas coisas não são suas.

Marin dá um pulo e coloca o berço de volta no lugar.

— Trouxe biscoitos de água de rosas para você — diz. — Com canela e gengibre. Cornelia ganhou uma frigideira nova.

Nella se pergunta o que Cornelia fez para merecer uma frigideira nova. O fogo foi aceso, brilhante e animador na lareira. Lá fora, o inverno finalmente chegou para valer, e mesmo no quarto ela sente um pouco de frio.

— Achei que você tivesse dito que ficar de barriga vazia era melhor para a alma — provoca Nella, embora viesse aceitando as tigelas de *hutspot* e os pedaços de Gouda que Cornelia deixava à porta. Sente as acusações ferverem dentro de si, prontas para explodirem.

— Coma — pede Marin. — Por favor. Depois conversamos.

Nella pega o prato, uma porcelana de Delft com flores e folhas intricadas. Marin afofa seu travesseiro e reassume o posto ao pé da cama. Os biscoitos são perfeitos, dourados e crocantes, e a água de rosas se mistura ao estimulante gengibre. Em um canto, Peebo chia em sua gaiola, como se sentisse o prazer relutante de Nella.

“O que Marin dirá”, ela se pergunta, “quando eu contar o que vi?”.

— Talvez você queira sair da cama...? — Marin soa como uma rainha tentando fazer amizade com um plebeu.

Nella aponta para a casa de bonecas.

— Suponho que você ficaria mais feliz se eu estivesse ali dentro.

— O que você quer dizer com isso?

— Minha vida aqui acabou.

Ao ouvir a sentença, Marin se enrijece, e Nella empurra o prato com o restante dos biscoitos na direção da cunhada.

— Não preciso mais das suas ordens, Marin. Agora entendo tudo.

— Será que entende mesmo?

— Entendo. — Nella respira fundo. — Há uma coisa que você precisa saber.

O rosto pálido de Marin enrubesce.

— O quê? — pergunta ela. — O que é?

Momentaneamente poderosa por causa de seu conhecimento guardado, Nella entrelaça as mãos sobre a colcha e fita o olhar severo de Marin. Seu corpo está pesado, ancorado à cama.

— Há um motivo para eu ter ficado a semana inteira aqui, madame. Johannes, seu irmão… Não, não suporto dizer isso.

— Dizer o quê?

— Johannes é… seu irmão é… um *sodomita*.

Marin pisca. A cruel imagem de Johannes e Jack reaviva na mente de Nella. Uma migalha de biscoito fica presa em sua garganta. Marin não fala; em vez disso, parece estudar o bordado da colcha, as letras B redondas serpenteando entre a folhagem e os pássaros.

— Sinto muito que você esteja chateada, Nella. De verdade — responde Marin em voz baixa. — Johannes não é como a maioria dos maridos, admito.

A princípio, Nella não entende. Porém, em seguida, o rosto de Marin se abre para ela, um livro mostrando suas páginas. Uma sensação de formigamento a invade, pinica seu rosto e corre por seu sangue.

— Você sabia? Você *sabia*?

Ela sente o choro brotar. Isso é quase pior do que ver o marido nu no sofá do escritório com Jack.

— Meu Deus. Eu *sou* a boba da corte de vocês… tenho sido uma tola desde o instante em que cheguei.

— Não rimos de você, Petronella. Nunca riríamos. Você não é o bobo da corte de ninguém.

— Vocês me humilharam. E agora vi com meus próprios olhos. A coisa terrível, nojenta, que ele fez com... aquele garoto...

Marin se levanta e anda até a janela.

— Tudo em Johannes enoja você?

— O quê? *Sim*. Sodomitas... *Tomem cuidado com todos eles*, disse Pellicorne. *A fúria de Deus cairá sobre nossa terra.* Sou esposa dele, Marin! — As palavras jorram dela, palavras que nunca imaginou dizer um dia. A cada letra, Nella se sente mais leve, como se fosse alçar voo.

Marin abre bem a mão encostada na janela, os dedos pressionando o vidro até as pontas ficarem brancas.

— Sua lembrança daquele sermão é extraordinária.

— Você sabia que Johannes não me amaria!

Quando Marin responde, sua voz falha.

— Eu me perguntava como ele poderia não amá-la. Eu... nem sempre entendo. — Marin faz uma pausa. — Ele gosta de você.

— Como um *bichinho de estimação*. E gosta mais de Rezeki. Não posso perdoar essa enganação, essa vergonha... você sabia como seria para mim. As noites que esperei...

— Não vi como enganação, Nella! Era uma oportunidade. Para todos.

— *Você* não viu? Johannes ao menos me escolheu por vontade própria?

Marin hesita.

— Johannes estava... relutante. Ele não queria... mas... eu investiguei. Um dos amigos do seu pai na cidade mencionou a difícil situação financeira em que ele deixou vocês. Sua mãe ficou muito entusiasmada. Achei que seria satisfatório para todos.

Nella empurra o prato para o chão, e ele se quebra em três pedaços.

— E que oportunidade *eu* tive, Marin? — grita Nella. — Você controlou tudo. Você encomendou minhas roupas, cuida do livro contábil, você me arrasta para a igreja e me empurra para banquetes da guilda, onde todos me encaram. Fiquei tão grata quando você me deixou tocar o alaúde. Patético. *Eu* deveria ser a esposa nesta casa, mas não sou melhor que Cornelia.

Marin cobre o rosto com as mãos quando o clima entre elas fica claramente mais tenso. Nella sente seu vigor vir à tona ao ver Marin lutar para manter a compostura.

— Marin, pare de fingir estar tão calma! Isto é um desastre. — As lágrimas surgem em seus olhos e Nella deseja que parem, mas elas correm por seu rosto contra a sua vontade. — Como posso ser feliz com um homem que vai arder no Inferno?

O rosto de Marin assume uma expressão de fúria.

— Fique quieta. Fique *quieta*. Sua família não tinha nada além do nome. Seu pai deixou vocês miseráveis. E você acabaria como esposa de um fazendeiro, Nella.

— Não há nada de errado nisso.

— Quero ver você dizer a mesma coisa daqui a dez anos, quando a represa se romper, quando suas mãos estiverem feridas e dez crianças correrem à sua volta, precisando ser alimentadas. Você desejava segurança, queria ser esposa de um mercador! — Nella fica em silêncio. — Petronella? O que você vai fazer?

À medida que o pânico se intensifica no discurso de Marin, Nella começa a perceber que enfim tem algum poder real. “Será que Marin acha que vou até os burgomestres?” Nella olha com espanto para os traços contorcidos e pálidos da mulher, sentindo-se boba por ver que ela — uma garota de dezoito anos de Assendelft — pode ir aos senhores de

Amsterdã dizer que o marido, um mercador respeitável, está possuído pelo demônio.

"Ah, você poderia fazer isso", Nella diz a si mesma. "Nesse momento, é o que tem vontade de fazer. Poderia denunciar Jack Philips também. Quem poderia lhe deter, se esse fosse seu desejo? Com uma frase você poderia destruir a vida dessa mulher e se livrar de toda humilhação."

Como se lesse sua mente, Marin volta a falar:

— Você faz parte desta família, Petronella Brandt. Essa verdade está grudada em você como óleo nas penas de um pássaro. O que você quer, uma vida miserável de novo? E o que aconteceria a Otto e a Cornelia se você revelasse nosso segredo?

Ela abre bem os braços, como se fossem asas, e Nella sente seu corpo se contrair na cama.

— Não podemos fazer nada, Petronella… *nós, mulheres* — sentencia Marin. — *Nada.* — Seus olhos ardem com uma intensidade que Nella jamais havia visto na cunhada. — Tudo o que podemos fazer, se tivermos sorte, é consertar os erros cometidos pelos outros.

— Agnes é bastante feliz — diz Nella.

— *Agnes*? Ora, Agnes faz o papel dela, mas o que vai acontecer quando sua produção acabar? Aquela plantação era de seu pai e agora ela a entregou ao marido. Fico surpresa por ela se sentir tão *esperta* em relação a isso. E algumas de nós podem trabalhar — grita Marin —, um trabalho de matar, mas pelo qual não receberíamos nem a metade do que um homem recebe. Não podemos ter propriedades, não podemos levar um caso ao tribunal. A única coisa que eles acham que podemos fazer é gerar filhos, que em seguida se tornam propriedade dos nossos maridos.

— Mas você não se casou, você não…

— Há maridos que não deixam as esposas em *paz*. Um filho atrás do outro até que o corpo da mulher vire um saco enrugado.

— Eu seria um saco enrugado se isso significasse não ficar sozinha! *Esposa em público, vida privada* — não é isso que se diz?

— E quantas mulheres morrem no parto, Petronella? Quantas meninas acabam como cadáver de uma dona de casa?

— Pare de gritar comigo! Havia funerais em Assendelft também, sabia? Conheço o perigo.

— Petronella…

— Minha mãe sabia o que ele era? Ela sabia?

Marin para, sem fôlego.

— Acho que não. Mas ela me disse que você era uma garota imaginativa… forte e capaz… e que se sairia bem na cidade. “Nella encontrará um jeito”, escreveu ela. “Assendelft é pequena demais para uma mente como a dela.” Fiquei feliz em acreditar.

— Pode ser — responde Nella. — Mas você não tinha o direito de decidir que eu nunca viveria como uma mulher de verdade.

O sorriso desdenhoso de Marin arranha a pele de Nella.

— O que você quer dizer com uma mulher *de verdade*?

— Uma mulher de verdade se casa… tem filhos…

— Então o que isso me torna? Não sou uma mulher de verdade? Da última vez que verifiquei, sem dúvida eu era — questiona Marin.

— Nenhuma de nós duas é.

Marin suspira, passando a mão na testa.

— Santo Deus. Não queria perder o controle. Ele me escapa e não consigo recuperá-lo. Sinto muito.

A genuinidade daquele pedido de desculpas gera um momento de paz. Exausta, Nella se deita na cama e Marin

respira fundo.

— Nessa cidade, palavras são como água, Nella. — Uma gota de boato, e poderíamos nos afogar.

— Você e Johannes sacrificaram meu futuro porque o de vocês corria perigo?

Marin fecha os olhos.

— O casamento foi vantajoso para você, não foi?

— Bem, eu não teria me afogado em Assendelft.

— Ainda assim, sua vida lá era como estar debaixo d'água. Algumas vacas, a casa em ruínas, e o tédio. Achei que esse casamento pudesse lhe oferecer… uma aventura.

— Pensei que você tivesse dito que mulheres não têm aventuras — rebate Nella. No momento em que diz isso, pensa na miniaturista da Kalverstraat. — Estamos em perigo, Marin? Por que precisamos do dinheiro daquele açúcar? Johannes não o venderia se não precisasse.

— Mantenha os inimigos próximos.

— Achei que Agnes Meermans fosse sua amiga.

— O lucro do açúcar vai nos proteger — responde Marin, olhando de novo pela janela. — Em Amsterdã, Deus, em toda a Sua glória, não pode fazer tudo.

— Como você pode dizer uma coisa dessas? Você, que é tão religiosa…

— As coisas em que acredito não têm nada a ver com o que posso controlar. Não somos pobres, mas o açúcar é uma barreira de proteção contra as ondas crescentes. E você também nos protege, Petronella.

— *Eu* protejo vocês?

— Claro. E, acredite, somos gratos.

A gratidão constrangida de Marin floresce no sangue de Nella, enchendo-a com uma sensação de importância. Ela tenta esconder seu prazer, concentrando-se no desenho serpeante da colcha.

— Marin, me diga... o que aconteceria se Agnes e Frans descobrissem o segredo de Johannes?

— Espero que sejam misericordiosos. — Marin faz uma pausa, puxando uma cadeira. — Mas suspeito de que não seriam.

No silêncio pesado, Marin desaba devagar como uma marionete, as pernas se dobrando, os braços e o pescoço frouxos, o queixo no peito.

— Você sabe o que fazem a homens como o meu irmão? Eles os afogam. Os santos magistrados põem pesos em seus pescoços e os jogam na água. — Uma onda de desolação parece engolfar o corpo de Marin. — Mas mesmo que puxassem o corpo de Johannes de volta e o abrissem, ainda assim não encontrariam o que buscam.

— Por que não?

As lágrimas começam a correr pela face pálida de Marin. Ela leva a mão ao peito, como se para acalmar o sofrimento.

— Porque, Petronella... é algo na alma dele. Está na alma dele e é impossível retirar.

Decisões

Uma hora mais tarde Nella abre sua porta, segurando a gaiola de Peebo. O sol lança uma luz fraca pela janela no patamar da escada, transformando a cor da parede à frente em amarelo pastel. Ela ouve Johannes no quartinho de Marin, suas vozes apressadas aumentando e diminuindo. Deixando a gaiola no topo da escada, Nella caminha furtivamente pelo corredor.

— Por que você não fica longe daquele homem? Imagino como isso pode terminar, e eu não suportaria.

— Ele não tem ninguém, Marin.

— Você o subestima. — Ela parece exausta. — Ele não demonstra qualquer lealdade.

— Você sempre pensa o pior de todo mundo.

— Eu o observo, Johannes. Ele vai nos tirar tudo. Quanto você pagou a ele até agora?

— Ele está ajudando a vigiar o açúcar. É uma troca justa. Pelo menos fez com que ele parasse de fazer entregas e de aparecer por aqui.

Nella avalia o tempo que Marin se manteve em silêncio.

— É com essa cegueira que você vê o mundo — diz ela enfim, a voz contendo a raiva. — Por que seu depósito seria menos exposto que esta casa? Ele deveria ser mantido o mais longe possível de tudo que tem a ver conosco. E se Petronella contar à mãe… ou aos burgomestres?

— Nella tem coração…

— Cuja existência você mal reconhece.

— Não é verdade. Não é justo. Comprei aquela casa de bonecas, aqueles vestidos, eu a levei ao banquete. O que

mais tenho que fazer?

— Você sabe.

Há uma longa pausa.

— Acredito que ela seja mesmo a peça que faltava no nosso quebra-cabeça — admite Johannes.

— E que você corre o risco de perder. O estrago que você fez, tão insensível às necessidades dos outros…

— *Eu*? Sua hipocrisia é impressionante, Marin. Em agosto eu avisei a você que não poderia…

— E eu avisei que, se você não parasse de se encontrar com Jack, algo terrível ia acontecer.

* * *

Nella não suporta mais ouvir a conversa. Anda de volta até a escada e pega a gaiola de Peebo. Ao descer, percebe que nunca se sentiu tão poderosa, nem tão assustada. Imagina Johannes desaparecendo sob a água, o rosto distorcido, o cabelo flutuando como algas marinhas cinzentas. Ela poderia ser a responsável por isso. Eles passaram anos protegidos por essas paredes e pela porta pesada, mas a abriram e deixaram Nella entrar. Agora, veja o que aconteceu. *Não gostamos de traidores* — as palavras de Marin voltam à sua mente como um lembrete da estranha união dessas pessoas a quem Nella de certo modo pertence, e que esperam para ver a quem sua lealdade serve.

No último degrau, ela se senta e põe a gaiola ao seu lado. Peebo está no poleiro, agarrando-o obedientemente. Nella começa a mexer na portinhola e ela se abre com um leve tinido. O pequeno pássaro pula, em choque, a cabeça se contraindo de curiosidade, e pisca para ela com seus olhos lembrando contas.

De início ele hesita, mas então aproveita a oportunidade e voa. Circula pelo gigantesco saguão, cada vez mais alto, arremetendo e se agitando pelo grande espaço, as fezes caindo, abundantes, nos ladrilhos do chão. “Deixe-as cair”, pensa Nella. “Deixe que ele cubra esses malditos ladrilhos de cocô.”

Ela se recosta, observando Peebo subir numa espiral, tremendo por causa da janela da frente, que fora deixada entreaberta. O pássaro voa de um lado para outro. Nella pode sentir o deslocamento de ar conforme as asas batem — ossos e penas finos como papel, o farfalhar das asas quando ele encontra uma viga, um poleiro que sua dona não consegue ver.

Apesar dos avisos da mãe — mulheres enterradas cedo demais no pátio da igreja em Assendelft —, Nella sempre presumiu que um dia teria um bebê. Ela toca o ventre, imaginando uma curva ali, um balão de carne escondendo uma criança. Viver nessa casa não é apenas absurdo, é um jogo, um exercício de falsidade. Quem ela é agora? O que deve fazer?

— Está com fome? — pergunta uma voz.

Nella dá um pulo quando Cornelia aparece, saindo de baixo das escadas, pálida e apreensiva. Não se incomoda em perguntar o que a criada faz rondando por ali. Ninguém nunca está de fato sozinho nessa casa; sempre haverá alguém observando ou ouvindo. Ela mesma não ouve passos, portas se fechando, sussurros apressados?

— Não — responde, apesar de estar faminta.

Nella seria capaz de comer todo o banquete dos prateiros, e nunca parar, consumindo todos os pedaços para sentir que tem alguma substância.

— Vai deixá-lo voando por aí? — pergunta Cornelia. Ela está apontando para o breve vislumbre de penas verdes

quando Peebo dá um voo baixo antes de voltar para as sombras.

— Vou — rebate Nella. — Ele espera por este momento desde o dia em que chegou.

Nella se curva para a frente e a criada se ajoelha, colocando as mãos nos joelhos da patroa.

— Este é seu lar agora, madame.

— Como esta casa cheia de segredos pode ser chamada de lar?

— Só há um segredo nesta casa — diz Cornelia. — A menos que a senhora também tenha um…

— Não — responde Nella, mas pensa na miniaturista.

— O que há para a senhora em Assendelft, madame? Nunca fala de lá, não pode sentir tanta falta de lá.

— Ninguém nunca me *pergunta* sobre lá, a não ser Agnes.

— Bem, pelo que ouvi, lá tem mais vacas do que pessoas.

— *Cornelia.*

Mas Nella cede com uma risada nervosa, refletindo sobre como agora se sente distante daquela casa em ruínas, daquele lago, daquelas lembranças de infância. Ela gostaria que as pessoas não fossem tão grosseiras com relação a Assendelft. “Eu poderia voltar”, supõe. “Mamãe acabaria me perdoando, sobretudo quando eu lhe contasse a verdade. E se eu ficar, Johannes ainda dará suas escapadas, arriscando-se com os pastores e magistrados; a ideia da condenação eterna apagando-se diante de seus desejos. Eu, por outro lado, terei quase nada. Nenhuma promessa de maternidade, nenhum segredo compartilhado à noite, nenhuma casa para administrar, salvo aquela dentro de uma cristaleira, onde nenhuma vivalma pode florescer.”

“E mesmo assim”, pensa Nella. “*Eu luto para emergir*, esta é a mensagem que a miniaturista me enviou. Assendelft é pequena, lá as companhias são limitadas, presas ao passado. Aqui em Amsterdã, as cortinas da casa

de bonecas revelaram um novo mundo, um mundo estranho, um enigma que ela quer solucionar. E, acima de tudo, não há miniaturista em Assendelft.”

A mulher que mora na Kalverstraat é sombria, duvidosa. Talvez até mesmo perigosa. Mas, nesse momento, é a única coisa que Nella pode dizer que é só sua. Se voltasse para o campo, nunca saberia por que a miniaturista a escolhera para enviar aquelas peças inesperadas, nunca descobriria a verdade por trás daquele trabalho. Ela sabe que deseja mais que as entregas continuem do que acabem. Num momento fantasioso, ocorre a Nella que a simples existência das peças pode ser o que a mantém viva.

— Cornelia… você me seguiu naquele dia. Até o escritório de Johannes.

A criada parece sombria.

— Segui, madame.

— Não gosto de ser seguida. Mas fico feliz que tenha feito isso.

Contos

Na cozinha, a criada entrega a Nella um *kandeel* de vinho quente com especiarias, servindo-se de um também.

— Enfim, paz — diz.

— Não quero paz, Cornelia. Preferia ter um marido.

— Meus pastéis de forno devem estar prontos — responde a criada. Ela seca as mãos no avental ao mesmo tempo em que uma lenha no fogo crepita e se abre, liberando uma chuva de fagulhas.

Nella pousa seu *kandeel* na superfície oleosa da pequena bancada de corte, bem próxima ao seu joelho. *Não vou machucar você, Petronella*, era a promessa de Johannes feita no barco a caminho da Guilda dos Prateiros. Ela sempre achou que gentileza se referia a uma ação. Mas deixar de fazer algo, um gesto de abstenção… isso também seria gentileza?

Nella aprendera que a sodomia era um crime contra a natureza. Com relação a isso, há pouca diferença entre um pastor de Amsterdã e um sacerdote de sua infância em Assendelft. Mas quão certo é matar um homem por algo que está em sua alma? Se Marin tiver razão, e isso não puder ser retirado de Johannes, então qual o sentido de todo aquele sofrimento? Nella toma um gole do *kandeel* e deixa o sabor das especiarias afastá-la da terrível imagem do marido sob um mar frio e negro.

— Acrescentei ervilhas secas neles também. Uma ideia nova — conta Cornelia quando o calor sai pela porta do forno, tomando o ambiente. Ela põe os pastéis em um prato,

salpicando-os com calda de uva, carne de carneiro e manteiga antes de oferecê-los a Nella.

— Cornelia, alguma vez Marin já amou alguém?

— *Amou*?

— Sim, foi o que eu perguntei.

Os dedos de Cornelia apertam o prato.

— A madame diz que o amor é melhor como fantasma do que quando se torna realidade; melhor ao ser perseguido do que quando conquistado.

As chamas do fogo se arqueiam e desaparecem.

— Ela pode dizer isso, Cornelia. Mas... encontrei uma coisa. Um bilhete. Um bilhete de amor, escondido no quarto dela.

A cor some do rosto de Cornelia. Nella hesita, então se arrisca:

— Foi Frans Meermans quem escreveu? — sussurra.

— Ah, por todos os anjos — murmura Cornelia. — Não pode ser... eles nunca...

— Cornelia... você quer que eu fique, não quer? Não deseja que eu arrume uma confusão, certo?

A criada ergue o queixo e observa Nella com desconfiança.

— Está *barganhando* comigo, madame?

— Talvez eu esteja.

Cornelia vacila, então puxa um banco para perto e pousa a mão no coração de Nella.

— Você jura, madame? Jura que não vai falar disso com ninguém?

— Juro.

— Então vou contar — afirma a criada, baixando a voz. — Agnes Meermans sempre foi uma gata que esconde muito bem suas garras. Todo aquele jeito artificial... mas olhe com atenção, madame. Veja a preocupação nos olhos dela. Nem

sequer consegue esconder seus sentimentos em relação a Marin… porque Marin roubou o coração de seu marido.

— O quê?

Cornelia se levanta.

— Não posso contar tudo isso sem manter minhas mãos ocupadas. Vou fazer um pouco de *olie-koecken.*

Ela pega uma tigela de amêndoas, um punhado de cravos e um pote de canela. Quando começa a socar as amêndoas e os cravos, o sussurro da criada, seu ar de discrição e convicção são mais deliciosos para Nella do que os pastéis em seu prato.

Cornelia checa a escada para se assegurar de que não tem ninguém vindo.

— Madame Marin era muito mais jovem que a senhora quando conheceu Meermans — diz ela. — Ele era amigo do Seigneur quando eles trabalhavam como secretários do Tesouro. O Seigneur tinha dezoito anos, e madame Marin devia ter cerca de onze.

Nella tenta imaginar Marin criança, mas Agnes tem razão — é impossível. Marin é com certeza o que sempre foi. Algo surge na mente de Nella, um alerta estridente.

— Mas Agnes disse que Frans e Johannes se conheceram na VOC quando tinham vinte e dois anos.

— Bem, ela estava inventando… ou Meermans mentiu para a esposa. Ele nunca trabalhou na VOC. Conheceu o Seigneur no Tesouro de Amsterdã e acabou criando leis na Stadhuis. Nada impressionante, não é, ficar no escritório enquanto seu amigo sai para alto-mar com a maior companhia da república. Ele sente enjoo no mar, madame. Consegue imaginar um holandês que sente enjoo no mar?

— Bem, eu prefiro cavalos a navios — responde Nella.

Cornelia dá de ombros.

— E ambos podem derrubar você da sela. De qualquer modo, Meermans viu madame Marin pela primeira vez no

banquete de São Nicolau. A música dominava o ambiente, cítaras, trombetas e violas de gamba… e madame Marin dançou com Meermans mais de uma vez. Ela pensou que ele fosse um príncipe, de tão bonito. Agora ele come demais, mas naquela época era o preferido de todas.

— Mas como você sabe disso, Cornelia? Você nem sequer tinha *nascido*, não?

Cornelia franze a testa, acrescentando farinha de trigo e gengibre à mistura, engrossando-a com um batedor de ovos.

— Eu era um bebê no orfanato na época. Mas juntei as peças, não é? *Buracos de fechadura* — sussurra ela, fixando os olhos azuis em Nella, o olhar astucioso. — Eu desvendei madame Marin. — Ela puxa para perto uma pequena tigela de maçãs, descascando cada uma delas com um simples girar da faca. — Há algo nela… ela é como um nó que todos queremos desfazer.

No entanto, Nella se pergunta se há dedos finos ou hábeis o bastante para liberar Marin. Com seu mau humor, seus momentos de tímida generosidade frustrados por um comentário rude, Marin é o nó mais cego de todos.

Enquanto Cornelia segue batendo a massa, o coração de Nella parece inflar em seu peito. “Essa garota foi ao escritório de Johannes para me salvar”, pensa. “E, se isso for verdade, então ela é a primeira amiga que eu tenho de fato.” Nella mal consegue suportar aquilo; a qualquer momento vai se levantar e passar os braços em volta dessa criança estranha que veio do orfanato, cujo talento com a comida lhe deu o poder de confortar os outros.

— O Seigneur e Meermans eram bons amigos — diz Cornelia. — Então muitas vezes ele vinha aqui jogar *verkeerspel*. O amor entrou na história mais tarde… o que madame Marin sabia sobre o amor aos onze anos?

— Tenho quase dezenove e sou casada, Cornelia. E ainda assim não posso alegar que sei mais de amor do que uma criança.

Cornelia enrubesce. Ficar mais velha, percebe Nella, não parece fazer com que ninguém tenha mais certeza das coisas. Simplesmente dá mais motivos para duvidar.

— Os pais deles morreram quando madame Marin tinha quatorze anos, e o Seigneur deixou o Tesouro para entrar na VOC — continua a criada. — Meermans foi para a Stadhuis.

— Como os pais dele morreram?

— A mãe estava sempre doente e fraca por causa dos partos. Ela quase não sobreviveu após o nascimento de madame Marin. Houve mais bebês além do Seigneur e dela, claro... mas nenhum vingou. Um ano depois da morte da mãe, o pai faleceu por causa da febre e o Seigneur levou seu primeiro navio da VOC para a Batávia. Madame Marin completou quinze anos. Frans Meermans trabalhava na Stadhuis, mas sem um acompanhante ela não podia encontrá-lo.

Nella imagina o marido sob céus azuis escaldantes, sobre areias quentes enfeitadas por conchas tilintantes e sangue derramado. Pirataria e aventura, enquanto Frans e Marin estavam isolados em meio a móveis de mogno e tapeçarias sufocantes, os canais indolentes e o ressoar dos sinos para o culto religioso.

— O Seigneur tentou incentivá-lo a entrar para a VOC. Disse para ele aproveitar a oportunidade. “Não critique Frans”, dissera madame Marin. “Nem todos tiveram as suas oportunidades, Johannes, e você gosta que seja assim.”

Cornelia mexe uma tigela de uvas-passas hidratadas com a ponta da colher de pau.

— O problema é que Meermans não era páreo para o Seigneur. Não sabia criar as oportunidades certas, não inspirava os homens... conseguiu apenas um sucesso

modesto, enquanto o Seigneur se tornou muito rico. Então, cinco anos depois, quando Marin chegou aos vinte, Meermans apareceu sem que ela soubesse. Ele havia juntado dinheiro e pediu ao Seigneur a mão dela em casamento.

— Ele esperou *cinco anos*? E o que Johannes disse?

— O Seigneur disse não.

— O quê? Cinco anos esperando para ouvir um "não"... mas por quê? Meermans não tinha má reputação, tinha? E ele devia amá-la de verdade.

— O Seigneur nunca faz nada sem um bom motivo — responde Cornelia, na defensiva. Em seguida, coloca a primeira tira de massa numa panela de óleo fervente.

— Sim, mas...

— Meermans era bonito, se você gosta daquele tipo — continua a criada —, mas não tinha a melhor das reputações. — Ela faz uma pausa. — Seu temperamento era difícil, sempre queria mais do que possuía. E depois dessa negativa, nunca mais voltou. Até agora.

Ela tira a rosquinha frita do óleo e a coloca delicadamente em uma travessa cheia de açúcar.

— Eu raspei o topo do pão de açúcar de Agnes — acrescenta, num tom levemente travesso.

— Johannes talvez quisesse manter Marin onde ele precisava — diz Nella. — Uma esposa marionete... E, veja só! Agora ele tem duas. — A criada faz uma careta. — Ah, Cornelia. Ela ainda é senhora desta casa. Você sabe como ela é severa, mantendo todos nós na linha. Essa tarefa deveria ser minha. Embora... você percebeu como às vezes ela fica distraída?

Cornelia permanece em silêncio por um momento.

— Não notei diferença alguma, madame — responde.

— Marin ficou sabendo do que Johannes fez?

— No fim das contas, sim, mas então Meermans já tinha se casado com uma das amigas de madame Marin. *Agnes Vynke*. — Cornelia pronuncia o nome como se fossem partes do corpo de uma vespa. — O pai de Agnes trabalhava com a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais e fez fortuna no Novo Mundo. Ele a proibira de se casar com qualquer homem que não fosse rico o bastante. Era um monstro, o Seigneur Vynke... tentando fazer filhos aos oitenta anos para garantir que ela não fosse a herdeira! Casar-se com Meermans foi a primeira e última rebeldia de Agnes. Ela ama Frans de um jeito doentio. Fez as outras esposas da guilda se voltarem contra madame Marin, apenas para ter certeza de que aquele capítulo da história estava encerrado. Agnes queria um pouco de poder, mas então seu pai morreu e deixou todos aqueles campos para ela.

Nella se lembra das senhoras que Cornelia descrevera, as que visitavam a casa e colocavam pássaros no cabelo de Otto. Seria Agnes Vynke uma delas, ordenada por Marin a nunca mais voltar?

— Foi uma enorme festa de casamento — prossegue Cornelia —, paga por Frans com todo o dinheiro que conseguiu pegar emprestado, sem dúvida. Sempre estava devendo a alguém, aquele lá. A festa durou três dias. Mas você sabe o que dizem sobre grandes casamentos. Eles disfarçam a falta de apetite.

Nella ruboriza. Se o contrário fosse verdade, depois de sua cerimônia miserável ela e Johannes nunca deixariam o leito nupcial.

— Frans e Agnes estão casados há doze anos... e ainda não têm filhos — diz a criada. — E aí vem a plantação de açúcar de Agnes, de mão beijada! Para Meermans, isso é melhor que um herdeiro. Ele pode contar com esse açúcar para criar um legado, mas isso não muda seu amor por madame Marin.

Cornelia entrega a Nella o primeiro *olie-koecken*. Ainda está morno, e a casca frita se parte sob os dentes de Nella, liberando a mistura perfeita de amêndoas, gengibre, cravo e maçã.

— E Marin ainda o ama? — pergunta.

— Ah, tenho certeza de que sim. Ele manda um presente para ela todos os anos. Porcos e perdizes… uma vez foi um lombo de cervo. E madame Marin não nos manda devolvê-los. É como uma conversa silenciosa que eles querem manter. Claro, sou eu que tenho que lidar com tudo. Depenar, cortar, rechear, fritar, ferver. Um colar seria mais fácil. — Cornelia limpa a tigela de massa com um pano úmido. — Foi assim que madame Marin descobriu que o Seigneur tinha recusado o pedido de Frans. O primeiro presente chegou pouco depois do casamento de Agnes.

— O que era?

— Eu tinha acabado de chegar. Lembro muito bem de madame Marin segurando um leitãozinho no saguão. Ela parecia tão infeliz. “Por que ele está me mandando um presente, Johannes?”, perguntou ela e então o Seigneur a levou ao escritório, onde imagino que deve ter lhe explicado tudo.

— Meu Deus.

Cornelia parece amargurada.

— E desde então Meermans envia alguma coisa. Embora nunca ponha seu nome, todos sabemos que é dele. — Ela passa a mão na testa. — Mas um bilhete de amor é diferente — diz. — Um bilhete de amor é perigoso. Ah, feche os olhos para isso, madame Nella, e finja que nunca viu nada.

Nella volta ao andar de cima para dar a Peebo migalhas de *olie-koecken*, a cabeça repleta de imagens de uma jovem Marin lançando olhares envergonhados na direção do principesco Meermans. Era como tentar imaginar seus pais na juventude, caindo de amores. “Eu ia preferir me elevar com o amor”, pensa. “Subir até as nuvens, não despencar para a terra.” Ela imagina a si mesma, adorada, completamente leve, delirando em êxtase.

As vigas estão vazias. Nella vaga pelos cômodos do térreo chamando Peebo, o braço estendido, esperando que ele agite o ar e pouse nela, com seu corpinho familiar e seus pequenos olhos de contas. Ela segue para o primeiro andar e chega a verificar se ele não entrou na casa de bonecas em busca de abrigo.

— Peebo? — chama outra vez.

A porta do quarto de Marin está fechada; ela está tentando dormir. Um súbito pesadelo cruza a mente de Nella: um cadáver depenado, as penas penduradas.

A câmara parcamente mobiliada de Johannes também está vazia.

— Peebo? — repete Nella.

Dhana se atiça, percebendo na voz de Nella algum problema a ser solucionado. Ela imagina o periquito esmigalhado entre os dentes da cadela, um estalo ao acaso, a Natureza seguindo seu curso mais cruel. Uma sensação de pânico se irradia em seu corpo e ela desce as escadas correndo.

— Cornelia? — chama. — Você sabe onde…?

E então ela vê. A janela do saguão, não mais entreaberta, e sim escancarada, deixando entrar o ar frio.

Oito bonecos

Durante toda a tarde e até o início da noite, Cornelia e Nella andaram para cima e para baixo ao longo do canal, chamando o pássaro em vão. Dentro da casa, as vigas continuam vazias, não há o farfalhar das asas. Desorientado e com aquele frio terrível, é impossível que Peebo dure muito. A temperatura havia caído da noite para o dia, uma fina camada de gelo se formando sobre o canal Heren, e o último fio da antiga vida de Nella se desprendera em direção ao céu.

— Sinto muito — sussurra Nella. — Sinto muito mesmo.

Exausta de preocupação e privada de sono pelo sumiço de Peebo, na manhã seguinte ela encontra deixado à sua porta um pequeno ramalhete de flores azuis e vermelhas radiantes, junto com um bilhete. Nella se enche de esperança de que seja da miniaturista, porém, para sua surpresa, uma grande letra maiúscula em seu nome dá início ao bilhete, a caligrafia tendendo para a direita, uma inclinação aguda em direção à parada completa.

Nella,

Vincas azuis para amigos antigos, persicária para reparação — eu poderia lhe comprar um novo pássaro, mas não passaria de uma reles imitação.

Johannes

Nella cheira as flores na penumbra de seu quarto, o aroma suave lutando com sua dor e trazendo à tona os sentimentos de humilhação.

Como vai ser estar casada, para o resto da vida, com esse homem complicado, adepto aos prazeres, mas sem um leito nupcial? Johannes vai incluí-la em reuniões sociais, festas e banquetes da guilda. Ele até mesmo quer ser seu amigo. No entanto, haverá todas essas intermináveis noites de solidão, os dias repletos de anseios, enquanto o amor está selado para sempre. Ela espera que a miniaturista lhe mande algo em breve. O medo do que será por si só vale a distração.

Nella coloca duas das vincas atrás da orelha. Ela nunca vislumbrara uma vida inteira sem ser tocada, e ainda assim, em seu íntimo, uma vozinha se faz ouvir. *Você está aliviada por saber que ele não vai fazer nada.* Ela reconhece o choque de testemunhar a nudez de Johannes. Desde que chegara, grande parte dela a havia encorajado, até mesmo tentado, a se tornar o que Nella sempre presumira ser uma esposa, *uma mulher de verdade*. Passara tanto tempo ansiando por essa transformação, consolidando-a em sua mente, que não se dera conta da ambiguidade. Agora, *uma mulher de verdade* perde todo o sentido. O forte desejo de Nella se esvai, uma bruma em sua mente. O que ao menos *significa* ser uma esposa de verdade?

Uma batida à porta a desperta do círculo vicioso de seus pensamentos.

— Perguntei ao Otto — diz Cornelia, enfiando a cabeça pela fresta da porta. Ela hesita ao ver os olhos inchados de Nella. — Ele não deixou a janela aberta, e não fui eu…

— Não estou culpando ninguém, Cornelia.

— Ele pode voar de volta.

— Ele não vai fazer isso. Fui uma idiota.

— Tome — fala Cornelia, oferecendo um embrulho decorado com o símbolo do sol. — Foi deixado lá fora para você.

O coração de Nella retumba. “É como se ela me ouvisse”, pensa, “mesmo quando estou em silêncio. O que ela está

tentando dizer?”.

— Foi… Jack que entregou? — pergunta.

Os dedos tremem de leve sobre o pacote, desesperados para abri-lo.

Cornelia estremece ao ouvir aquele nome, os olhos fixos nas mãos trêmulas da patroa.

— Estava lá quando fui lavar os degraus da entrada — responde a criada. — Acho que aquele inglês vai manter distância. Madame… o que tem *dentro* desses pacotes?

Nella sabe que não está pronta para dividir a mulher da Kalverstraat. Rejeitara a ideia de privacidade, mas agora anseia por ela, desesperada para ficar a sós com o que a miniaturista tem a mostrar.

— Nada. Peças que encomendei para minha casa de bonecas — responde Nella.

— Peças?

— Você pode ir.

Depois de Cornelia sair, lançando um último olhar por sobre o ombro, Nella vira o pacote na cama. Nada poderia prepará-la para o que vê.

Oito bonecos estão estendidos numa faixa de veludo azul. Tão reais, tão delicados; são objetos de uma inatingível perfeição humana. Nella se sente uma gigante, pegando um deles como se fosse quebrar. Johannes está na palma de sua mão, um manto índigo-escuro jogado sobre seus ombros largos, um dos punhos cerrados. A outra mão se encontra aberta, a palma estendida, receptiva. O cabelo está mais comprido do que Nella jamais viu, chegando pouco abaixo dos ombros. De olhos escuros, as sombras em seu rosto o fazem parecer mais fraco do que na vida real. Presa à sua cintura há uma bolsa pesada de moedas, quase do tamanho de sua perna, e ele está mais magro. A bolsa sobrecarrega as juntas de seu quadril, fazendo com que ele entorte para o lado.

O cabelo da boneca de Nella escapa por baixo do chapéu, como na realidade costuma acontecer. Usando um elegante vestido cinza, sua miniatura olha para a frente, um olhar de surpresa em seu rosto congelado. Em uma de suas minúsculas mãos se encontra uma gaiola vazia, a portinhola aberta. Nella sente algo estranho, como se alfinetes espetassem a camada interna de sua pele.

Na outra mão da boneca há um bilhete minúsculo, escrito em letras maiúsculas pretas e perfeitas:

AS COISAS PODEM MUDAR

Incapaz de olhar para a própria miniatura, Nella segue para a de Cornelia, maravilhada com os olhos azuis da criada, que a fitam com um traço de alegria. A mão de Cornelia está em seu rosto e, ao observar melhor, parece que ela tem os dedos nos lábios.

Otto é o próximo, o cabelo feito de lã de cordeiro tingida. Parecendo mais ágil que Johannes, ele também é mais magro que na vida real. Nella toca seus braços; sua roupa simples de criado disfarça os músculos esculpidos. Os dedos de Nella se afastam.

— Otto? — diz ela em voz alta, sentindo-se tola quando o boneco não responde.

E então há Marin, os olhos cinzentos fixos num horizonte invisível. Sem dúvida é ela: o rosto fino, a boca solene contendo um pensamento desesperado para sair. Suas vestes são sérias, exatamente como as de verdade; veludo preto, um colarinho volumoso e sem ornamentos de renda. Nella, impressionada, corre o dedo pelos pulsos finos de Marin, os braços esbeltos, a testa elevada e o pescoço rígido. Lembrando o que Cornelia lhe contou, sobre os forros secretos e macios das roupas austeras do cunhado, Nella toca embaixo do corpete. Seus dedos ardem em uma delicada pele de zibelina.

“Meu bom Deus”, pensa. “O que está acontecendo aqui? Sem dúvida é o mais longe que a miniaturista já foi. Uma pequena chave dourada, um berço que embala, duas cadelas, tudo isso poderia facilmente fazer parte dos aspectos prazerosos da vida em uma casa de mercador. Mas isto, estes bonecos, são algo diferente. Como a miniaturista sabe o que Marin usa sobre sua pele, ou que Peebo fugiu?”

“Você achou que fosse uma caixa trancada dentro de uma caixa trancada”, diz Nella a si mesma. “Mas a miniaturista vê você. Ela *nos* vê.” Deslizando o dedo trêmulo pela saia de Marin (que parece ser da melhor lã negra do mercado), Nella esconde a boneca da cunhada num canto afastado do salão em miniatura, atrás de uma cadeira onde ninguém pode vê-la.

O boneco seguinte é uma figura masculina, ligeiramente mais baixa que Johannes, usando um chapéu de abas largas e uma espada, vestido com o uniforme da Milícia Cívica de São Jorge. Seu rosto é largo e, apesar da mobilidade reduzida de seu corpo atarracado, está claro que é Frans Meermans. Agnes vem em seguida, com sua cintura de vespa e os anéis feitos de minúsculos cacos de vidro colorido. O rosto é mais estreito do que Nella se lembra, mas as familiares pérolas estão pontilhadas em branco em sua faixa de cabelo preta. Um grande crucifixo pende de seu pescoço, e em uma das mãos ela segura um pão de açúcar em forma de cone, não maior que uma formiga.

O oitavo e último boneco cai do veludo, fazendo Nella gritar. Pegando-o do chão, ela vê que é Jack Philips, o casaco de couro e a camiseta branca com os punhos soltos, as pernas enfiadas em um par de botas de couro. O cabelo bagunçado, a boca vermelho-cereja. “Por que a miniaturista ia querer me lembrar desse rapaz horrível?”, pergunta-se Nella. “Por que preciso tê-lo na minha casa?”

Os bonecos não dão qualquer resposta, apenas a encaram, miniaturas que guardam tanto poder. Nella se esforça para olhar com tranquilidade para esses personagens, deitados no veludo, feitos com cuidado e atenção. Um a um, ela os põe em cantos escuros da casa de bonecas.

“Com certeza não deve haver maldade neles.” Ela tenta ao máximo se convencer disso, mas algo parece estar além da normalidade; há uma explicação naquilo que ela não consegue compreender. É mais do que mera imitação.

Resta um embrulho de tecido preto, menor que os outros. Nella mal tem coragem de abri-lo, mas o impulso é forte demais. Quando ela desenrola o tecido, acha que vai vomitar. Ali está a miniatura de um pássaro verde, olhando para ela com olhos pretos brilhantes, as penas de verdade, roubadas de uma criatura com menos sorte. As patinhas são feitas de arame e cobertas de cera, e são maleáveis para se prenderem a qualquer lugar.

O mundo de Nella está encolhendo, e ainda assim parece mais difícil de lidar do que nunca.

Ela explora o lugar. “Será que a miniaturista está aqui no quarto, escondida debaixo da cama?” Nella se agacha para olhar, afastando as cortinas com um puxão rápido, como se para pegá-la desprevenida, e olha até atrás das cortinas da casa de bonecas. Tudo que encontra são espaços vazios zombando de sua vontade de acreditar. “Você é Nella-Cabeça-nas-Nuvens”, ela repreende a si mesma. “Você, com suas ideias e sua imaginação descontrolada. Deveria deixar essa garota de Assendelft para trás.”

Pela janela, ela vê as pessoas andando pela calçada. O Herengracht está movimentado hoje, já que o gelo dificultou o deslocamento pelo canal. Em um canto, a vendedora de peixes bate os pés no chão para se manter aquecida, homens e mulheres circulam com seus criados, todos agasalhados contra o frio implacável. Alguns olham de relance para Nella ao passar, os rostos virados como campainhas-brancas para o céu invernal.

Nella desvia o olhar para a ponte. Um vislumbre de um cabelo claro, tem certeza disso. A pele começa a formigar outra vez, e Nella sente seu interior enfraquecer. É ela? Há uma multidão considerável nessa extremidade do Herengracht, atravessando a ponte. Nella se inclina mais para fora da janela. *É* ela — aquele cabelo brilhoso, escondido pelo fluxo de vultos mais escuros, movendo-se depressa contra o frio.

— Espere! — grita da janela. — Por que está fazendo isso comigo?

Alguém ri na calçada.

— Ela é louca? — pergunta uma mulher.

Nella sente-se humilhada por essa observação terrível e injusta.

Mas o cabelo claro desapareceu, deixando as duas perguntas sem resposta, pairando no ar.

Escrito na água

Nella desce correndo a escadaria principal, o novo Peebo em miniatura guardado no fundo de seu bolso. Com os tamancos de casa ainda nos pés, ela se dirige para a porta da frente, mas a intensidade das vozes de Marin e Johannes na sala de jantar a faz parar. Hesita, dividida entre ir atrás da miniaturista e ouvir a discussão dos irmãos.

— Você disse que iria, Johannes, e tem que ir. — A voz de Marin está baixa e estranhamente rouca. — Chamei um barco para levar você ao porto. Cornelia preparou o seu baú.

— O quê? Vou em algumas semanas — responde Johannes. — Há tempo de sobra.

— Já é novembro, Johannes! Pense em todos os bolos e festas que precisam de açúcar nessa temporada. Ir em dezembro será tarde demais, e a umidade do depósito não vai fazer nada bem ao açúcar…

— E quanto à umidade nos meus ossos, pulando de barco em barco nesse clima? Você não tem ideia da monotonia de trocar pagamentos por favores, a exaustão de conversar em italiano, jantares com cardeais que não sabem falar de nada além do tamanho de seus palácios na Toscana.

Marin franze o nariz.

— Você está certo, eu não sei. Mas, levando tudo em conta, seria… prudente da sua parte… se afastar.

— Prudente? Por quê? — A voz de Johannes fica acalorada, com um tom provocador. — O que você está tramando para quando eu não estiver aqui?

— Não estou tramando nada, Johannes. Vou organizar minhas ideias. Assim como Petronella.

— Estou cansado, Marin. Tenho quase quarenta anos.

— Foi você que quis vender açúcar no exterior. E se ao menos se desse o trabalho de visitar a cama da sua esposa… então em quinze, dezesseis anos, poderia passar tudo ao seu filho. Por mim, poderia passar a velhice inteira numa taverna.

— O que você disse? Meu *filho*?

Nella quase pode sentir o gosto do silêncio que se segue. Ele recai entre eles, Johannes e Marin na sala e ela do lado de fora, como um pesado cobertor de neve no qual um homem poderia afundar e desaparecer. Ela encosta a face na madeira, esperando. Foi desejo que ouviu na voz do marido, ou não passou de surpresa? Quão certa Agnes de fato estivera naquela noite na Guilda dos Prateiros? Não havia garantia, era o que Johannes dizia sobre herdeiros. “Se as coisas podem mudar”, pensa Nella, passando os dedos no pássaro em miniatura em seu bolso, “talvez isso signifique que as pessoas também possam”.

— Marin. — Johannes suspira, interrompendo os pensamentos de Nella, a neve de devaneios derretendo. — Essas vidas perfeitas que você nos arrumou, traçadas em mapas que não nos levam a lugar algum! Em quinze anos eu provavelmente vou estar morto.

— Ah, vejo claramente nossos destinos, irmão. É isso que me aflige.

— Se eu for, vou levar Otto comigo.

— Precisamos de Otto aqui — rebate Marin. — Apenas três mulheres e nenhum homem para carregar a lenha? O frio severo está chegando.

— Você quer dirigir meus negócios, mas não pode carregar lenha? Nesse caso — Johannes expira com força

quando Marin não contesta —, só tem outro assistente que eu poderia levar.

— Se você estiver considerando…

Nella irrompe na sala. É a primeira vez que vê o marido desde aquele momento no escritório. Uma expressão de dor cruza o rosto de Johannes quando ele se levanta da cadeira, arrastando os pés no chão desajeitadamente.

— Nella, você estava…? — começa ele.

— O que é isso? — interrompe ela, apontando para o ponto que Marin estuda no mapa.

— O mapa de Veneza por De'Barbari — responde Marin, olhando as pétalas de vinca atrás da orelha de Nella.

— Teve sorte com seu periquito? — pergunta Johannes.

Nella enfia a mão no bolso.

— Não. Não tive.

— Ah. — Ele faz uma pausa, esfregando o queixo e pensando, fitando-a com cuidado. Olha para Marin. — Decidi que devo ir a Veneza para realizar negociações sobre o açúcar de Agnes.

— Veneza? — repete Nella. — Você não vai estar aqui no Natal?

— Não posso garantir.

— Ah. — Para sua surpresa, Nella ouve um traço de desapontamento na própria voz.

Marin a encara.

— Achamos que seria melhor — diz Johannes.

— Para quem?

— Para o açúcar — responde ele.

— Para todos — conclui Marin.

* * *

Seguindo os planos de Marin, Johannes alcança o barco da VOC perto de casa. A embarcação o levará até o cais, onde

ele pegará o navio. Parada na soleira da porta, Nella treme enquanto ele, relutante, acena com a mão erguida. Ela imita o gesto, a palma de sua mão voltada para o ar frio, sem acenar, apenas erguida em despedida.

— Você colocou as flores no cabelo — diz ele.

— Coloquei. — Ela observa a pele bronzeada dele, as linhas finas ao redor dos olhos, a barba grisalha por fazer. — Para reparação.

Ao ouvir essas palavras Johannes parece incapaz de falar, e nesse curto e tenso momento entre eles, Nella sente que cresceu, como se a dignidade fosse algo concreto que pudesse segurar em suas mãos.

Rezeki sai aos saltos de casa, latindo seu descontentamento por ser deixada para trás.

— Você está com as amostras de pão de açúcar? — pergunta Marin.

— Minha palavra basta — retruca Johannes, mas sua fala denuncia a emoção.

“Quem é este homem, tão tocado pelo meu adeus?”, pergunta-se Nella.

— Por que você não a leva? — indaga Marin.

— Porque ela vai atrapalhar — responde Johannes. — Só a mantenha em segurança.

Nella torce para que eles estejam falando da cadela. Marin parece tão fria com o irmão que é difícil suportar. Ele está indo, não está? Não é isso que ela quer? “Talvez a miniaturista me mande algo em breve que me explique essa mulher estranha”, pensa Nella. A boneca de Marin não tem pista alguma. “Hoje à noite”, diz a si mesma. “Hoje à noite vou à placa do sol.”

Marin volta para casa devagar, como se o frio tivesse dominado suas articulações. Cornelia observa a patroa caminhar com hesitação. Parada ao lado de Otto, Nella vê a

figura do marido ficar cada vez menor, à medida que o barco segue pela Gouden Bocht.

— Você não quis ir a Veneza? — pergunta ela.

— Já fui, madame — responde Otto, observando o rastro na água. — Uma vez é o suficiente para o Palácio do Doge.

— Eu gostaria de conhecer — diz Nella. — Ele poderia ter me levado.

Ela flagra Cornelia e Otto trocando um de seus olhares. Quando se viram para a casa, os três veem Jack Philips parado junto à curva na parte mais alta do Canal. Nella sente o estômago revirar. Jack mantém as mãos nos bolsos, o cabelo mais bagunçado do que nunca, enquanto observa de cara feia o barco de Johannes desaparecer. Otto conduz Nella de volta pelos degraus e o corpo dela vacila com o contato, deixando que ele a guie, ouvindo um baque suave atrás de si quando Cornelia fecha a porta.

Do lado de fora, a noite de inverno escureceu. O céu é um profundo rio índigo, as estrelas como lâmpadas espetadas na correnteza. Nella senta-se à janela de seu quarto, o Peebo em miniatura em seu colo. Jack já saiu há muito de seu posto. Onde está Johannes agora? Vai pegar uma daquelas gôndolas misteriosas, voltará ao Palácio do Doge? “Claro que sim”, pensa Nella. “É Johannes.” Ela se vira para a casa de bonecas e delicadamente coloca Peebo em uma das cadeiras de veludo. *As coisas podem mudar*. Ela tenta não imaginar seu pássaro verdadeiro, lá fora numa noite como essa, à mercê de falcões e corujas. Talvez a miniaturista o tenha mantido a salvo. Por outro lado, de onde mais poderiam ter vindo essas pequenas penas? A

ideia de que a mulher pudesse ter machucado e depenado Peebo é insuportável.

É hora de descobrir. “A Kalverstraat vai estar congelante a essa hora”, pensa Nella, vestindo sua capa com capuz. “E quem sabe quanto tempo vai levar para convencer a miniaturista a sair?”

Ela prende a pequena chave dourada que a mulher enviou em volta do pescoço de sua própria boneca, e em seguida a posiciona cuidadosamente na cama de verdade.

— Não estou com medo — diz em voz alta, virando-se para ver um breve brilho na minúscula clavícula da boneca.

Ainda assim, não consegue apagar a ideia de que aquele gesto dirigido à sua miniatura é a única garantia de que possa retornar a salvo.

Em toda a sua vida, Nella jamais saiu depois de escurecer. Em Assendelft encontraria apenas uma raposa perdida invadindo um galinheiro. As raposas em Amsterdã deviam assumir formas bem diferentes. Abrindo a porta de seu quarto em silêncio, ela inspira um adorável aroma de lavanda, que se dispersa no corredor à medida que a umidade impregna o ar. O restante da casa está silenciosa, exceto pelo som de água correndo no final do corredor. Marin, que guarda seus segredos como armas, que usa vestidos de zibelina mas come arenque velho, parece estar tomando um banho noturno.

Um banho a qualquer hora do dia é algo suntuoso, e Nella reflete sobre essa indulgência noturna. Incapaz de resistir, ela caminha silenciosamente pelo corredor e olha pelo buraco da fechadura.

Marin está de costas, impedindo Nella de ver a banheira que ocupa a maior parte do espaço livre no pequeno quarto. Quem a pôs ali para ela, enchendo-a até a borda com água quente? Com certeza não foi a própria Marin. A cunhada não é tão magra quanto Nella pensava. De costas, vê-se que há

muita carne em suas coxas e em seu traseiro, normalmente escondidos pela saia. As roupas jazem no chão diante de Marin e dizem ao mundo quem ela quer ser.

Mas, nua, a mulher é uma criatura diferente, a pele pálida, os membros longos. Quando se inclina para testar a temperatura da água, Nella vê que os seios da cunhada não são pequenos. Marin claramente os aperta nos corpetes mais inclementes. São fartos e redondos, como se devessem pertencer a outra pessoa. O fato de aquele corpo ser de Marin é estranhamente inquietante.

A mulher coloca uma das pernas na banheira de cobre, depois a outra, deslizando devagar como se sentisse dor. Inclina a cabeça para trás, fecha os olhos e a água a encobre. Fica vários segundos submersa, visivelmente batendo a perna na lateral da banheira antes de voltar à superfície para respirar. Com os brotos de lavanda seca boiando na água e liberando sua fragrância, Marin esfrega a pele até ficar rosada.

Os cachos molhados em sua nuca parecem infantis, insuportavelmente vulneráveis. Na prateleira à frente dela, ao lado de todos os livros e crânios de animais, Nella vê uma pequena tigela de nozes carameladas, brilhando como joias à luz de vela. Ela não se lembra de uma única vez que Marin tenha comido um doce em público, um waffle ou pão doce — nada, exceto o açúcar de Agnes, que ela mal conseguira engolir. Marin teria roubado aquilo da cozinha? Será que Cornelia era cúmplice do apetite secreto da patroa?

“É a sua cara, Marin”, pensa Nella, “esconder nozes carameladas no quarto e me criticar por gostar de marzipã”. Açúcar e arenque, os alimentos consumidos por Marin, definem lindamente suas contradições irritantes.

— O que você fez? — pergunta Marin de repente para o ar. — Que diabo você fez?

Ela parece esperar, olhando para o nada, de onde não vem resposta alguma. Nella mantém o olho na fechadura, apavorada com a possibilidade de sua capa farfalhar alto demais. Depois de um tempo, Marin sai da banheira com certa dificuldade, secando cada braço e perna devagar. Ela parece bem-alimentada para alguém que come como um passarinho, alguém que diz ao mundo que nega a si mesma o prazer dos doces. Após vestir um longo camisolão de linho, Marin senta-se na cama, à esquerda da banheira, e observa as lombadas dos livros.

Nella não consegue desviar o olhar. A cunhada está sem as saias perfeitas, os corpetes pretos, as faixas de cabelo brancas. Agora Nella sabe o que há por baixo; vê a sua pele. Marin estende a mão e puxa um pedaço de papel de um dos livros. É o bilhete de amor, Nella tem certeza, e agora Marin o pica em pedacinhos, até que não sobre mais papel, apenas pétalas brancas caindo na superfície da água na banheira. Então ela apoia a cabeça nas mãos e começa a chorar.

“Vê-la assim deveria me fazer sentir poderosa”, supõe Nella, enquanto o choro de Marin inunda seus ouvidos. “Mas, mesmo agora, ela me desconcerta. Tal como sua ideia de amor, é mais fácil observar Marin quando ela persegue, porque conquistada desse jeito ela é ainda mais incompreensível.” Nella se pergunta como seria ter a confiança da cunhada, poder pegar sua dor e ajudá-la a acabar com ela.

Sentindo-se triste de repente, Nella dá as costas para a porta. Isso nunca vai acontecer. A intimidade nua daquele momento pulsa em seu corpo, vencendo o desejo de enfrentar o frio e a escuridão do lado de fora. Ela quer dormir. “Amanhã”, Nella diz a si mesma. Por ora, vai tirar da colcha sua versão menor, enfeitada com a chave dourada, e colocá-la de volta na casa de bonecas.

Quando Nella aperta a capa com capuz em torno de si e se dirige para seu quarto, uma sombra se move no topo da escada. A parte de trás de um pé, um calcanhar se erguendo e voltando para a escuridão.

O garoto no gelo

Um cadáver apareceu na superfície do Herengracht, um homem sem os braços e as pernas, apenas um tronco e uma cabeça. Homens golpeiam o gelo para remover o corpo enquanto Marin observa, escondendo-se atrás da porta da frente. O canal é um terreno de dejetos acumulados durante o ano e, à medida que se solidifica com o frio, ações do passado surgem para serem examinadas pelo restante da cidade. A ausência de Johannes adentra a segunda semana, e objetos mais prosaicos emergem conforme a água congela ainda mais; móveis quebrados, urinóis, dez filhotes de gato num círculo apertado e lastimável. Nella imagina poder aquecê-los, vê-los voltar à vida, a tortura que sofreram não passando de um sonho. Quando as autoridades levam o corpo do homem como se fosse um pernil decepado, Marin prevê que o assassinato ficará sem solução.

— Essas coisas foram feitas no escuro para que ficassem no escuro — observa ela.

Nella quase pode sentir novamente o aroma de lavanda do banho da cunhada. Marin parece distraída, olhando pela janela, vagando pelos cômodos.

Sozinha em seu quarto, enrolada em dois xales, Nella segura o boneco de Jack Philips. Parece mais fácil fazer isso agora que Johannes está longe. Jack tem uma flexibilidade física, e seu casaco de couro foi lindamente talhado. Nella puxa de leve o cabelo dele, imaginando se Jack, onde quer que esteja, pode sentir a dor em sua cabeça. Parece possível. “Espero que sinta”, pensa Nella. Uma sensação de

poder a invade, um desejo de destruir. Resistindo, mas contente, ela o devolve ao topo da casa de bonecas, onde ele tomba para o lado.

Lá fora, crianças de rua ousadas patinam no canal congelado sem que seus corpos ameacem a camada de gelo recém-formada. Eles fazem Nella se lembrar de Carel, derrapando e escorregando, berrando de alegria. Ela abre a porta da frente, ouvindo-os chamar uns pelos outros: “Christoffel! Daniel! Pieter!”. Nella vai para fora, instintivamente procurando um adorado vislumbre de verde no céu, mas não encontra nada.

Um dos patinadores é o garoto cego, aquele que roubou a vendedora de peixe no dia em que Nella chegou. Os outros o chamam de Bert. Ele parece desnutrido, mas ao menos aparenta gostar do alívio que aquela brincadeira lhe dá, deslizando pelo gelo com os amigos. Nella fica impressionada com o modo como ele patina, tão rápido quanto os outros, um braço estendido, preparado para uma queda. O ambiente escorregadio é ótimo para a paridade. Ele se afasta, rumo ao raio de luz congelado e sem fim.

* * *

Sempre que Nella planeja ir à Kalverstraat, Marin encontra algo para ela fazer. Nada foi entregue desde os bonecos e a miniatura de Peebo, e Nella está impaciente. Quando dezembro chega, Johannes já está fora há duas semanas, e ela avisa que precisa sair a fim de comprar alguns presentes para sua família. Nella vai às compras nas ruas de Amsterdã, escolhe um chicote de hipismo de Milão para Carel e um vaso *tulip* de porcelana para a mãe, objetos para contar a história da esposa de um mercador bem-sucedido. Porém, na Bunsenstraat com Cornelia, comprando o mais delicioso dos biscoitos de gengibre para a irmã, ela olha em

volta constantemente em busca de um cabelo louro-claro, daqueles olhos calmos e atentos. Nella quase deseja estar sendo espionada. Isso a faria se sentir viva.

Ela quer ir à Kalverstraat, mas Cornelia planeja tudo de modo que as duas acabam na loja de Arnoud Maakvrede, dizendo que Arabella merece o melhor da confeitaria de Amsterdã.

— Os biscoitos de gengibre foram proibidos — diz Hanna, o rosto com uma expressão amarga. — Ao menos os com formas humanas. Achei que Arnoud fosse botar um ovo, de tão furioso que ficou. Tivemos que esmagar famílias inteiras e vendê-las como migalhas.

— O quê? Por quê?

— Os burgomestres — responde ela, como se isso explicasse tudo.

Cornelia dá de ombros.

Arnoud confirma que formatos imitando homens e mulheres, meninos e meninas foram, de fato, proibidos, assim como as barracas que vendem bonecas na Vijzeldam. O motivo tem algo a ver com os católicos, diz ele. Falsos ídolos, a importância do invisível sobre o tangível.

— Marionetes são coisas estranhas — murmura Cornelia.

— Isso não faz com que a Igreja esteja certa — diz Arnoud. — Pense nos custos.

— Vamos ter que fazê-los em forma de cachorros — declara Hanna, sempre empreendedora.

* * *

Em vez de biscoito de gengibre, Nella compra para Arabella um livro com imagens de insetos. Ela supõe que a irmã fosse preferir os deliciosos biscoitos de Arnaud, mas é melhor que Arabella ganhe um livro e aprenda alguma coisa. “Você não pensaria desse jeito em agosto”, diz para si

mesma. Nella se sente mudada, como se algo a estivesse influenciando sem encontrar resistência.

De volta à casa, Marin avalia o chicote.

— Quanto isto custou? Ele é só uma criança.

— Foi o que Johannes fez com minha casa de bonecas — observa Nella, eufórica com suas compras, sentindo-se poderosa e rica. — Só estou fazendo o mesmo.

* * *

Na terceira semana que Johannes está longe, o gelo forma pingentes no batente de todas as portas, janelas e até nas teias de aranhas no jardim, feito pequenas agulhas de cristal. Os quatro acordavam com frio e iam dormir tremendo. Nella anseia pela primavera, pelo desabrochar das flores, o cheiro da terra revolvida, novos animais, o odor forte e oleoso da lã das ovelhas. À porta, ela espera receber algo da miniaturista, mas nada chega. Lembrando-se do comentário de Hanna sobre os burgomestres, a proibição das bonecas no Natal, ela se pergunta se a miniaturista um dia voltará a enviar alguma coisa.

Retornando ao seu quarto, ela encontra Marin mexendo na casa de bonecas. É um choque vê-la ali, e Nella avança, tentando fechar as cortinas.

— Você não pediu para entrar!

— Não, não pedi — responde Marin. — Imagino como deve ser essa sensação. — Ela tem algo em uma das mãos e parece agitada. — Petronella, você falou sobre nós para alguém?

“Por favor, Deus”, pensa Nella. “Não permita que Marin tenha encontrado a boneca dela.” A cunhada abre a mão e em sua palma está Jack Philips, tão bonito quanto a versão real.

— O que você está tentando fazer conosco?

— Marin…

— A falta de criatividade dos móveis e das cadelas eu posso entender. Mas um boneco de *Jack Philips*?

Para surpresa de Nella, Marin escancara a janela e joga Jack lá embaixo. Ela corre até o peitoril para ver a queda desgovernada do boneco. Ele aterrissa no meio do canal congelado, inerte e ilhado entre a massa branca. Nella é tomada pelo medo.

— Você não devia ter feito isso, Marin — diz ela. — Não devia mesmo.

— Não brinque com fogo, Petronella — dispara Marin.

“Eu poderia dizer o mesmo para você”, pensa Nella, olhando com tristeza para o boneco perdido.

— A casa de bonecas é minha, não sua — grita, enquanto Marin fecha a porta do quarto.

* * *

Jack continua lá fora, no gelo. Nella tenta persuadir Rezeki a trazer a miniatura do jovem de volta, mas a cadela rosna ao ver o boneco, agitando-se, as orelhas em pé. Nella quer atravessar o canal congelado, mas não é tão leve quanto Bert e os outros meninos de rua, e eles não estão mais lá para que ela possa pedir sua ajuda. Ela se imagina caindo e afundando, tudo para salvar um boneco, compelida a protegê-lo mesmo sem saber por quê. Manter Jack perto da casa de bonecas simplesmente parece a coisa mais segura a se fazer, pois assim poderia ficar de olho nele. Relutante, Nella volta a entrar, xingando Marin mentalmente.

Nessa noite Nella cai num sono inquieto, as palavras do bilhete de amor rasgado de Marin flutuando em sua mente. É Jack quem as está falando, seu sotaque britânico cortando as palavras como um esquife no mar agitado. *Você é a luz do sol que entra pela janela, diante da qual estou, aquecido.*

De trás para a frente, eu te amo. Mil horas. Jack corre pelos corredores da mente de Nella, molhado por causa do gelo, usando um dos crânios de animais de Marin sobre a cabeça cacheada. Nella acorda sobressaltada, o sonho era tão real que ela tem certeza de que Jack está num canto do quarto.

O dia seguinte é 6 de dezembro, dia de São Nicolau. Quando Nella abre as cortinas e olha para baixo, a respiração fica presa em sua garganta. O boneco de Jack está apoiado no batente da porta, iluminado pela luz glacial.

A rebelde

Quando Nella sai sorrateiramente para pegar o boneco congelado no degrau da frente, a rua ainda está vazia. A névoa se ergue do gelo como espirais de respiração condensada.

— Onde estão todos? — pergunta ela no café da manhã, com a réplica de Jack escondida no bolso.

Marin não diz nada, desmanchando delicadamente um arenque.

— Os burgomestres conseguiram mais uma vez — começa Otto em tom pesado, carregando uma tábua cheia de *herenbrood* e um enorme e redondo Gouda amarelo para Nella.

Seu cansaço em relação à burocracia do Estado soa quase afetiva — quase como Johannes.

Marin deixa o arenque de lado e mexe uma tigela de compota, as pontas de seus dedos azuladas na colher. Ela mexe várias vezes, olhando para a brilhante maceração de ameixas.

— Foi declarado publicamente que bonecos e marionetes estão proibidos — diz Marin.

Nella sente o boneco congelado de Jack contra sua perna, o objeto ofensivo criando um círculo escuro e úmido na lã.

— Papismo — continua Marin. — Idolatria. Uma tentativa terrível de capturar a alma humana.

— Você parece ter medo deles — diz Nella. — Como se acreditasse que fossem ganhar vida.

— Bem, não se pode ter certeza — observa Cornelia.

Assim como as duas outras mulheres, ela está enrolada em várias camadas de roupas, bem aquecida em seus xales de Haarlem.

— Não seja ridícula — dispara Marin.

Nella imagina a cunhada com minúsculas migalhas de açúcar no canto de sua boca solene, reunidas como neve, enquanto chora durante outro banho. Usando sua estola escondida, comendo sua porção secreta de nozes carameladas, protegendo o irmão profano, Marin vive em dois mundos. Sua eterna decência pública é mesmo temor a Deus ou será medo de si mesma? O que bate dentro daquele coração cuidadosamente protegido?

O ar congelante zune pelas fissuras das paredes da sala de jantar. A casa está mais fria, como se o ar da noite tivesse penetrado ali e permanecido imóvel.

— As lareiras estão acesas — comenta Nella. — Mas não faz a menor diferença. Vocês perceberam isso?

— É porque nosso estoque de lenha diminuiu — explica Otto.

— Não faz mal algum conhecer o frio — retruca Marin.

— Mas a experiência sempre precisa passar pelo sofrimento, Marin? — pergunta Nella.

Todos se viram para Marin.

— No sofrimento conhecemos verdadeiramente a nós mesmos — sentencia ela.

* * *

Nella segue Cornelia para junto do calor da cozinha, com a miniatura de Jack ainda em seu bolso. A criada pega o pote de compota de ameixa e brande um rolo para preparar a massa de uma torta. Otto vai atrás delas, pegando um pano para polir um batalhão de botas de primavera de Johannes, enfileiradas na porta da cozinha.

— Otto, você pode trazer um pouco de turfa do sótão? Madame Marin não vai notar. — Ele assente, distraído. — Ela adora suas privações, mas, em nossa essência, gostamos de nos banquetear — observa Cornelia. — Por trás das portas fechadas, aposto todas as minhas panelas com vocês que biscoitos de gengibre em forma de bonecos são devorados pelas mulheres, não importa o que os burgomestres digam.

— Ou pelos maridos, mordendo réplicas de suas esposas — acrescenta Nella.

Sua piada é pesada, e paira no ar, indigesta. Essa conversa de esposas, de homens comestíveis que cabem na mão. Nella, que nunca será mordida, cora de vergonha. Para se distrair, ela imagina cenas mais alegres por trás de outras portas que não a deles. As celebrações particulares — casas enfeitadas com correntes de papel e galhos de pinheiro, pães doces frescos saindo do forno, risadas e *kaandels* de vinho de canela. Por toda a cidade o dia de São Nicolau, padroeiro das crianças e dos marinheiros, é celebrado em um carnaval de desafio oculto. *Sinterklaas* pertence a eles. Assim como sua gulodice, assim como sua culpa.

Nesse exato momento é difícil imaginar os Reis Magos no deserto escaldante, viajando para adorar o Cristo que em breve nascerá. Nella quer as portas e janelas abertas para deixar entrar o espírito da revelação. Uma janela aberta pode manter uma mente aberta.

— Logo será Natal — diz Cornelia —, e então… *Epifania*. — Sua voz atinge um êxtase particular.

— O que tem de tão especial na Epifania?

— O Seigneur deixa Toot e eu nos vestirmos como lordes e comermos à mesa. Nenhuma tarefa o dia todo. Claro — acrescenta Cornelia —, ainda tenho que fazer a comida. Madame Marin não deixa as coisas irem tão longe.

— Claro que não.

— Também vou fazer um bolo de Dia de Reis — diz Cornelia —, escondendo uma moeda na massa. Quem a morder, vai ser rei ou rainha por um dia.

Otto ri, um som com um traço de amargura. Isso faz Nella virar a cabeça, pois parece tão pouco característico dele. E quando ela o fita, ele não encontra seu olhar.

— Isto chegou para você — diz Marin, descendo as escadas da cozinha.

O coração de Nella fica eufórico ao pensar que recebeu algo novo da miniaturista, mas a caligrafia na frente lança sobre ela uma tristeza antes mesmo de a carta ser aberta. É a letra fina de sua mãe, convidando a filha e o genro para passarem alguns dias da temporada de festas em Assendelft. *Carel está com saudades de você*. As curvas e linhas são um doloroso lembrete de uma vida que já não existe mais para Nella.

— Você vai partir? — pergunta Marin.

O tom de apelo na pergunta é surpreendente. Alguma coisa mudou em Marin nessas três semanas, e em meio aos seus rompantes de mau humor, ela apresenta uma nova vulnerabilidade. “Parece que ela quer mesmo que eu fique”, pensa Nella. “E será que eu suportaria voltar, minha barriga lisa envolta por um vestido de seda de Bengala, sem nenhuma criança em meu ventre da qual me orgulhar, meu casamento uma vitória vazia? Johannes poderia fazer o papel de marido amável sem muito alarde. Ele é tranquilo no que diz respeito a manter a compostura. Mas eu deixaria a minha ir embora — ela escorreria das minhas mãos no instante em que visse o rosto esperançoso de minha mãe.

— Não — responde ela. — Acho melhor eu ficar aqui. Vou mandar os presentes que comprei. Iremos no próximo ano.

— Vamos ter um grande banquete — propõe Marin.

— Nada de arenque?

— De jeito nenhum.

As promessas das duas mulheres pairam entre elas como um par de mariposas, carregando o ar com uma energia renovada.

* * *

Nella põe Jack de volta na casa de bonecas com uma mistura de sentimentos. Ainda parece melhor mantê-lo sob sua vigilância, embora a presença do inglês continue sendo inquietante. Mais tarde, à noite, alguns músicos clandestinos arriscam-se a tocar do lado de fora em troca de dinheiro, e Nella se inclina na janela do saguão para ouvir a baixa cantoria. Otto e Cornelia se agitam, parecendo em parte desesperados para verem os músicos e em parte apavorados com o que Marin vai dizer.

— Pode ser que a Milícia Cívica de São Jorge venha também — diz Cornelia. — Você tem que ver as espadas deles. Rondam para manter a paz, mas talvez haja sangue.

— Violinos esmagados? Estou ansiosa por isso — diz Nella, com indiferença.

Cornelia ri.

— Você fala como o Seigneur.

Marin diz que Nella deveria fechar a janela e as cortinas.

— As pessoas vão ver você debruçada na janela como uma lavadeira… ou pior — sussurra ela, enquanto Cornelia se retira às pressas.

Ela anda de um lado para outro atrás de Nella no saguão escuro, mas como Nella continua ouvindo os músicos, assim o faz Otto, mantendo-se um pouco afastado.

Quando a flauta doce toca mais rápido, o tambor ataca em um ritmo impetuoso e insistente no couro de porco esticado, batendo em resposta ao coração de Nella. Otto diz que ela não deveria mexer em vespeiro, mas parte dela

sempre será uma menina do interior. Ela pensa em Jack lá em cima — todos eles, presos naqueles cômodos em miniatura, esperando que algo aconteça. “Não”, decide Nella. “Não tenho medo de nada que tenha ferrão.”

A raposa está febril

Na manhã seguinte, revigorada por sua rebelião musical e sua decisão de ficar para o Natal, Nella planeja ir à Kalverstraat com a carta mais longa que escreveu até então para a miniaturista.

Prezada senhora (sei que é senhora, pois tem vizinhos dispostos a falar),

Agradeço pelos oito bonecos e pela miniatura do meu periquito. Tenho certeza de que a senhora estava na ponte Herengracht, observando meu desespero ao notar que eu perdera a última conexão com a minha infância. O reaparecimento do meu passarinho é uma oferta de consolo ou uma lição severa?

Sabe o que seu rapaz de entregas fez, a infelicidade que causou? Presumo ter sido a senhora que devolveu o boneco do inglês à minha porta, mas se é uma artesã orgulhosa ou inconveniente, não sei dizer. Sinto muito que seu excelente trabalho tenha sido jogado no gelo, mas suas intenções permanecem um mistério, e algumas pessoas estão assustadas.

Disseram-me que os burgomestres proibiram todo tipo de imagem de pessoas. Pergunto-me se a senhora teme a ira deles, pelos mundos que cria, por suas minúsculas imagens que invadiram minha mente e pretendem ficar. Faz tempo que a senhora não me manda nada e, embora seja verdade que tenho medo do que pode enviar, minha maior preocupação é que pare de vez.

Presumo que eu ainda possa encomendar algumas peças, não é? Portanto, tenha a gentileza de fazer um tabuleiro de verkeerspel, meu jogo favorito de sorte e estratégia. Não vou voltar à casa da minha mãe para o Natal, e não há muita diversão em minha vida. Dessa forma, alegre-me com uma versão em miniatura.

Um dia vamos nos encontrar, a senhora e eu. Insisto nisso. Tenho certeza de que vai acontecer. Sinto que está me guiando, estrela brilhante, mas em minha esperança também há medo de que sua luz não seja benigna. Não vou descansar até saber mais sobre a senhora, mas, nesse meio-tempo, escrever cartas deve funcionar para nos entendermos melhor.

Mando também outra nota promissória, de quinhentos florins. Espero que sirva para o óleo das dobradiças da sua porta.

Agradeço desde já,

Nella assina como *Petronella Brandt.*

* * *

Ela olha pela janela para admirar a cobertura branca de gelo. A cidade fica bonita desse jeito, revestida de geada, o ar escasso, os tijolos mais vermelhos e as molduras pintadas das janelas parecendo olhos imaculados. Para sua surpresa, ela vê Otto andando depressa pelo canal. Isso desperta sua curiosidade. Dessa forma, sem se dar o trabalho de tomar café da manhã nem de vestir um casaco, ela enfia a carta no bolso e o segue depressa, saindo de casa sem ser vista.

Otto cruza a praça Dam, passa diante do enorme prédio novo da Stadhuis, onde Frans Meermans ocupa um cargo e, inclusive, pode estar trabalhando nesse momento. “Venda o

açúcar da esposa dele, Johannes”, pensa Nella, enviando ao marido uma mensagem silenciosa enquanto pula a areia, espalhada ali para facilitar a passagem pelas pedras. Mais uma vez ela se lembra de Marin no banho, perguntando-se: “O que você fez?” Seria melhor se os Meermans não fizessem parte da vida deles.

Depois da opressão do dia de São Nicolau, as pessoas de Amsterdã parecem tirar todas as vantagens. O sol está a pino, os sinos da Igreja Antiga tocam para os telhados cintilantes, e o som é magnífico. Quatro sinos altos ressoam para o céu, anunciando a chegada do Filho de Deus, e um mais baixo — a voz do Senhor, grave, verdadeira e extensa — retumba sob o clamor dos demais. Em nome da obediência coletiva, parece que é permitido tocar música alta.

O cheiro de carne sendo preparada predomina no ar, e Otto passa diante de uma barraca de vinho temperado montada bem em frente à entrada da igreja. O pastor Pellicorne enxota os vendedores de vinho, enquanto os cidadãos olham cheios de desejo para a estrutura, curvando-se sob o peso das terrinas da bebida.

— Mais rígido que a bunda de um leitão, esse aí — murmura um homem. — A guilda que arranjou tudo, os burgomestres deram permissão!

— Deus vem antes das guildas, meu caro — responde o amigo dele, com uma voz arrogante.

— Isso é o que Pellicorne quer que a gente pense.

— Anime-se. Olhe — diz o segundo homem, mostrando que carrega debaixo do casaco duas pequenas garrafas de um líquido vermelho fumegante. — Até coloquei um pedaço de laranja dentro.

Eles correm para uma área menos salutar e Nella fica contente por terem ido embora, ainda mais por não terem

parado para encarar Otto. A atenção de Pellicorne se volta para ela, que finge não notar.

O criado entra na Igreja Antiga de cabeça baixa. Nella estremece ao entrar, pois a igreja parece mais fria que o ar lá de fora. Embora devesse estar seguindo Otto, ela não consegue evitar olhar em volta à procura do cabelo louro, um farol dourado em meio ao castanho e branco ordinários do interior da igreja. Ela sente a carta no bolso. Nessa época festiva, será que a miniaturista não fará outra visita para lembrar a família na Noruega ou pedir clemência aos burgomestres? Os fios da imaginação de Nella começam a se intercalar, bordando conversas cujos fragmentos vão se costurando de forma frouxa. Quem é a senhora, por que faz isso, o que quer? O problema é que abordar diretamente a miniaturista parece fazê-la desaparecer. E ainda assim ela está presente com bastante frequência, observando e esperando. Nella se pergunta qual das duas é a caçadora e qual é a caça.

Ela mantém os olhos fixos em Otto. Quase todas as cadeiras agrupadas em torno do púlpito estão vazias, exceto por uma ou outra pessoa, que talvez não tenha nenhum outro lugar aonde ir. Normalmente, é claro, o culto é feito em comunidade, as pessoas garantindo que todas as outras as vejam rezar, como se isso fosse purificar a oração. Otto se senta e, sem que ele perceba sua presença, Nella dá a volta e o observa atrás de uma pilastra.

Os lábios dele se movem de maneira febril. Não é uma oração serena, é quase desesperada. É impressionante que Otto esteja ali, sozinho. O que será que provocou nele tamanha necessidade de ser visto na casa de Deus, considerando-se quem ele é e o que pode acontecer? Nella vê que as mãos de Otto estão agitadas, se retorcendo, o pânico dominando seu corpo. Alguma coisa a impede de ir até ele. Não seria correto interromper alguém nesse estado.

Nella treme, seu olhar vaga pelas cadeiras, pelas paredes brancas, pelo teto inundado de antigas pinturas católicas. Ela quer tanto que a miniaturista apareça. Será que pode estar escondida aqui e agora, observando os dois?

Atrás dela o órgão começa a tocar, um ribombo que faz Nella estremecer por dentro. Ela não gosta de órgãos trovejantes, prefere o ímpeto mais suave do alaúde, a tranquilidade da flauta doce. Um gato, que entrou para se abrigar do frio, desliza entre os túmulos, com o pelo arrepiado. O movimento do animal faz Otto erguer o olhar e Nella se esconde atrás da pilastra. Ela protege os ouvidos dos ribombos do órgão e fecha os olhos, ficando tonta.

A mão de alguém toca sua manga. Nella aperta mais os olhos, sem ousar ver quem é. É agora, é a mulher, ela veio.

— Madame Brandt? — chama uma voz.

Nella abre os olhos. Agnes Meermans está parada na sua frente, parecendo mais magra do que na última vez, o rosto estreito, brilhando com seu cachecol de pele de coelho e raposa. Ela continua apertando o braço de Nella.

— Madame Brandt? — repete. — Você está bem? Nem está de casaco. Por um instante achei que o Espírito Santo tivesse baixado em você!

— Madame Meermans. Eu vim… orar.

Agnes entrelaça seu braço ao de Nella.

— Ou veio ficar de olho no seu selvagem? — sussurra a mulher, gesticulando além da pilastra para onde Otto está sentado. — Muito sensato. Cuidado nunca é demais, Nella. O que há de errado com ele para parecer tão distraído? — Agnes dá sua risada seca. — Venha — diz, passando uma das raposas ao redor de Nella e apertando forte demais. Nella sente outra vez o cheiro do creme frutado. O pelo do cachecol está úmido e frio.

— Não temos visto Marin na igreja — observa Agnes, ajeitando a pele no pescoço de Nella. Ela parece incapaz de

manter as mãos paradas, e Nella percebe que estão sem nada, desprovidas de anéis. A ausência deles faz Agnes parecer quase nua. O órgão para de tocar de repente, e madame Meermans está desconfortável, como se alguma coisa ruísse sob sua aparência superficial muito bem polida. — Também não temos visto Brandt — continua. — Nem você.

— Meu marido está viajando.

As narinas de Agnes se expandem.

— Viajando? Frans não me contou isso.

— Talvez ele não soubesse. Acho que Johannes está trabalhando por seus interesses, madame. Ele foi a Veneza. — Ela tenta se desvencilhar. — Tenho que voltar, madame Meermans. Marin não está bem.

Embora queira sair dali, Nella imediatamente se arrepende da desculpa. Os olhos de Agnes ficam arregalados.

— Por quê? — pergunta. — O que há de errado com ela?

— Uma enfermidade de inverno.

— Mas Marin nunca fica doente — diz Agnes. — Eu poderia mandar meu médico, mas ela não confia neles.

As notas do órgão recomeçam a tocar, uma após a outra. Para os ouvidos de Nella, são um ruído anti-harmônico.

— Ela vai ficar bem, madame. É a temporada de resfriados.

Agnes põe novamente a mão no braço de Nella.

— Isto deve tirar Marin da cama: diga a ela que *todos* os meus bens ainda estão no depósito dele nas Ilhas Ocidentais. — A Sra. Meermans está quase sibilando. — Aqueles campos de cana não são confiáveis, madame. Quem sabe quando será a próxima colheita? Seu marido sequer vendeu um único grão de açúcar que conseguimos refinar. E agora parece que foi a Veneza *de mãos vazias*... Precisamos desse dinheiro.

— Ele vai vendê-lo, tenho certeza. Sua palavra basta…

— Frans foi ao depósito e viu pessoalmente. Quase não acreditei quando ele me contou. Empilhado até o teto! Ele disse: não vai durar muito, Agnes, vai cristalizar. Nosso dinheiro vai apodrecer antes mesmo que possamos colhê-lo.

As notas do órgão vibram no peito de Nella enquanto ela absorve a crescente agitação de Agnes. Olha para Otto por trás da pilastra, mas ele não está à vista.

— Pode ter certeza, madame…

— Meu marido não vai ser feito de bobo! — exclama Agnes. — Ele questionou se Johannes Brandt era o melhor homem para a tarefa, mas eu insisti. Eu. Os Brandt acham que podem ter *tudo*, mas não podem. Não faça pouco caso de Meermans, madame. Nem de mim.

Tão rápido quanto a agarrara, Agnes a solta. Nella a observa sair às pressas da igreja, curvada e excepcionalmente sem qualquer graciosidade. Abrindo a pequena porta lateral, a mulher desaparece.

* * *

Nella decide que o melhor a fazer é ir para casa e contar a Marin sobre essa conversa perturbadora. Mais uma vez, não visita a miniaturista. “Mandarei Cornelia levar minha carta”, pensa, a cabeça girando por causa da fúria de Agnes. Ela sai da igreja e volta em direção ao Herengracht.

Conforme se aproxima de casa, com pressa de contar à cunhada, percebe que há algo errado. A porta da frente está escancarada como uma boca aberta no saguão escuro. Ela ouve as cadelas latindo, mas nenhuma voz humana. Hesita, porém, em seguida, sobe os degraus em silêncio até a lateral da porta.

Primeiro vê as botas. Couro de bezerro macio, já um pouco gasto. Essa visão faz seu estômago embrulhar.

Horrorizada, depara com Jack Philips, que tem uma expressão febril, a maldade expressa em seu rosto, atravessando a passos largos os ladrilhos do corredor.

Rachaduras

Eles se encaram. Jack está com a barba por fazer, magro, a pele, que antes era tão viçosa, está embotada. Manchas vermelhas maculam a curva abaixo de seus olhos. Mas ele ainda tem presença, com seu casaco de couro e aquelas botas surradas. Na última vez que Nella viu Jack tão de perto, ele estava sem camisa, besuntado com o suor do marido dela, e essa lembrança a deixa sem fôlego.

Cornelia sobe correndo a escada da cozinha e tenta empurrá-lo pela porta da frente.

— Espere, tenho algo para você, madame — grita Jack, erguendo as mãos, como um inocente.

Nella se lembra de seu estranho sotaque britânico, de sua falta de habilidade em se misturar aos holandeses. Ele leva a mão ao casaco e Cornelia fica tensa como um gato.

— Voltei a fazer entregas — diz.

— O quê? Você devia estar cuidando do nosso açúcar — retruca Nella. — Johannes falou…

— Ah, você guincha como um rato.

Ele fica parado com a mão estendida, como se o pacote que oferece fosse disfarçar o insulto. O embrulho é menor que o anterior, mas lá está o inconfundível símbolo do sol em tinta preta. Nella pega com rispidez, sem querer que os dedos de Jack o toquem por muito tempo.

Cornelia corre para o andar de cima, o rosto pálido de medo.

— Eu preciso vê-lo — afirma Jack. — Ele voltou? Johannes, você está aqui? — grita para o corredor que leva ao escritório.

Lá em cima, uma porta se abre e Nella pode ouvir o sussurro apressado de Cornelia.

— É verdade que ele foi para Veneza? — pergunta Jack. — Típico.

Nella cora, percebendo a intimidade existente entre os dois homens, algo que lhe foi negado.

— Ele troca nossa praça Dam pelo Rialto. — Jack sorri. — Mais peixe fresco. — Aproxima-se de Nella, com uma insistência tranquila na voz. — Você acreditou que ele estava indo a trabalho?

— Como você ousa vir…

— Sei mais sobre ele do que você jamais vai saber, madame. Ninguém trabalha em Veneza. Em Milão, talvez. Mas Veneza só tem canais escuros, cortesãs e garotos que mais parecem mariposas que saem voando para a chama mais brilhante.

Nella sente uma leveza no corpo, como se estivesse hipnotizada pela voz de Jack. Esse garoto poderia ser um grande ator na própria língua. O coração dela parece ter o tamanho de uma ervilha, quicando dentro do peito.

— O que está acontecendo aqui? — Ouve-se a voz cheia de autoridade de Marin do alto da escadaria. — Por que a porta da frente continua aberta?

Ao escutá-la, Jack fica sob a luz, abrindo bem os braços. “Ele é mesmo muito bonito”, pensa Nella, “tão feroz”. Não consegue tirar os olhos dele.

— Petronella, feche a porta — ordena Marin.

— Não quero ficar trancada…

— Feche a porta, Petronella. *Agora.*

Com a mão tremendo, Nella obedece. O corredor se torna uma arena a meia-luz. Para o que exatamente, ela nem se atreve a pensar. Ela se pergunta se Johannes está contente separado daquele garoto bruto, ou se sente falta de sua

presença fascinante, de sua voz trêmula. O barulho de algo sendo destruído faz Nella se virar.

Jack cravou uma adaga comprida e fina numa tela de natureza morta. A profusão de flores e insetos se abre como uma ferida, as pétalas dependuradas de qualquer jeito. Cornelia, de pé na escada atrás de Marin, solta um gemido nauseante.

— Pare com isso! — grita Nella.

“Controle sua voz”, pensa, “ele tem razão. Você é um rato, e não a senhora desta casa”. O estômago dela se revira, sua boca fica seca.

— Otto — tenta chamar, mas sua voz não passa de um sussurro.

— Sr. Philips!

A frieza na voz de Marin, em contraste, percorre toda a escada, deixando Jack paralisado. Fica óbvio que ele não é o único ator ali. Marin se transforma, completamente focada naquele garoto de cabelo escuro invadindo seu domínio.

— Quantas vezes eu já falei para você ficar longe daqui? — pergunta ela. Então as palavras ecoam, multiplicando a ameaça de sua presença.

Jack recua para o meio do saguão e Marin fica ao pé da escada, ignorando o quadro rasgado. Ele deixa a adaga pender frouxa na mão e cospe no chão.

— Limpe isso — ordena ela.

Ele brande a adaga diante do corpo de Marin.

— Seu irmão treparia com um *cachorro*, se o preço fosse bom.

— Sr. Philips…

— Ele diz que faz com você também… que é o único homem que vai fazer.

Marin ergue a mão.

— Que insulto mais velho — diz ela, aproximando cada vez mais a palma aberta da lâmina da adaga.

Jack recua ligeiramente, mas, há apenas poucos centímetros entre a ponta de sua arma e a pele de Marin.

— Será que você é realmente corajoso, Jack? — provoca ela. — Ousaria derramar meu sangue? É *isso* que você quer?

Jack agarra a adaga com mais força e, quando Marin encosta a palma da mão diretamente na ponta, ele afasta a lâmina.

— Vadia — diz. — Johannes me falou que eu não podia mais trabalhar para ele. E quem foi que tomou essa decisão?

— Vamos, Jack — fala Marin, a voz baixa e moderada. — Já passamos por isso. Deixe de ser tão criança e me diga quanto custa para fazê-lo ir embora.

— Ah, não quero seu dinheiro. Estou aqui para mostrar o que acontece quando você se intromete.

Com um grito alto, Jack então levanta a adaga na direção dele mesmo e, quase antes que Nella perceba o que está acontecendo, Marin ergue a mão e dá um tapa forte no rosto do rapaz. Jack deixa os braços penderem ao lado do corpo e olha para ela, pasmo.

— Por que você é tão fraco? — sibila Marin, embora Nella consiga perceber que a cunhada também está tremendo. — Não se pode confiar em você nem por uma hora.

Jack esfrega o rosto, recompondo-se.

— Você fez Johannes se livrar de mim.

— Não fiz nada disso — retruca Marin. — Meu irmão é um homem livre e você escolheu acreditar no que ele disse. Isso pertencia ao meu pai — acrescenta ela, apontando para a adaga.

— Bem, Johannes me deu.

Marin tira do bolso várias notas amassadas de florins. Estende-as para ele, os dedos roçando a palma da mão de Jack.

— Não tem nada aqui para você — diz ela.

Jack dá tapinhas nas notas, pensativo. Sem qualquer aviso prévio, ele puxa Marin em sua direção e a beija na boca com firmeza.

— Meu Deus — sussurra Nella.

Tanto Cornelia quanto Nella se aproximam de Marin com o intuito de separá-los, mas a cunhada ergue a mão como se dissesse *Fiquem longe, esta transação tem que acontecer.*

Cornelia fica imóvel, sem acreditar, horrorizada. Marin, rígida, não envolve o rapaz com os braços, mas o beijo parece durar uma eternidade. “Por que ele está fazendo isso?”, pergunta-se Nella, “e por que Marin permite?” Mesmo assim, uma pequena parte dela não consegue deixar de imaginar a sensação de estar no lugar de Marin nesse momento: o toque de uma boca tão adorável.

A porta da frente é aberta. Otto, voltando da igreja, para na soleira, e todo seu corpo fica estupefato pelas silhuetas entrelaçadas de Marin e Jack. Ele parece se dar conta de algo e corre até os dois.

— Ele tem uma faca! — grita Nella, mas Otto não para.

Ao grito de Nella, Jack larga Marin, que cambaleia para trás em direção à escadaria.

— A bruxa velha tem gosto de peixe — zomba ele na cara de Otto.

— Saia — ordena o criado. — Antes que eu mate você.

Jack saltita até a porta da frente.

— Você pode se vestir como um lorde, mas não passa de um selvagem — insulta.

— Seu imundo. — A voz de Otto ecoa como a do pastor Pellicorne.

Jack fica paralisado.

— O que foi isso, agora? O que foi que disse para mim?

Otto avança em direção a Jack.

— Otto — grita Marin.

— Ele vai se livrar de você, selvagem — afirma Jack. — Sabe que você fez alguma coisa e vai…

— *Toot!* Fique longe dele! Não seja bobo.

— Alguém feche a porta!

— …ele diz que não se pode confiar em um negro.

Otto ergue o punho.

— *Não!* — berra Cornelia enquanto Jack se encolhe.

Mas tudo o que Otto faz é colocar gentilmente a mão no peito de Jack. Como uma pena de ferro espetando, sua mão sobe e desce com a respiração entrecortada do inglês.

— Você não é nada para ele, *garoto* — murmura Otto. — Agora saia.

Otto tira a mão assim que Rezeki surge no saguão. Um feixe de luz vindo de fora a deixa da cor pálida de um cogumelo. Ela rosna para Jack, as orelhas erguidas, abaixando-se nos ladrilhos, advertindo-o para ir embora.

— Rezeki! — chama Otto. — Saia!

O pânico nos olhos do inglês impulsiona Nella.

— Jack — diz ela. — *Jack*, eu juro. Vou dizer a Johannes que você…

Mas o garoto cravou a adaga na cabeça de Rezeki.

* * *

É como se todos estivessem debaixo d’água e ninguém conseguisse respirar. Com um guincho nauseante, a lâmina rasga o pelo e a carne da cadela, que desaba no chão.

Um choro soa baixinho, ficando cada vez mais alto, e Nella percebe que vem de Cornelia, que sai cambaleando pelos ladrilhos em direção ao corpo de Rezeki.

A cadela começa a engasgar. Jack enterrou a adaga com tanta força que os dedos de Cornelia não conseguem arrancá-la. O sangue escuro se espalha em tons de vermelho. De forma afetuosa e tremendo, Cornelia aninha a

cabeça do animal. A respiração de Rezeki fica ruidosa, sua língua avermelhada pende para fora da boca aberta. Quando os nervos das patas se agitam e depois relaxam, Cornelia aperta a cadela com mais força, desesperada para preservar o calor que a cadela vai perdendo.

— Ela se foi — sussurra a criada. — A garota dele morreu.

Otto bate a porta e se posiciona entre Jack e o mundo lá fora, seu corpo bloqueando a passagem. O rapaz tira a adaga da cabeça de Rezeki e mais sangue jorra nos ladrilhos.

— *Saia!* — grita ele, sua cabeça acertando o peito de Otto, a lâmina erguida.

Eles brigam, há uma confusão — um momento —, e então Jack cambaleia para trás. Depois baixa os olhos para o próprio corpo, aterrorizado.

Jack se vira para Nella. A adaga está cravada no alto do seu peito, abaixo da clavícula, mas perto o bastante do coração a ponto de ser perigoso. Suas mãos se agitam em volta do cabo.

— *Meu Deus* — grita Marin, de longe. — *Não, por favor, Deus!*

Jack cambaleia feito uma mula, os braços abertos, os joelhos cedendo, e quando cai no chão se agarra à saia de Nella. Os dois se ajoelham juntos nos ladrilhos pretos e brancos, a camisa de Jack começando a despontar um vermelho festivo, e nem mesmo o cheiro terroso dos sangues misturados consegue disfarçar o fedor da urina dele.

— Otto — diz Nella, mas sua voz sai um sussurro entrecortado. — O que foi que você fez?

Jack puxa Nella para perto e ela sente o calor sólido do cabo da adaga pressionado entre os dois. Ele geme de dor em seu ouvido.

— Estou sangrando. Não quero morrer — implora ele.

— Jack…

— Levante-se — grita Marin. — *Levante-se!*

— Marin, ele está morrendo…

— Madame Nella — murmura Jack em seu ouvido, segurando-a com força, como se tentasse se agarrar à vida.

— Vai ficar tudo bem — diz Nella. — Vamos arranjar um cirurgião para você.

A voz dele é abafada pelo chapéu de Nella, mas Jack parece rir.

— Ah, madame — sussurra. — Sua garotinha. Será preciso mais do que um maldito negócio pontiagudo para me matar.

Nella leva um instante para entender. Jack consegue ficar de pé. Ele se arrasta até a porta, a adaga ainda cravada no peito, seus movimentos parecendo os de um artista de taverna, apresentando-se bêbado. Ela não consegue conciliar a camisa ensopada de sangue, o cabo enterrado e seus apelos pela vida com tamanha arrogância, esse brilho mórbido por tê-la feito acreditar que estava prestes a encontrar seu criador.

— Eu acreditei em você — murmura ela.

Otto recua, surpreso. Jack abre a porta e, movendo-se devagar sob a luz suave do sol, se vira para olhá-los, fazendo uma reverência lenta e exagerada enquanto seus dedos lutam com o cabo da adaga. Ele se encolhe, puxando a arma do machucado, satisfeito com a expressão horrorizada de Nella.

— Vou precisar disto — diz ele, contendo o fluxo de sangue com uma das mãos, a outra erguendo o metal escarlate. — Tentativa de assassinato. Provas.

— Queria que essa faca tivesse atingido seu coração — diz Nella.

— Eu o escondo bem — responde ele, dando um sorriso vitorioso para ela.

Seus cachos revoltos tapam a testa e a adaga pinga em sua mão. Ele se vira, descendo em linha torta os degraus.

Marin, com o rosto manchado das leves marcas vermelhas dos lábios de Jack, desmorona nos painéis de madeira da parede.

— Santo Deus — sussurra, os olhos cinza fixos em Otto. — Santo Deus, tenha piedade de nós.



TRÊS

Dezembro, 1686

Sua boca é a própria doçura; ele é
muito desejável.

Esse é o meu amado, esse é o meu querido,
ó mulheres de Jerusalém.

Cânticos 5:16

Manchas

— O Seigneur encontrou Rezeki dentro de um saco — conta Cornelia no corredor, a voz embotada de tristeza. A criada observa Nella enfiar o corpo rígido da cadela num saco de grãos vazio. — Nos fundos da VOC, oito anos atrás. Estavam todos mortos… todos os filhotes, menos ela.

— Precisamos de um esfregão, Cornelia. E de suco de limão e vinagre.

Ela assente. Ainda há manchas vermelhas de sangue nos ladrilhos de mármore, mas a criada não se mexe. A moldura do quadro atacado por Jack está escorada nos painéis. Marin ordenou que a tela fosse retirada.

— Ele não vai se importar, madame — dissera Otto, mas ela insistira.

— Não é por ele — falou. — Não suporto vê-la tão destruída.

Otto finalizou o trabalho de Jack, embora a mão tremesse um pouco ao arrancar a tela da madeira.

Na cozinha, Marin e Otto conversam em voz baixa. “A culpa é minha”, pensa Nella. “Eu trouxe o boneco de Jack para dentro depois que Marin o jogou fora.” E ali estava ele na manhã seguinte, deitado diante da porta da frente, um presságio do que estava para acontecer. Se foi a miniaturista que o devolveu, um mau agouro do que ocorreria naquele saguão — por que ela faria isso? —, por qual motivo insistir que aquela criatura diabólica ficasse por perto?

— Cornelia? — chama Nella, levantando-se. — Precisamos limpar isso.

Ela tenta enfiar as patas de Rezeki dentro do saco, mas são compridas demais.

* * *

Quando Nella e Cornelia descem para a cozinha, com as patas de Rezeki despontando do saco de um jeito nada elegante, um clima de pós-guerra paira em meio ao brilho das panelas. Tão perto do Natal, o assassinato de uma cadela adorada por seu dono parece o primeiro ato de um festival macabro. O assassino está lá fora em algum lugar, cuidando de mais do que apenas uma ferida física.

Otto toca o antigo carvalho da mesa com as mãos trêmulas. Nella não consegue pensar. Quer consolá-lo, mas Otto sequer olha para ela. Dhana está deitada próximo ao fogo, gemendo para o saco na mão de Nella.

— Por favor, podemos enterrá-la agora? — pergunta Cornelia.

Há uma pausa desconfortável.

— Não — responde Marin.

— Mas o cheiro vai começar…

— Deixe-a no porão.

É Nella quem gentilmente coloca Rezeki, no escuro, sobre o chão úmido e as batatas.

— Pobre menina — diz, com a voz falhando. — Fique com Deus.

— E se Jack me denunciar? — pergunta Otto, voltando para a cozinha. — Ele tem a adaga e o machucado para mostrar, além de uma boa lábia para inventar histórias. Ele falou de provas, tentativa de assassinato. A milícia vai me prender. E se lhe perguntarem por que estava aqui?

— Exatamente — diz Marin, socando a mesa. — Sei algumas coisas sobre Jack Philips. Ele gosta da vida. Ameaça, mas nunca procuraria as autoridades. Com isso,

sabe que estaria assinando a própria sentença de morte. É inglês, sodomita e era ator. Não consigo pensar em três coisas que nossos burgomestres detestem mais.

— Ele não tem dinheiro, madame. O que um homem é capaz de fazer quando está desesperado? — questiona Otto, com a cara fechada. — Se perguntarem a ele por que veio aqui, então o Seigneur ficará numa situação difícil.

Otto balança a cabeça e Cornelia se apressa com um cesto de *herenbrood*, um pouco de chicória e um pedaço de Gouda bem amarelo. Nella corta o queijo enquanto a criada se ocupa do fogão. Nessa noite não haverá cogumelos nem batatas, pois Cornelia não suporta nem olhar para o porão, quanto menos adentrar sozinha a escuridão. Nella prende-se aos sons das determinadas atividades domésticas: o barulho das panelas, as cebolas marinando na manteiga, o bacon estalando no fogo. O ritmo irregular, porém constante, é melhor do que qualquer melodia festiva de músicos de rua.

Cornelia põe as fatias de bacon frito diante deles, e Nella percebe como ela está pálida de preocupação.

— O Seigneur me salvou — diz Otto. — Ele me ensinou tudo. E olhe só como retribuí. Rezeki…

— Isso foi culpa de Jack, não sua. E nunca houve dívida alguma a ser quitada — afirma Marin. — Meu irmão trouxe você para distração própria.

Cornelia deixa uma panela pesada cair na pia e xinga baixinho.

— Ele me deu um emprego, madame — observa Otto.

Marin passa um pedaço de pão na gordura do bacon, mas não come. Nella não consegue definir o humor da cunhada. Parece determinada a não permitir que seja devastada por esses acontecimentos, mas mesmo assim ali está ela, provocativa como sempre.

— O rapaz está vivo — dispara Marin. — Você não matou ninguém. Johannes vai ficar mais preocupado com Rezeki do que com você.

A declaração parece atingir Otto bem no peito.

— Coloquei a senhora em perigo — diz ele. — Coloquei todas em perigo.

Marin estica a mão para tocar a de Otto. É uma visão extraordinária — os dedos deles, o escuro e o claro, juntos — e Cornelia não consegue desviar os olhos. Otto recua e sobe a escada da cozinha, enquanto Marin o observa ir, seu rosto perdendo a cor, os olhos exaustos.

— Petronella, você precisa se trocar — diz ela, mas sai apenas um sussurro de voz.

— Por quê? O que há de errado comigo?

Marin aponta para ela e, quando Nella olha para baixo, percebe que o corpete e a camisa estão cobertos com manchas marrons de sangue inglês.

No segundo andar, Nella senta-se tremendo, vestindo apenas as roupas de baixo, enquanto Cornelia limpa as marcas de Jack com uma esponja. Ao colocar um robe em Nella, a criada pede licença.

— Estou preocupada com Otto, madame. Ele não tem com quem conversar.

— Então você deve ir.

Nella sente-se aliviada ao ficar sozinha. Seu corpo dói por causa da tensão da manhã, o aperto de Jack marcado em seus braços. Ela pega a própria miniatura, deitada inerte na cozinha da casa de bonecas, e a aperta, como se isso fosse livrá-la da dor. Suas costelas doem ao pressionar a boneca, e por um breve instante ela acha que não há diferença entre

a versão reduzida de si mesma e seus membros humanos. “Pois o que sou além de um produto da minha imaginação?”, pergunta-se. Ainda assim, o pequeno rosto a encara, sem revelar nada, enquanto Nella continua confusa e o sofrimento persiste.

Na cama de Nella está o pacote da miniaturista, que Jack trouxe apenas algumas horas antes. Ela quase o largou debaixo da cadeira no corredor, em dúvida se queria abri-lo, e nesse momento, observando-o outra vez, uma espécie de medo a percorre. Quem mais poderia abrir esses embrulhos? Ela não suportaria que ninguém além dela mesma fizesse isso.

Se a miniaturista é uma estranha professora que não vai parar, Nella sente-se uma aluna relutante. Falhou em entender o significado dessas aulas. Anseia por apenas uma peça que explique o que a miniaturista quer dela. Ao abrir o pacote, vê que só há um item.

Um minúsculo tabuleiro de *verkeerspel* aninha-se na palma de sua mão. Os triângulos não foram apenas pintados, mas entalhados em madeira, e as peças também vieram numa caixa minúscula. O cheiro revela que são sementes de coentro, partidas ao meio, pintadas de preto e vermelho.

Nella deixa o tabuleiro cair e tateia às pressas os bolsos da saia. A longa carta que escreveu de manhã para a miniaturista, solicitando um tabuleiro de *verkeerspel*, não está mais lá. “Mas *estava* comigo”, pensa. “Estava comigo hoje. Segui Otto até a igreja, e a senti no bolso. Conversei com Agnes e corri para casa, onde encontrei Jack andando no corredor. Depois disso, não pensei mais na carta.”

O tempo passou, mas as horas não significam nada se não é possível controlá-las. Nella vira o pacote e um pedaço de papel sai flutuando.

NELLA: NÃO TEM COMO BROTAR NABO NO RASTRO DA TULIPA

“Ela citou o meu nome”, pensa Nella, o prazer pessoal passando depressa com a estranheza da frase que vem em seguida. Ela sente o constrangimento surgindo. A miniaturista quer dizer que sou um *nabo*? Nabos e tulipas são fenômenos da natureza totalmente diferentes: uns com estruturas práticas e simples, outras decorativas e criadas pelo homem.

Por instinto, Nella leva a mão ao rosto, como se a letra cuidadosa fosse transformar suas bochechas numa terra densa e rechonchuda, um vegetal apático de Assendelft. É a miniaturista que é brilhante, graciosa e exuberante, com um poder que chama a atenção. “Será que esse é o seu jeito de me dizer para ficar longe?”, pergunta-se Nella. “Dizendo-me que nunca vou entender?”

Nella pega a réplica de Jack na casa de bonecas e tira seu casaco de couro. Posicionando uma das minúsculas facas de peixe entre o polegar e o indicador, ela a enfia no peito de Jack como se fosse um alfinete, perto o bastante do pescoço para fazê-lo se engasgar. A faca é enfiada de forma satisfatória, deslizando pelo corpo macio, como um dardo prateado pontudo.

Devolvendo Jack para a casa, sua miniatura passando a refletir com mais precisão a situação calamitosa, Nella pega o doloroso lembrete do corpo de Rezeki.

— Johannes deveria ter levado você — diz para o boneco.

“Como vamos contar a ele o que aconteceu com seu animal de estimação favorito? Vou oferecer esta miniatura como uma recordação de sua vida”, pensa ela, mas tem outra ideia, que desperta mais culpa. “Isso vai lembrar a meu marido como Jack realmente é.”

Afagando a cabeça da cadela, os dedos de Nella ficam paralisados quando alcançam o pescoço. Ali, no corpo minúsculo, há uma marca vermelha irregular, quase em forma de cruz. Nella se aproxima da janela. É um tom inconfundível, de ferrugem. Seu coração acelera, sua garganta fica seca. Ela não lembra se a marca estava presente no dia anterior. Não tinha olhado com atenção suficiente.

Será que pode ter sido um acidente, e a miniaturista deixou cair uma gota vermelha em sua cabeça ao mover o pincel? Talvez não tenha notado o erro, deixando as linhas finas se espalharem pela curva do crânio. O modelo de Rezeki repousa na palma da mão de Nella, a cabeça articulada, a marca atrás como um batismo mórbido. O quarto está gelado, mas é o corpo manchado de Rezeki que faz um calafrio percorrer a espinha de Nella.

Ela tenta controlar os próprios pensamentos. A miniaturista não parecia saber o que Otto faria quando enfiou a adaga no peito de Jack, porque o modelo dele veio sem qualquer marca. “Tive que contar essa história por ela. Afinal, essas peças são ecos, presságios ou simplesmente um palpite certeiro?”

— Você precisa ir à Kalverstraat — diz a si mesma. — Mas sem distrações, e dessa vez, vai ficar lá até a miniaturista sair. Se tiver que passar o dia inteiro com o Cara Furada, é isso que vai fazer.

Nella devolve a cadela para a casa de bonecas, enquanto a conversa entre Cornelia e Marin sobre ídolos papistas passa por sua cabeça. Cornelia disse que nunca dá para ter certeza de que essas coisas não vão ganhar vida, e nesse exato momento o boneco de Rezeki parece emanar um poder que Nella não consegue identificar. E a própria casa também: a moldura de madeira parece brilhar, o casco de tartaruga é muito rico, o interior bastante suntuoso. Nella

olha para a sua miniatura segurando a pequena gaiola, aquela armadilha dourada que não guarda nada. Em silêncio, recita os lemas que já recebeu da miniaturista: *As coisas podem mudar. Toda mulher é arquiteta de sua própria sorte. Eu luto para emergir.*

"Mas quem ali está lutando para emergir?", pergunta-se Nella. "E quem é a arquiteta: a miniaturista ou eu?" A velha pergunta sem resposta retorna: por que essa mulher está fazendo isso? Anônima, a miniaturista vive à margem da sociedade, sem seguir suas regras, mas independentemente de sermos tulipa ou nabo, no fim todos somos responsáveis por alguém. Com Rezeki morta e Peebo desaparecido, Jack solto e o açúcar de Agnes estragando nas Ilhas Orientais, Nella sente o caos se aproximando, e só deseja ter algum controle.

A miniaturista precisa ajudá-la. A miniaturista sabe. Todo mundo naquela casa está assustado demais para fazer qualquer coisa exceto jogar bonecos pela janela, o que de nada adianta. Nella pega pena e papel.

Prezada senhora, escreve.

O nabo cresce fora de vista, enquanto a tulipa floresce na superfície. Esta serve para o prazer dos olhos, ao passo que o primeiro nutre o corpo, mas ambos gostam do solo. Separadamente, têm suas funções, e um não é mais valioso que outro.

Nella hesita; então, sem conseguir evitar, prossegue: *E as pétalas da tulipa cairão, madame. Cairão muito antes de o nabo emergir, sujo, porém triunfante, da terra.*

Nella está com medo de ter sido muito rude e direta. *Diga-me*, acrescenta. *O que devo fazer?*

Ela apoia a pena, sentindo-se um pouco boba com toda essa conversa sobre legumes e flores, mas apavorada com a ideia de que a miniaturista sabia o tempo todo o que aconteceria com a cadela de Johannes. Antes daquela

marca no pescoço de Rezeki, Nella a considerara observadora, uma professora, comentarista, mas isso, bem, está mais para profecia. O que mais ela sabe, o que mais pode prevenir? Ou, pior, o que Nella está destinada a enfrentar?



Está quase amanhecendo no dia seguinte quando Nella se esgueira para fora do cômodo, com sua quarta carta para a miniaturista no bolso da capa com capuz. “Vou manter esta aqui bem perto de mim”, pensa, “até que eu mesma a coloque na palma de sua mão”. Ela está com bastante medo do que pode descobrir na Kalverstraat, finalmente frente a frente com a mulher que não só observa seu mundo com atenção, como também parece construí-lo.

Segurando a vela em uma das mãos, Nella abre devagar os ferrolhos da porta principal. Abrindo-a, contente com a luz fraca irrompendo no céu, ouve um retinir baixo vindo das profundezas da casa. Ela fica paralisada, e o barulho continua. Olhando para o caminho ao longo do canal e depois em direção à cozinha, Nella se sente dividida. “Sempre”, pensa, “sempre que é hora de ver a miniaturista, esta casa consegue me deter”.

O barulho ali dentro convence sua curiosidade natural. É muito imediato para ser ignorado. “Já ouço a tempo demais esses sussurros e ruídos”, pensa ela, fechando a porta e descendo a escada na ponta dos pés, para em seguida atravessar a copa, tentando seguir o som. Os pratos redondos — maiólica, Delft e porcelana — brilham na enorme cristaleira, como olhos abertos enfileirados enquanto ela passa com sua vela solitária.

Ela para, farejando o ar. Um cheiro de ferro e terra molhada, o som de uma respiração pesada. Instantaneamente pensa em Rezeki. Ela ganhou vida. A miniaturista está nesta casa, trouxe Rezeki de volta. Nella segue devagar pelo corredor estreito que separa a copa da cozinha, em direção à pequena porta na extremidade, onde os barris de cerveja e de picles são armazenados. O cheiro fica mais intenso, obstruindo sua garganta. É sangue, está inconfundível. A respiração se tornou mais alta.

Nella para com os dedos na maçaneta. Tem uma atemorizante crença de que Rezeki está ali atrás, que com suas pernas compridas deu um jeito de sair do saco e está arranhando a porta para que a libertem. Nella engole em seco e abre a porta do porão, morrendo de medo.

Marin está de pé ali, com as mangas arregaçadas. Há um lampião fraco na mesa a seu lado e, junto ao objeto, uma fileira de trapos brancos, com os quais ela parece limpar o sangue.

— O que está fazendo? — pergunta Nella, o alívio inundando seu corpo, mesmo com a confusão dessa nova e estranha cena. — Que diabo você está fazendo?

— Saia daqui — sibila Marin. — Está me ouvindo? *Saia* daqui.

Nella recua, chocada com a ferocidade presente na voz de Marin, a raiva distorcendo seu rosto, e com a chocante mancha de sangue em sua bochecha. Batendo a porta do porão, ela sobe a escada da cozinha que leva ao corredor. Em sua mente, a marca vermelha de Rezeki se mistura aos tecidos escarlate de Marin, enquanto Nella, aos tropeços, sai pela porta e desce os degraus para a alvorada.

Armas doces

A Kalverstraat, com sua longa faixa de comércio e barulho, ainda está relativamente tranquila. Há um ou outro vendedor de frutas empurrando carrinho de mão, e um gato alaranjado aventureiro vasculhando os ossos dos animais que não conseguiram chegar ao canal na noite anterior. Seus olhos amarelos brilham para Nella e ele estica o corpo gordo, testemunha de sua procura perspicaz por comida.

Nella encontra o símbolo do sol. Para diante da placa, respirando o ar úmido, o resíduo de neblina, o cheiro de lixo coberto às pressas com palha. Ela bate à porta, uma pancada intensa e confiante, e espera. Ninguém aparece. “Mas vou aguardar, madame Tulipa”, pensa, dando tapinhas no bilhete em seu bolso. “Vou aguardar até conseguir minha resposta.”

Ela dá um passo para trás, erguendo os olhos para as quatro janelas, o sol dourado e o provérbio gravado abaixo dele. *O Homem Toma Por Brinquedo Tudo o Que Vê*. Parece uma provocação, e Nella fica arrepiada. “*Eu* não faço isso”, pensa. Pelo menos não mais. Não há nada de brinquedo ou de reconfortante em seu Peebo em miniatura, nem em Rezeki com aquela marca de sangue.

— Sei que você está aí — grita, apesar de ser muito cedo. — O que preciso fazer?

Imediatamente, a porta atrás dela se abre. Nella se vira e vê um homem gordo de avental, o rosto quadrado, a barriga ultrapassando bastante a extensão das botas, parado com a mão no quadril. Atrás dele, numa sala pequena e silenciosa,

há longos varais de lã não tingida e inúmeras peles de ovelha pregadas à parede.

— Garota, não precisa berrar para a Antuérpia.

— Desculpe, senhor. Vim ver a miniaturista.

O homem ergue as sobrancelhas.

— Quem?

Nella direciona novamente o olhar para a casa e o homem, com frio, bate os pés no chão.

— Ah, ela. Não vai atender — diz, num tom mais gentil. — Nem adianta tentar.

Nella volta a se virar para ele.

— Foi o que me disseram. Mas ficarei contente em esperar.

Ele estreita os olhos para a casa.

— Bem, você vai morrer congelada fazendo isso, porque não há ninguém nessa casa há mais de uma semana.

Uma pequena desolação faz o abdômen de Nella se contrair.

— Não é possível — diz. — Ontem mesmo ela mandou…

— Qual é o seu nome? — pergunta o vendedor de lã.

— Por quê?

— Posso ter algo para você.

— Meu nome… — ela faz uma pausa — …é Petronella Brandt.

— Espere aí. — Ele volta para a escuridão de sua loja. E então reaparece, trazendo um pequeno pacote com o símbolo do sol a tinta. — Deixaram aí na porta da frente. Achei que um dos gatos poderia pegar. Parece que o inglês dela parou de fazer entregas, então o guardei em segurança.

O homem coloca o embrulho na mão estendida de Nella e ergue novamente os olhos para o sol polido entalhado acima da porta da miniaturista.

— O que isso significa, aliás? — pergunta ele. — *O Homem Toma Por Brinquedo Tudo o Que Vê*?

— Significa que achamos que somos gigantes, mas não somos.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Entendo. Eu devia fazer uma ideia pior de mim, então?

— De jeito nenhum, senhor. É só que as coisas... nem sempre são o que parecem.

— Sou gigante o bastante — diz o vendedor de lã, rindo, os braços bem abertos. — Tenho certeza disso.

Nella desiste, dando um sorriso cansado, olhando por cima do ombro do homem para a escuridão da loja, segurando o embrulho com força.

— Tem alguém trabalhando para o senhor? Um homem com marcas de varíola?

— Ah, sim. Carregou lã por duas semanas, depois simplesmente foi embora.

— Por que ele foi?

— Levou um susto.

— Um susto?

— Ficou completamente apavorado. Fugiu no meio da noite. Só Deus sabe o que aconteceu com ele.

A uma distância próxima vem o som de pés marchando pela Kalverstraat. O vendedor de lã volta para dentro da sua loja.

— A Milícia Cívica de São Jorge — murmura, fechando a veneziana. — Saia do caminho, garota, ou será esmagada.

— Espere! — exclama Nella, irritada. — Para onde ela foi? O senhor a viu ir embora?

Mas a Milícia de São Jorge surge no horizonte, e o gato de olhos amarelos foge bem a tempo. Todos os guardas têm faixas vermelhas no peito largo, e a cor captura a luz do sol de inverno como raios de sangue. As botas de biqueira de aço se arrastam pelo caminho, e armas excessivamente

zelosas tinem em seus quadris, pistolas peroladas e bacamartes pendurados para que todos vejam.

Nella distingue Frans Meermans entre os homens, o peito estufado, olhando com raiva para a placa do sol.

— Seigneur? — chama ela.

Ao vê-la, ele se vira, aproximando a lança do peito. Os guardas somem numa nuvem de poeira, marchando com esforço pela manhã de Amsterdã.

A rua fica em silêncio, e Nella percebe que seus dedos dos pés ficaram dormentes com o frio. Ela rasga o embrulho, furiosa com a grosseria de Frans Meermans, com raiva da miniaturista por ter se esquivado mais uma vez. “Sempre que vou atrás dela”, pensa, “acabo totalmente sozinha”.

Mas sua frustração vira alegria, pois diante de si há uma coleção de minúsculos bolos e doces. *Pufferts*, waffles quadriculados, pequenos biscoitos de gengibre em forma de pessoas, *olie-koecken* salpicados de pó branco, redondos e irresistíveis. Parecem feitos de massa de verdade, mas, quando Nella toca, são duros e inclementes. Ela encontra outra mensagem, no papel embaixo das miniaturas:

NÃO DEIXE ARMAS DOCES SE PERDEREM

Nella ergue os olhos para a janela da casa.

— Armas doces? — grita, enfiando o próprio bilhete de apelo de baixo da porta da miniaturista.

A luz da manhã se movimenta pelos painéis, escondendo os segredos da artesã. Nella olha para as iguarias não comestíveis, quase tentada a jogá-las no canal. O que a mulher quer dizer com isso? “Ninguém nunca venceu uma guerra com um arsenal de doces”, pensa Nella.

O espaço vazio

Quando Nella volta para casa, Cornelia está esperando por ela à porta.

— O que foi? — pergunta, notando o olhar aflito da criada.

— O *Seigneur* — sussurra Cornelia. — Ele retornou de Veneza. E já está perguntando por Rezeki.

— O quê?

Nella sente o ar ficar mais pesado, e então um nó de medo surge em sua garganta.

Ela pensa no corpo de Rezeki manchado de sangue no porão. E Johannes, sem saber de nada, aguarda o barulho das patas nos ladrilhos.

— É você quem tem que contar a ele, madame — implora Cornelia. — Eu não posso.

Nella fecha a porta silenciosamente e percorre o chão com o olhar, aliviada por não haver mais sangue ali. Cornelia esfregou sem parar, ensopando os ladrilhos com vinagre e suco de limão, dando um banho de água fervente e desinfetante nas manchas. Ainda assim, lá em cima, na casa de bonecas, era impossível tirar a marca em forma de cruz da cabeça em miniatura de Rezeki.

— Mas por que eu, Cornelia? — pergunta.

— Você é forte, madame. É melhor que ele ouça de você.

Nella não se sente forte, mas despreparada, amedrontada com a história que precisará contar. “Tudo de que eu necessitava era um pouco mais de tempo para adoçar essa verdade para alguma mentira”, pensa ela. “Como alguém começa uma conversa dessas?”

* * *

Johannes está de pé no meio da sala, com o olhar fixo na moldura vazia pendurada no mural de pintura que se estende pelas paredes. Ele trouxe dois tapetes, com tecedura grossa e padrões geométricos. “Eles já têm umas vinte ou trinta tapeçarias daquelas”, pensa Nella. “Para que mais?” A sala está congelante, e o marido não tirou a capa.

Para surpresa de Nella, os olhos de Johannes se iluminam. O marido realmente parece contente ao vê-la.

— Johannes — começa. — Você voltou em segurança. Foi… bom em Veneza? — Ela ouve o holandês ruim de Jack, *mais peixe fresco.*

Johannes fareja o ar, franzindo o nariz com o cheiro remanescente de vinagre emanando do saguão. Nella reza para que as panelas ferventes de Cornelia em breve o sobrepujem.

— Veneza foi Veneza — diz ele. — Venezianos falam muito. E houve danças demais para os meus joelhos.

Para espanto dela, ele a abraça apertado. A cabeça de Nella bate apenas na altura do peito de Johannes, que aperta sua orelha bem onde ela sente as batidas do coração dele. O marido afunda o queixo no alto de sua cabeça, e Nella encontra no abraço sem jeito um conforto inesperado. Johannes nunca a tocou por tanto tempo. Seus pés começam a sair do chão, como se ela estivesse presa a uma balsa. Ao fechar os olhos, o rosto ensanguentado de Rezeki lhe vem à mente, e não importa quanto ela aperte as pálpebras, a imagem não some.

— Estou feliz por ver você, Nella — diz ele antes de colocá-la no chão. — Por que a lareira não está acesa nesta sala? Otto! — chama.

— Estou feliz também, Johannes — responde ela, procurando em sua cabeça as palavras que simplesmente

escapam toda vez que parecem se aproximar. — Eu... vamos nos sentar?

Suspirando, ele desaba numa cadeira, e Nella continua de pé.

— O que tem de errado? — pergunta o marido, e ela acha que a preocupação em sua voz vai denunciá-la.

— Nada, Johannes. Tem... Eu... Agnes estava brava comigo — diz Nella sem pensar. Ela não consegue, não é capaz de pronunciar as palavras. É mais fácil escolher o assunto Agnes Meermans em vez das notícias sobre sua adorada cadela.

A expressão de Johannes fica sombria.

— E por que Agnes estava brava?

— Eu... a vi na Igreja Antiga. Ela diz que todo o açúcar continua no depósito. E que vai começar a cristalizar.

Johannes passa a mão na lateral do rosto.

— Ela não tem o direito de falar assim com você.

Otto surge na porta do salão, carregando uma cesta de turfa. Ele hesita, quase incapaz de erguer os olhos.

— Ah, a lareira — diz Johannes. — Entre, Otto, e nos aqueça.

— Seigneur. Bem-vindo de volta.

— O que Cornelia está cozinhando?

— Torta de fígado de porco com cevada, Seigneur.

— Meu prato favorito para dezembro! O que será que eu fiz para merecer isso? — Johannes sorri, farejando outra vez o ar e passando a mão pela moldura vazia. — O que aconteceu aqui? Era uma das minhas preferidas.

À meia-luz, Otto parece quase cinza, e Johannes o observa sagazmente.

— Um acidente — diz Nella.

— Estou vendo. Bem, empilhe a lenha, Otto. Meus pés estão tão gelados que podem cair.

Nella se vira e vê Marin à porta. Com o rosto contorcido, ela hesita antes de entrar, permanecendo perto da parede.

— Quanto de açúcar você vendeu em Veneza? — pergunta Marin.

— Faça um fogo alto, Otto.

— Irmão, quanto nós vendemos?

Do seu assento, Johannes pega a moldura vazia e a apoia no colo. Seu tronco está bem centralizado, e ele gesticula no buraco. Faz uma pose de realeza, presunçoso e ridículo.

— Foi tão devagar quanto eu previ que seria — afirma. — Teria sido melhor ir no Ano-Novo.

— Então talvez você possa acender um fogo gigantesco quando o açúcar tiver sido realmente vendido. — O silêncio de Johannes parece irritar a irmã. — O avarento vai colocar sua família em apuros.

— Suas boas-vindas estão piorando, Marin. Foi você quem me empurrou para um navio rumo à Itália no auge do inverno. Não me venha falar de avareza. E, por favor, pare de citar a Bíblia. É cansativo, ainda mais considerando a sua devoção duvidosa.

Marin ri, um som estranho que corta o ar.

— É você que está sempre provocando, não eu — diz ela, controlando todas as suas palavras.

Johannes tira a capa, embola e a joga longe.

— E pare de falar desta casa como se fosse sua. Ela pertence a Petronella.

Essas palavras percorrem o ar em direção a Nella como um feiche de luz, mas Marin olha para ele sem acreditar.

— Então que Petronella a assuma — diz.

“Simples assim?”, pensa Nella, virando-se para a cunhada. “Não parece possível. Marin não pode estar falando sério.”

— Desperdicei minha vida inteira facilitando a sua — diz Marin, andando até o irmão. — Não somos nada além de

prisioneiros dos seus desejos.

Johannes suspira, estendendo as mãos para o fogo, na intenção de se aquecer.

— Prisioneiros? — Ele se vira para Otto, ajoelhado diante das chamas crescentes. — Otto, você se sente prisioneiro?

Otto engole em seco, e sua voz não passa de um sussurro:

— Não, Seigneur.

— Nella, eu mantenho você trancada a chave?

— Não, Johannes — responde.

“Embora”, pensa Nella, “as noites vazias esperando suas visitas parecessem suficientemente uma prisão”. Ela quer estar em seu quarto agora, sozinha, debaixo das cobertas.

— Esta casa é o único lugar onde qualquer um de nós é livre. — Johannes inclina-se na cadeira e apoia a cabeça nas mãos. — E, Marin, de todas as pessoas, você não pode negar isso.

— Não seja tolo — dispara Marin. Para Nella, a discussão parece recorrente e, como o fogo, está esquentando depressa. — Você é muito egoísta. Para você é conveniente que eu fique aqui, enquanto mal se dá o trabalho de esconder o que faz.

Johannes ergue os olhos para a irmã. Nella percebe como ele está cansado, o rosto extenuado, os olhos escuros.

— Você acha que é conveniente para mim? Foi essa história que contou para si mesma? — pergunta ele. — Marin, contra minha própria alma, me casei com uma criança. E fiz isso por você.

— Não sou criança — sussurra Nella, enfim afundando numa cadeira sob o peso das palavras do marido. Mas, ainda assim, ela de fato se sente infantil.

Em apenas um instante Johannes a transformou, e ela quer a mãe, alguém que note sua dor, que leve o corpo de Rezeki.

— E nada mudou — diz Marin, ignorando os apelos de Johannes. — A atitude negligente com o açúcar dos Meermans, nosso futuro…

Johannes chuta a moldura vazia, que se despedaça, deslizando pelo piso polido assim que Cornelia entra, com as mangas arregaçadas e a testa suada. Segurando uma bandeja com pão e vinho, a criada olha para a moldura quebrada e fica parada à porta.

— Você nunca teve que fazer concessões! — exclama Johannes.

— Isso foi tudo o que sempre fiz. Você acha que pode negociar coisas abstratas, Johannes. Silêncio, lealdade, a alma das pessoas…

— Você ficaria surpresa…

— Então me diga… O que vai acontecer quando você for pego? O que vai acontecer quando os burgomestres descobrirem o que você é?

Próximo ao fogo, Otto parece engasgar com o ar.

— Sou rico demais para os malditos burgomestres — retruca Johannes.

— Não. — A voz de Marin sai rígida. — *Não.* Você não tem prestado atenção. Sou eu quem confere duas vezes os livros-razões. Sou eu… e por isso lhe digo, a história que eles contam é muito triste.

Johannes se levanta da cadeira, parecendo erguer-se um centímetro de cada vez, enquanto as palavras de Marin agem sobre ele com a facilidade de trinta anos de prática.

— Você sempre se considerou diferente, não é, Marin? Não se casando, interferindo nos meus negócios. Acha mesmo que sabe como é a vida fora daqui só porque tem alguns mapas das Índias Orientais nas paredes do quarto, alguns livros de viagem e algumas frutas podres e crânios de animais? Sabe o que eu faço para lhe dar conforto? Você não faz ideia.

Os olhos de Marin se fixam nele.

— Tenho más notícias para você — diz.

Não, pensa Nella. *Não desse jeito.* Otto deixa cair um grande pedaço de turfa nas tábuas do assoalho. As migalhas pretas se espalham pela madeira.

— Se pudessem, os burgomestres torturariam você por ser solteira! — provoca Johannes, indo na direção dela. — Era a única coisa que você tinha que fazer, Marin. Casar-se com um homem rico, casar-se com alguém de boa família… Meu Deus, simplesmente se *casar*… Mas nem isso você conseguiu. Nós tentamos, não foi? Nós tentamos lhe arranjar um casamento, mas nem todos os florins de Amsterdã foram suficientes…

Um barulho sombrio e áspero escapa da garganta de Marin, que está com a boca retorcida e tem anos de frustração estampados no rosto.

— Você está me ouvindo, Johannes?

— Você tem sido um peso inútil, solitário, desde o dia em que nasceu…

— Seu inglês apareceu aqui ontem. Sua mariposa de bordel. E sabe o que ele fez?

— Não! — grita Nella.

— Graças a ele, sua amada Rezeki está morta.

Johannes não se mexe.

— O que foi que você disse?

— Você me ouviu.

— O quê? O que foi que você disse?

— Jack Philips cravou uma adaga no pescoço dela no meio do seu saguão. Eu avisei. Falei que ele era perigoso.

Johannes volta bem devagar para a cadeira, sentando-se de forma cuidadosamente estranha, como se não confiasse na madeira.

— Você está mentindo — diz ele.

— Se não fosse por Otto, ele poderia ter matado todas nós.

— Marin! — berra Nella. — Já chega!

Johannes olha para a esposa.

— É verdade, Nella? Ou minha irmã está mentindo?

Nella abre a boca para falar, mas as palavras não saem. Ao ver a expressão da esposa, Johannes tapa a boca com a mão como se reprimisse um grito.

Otto se levanta, os olhos cheios de lágrimas.

— Ele tinha uma adaga, Seigneur. Achei que ele fosse... eu nunca tive a intenção...

— Jack não está morto, Johannes. Otto mostrou mais compaixão — interrompe Marin. — Seu inglesinho se levantou e foi embora, e sua esposa deixou o corpo de Rezeki no porão.

— Otto? — Johannes pronuncia o nome do criado como se fosse uma pergunta que não suporta fazer. Ele deixa a mão escorregar do rosto, abrindo um espaço vazio para esperar a dor.

— Foi tudo muito rápido — sussurra Nella, mas o marido, ganhando uma estranha energia, passa depressa pela irmã e por Cornelia, que está na porta, muda devido ao choque.

Todos o ouvem pisar forte no corredor e descer a escada da cozinha. Nella o segue e o escuta abrir a porta do porão. A perda de Johannes ecoa pelo corredor.

— Minha doce menina. — Ele chora. — Minha doce menina, minha doce menina. O que foi que ele fez?

Nella move-se furtivamente, lutando contra o desejo de parar, a outra parte dela ciente de que precisa tentar consolá-lo. Encontra Johannes ajoelhado, aninhando a cadela rígida, com metade do corpo para fora do saco manchado de sangue. A cabeça de Rezeki repousa no braço do dono, a ferida oleosa à meia-luz, os dentes à mostra formando um sorriso deformado.

— Sinto muito — sussurra Nella, mas Johannes não consegue falar.

Ele ergue os olhos úmidos para a esposa, agarrando-se à sua amada, sem acreditar.

A testemunha

Nos dois dias seguintes, a casa parece ficar num silêncio suspenso. Marin permanece no quarto, Cornelia organiza as caixas de caridade que eles mandarão para os orfanatos no Natal, bolos menores este ano, menos tortas de carne. Otto evita a todos e fica no jardim, onde espeta desnecessariamente o solo congelado.

— Você vai machucar os bulbos, Toot — diz Cornelia, mas ele a ignora.

Nella sente o cheiro de um refogado de pé de porco no fogo, e ouve os pratos roçando uns nos outros e as escumadeiras batendo no ritmo do sofrimento de Cornelia.

Johannes sai nessas duas noites. Ninguém lhe pergunta aonde vai, porque temem a resposta. Na segunda noite após a discussão, sozinha no quarto, Nella para diante da casa de bonecas e ergue a miniatura de Agnes sob a luz fraca. Em algum lugar na casa, ouve alguém vomitando numa tigela de metal e sussurros, depois sente o aroma refrescante de chá de hortelã usado para acalmar o estômago revirado. Ela também gostaria de expurgar a preocupação que carrega dentro de si. Espera que Johannes esteja no depósito das Ilhas Orientais, trabalhando no açúcar, embora o comportamento de Agnes na Igreja Antiga tivesse sido tão inquietante que Nella mal pode acreditar que a mulher estivesse brava apenas por causa dos negócios.

Enquanto examina a miniatura de Agnes, Nella sente um calafrio subir pelas suas costas, ficando arrepiada de repente. A ponta do pão de açúcar de Agnes se tornou

completamente preta. Ela grita, esfregando os esporos para tentar se livrar deles, mas se espalham pelo resto do açúcar feito fuligem. Nella tenta quebrar o pão de açúcar, considerando enterrá-lo no jardim, sepultar seu poder, e ele se parte, levando junto a minúscula mão de Agnes.

Nella joga a boneca mutilada no chão, com a mão decepada e o açúcar estragado ainda entre os dedos.

— Sinto muito — murmura, sem saber exatamente com quem está se desculpando: com a boneca, com Agnes ou com a miniaturista. O estrago na mão de madame Meermans é irreversível e, de alguma forma, a culpa é toda de Nella.

O tempo ruim poderia ter causado aqueles pequenos esporos, mas a casa de bonecas fica no primeiro andar, onde a umidade não é muito intensa. Poderia ser sujeira da chaminé, embora as peças da casa nem fiquem perto dela. Todas essas são possibilidades lógicas, mas parecem não se encaixar. Assim como a marca de Rezeki, será que essa mancha preta sempre esteve ali, minúscula e praticamente imperceptível? Ou apareceu de forma inexplicável, espalhando-se em resposta ao medo que ela sente de Agnes? “Não”, pensa Nella, “não seja tão ridícula. Foi só mais um aviso que você deixou passar despercebido”. Ela olha para a casa de bonecas, para os bolos e doces, o berço, as pinturas, os talheres e livros, desejando ter prestado mais atenção quando recebeu os bonecos e as cadelas. Será que ali tem mais bombas que ela não consegue ver, prontas para explodir?

Marin odeia esses bonecos por sua idolatria, mas o pão de açúcar escurecido, a marca vermelha em Rezeki, as peças extraordinárias de artesanato, são mais que idolatria. Consistem em invasões que Nella ainda não consegue definir. Há uma história ali, e parece ser a de Nella, mas não

é ela contando. “A miniaturista dita a minha vida”, pensa. “E não consigo saber quais são as consequências.”

Nella abre outra vez a *Lista de Smit.* Os lemas da miniaturista, prensados entre as páginas, caem do livro aberto, espalhando-se feito confete. Ela encontra o anúncio. *Treinado pelo conceituado relojoeiro de Bruges, Lucas Windelbreke. Tudo, e ainda assim nada.* “Sempre que vou à casa dela”, pensa Nella, “todas as vezes que bato inutilmente na porta fechada, quero tudo e sem dúvida não consigo nada”. Uma abordagem diferente se faz necessária, e, observando o anúncio, Nella se pergunta por que não pensou nisso antes. Chega de cartas longas, de respostas espirituosas e quase filosóficas, chega de tulipas e nabos e de correr no frio para acabar ficando constrangida na Kalverstraat.

Nella se apressa até sua escrivaninha de mogno, lembrando-se de como ficou esperando na soleira da porta de Johannes no primeiro dia, as pessoas perambulando pelo Herengracht, o garoto cego com o arenque, as mulheres rindo. Será que a miniaturista já me conhecia nessa época? Sabia como eu ansiava por um quarto, uma escrivaninha, um pedaço de papel para ornamentar minha infeliz recepção?

Pegando uma folha, Nella mergulha a pena e começa a carta:

Prezado Seigneur Windelbreke,

Estou escrevendo para perguntar sobre uma aprendiz que o senhor teve.

Tudo o que sei é que é uma mulher alta, loura, e que me encara como se fosse capaz de enxergar minha alma. Ela se esgueirou para a minha vida, senhor, e as miniaturas que me manda estão se tornando cada vez mais inquietantes. Como ela pode não me responder

diretamente e ainda assim me transformar no foco do seu trabalho?

Conte-me como ela chegou ao senhor e por que foi embora. Que forças agem dentro dela para que reproduza minha vida em miniaturas não solicitadas, delicadas e com mensagens misteriosas? Eu a considerei minha professora, mas, agora, Deus me proteja, eu a chamo de profeta. Porém, se ela for um demônio à espreita do qual o senhor teve que se livrar, então precisa me escrever.

Aguardo com uma expectativa dolorosa,

Petronella.

Alguém bate na porta. Nella enfia a carta debaixo de um livro, fecha as cortinas da casa de bonecas e recolhe os lemas da miniaturista.

— Entre — diz.

Para sua enorme surpresa, Johannes entra arrastando-se.

— Você o encontrou? — pergunta ela, fechando o robe em volta do corpo e enfiando os lemas no bolso. Não consegue pronunciar o nome do inglês, mas, sem dúvida, foi com ele que Johannes passou as duas últimas noites, embora ninguém ouse falar.

— Pelo amor de Deus, não — responde ele, estendendo as mãos feito um ladrão desajeitado, como se Jack tivesse saído da sua vida.

— Você parece uma criança, Johannes, mentindo sobre ter roubado um doce.

Ele ergue as sobrancelhas e, embora Nella esteja surpresa com seu jeito direto, acha cada vez mais difícil esconder seus sentimentos de Johannes. Ele não nega a acusação, mas tenta amansá-la.

— Petronella, sei que você não é uma criança.

A gentileza dele quase machuca mais que sua crueldade.

— Tem muita coisa que não consigo entender — diz ela, sentando-se na coberta da cama e olhando para a casa de bonecas fechada. — Às vezes vejo um feixe de luz nesta casa, como se tivessem me dado alguma coisa. E, em outros dias, me sinto totalmente ignorante.

— Nesse sentido, somos mesmo todos crianças — afirma Johannes. — Não quis dizer aquilo na sala. Quando Marin... ela me faz...

— Marin certamente só quer manter você em segurança, Johannes. Assim como eu.

— Estou em segurança — responde ele.

Ao ouvir isso, Nella fecha os olhos, sentindo uma inquietação profunda. Todos esses anos devem ter sido muito duros para Marin, cuidando de alguém que acredita que a própria força de vontade basta para combater todos os problemas do mundo! Ele é um cidadão de Amsterdã. Será possível que não sabe que não se pode sobreviver ali sozinho?

— Este não é o casamento que você imaginou — diz ele.

Ela o encara. Um vislumbre de festas, a sensação de segurança, a risada de bebês gorduchos sumindo... tudo isso surge entre eles e desaparece. Todas essas coisas pertencem a outra Nella, uma que nunca existirá.

— Talvez eu tenha sido tola de imaginar qualquer coisa.

— Não — retruca Johannes. — Nascemos para imaginar.

Ele continua hesitante, sem querer ir embora. Nella volta a pensar na última entrega da miniaturista, os bolos e doces arrumados numa cesta minúscula, escondidos atrás das cortinas mostarda.

— Johannes, você conseguiu vender alguma parte do açúcar de Agnes em Veneza?

O marido desaba ao pé da cama.

— É uma montanha, Nella. — Ele suspira. — Literalmente. Metaforicamente. Encontrar compradores nessa época do

ano vai demorar.

— Mas você achou *algum*?

— Sim, dois. Um cardeal e uma das cortesãs do Papa. As pessoas parecem ter menos para gastar ultimamente. — Ele dá um sorriso triste.

— Você vai ter que pensar em alguma coisa para o restante. Marin iria perturbá-lo ainda mais se soubesse que só encontrou dois compradores. Você deve se considerar sortudo por só ter contado para mim.

Johannes sorri.

— Eu não esperava a mulher que você se mostrou ser.

A maior obsessão de Nella é uma norueguesa que molda a vida dela em miniaturas, e a segunda é impedir que a fortuna de Johannes apodreça próximo ao mar. Definitivamente não foi essa a imagem que sua mãe pintou em Assendelft.

— Você só me conhece por alto.

— Eu estava elogiando — diz Johannes. — Você é incrível. — Ele faz uma pausa, parecendo constrangido. — Em janeiro vou partir de novo, e vou ganhar dinheiro para eles. Meu estoque sempre vende.

Ele abre bem os braços, como se o tamanho e a beleza de sua casa em Herengracht fossem prova suficiente.

— Mas você jura, Johannes?

— Juro.

— Já acreditei nas suas promessas — observa Nella. — Espero que dessa vez você a mantenha. — Ao fundo, o relógio de pêndulo marca gentilmente a hora. — Tome — diz ela, levantando-se da cama e abrindo de leve as cortinas da casa de bonecas. — Quero que fique com isto.

Ela põe o boneco de Rezeki na mão dele e Johannes baixa os olhos cansados, piscando, a princípio, sem saber ao certo o que está vendo.

— Rezeki?

— Mantenha-a em segurança.

Por um instante, Johannes fica parado, os olhos fixos no minúsculo modelo em sua mão. Então ergue o objeto, toca o pelo cinza sedoso, os pequenos olhos espertos, as pernas finas.

— Nunca vi nada igual. Em nenhuma das minhas viagens.

Nella percebe que ele não comenta sobre a marca vermelha. “Se Johannes escolher não vê-la, melhor ainda”, pensa.

— Seu presente de casamento — sussurra ela. — Sei que Rezeki não tinha forma humana, mas ainda assim... não conte aos burgomestres.

Johannes olha para ela, comovido demais para falar, segurando o presente como se fosse um talismã reconfortante. Nella fecha a porta, deixando o marido do lado de fora, ouvindo seus passos baixos em direção ao próprio quarto, sentindo-se estranhamente em paz.

* * *

Mas ao amanhecer do dia seguinte, ela é bruscamente acordada por Cornelia. O céu está dividido em raios laranja e azul-escuros, portanto, não deve passar das cinco horas. Nella estremece, despertando de seus sonhos com panos vermelhos ensopados e quartos que encolhem, logo tomando consciência do ar frio da manhã.

— O que foi?

— Acorde, madame, acorde.

— Estou acordada. Qual é o problema? — pergunta. Enquanto se concentra no rosto tenso de Cornelia pairando sobre ela, começa a ficar com medo. — O que aconteceu com Johannes?

As mãos de Cornelia pendem do corpo de Nella feito duas folhas mortas.

— Não é o Seigneur. É Otto — sussurra ela, com a voz falhando. — Ele se foi.

Almas e bolsos

Cornelia se movimenta em torno de Johannes, tendo que fazer o trabalho de dois criados. Ela calça os pés dele nas botas, enfiando pequenas tortas e uma maçã nos seus bolsos, alimentando-o contra seus medos. Johannes enfia os braços no casaco.

— Onde está meu brocado? — pergunta.

— Típico de você pedir isso agora — murmura Marin, pálida de exaustão.

— Não consegui encontrá-lo, Seigneur — diz Cornelia.

— Vou dar uma olhada nas docas — avisa Johannes. — Por que ele fugiu desse jeito?

— Verifique o açúcar também — pede Nella, seguindo-o até lá fora.

Johannes olha para ela sem acreditar.

— Toot vem em primeiro lugar. Não podemos perdê-lo.

Mas Nella não consegue deixar de pensar no pequeno pão de açúcar de Agnes, enegrecido no andar de cima. É um sinal, a miniaturista está tentando alertá-los, como fez sobre Rezeki. Sem dúvida há algo que possa ser feito antes que também percam o açúcar. Mas Johannes se foi, e nenhuma esposa deve aparecer no depósito do marido sem avisar.

* * *

Não há sinal de luta na cama de Otto, nenhum móvel quebrado, a porta não foi forçada. Uma sacola de roupas sumiu.

— Ele pegou o casaco do Seigneur, tenho certeza — diz Cornelia.

— Talvez ele venda — sugere Nella.

— É mais provável que use. Por que ele teve que ir?

Nella se dá conta de que não perguntou o que Cornelia estava fazendo no quarto de Otto às cinco da manhã. Mas a criada está completamente sozinha e sobrecarregada, então provocá-la nesse momento não vai causar bem algum.

— Cornelia — chama Marin do alto da escada. — Venha aqui.

A cunhada está na sala, vestindo três casacos, um xale e dois pares de meias de lã, tentando em vão acender um fogo de turfa. Quando ela se levanta, parece muito volumosa, muito mais alta que Nella e Cornelia.

— Não consigo acender a turfa — diz. Sua fala desliza como manteiga na panela.

— Acender o fogo é trabalho de Toot, madame. — Não é por causa do cheiro forte da turfa que Cornelia parece engasgar, as lágrimas brotando em seus olhos. — Não sou muito boa nisso. — A criada se ajoelha diante da lareira, o corpo curvado refletindo sua alma. — Saí perguntando pelo canal — murmura. — Nenhum africano foi levado para a prisão de Rasphuis nem de Stadhuis.

— *Cornelia* — chama Marin, afundando na mesma cadeira em que Johannes desabara ao saber da morte de Rezeki.

Com os olhos vermelhos e ajeitando inquietamente suas camadas de roupa, Marin não consegue ficar parada. Ela pega um pedaço de torta de maçã, feita uma semana antes e trazida por Cornelia, mas em seguida o deixa de lado.

Nella faz uma oração para a miniaturista, onde quer que ela esteja nesse instante. *Madame, mande um par de asas para o meu marido. Faça-o voar mais rápido para os navios que estão partindo. Mantenha nosso querido Otto neste país.*

— Ele vai escapar — afirma Marin, esfregando as têmporas como se tentasse acalmar algo inquieto se revirando em sua cabeça. — Ele vai para Londres. Descendo o Tâmisa, terá uma chance de se misturar aos demais.

— Você parece tão segura — diz Nella.

— Eu disse a ele que nada ia acontecer — fala Cornelia. — Por que ele não me deu ouvidos?

— Porque ele estava assustado — diz Marin, sua respiração ficando mais pesada. Ela pega novamente a torta de maçã e a remexe, falando quase que para si mesma. — É melhor mesmo que ele tenha ido embora. Ao se afastar, ele nos protege. E o que aconteceria com um homem como Otto se os burgomestres o pegassem?

— Marin — chama Nella. — Você sabia que ele ia embora?

A cunhada deixa escapar certa consternação com essa pergunta.

— Ele tem bom senso — responde, desviando o olhar e alisando a saia.

— E foi você que o mandou ir embora? — pressiona Nella.

As respostas evasivas atrás das quais Marin se esconde são revoltantes.

— Era o menor dos males — diz ela. — Posso ter sugerido, mas não obriguei ninguém.

— Sei como funcionam as suas sugestões.

Cornelia encara a patroa com um terror abjeto.

— Você o mandou embora, madame? Mas falou que Jack não o denunciaria.

— A capacidade que Jack possui de surpreender não tem fim. Ele é um oportunista. Digamos que aproveitasse a oportunidade para nos atacar... Otto não passaria por um julgamento, não teria a menor chance de sobreviver.

— Como você adora mexer seus pauzinhos, Marin! Com ou sem julgamento, Otto pode morrer lá fora.

Cornelia fica de pé.

— Ele é criado do Seigneur.

— Não é meu criado também?

Marin joga o pedaço de torta na parede, por pouco não acertando Cornelia.

A criada dá um pulo quando a torta se despedaça no quadro a óleo do campo, a groselha respingando feito balas escuras disparadas por armas de fogo sobre as ovelhas pintadas.

— Não agi pensando no melhor para ele? — grita Marin. — Johannes não se importa.

— Ele está lá procurando por Otto agora!

— Johannes não ama ninguém além de si mesmo — acusa Marin. — E é por isso que estamos nessa situação.

A groselha escorre pelo mural e atinge o chão. Então Marin sai devagar da sala, como se suas roupas pesassem.

O Natal, como uma versão pobre da promessa que antes trazia, se arrasta, ainda sem sinal de Otto. Os irmãos doam comida para os orfanatos, e Johannes enterra Rezeki no jardim frio e hibernante.

— Nunca vi o Seigneur assim — diz Cornelia a Nella, com o rosto pálido de preocupação. — Ele até leu um trecho da Bíblia. Era como se não estivesse *lá*.

Enfraquecido e reservado, Johannes sai todos os dias, alegando estar à procura do criado desaparecido e trabalhando na venda do açúcar dos Meermans. Às vezes, Nella acha que deveria contar a Marin que todo o açúcar continua no depósito, que Frans está furioso, mas parece que nada disso adiantaria muito, e o humor de Marin é imprevisível.

Os esporos no açúcar em miniatura voltam à mente de Nella, que os verifica diariamente, tendo certeza de que se espalharão. No entanto, o açúcar permanece congelado no tempo, e ela se agarra a isso, a essa altura acreditando completamente no poder profético da miniaturista. “Vou lutar para emergir”, pensa Nella. Mas o problema é que não tem ideia de onde irá emergir. “Num beco sem saída”, supõe. “No fundo do poço, levando uma existência silenciosa e frágil.”

Otto não está em nenhum lugar que ela consiga imaginar, e sua ausência é uma pergunta que ninguém sabe responder. Até o momento, seu boneco não revela nada, então Nella recorre à especulação da família sobre seu paradeiro. Marin insiste em Londres, Johannes acredita em Constantinopla. Cornelia está convencida de que ele continua na Holanda. Ela não é capaz de aceitar que Otto iria muito longe por vontade própria.

— O melhor para ele seria uma cidade portuária — diz Nella. — Em Assendelft, as pessoas bateriam a porta na cara dele.

— O quê? Com esse frio? — indaga Cornelia.

— Creio que sim — diz Marin.

— Não consigo acreditar que ele concordou em ir embora — comenta Nella, observando a cunhada, mas Marin desvia o olhar. — Não parece do feitio dele.

— Você está aqui há doze semanas, Petronella — dispara Marin. — Nem uma vida inteira é suficiente para saber como uma pessoa vai agir.

* * *

Cornelia começa a negligenciar suas faxinas com vinagre e suco de limão, suas funções de varrer e polir, lavar e limpar, escovar e espanar. Nella manda sua carta para Lucas

Windelbreke, em Bruges, e espera uma resposta. “O clima de inverno pode atrasar o mensageiro”, pensa ela, mas esse parece ser seu único recurso.

Nella decide que deve perguntar a Marin se Johannes conversou com ela sobre o açúcar que ainda está no depósito. Encontra a cunhada no corredor, onde Marin anda de um lado para outro, olhando a sala na qual discutiu com o irmão. As nozes carameladas foram retiradas de seu quarto e empilhadas numa tigela na mesa lateral, as cascas pela metade cintilando como besouros. Nella olha surpresa para as nozes. Comer doces na frente de todos não é algo típico de Marin. “Acho que se eu tivesse uma briga dessas com Carel”, pensa, “comeria o equivalente ao meu peso em marzipã”.

— Marin, preciso fazer uma pergunta a você — anuncia.

A cunhada se encolhe, enrolando o xale no corpo.

— O que houve? — pergunta Nella, preocupada.

— As nozes — responde ela. — Comi demais.

Marin sobe para seu quarto e a oportunidade de conversar desaparece.

* * *

Cornelia e Nella passam horas na cozinha, onde é mais aquecido. No fim de uma tarde, quando Marin está dormindo e Johannes saiu, há uma forte batida na porta da frente.

— E se for a milícia à procura de Toot? Que Deus nos ajude — sussurra Cornelia.

— Bem, eles não vão encontrá-lo aqui, não é?

Nella nunca admitiria seu alívio para Marin, mas está contente que Otto tenha sumido. Ela imagina Jack no meio de uma gangue, um dedo acusador erguido.

A batida não para.

— Vou abrir — avisa Nella, tentando manter pelo menos uma ilusão de controle. “Esta casa está mesmo de pernas para o ar”, reflete, “com a senhora sendo a primeira pessoa a cumprimentar as visitas”.

Mas, atrás da vidraça, apenas um chapéu de aba larga cintila acima de um rosto comprido e redondo. Nella abre a porta, seu alívio por não ser a milícia apenas diminuindo um pouco quando Frans Meermans tira o chapéu e entra sem ser convidado. O frio de dezembro o acompanha, e ele faz uma reverência, remexendo os dedos na aba.

— Madame Brandt — diz ele. — Vim ver seu marido.

— Ele está na bolsa de valores — revela Marin.

Nella se sobressalta e se vira para ver a cunhada parada na escada. Era como se ela soubesse que ele viria. O clima está pesado, e Nella espera notar os sinais de afeição entre os dois. Mas não aparece nenhum. “Claro”, diz Nella a si mesma, “Marin tem experiência em manter as aparências”.

— Já estive na bolsa — retruca Meermans. — E na VOC. E em várias tavernas. Fiquei surpreso ao saber que ele não estava em nenhum desses lugares.

— Não sou guardiã do meu irmão, Seigneur — declara Marin.

Ao ouvir isso, Meermans ergue as sobrancelhas.

— É uma pena.

— Gostaria de um pouco de vinho enquanto espera? — oferece Nella, pois Marin se recusa a sair das sombras.

O homem se vira para ela.

— Você disse para a minha esposa na Igreja Antiga que seu marido estava vendendo nosso açúcar em Veneza.

Nella consegue sentir o olhar minucioso de Marin em sua nuca.

— Sim, Seigneur. Ele já está de volta…

— Sei disso, madame. Um homem como ele tem cada movimento vigiado. Já faz tempo que Brandt voltou dos

papistas venezianos. O Natal já passou e o Ano-Novo está chegando. Então, eu me pergunto: onde está meu lucro?

— Tenho certeza de que está vindo…

— Ele não me escreveu. Então, ontem à noite, fui ao depósito saber como tinha sido a viagem a Veneza, e dessa vez levei Agnes. Mas gostaria muito de não ter feito isso! — Ele se vira para Marin, a raiva refletida em seu olhar. — Nem um grão foi embarcado, madame. Sequer um maldito grão. Vocês são mais do que inúteis… toda a nossa fortuna, todo o nosso futuro, estão mofando no escuro. Toquei o açúcar… e algumas partes estavam *pastosas*.

Marin está visivelmente chocada, incapaz de assumir o controle da situação e transformá-la em obediência. Nella é tomada pela culpa enquanto a cunhada fica agitada, desarmada contra a raiva dele.

— Frans — gagueja ela —, é impossível…

— Isso seria motivo suficiente para destruir Johannes Brandt, e Deus sabe que já tenho razões para fazer uma coisa dessas. Mas quando saímos do depósito, vimos algo pior. Muito pior.

Marin sai um pouco das sombras.

— Ele *está* vendendo o açúcar, Frans — afirma ela baixinho. — Pode ter certeza de que…

— Sabe o que nós vimos, madame, prensado na parede?

Cornelia sobe correndo a escada da cozinha. O coração de Nella parece querer sair pela boca. Ela sente vontade de segurar a mão de Cornelia e formar um círculo em volta desse homem, para manter tanto ele quanto seu coração acelerado sob controle. “Eu devia ter contado a Marin”, pensa, o ar vibrando em volta dela conforme a fúria de Meermans aumenta. “Marin já suspeitava, mas se eu confirmasse que o açúcar estava intocado, que Frans já tinha visto isso, talvez ela pudesse ter acabado com aquilo

tudo. Ela é a única que consegue estabelecer alguma ordem.”

Na escadaria, Marin se encolhe quando Meermans avança, o oposto de uma visão romântica ou de qualquer amor afetuoso. Enquanto ele a olha de cima a baixo, duas imagens de sua antiga história tremulam na mente de Nella: o leitão salgado mandado de presente e o lindo bilhete de Frans escondido em um livro. “Que Frans seja gentil com ela”, reza.

— Nós o vimos — diz Meermans, a voz baixa e hipnótica em sua intensidade. — Nós vimos a diabrura nele.

— Do que você está falando? — pergunta Marin. — Que diabrura?

— Acho que você sempre soube. Como ele passa o tempo encostado nas paredes do depósito. Não se esquece de uma visão dessas.

— *Não* — diz Marin.

— Sim — rebate Meermans, endireitando-se e virando-se para Nella. — O mundo vai ter que saber, madame, como seu marido nojento sente prazer… com um rapaz.

Nella fecha os olhos, como se quisesse impedir que as palavras de Meermans a invadissem. Mas é tarde demais. Quando torna a abri-los, Meermans parece grotescamente satisfeito. “Ah, você não é o primeiro a me fazer essa revelação”, pensa ela, incapaz de encará-lo. “Meu marido me mostrou, pelo menos.”

Nenhuma das mulheres parece capaz de falar, e Meermans parece irritado com o silêncio delas.

— Johannes Brandt é um degenerado — continua ele, como se para alfinetar sua estupefação horrorizada. — É uma maçã podre no cesto desta cidade. E vou cumprir meu dever como cidadão de bem.

— Só pode ser um engano — sussurra Marin.

— Não é engano algum. E, mais, o rapaz alega que Johannes o atacou.

— *O quê?* — surpreende-se Nella.

— Você é amigo dele. — Marin está sem fôlego, a mão escorregando do corrimão. — Não insista nessa punição quando sabe aonde isso vai levar.

— Minha amizade com esse homem acabou há anos.

— Então por que pediu para ele vender o seu açúcar? Entre tantos comerciantes… por que escolheu meu irmão?

— Foi Agnes quem insistiu — responde Meermans, botando com força o chapéu na cabeça.

— Mas você concordou, Frans. Por que faria isso se não restasse ainda alguma afeição?

Meermans ergue a mão para interrompê-la.

— Nosso açúcar está tão abandonado quanto a alma dele. E quando vi a blasfêmia que ele estava cometendo, era como se o próprio Belzebu tivesse emergido do céu.

— Belzebu vai emergir sobre todos nós, Frans, se você continuar assim! Você fala em cumprir seu dever com Deus, mas acho que é com seus florins. Dinheiro, fortuna… você não costumava ser assim.

"Só pode ser Jack", pensa Nella, apoiada na parede do depósito. Ela quase deseja que seja ele, pois assim ao menos terá alguma constância, talvez um pouco de amor, em meio às sombras cambiantes desse desastre. Ela se pergunta se Johannes ainda está no depósito, sem saber que foi descoberto. "Ele precisa saber", conclui ela. "Precisa fugir."

— Você falou com meu marido? — pergunta.

Meermans se vira para ela com desprezo.

— Claro que não — responde. — Agnes ficou… foi necessário irmos embora. Ela ainda não se recuperou.

— Não busque esse triunfo, Frans — implora Marin. — Você vai arruinar todos nós. Podemos chegar a um acordo…

— *Acordo?* Não se atreva a falar comigo sobre um acordo, madame. Johannes já atrapalhou bastante minha vida.

— Frans, vamos vender seu açúcar, e deixe que isso seja o fim...

— Não, Marin — interrompe ele, escancarando a porta. — Sou um homem diferente agora, e não vou deixar a poeira embaixo do tapete.

Fuga

Quando Frans Meermans sai em disparada no dia frio, as pernas de Marin cedem. É uma cena perturbadora, assim como a queda de uma árvore especialmente bonita. Cornelia corre até ela, tentando erguê-la.

— Não consigo acreditar — diz Marin, olhando para Nella. — Pode mesmo ser verdade? Ele foi tão idiota assim?

— Para a cama, madame — pede Cornelia, tentando levantar Marin num esforço desesperado.

Ela se curva com o peso de Marin e a patroa a afasta, sentando-se na escada.

— Frans vai atrás dos burgomestres — diz Marin. As palavras arranham o ambiente delicado que Meermans deixou para trás. A aparência dela é assustadora: o olhar morto, frágil, a voz desanimada. — Ele não veio aqui primeiro para nos oferecer piedade. Veio só para nos menosprezar.

— Então temos que tirar vantagem da arrogância dele — diz Nella. — Johannes não sabe que foi flagrado. Ele tem apenas algumas horas para fugir.

— O Seigneur também? — diz Cornelia. — Mas não podemos morar aqui sozinhas, só nós três.

— Você tem ideia melhor? — pergunta Nella.

O corredor fica em silêncio. Irritada com seu próprio mau humor, Nella afaga as orelhas sedosas de Dhana, pensando no açúcar escurecido de Agnes no andar de cima, perguntando-se onde Johannes está. O açúcar deixou Meermans irritado, talvez mais irritado do que ter visto

Johannes saboreando o fruto proibido. Milhares de florins devem neutralizar o ódio que ele sente dos Brandt.

— Não sei como, mas temos que vender o açúcar — diz ela. — Meermans quer receber o pagamento.

Marin ergue os olhos para ela.

— Ele disse que uma parte ficou pastosa.

— Exato. Uma *parte.* Provavelmente está exagerando. Ele gosta de mentir. E pode ser que fique em silêncio se vendermos o estoque.

— Nada vai manter esse homem em silêncio. Acredite em mim. E o que você está propondo? Conhece todos os compradores na Europa e além, Petronella, como os cozinheiros de Londres, os confeiteiros de Milão, as duquesas, marquesas e os sultões? Fala cinco línguas?

— Estou procurando uma luz, Marin. No meio de toda essa escuridão.

Uma hora mais tarde, Nella está de pé diante da casa de bonecas, observando os cômodos em busca de uma pista, de algum sinal do que fazer. O relógio de pêndulo dourado é um lembrete terrível e regular de que seu marido ainda não chegou em casa, de que os minutos estão passando. “Como é estranho”, reflete ela, “que algumas horas pareçam dias, e outras passem tão depressa”. Está congelante do lado de fora da janela, e ela sente uma dormência nos dedos dos pés, imaginando sua pele inerte como a do homem encontrado debaixo do gelo. Pelo menos sua respiração está se condensando. “Continuo viva”, pensa.

O luar entra pela brecha na cortina com uma força extraordinária, revelando cada padrão do peltre serpenteante, transformando-o em mercúrio espalhado pela

madeira. Todos os nove cômodos estão iluminados, e o rosto das pessoas ali dentro quase brilha. O cálice de noivado de Nella é um dedal pálido, a renda do berço consiste numa teia brilhante. A mão decepada de Agnes em cima de uma cadeira feito um amuleto prateado, o pão de açúcar tão branco quanto osso, exceto pela ponta. Nella tenta ver se a ponta ficou mais escura. Mas não sabe dizer. Os esporos pretos ainda são ameaçadoramente visíveis, repousando em sua mão como algo estragado.

"Não sou nem ao menos operária do destino, que dirá arquiteta", pensa. Os lemas enigmáticos da miniaturista e suas lindas peças restam trancados em seu próprio mundo, tão tangíveis e ao mesmo tempo tão inacessíveis. Esta noite, dão a impressão de estarem zombando dela. Quanto menos Nella entende os motivos da miniaturista para fazer tudo isso, mais poderosa ela parece. Nella reza para Lucas Windelbreke ter recebido sua carta, que alguma explicação chegue para que possa desvendar o mistério.

Após pegar a miniatura do marido da casa de bonecas, Nella a pesa na palma da mão. Será que a artesã previu isso também, Johannes sendo descoberto por seu inimigo? Ele continua curvado, com as costas sobrecarregadas pelo saco de dinheiro. Não parece mais leve, e Nella tenta encontrar algum incentivo nisso, mas não pode confiar plenamente em si mesma para intuir o verdadeiro significado.

Ela ouve a porta da frente e em seguida o ruído familiar de Johannes entrando em seu escritório. Ao devolver o boneco para a cristaleira, Nella desce a escada correndo e entra sem bater.

— Johannes, onde você estava? — Ela pisa na lã macia do tapete, o cheiro de Rezeki impregnado para sempre nas fibras.

— Nella?

O marido parece cansado e velho, e isso a faz se sentir mais velha também. “Ele não sabe que foi visto”, pensa. Dá para notar que nem faz ideia. Correndo até ele, Nella o segura pelas mangas.

— Você tem que ir, Johannes. Precisa ir embora.

— O quê…?

— Mas precisa saber: acredito que tentou fazer o melhor que podia por mim… com a casa de bonecas, o banquete dos prateiros, as flores e os vestidos. Conversas que eu nunca havia compartilhado. Quero que saiba disso… antes que precise ir.

— Sente-se, fique calma. Você não parece bem.

— Não, Johannes. — Nella para, observando o que há ao seu redor, os mapas, os papéis, o tinteiro dourado, tudo, com excessão de seu olhar cinzento e calculado. — Agnes e Frans… eles *viram* você, Johannes. No depósito. Com um rapaz.

Ele se recosta no banco alto. Sente como se as engrenagens dentro de si se quebrassem e ele estivesse parando.

— Os burgomestres vão matar você — pressiona Nella diante do silêncio, ouvindo as próprias palavras abafadas se atropelando. — Era Jack? Como você pôde? Mesmo depois de ele ter traído você ao fazer aquilo com Rezeki…

— Não foi Jack Philips quem me traiu — diz Johannes, com a voz severa como ela nunca ouvira. — Foi esta cidade. Foram os anos que passamos nessa prisão invisível.

— Mas ele…

— Qualquer pessoa teria o comportamento alterado diante de um escrutínio tão constante, de uma devoção tão preconceituosa… vizinhos espionando vizinhos, torcendo as cordas para enforcar todos nós.

— Mas uma vez você me disse que esta cidade não era uma prisão, se a pessoa seguisse seu caminho

corretamente.

Ele abre as mãos.

— Bem, é uma prisão. E as grades são feitas de uma hipocrisia assassina. Vou embora esta noite, antes que seja impossível escapar.

Johannes é brusco, sofrido, e não soa como ele mesmo. Os ossos de Nella parecem se desfazer, como se ela fosse tombar no tapete do marido e nunca mais se levantar.

— Para onde você vai?

— Sinto muito, doce menina. — A delicadeza dele é quase insuportável. — É melhor eu não contar. Vão perguntar o que você sabe... e têm meios de conseguir as respostas. — Ele procura algo na escrivaninha e entrega a ela um pedaço de papel. — Andei fazendo uma lista de nomes de pessoas que podem se interessar pelo açúcar. Dê a Marin. Ela compreende o livro-razão, então vocês não terão problemas. Vou passar o nome de um agente da VOC em quem confio.

— Mais uma comissão, Johannes? Dessa forma, os lucros vão ficar muito comprometidos.

— Você andou prestando atenção. — Ele sorri com dificuldade, levantando a tampa do cofre para pegar um maço de florins, e Nella percebe que o interior parece vazio. — Mas não sei como vão conseguir vender sem um agente.

— Você vai voltar para nós?

Johannes suspira.

— Esta cidade é como nenhuma outra no mundo, Nella. É brilhante, mas está inchada, e nunca a chamei de lar.

— Então onde fica o seu lar, Johannes?

Ele olha para os mapas na parede.

— Não sei — responde ele. — É onde está o conforto. E isso é difícil de encontrar.

* * *

Nessa noite, Nella é a única a ver Johannes ir embora, envolto em sua capa com capuz, curvado para se proteger do frio.

— Adeus — diz ele.

— Vou… sentir a sua falta.

Ele assente, e ela percebe que seus olhos estão úmidos.

— Você não vai estar sozinha — conforta ele, afastando a emoção. — Tem Cornelia.

Ele para, ajustando a alça da bolsa, e parece tão vulnerável, um velho sendo forçado a partir numa aventura indesejada.

— Tenho amigos em vários países. Vai ficar tudo bem. — Sua respiração é como fumaça quente no ar congelante, e Nella a vê desaparecer. — Vou pensar em você. Cuide de Marin. Proteja-a. Ela precisa disso mais do que você pensa. E não a deixe alimentar você só com arenque.

A brincadeira se aloja dentro dela como se fosse um dardo, a dor de uma magnitude que ela não esperava. Não consegue lidar com a camaradagem tardia, a doçura dessa compreensão fora de hora.

— Johannes — sussurra ela —, prometa que vai voltar.

Mas o marido não responde, pois já está caminhando silenciosamente pelo canal, um fugitivo experiente, o saco de dinheiro balançando ao lado do corpo. “Nunca mais vou vê-lo”, pensa.

A noite fica mais escura, as estrelas nada amigáveis, o frio parece uma faca em seu pescoço. Mas Nella espera, até não poder mais distinguir Johannes da escuridão que o leva embora.

Semicírculo

Um tilintar do lado de fora a acorda. Nella passou a noite toda dormindo no escritório de Johannes, e o tapete do marido deixou seu rosto marcado. A princípio, ela acha que o barulho vem das criadas ao longo do Herengracht, enfiando seus trapos em baldes, lavando os degraus, empurrando para longe o que resta do último dia de 1686. Por um momento, ela se esquece de tudo, olhando os belos mapas de Johannes. Então relembra a raiva de Meermans e a fuga do marido, bloqueando qualquer caminho para acalmar seus pensamentos. Observa o teto, onde as marcas das velas são tão escuras quanto as manchas na miniatura do pão de açúcar.

Ela está sendo chamada. É Cornelia, estridente, histérica.

— *Madame Nella! Madame Nella!*

Nella esfrega os olhos. O tilintar parou. Atordoada, se apoia no cofre de florins e olha pela janela. Faixas vermelhas nos peitos tão largos quanto barris, o brilho de metal polido, espadas e pistolas. A Milícia de São Jorge. Então as batidas na porta da frente começam. Cornelia entra apressada.

— São eles — sussurra, apavorada. — Eles vieram.

Nella fecha os olhos e agradece rapidamente o fato de que, a essa altura, Johannes está num navio longe dali. Marin fica no corredor enquanto as batidas persistem, e as três mulheres conversam depressa, Dhana batendo as patas entre elas.

— Ele se foi? — pergunta Marin. Quando Nella assente, vê a dor passando pelo rosto da cunhada, mas é logo

mascarada. — Não confio em mim mesma diante deles — diz Marin, subindo a escada, enquanto Nella tenta controlar a cadela.

— Marin, não…

— Vou perder o controle, sobretudo se Frans Meermans estiver entre eles.

— O quê? Você não pode me deixar com eles…

— Confio em você, Petronella.

Marin desaparece. Cornelia abre a porta, e no degrau da entrada estão seis guardas da Milícia de São Jorge vestindo o uniforme dos guerreiros ricos. Eles apresentam as insígnias de prata e peltre, os bacamartes pendendo nos quadris. Nella não diz nada, com as mãos entrelaçadas, o estômago começando a se revirar. Nota com alívio que Frans Meermans não está no grupo.

— Viemos atrás de Johannes Brandt — declara o guarda mais próximo da porta. Seu sotaque é de Haia, as sílabas saem desarticuladas, não características de Amsterdã.

— Ele não está aqui, Seigneur — responde Nella, sentindo a mandíbula frouxa. “Não vou perguntar por que vieram”, pensa. “Não vou dar corda, nem um centímetro, nenhuma chance de nos humilharem mais.”

O guarda a encara. Ele é alto, tem mais ou menos a idade de Johannes, é careca, exceto por uma barba mais ornada que a dos demais, grisalha e moldada em pontas antiquadas.

— Então onde ele está? — pergunta.

— Viajando — diz Nella, a mentira saindo tão depressa quanto sua respiração, embora sua língua pareça pesada e inchada, e ela ache difícil soar convincente.

Nella tenta imitar a imperiosidade de Marin, mas sente a confiança coletiva dos homens quando a olham de cima a baixo, as medalhas compartilhadas cintilando, as faixas vermelhas engomadas, com fitas amargas da fraternidade.

Peitos se estufam na direção dela, as barrigas cheias, saciadas com as melhores comidas.

— Sabemos que ele está aqui — afirma outro homem. — A senhora não vai querer uma confusão na entrada da sua casa.

— Tenham um bom dia — diz ela, começando a fechar a porta.

O miliciano estica o pé e a detém. Ao som da risada dos outros cinco, ele empurra a madeira, e por um instante a jovem e o soldado grisalho travam uma pequena disputa de forças. Ele ganha com facilidade, e seus homens entram, as botas pesadas ecoando nos ladrilhos de mármore. Tiram os elmos, observando as tapeçarias e os quadros ao redor, a escada cuidadosamente polida, as arandelas nas paredes e as janelas reluzentes. Eles se parecem menos com militares e mais com advogados fazendo o inventário de um cliente morto.

— Garota — esbraveja o primeiro guarda, olhando para Cornelia. — Vá buscar seu patrão. — Como ela não se mexe, o homem leva a mão ao cabo da espada. — Vá buscá-lo, ou levaremos você também.

— Vamos jogá-la na Spinhuis para uma dose de disciplina — ameaça outro, dando uma risada.

Nella se pergunta se esses seis homens já viveram um dia sequer de batalha de verdade. Eles parecem gostar demais de seus uniformes. “Corra, Johannes”, pensa ela, tentando esconder seu pânico crescente. “Corra, corra para bem longe.”

— Já falei, ele não está aqui — insiste Nella. — Agora, senhores, tenham um bom dia.

— Sabe por que estamos atrás dele? — pergunta o primeiro guarda, aproximando-se de Nella. Os outros cinco se espalham, formando um semicírculo frouxo em volta dela e de Cornelia. — Estamos aqui sob a jurisdição do Schout

Slabbaert e do burgomestre-chefe da Stadhuis, madame Brandt. Os guardas da prisão esperam ansiosamente a visita dele.

— Feche a porta — ordena Nella, e Cornelia corre para obedecer, a luz diminuindo conforme a criada tranca a vida do lado de fora. — Podem falar com meu marido quando o encontrarem.

— Por quê? A senhora o perdeu? — pergunta um dos outros guardas.

— Aposto que sei onde ele está — responde outro, provocando várias risadas escancaradas. Nella deseja que todos eles estivessem mortos.

— Um inglês denunciou um ataque nas Ilhas Orientais, madame — diz o primeiro guarda. — O diplomata britânico está furioso em nome do rei. E há duas testemunhas para confirmar tudo.

“Os Meermans e Jack devem ter planejado isso juntos”, pensa Nella. “O rapaz recebeu dinheiro, sem dúvida, para interpretar mais um de seus papéis. Agnes e Frans são aliados muito improváveis de Jack Philips, mas que importância isso tem diante da doce vingança coletiva?”

Nella se imagina arrancando a cabeça de seus bonecos, deixando todos os três desmembrados e sem poder.

A situação está fugindo ao seu controle. Ela observa desesperadamente os rostos em busca de um mínimo de bondade, ou mesmo de desconforto. Qualquer sinal de fraqueza serve, e ela vai pulverizá-la. Um dos guardas parece mais velho que Johannes, mas com o mesmo rosto bronzeado e receptivo. Quando os olhos dos dois se encontram, ele desvia o olhar, e Nella se agarra ao que espera ser um traço de vergonha.

— Qual é o seu nome, Seigneur? — pergunta ela.

— Aalbers, madame.

— O que está fazendo aqui, Seigneur Aalbers? O senhor é melhor do que isso. Vá pegar assassinos, vá pegar ladrões. — A tática não funciona e ela ouve a si mesma soando assustada e desesperada. — Meu marido ajudou a tornar essa república grandiosa, não foi?

— Vou garantir que seu marido seja bem tratado.

— O senhor vai para casa, para a sua esposa. E então esquecerá isso.

— Seu marido está encrencado, madame Brandt — diz o primeiro guarda, circulando rispidamente pelo corredor glorioso de Johannes. — E nada disso vai salvá-lo.

Ela é tomada pela fúria, por uma raiva temerária.

— Como ousa? — grita, aproximando-se deles, e os outros se afastam feito um cardume de peixes assustados. — Seus homens imperfeitos, vestindo a glória alheia!

— Madame! — implora Cornelia.

— Saiam — explode Nella. — Todos. Estão na minha casa e falam comigo como animais…

— Madame — diz o primeiro guarda —, nada é mais animalesco do que a sodomia do seu marido.

A palavra paira no ar, sufocando Nella e deixando-a paralisada em meio ao silêncio dos homens. Aquela palavra é como dinamite sob as construções de Amsterdã, debaixo das igrejas e por toda a terra, destroçando a vida preciosa da cidade. Depois de *avareza* e *inundação*, é a pior que há no vocabulário local, pois significa morte, e os guardas sabem disso. Silenciados pela ousadia de seu líder, eles não conseguem mais olhar nos olhos de Nella.

Do andar de cima vem o ruído quase imperceptível de uma porta se fechando. O som de passos correndo lá fora interrompe aquele momento estranho. Todos se viram para um garoto que não tem mais de nove anos, pelo que Nella supõe. O menino enfia a cabeça pela porta da frente, o

rosto iluminado de entusiasmo, a boca aberta enquanto toma fôlego.

— Nós o encontramos — grita.

— Morto? — pergunta Aalbers.

O garoto sorri.

— Vivo. A quase cem quilômetros daqui. Nós o pegamos.

Nella sente o estômago embrulhar, os joelhos desabando para o piso duro e frio. Alguém a segura antes que ela caia. É Aalbers, que a põe de pé gentilmente. Ela oscila enquanto absorve a informação do menino, quase sem conseguir respirar. Sente-se tão sozinha com todos aqueles homens que não se importam se seu marido será tratado de forma justa.

— Onde ele estava, Christoffel? — pergunta o primeiro guarda.

— Em um navio, senhor, em Texel. — Christoffel entra no saguão, seus olhos fixos na magnificência à sua volta. — O grupo avançado o pegou. Ele choramingou feito um gatinho. — O menino mia de modo debochado.

— Pelo amor de Deus — murmura Aalbers.

— Não — sussurra Nella. — Você está mentindo.

O garoto sorri desdenhosamente.

— Ele dizia de brincadeira que nunca tinha ido para a Stadhuis. Bem, não vai mais brincar agora.

Aalbers dá um tapa na cabeça do garoto.

— Tenha um pouco de respeito — grita, enquanto o menino berra de dor.

O primeiro guarda repreende Aalbers.

— Christoffel acabou de prestar um grande serviço à república — afirma.

— Assim como meu marido — rebate Nella. — Por vinte anos.

O guarda se vira para ela.

— Não precisamos mais tomar seu tempo.

Eles andam até a porta.

— Esperem — diz Nella, quase incapaz de organizar as palavras. — O que… vão fazer com ele?

— Não cabe a mim dizer, madame. Schout vai estudar as provas. Haverá uma audiência e depois o julgamento. Vai ser rápido, acredito, se o que ouvimos for verdade.

Os homens descem os degraus, Christoffel parecendo um mascote triunfante entre eles, e sobem o canal em direção ao centro da cidade. Aalbers olha para trás uma vez, dando um aceno de cabeça definitivo e constrangido para Nella. O ritmo de caminhada da milícia é irregular, como se a animação com o sucesso tivesse superado a disciplina. Em pouco tempo eles estão andando de forma casual, um empurrando o outro, a risada de Christoffel ecoando até sumirem de vista.

Nella estremece sob o ar triste daquele dia de dezembro. De ambos os lados do Herengracht, algumas sombras nas janelas se recolhem ao serem vistas. Há muitos olhos a observando, ao que parece, mas ninguém surge para ajudar.

— Eles vão matá-lo — diz Cornelia, encolhida na escada do corredor.

Nella se agacha, colocando as mãos nos joelhos da criada.

— Shiu, shiu. Temos que segui-lo até a Stadhuis.

— Você não pode fazer isso.

Marin aparece enrolada no xale, a silhueta alongada à luz da vela.

— O quê?

— Só vai chamar atenção.

— Marin, precisamos saber o que vão fazer com ele!

— Vão matá-lo — repete Cornelia, começando a tremer. — Vão afogá-lo.

— Cornelia, pelo amor de Deus.

Marin fecha os olhos, esfregando as têmporas. Nella sente raiva pela inércia da cunhada, por sua relutância em tomar as rédeas da situação e domá-la de uma vez por todas.

— Onde está seu coração, Marin? Eu nunca abandonaria meu irmão à própria sorte.

— Mas foi exatamente isso o que você fez, Petronella. Você o deixou em Assendelft e fugiu de lá.

— Eu não chamaria isso de fuga.

— O que você sabe sobre os burgomestres? — pergunta Marin. — Logo você, que levou uma vida difícil no campo, tomando leite de vaca…

— Isso não é justo. O que há de errado com você?

Marin começa a descer a escada em direção a Nella, um degrau por vez, com uma precisão lenta e estranha.

— Sabe o que Johannes me dizia? — O veneno em sua voz corta o ar invernal, e os pelos nos braços de Nella se arrepiam. — "A liberdade é algo glorioso. *Liberte-se*, Marin. As grades da sua gaiola são erguidas por você mesma." Ora, é muito bom se libertar, mas alguém sempre tem que pagar por isso.

— Sua autopiedade é o que nos impede de fazer qualquer coisa. Você teve sua chance…

Marin estica os braços, pega os pulsos de Nella e a segura encostada na parede.

— Me solte! — grita Nella, enfraquecida pela enorme fúria da cunhada.

Cornelia se afasta, horrorizada.

— Não estou abandonando meu irmão — diz Marin. — Foi ele quem me abandonou. Guardei nossos segredos como ele nunca conseguiu, paguei as dívidas dele tanto quanto as

minhas... e sei que você acha que agora nos entende, mas não é verdade.

— Entendo, sim.

Marin a solta. Nella desliza pela parede.

— Não, Petronella. O nó é apertado demais para você desfazê-lo.

Corpos escondidos

Nella está de pé no degrau da frente da casa de Johannes, a véspera de Ano-Novo passando sem cerimônia. Ela quer ser estilhaçada pelo frio, transfigurada pela luz. O caminho ao longo do canal está vazio, o gelo mais parece uma faixa de seda branca entre as casas do Herengracht. A lua está maior do que ela já viu, ainda maior que na noite anterior: um estonteante e pálido círculo de poder. Parece que até pode esticar o braço e tocá-la, como se Deus a tivesse abaixado no céu para que sua mão humana pudesse segurá-la.

Ela torce para que, através das barras de sua cela, em algum lugar nas profundezas da Stadhuis, Johannes consiga ver essa lua. A tentativa de fuga o fez parecer ainda mais culpado. Onde está Otto? E a miniaturista? Ela continua se escondendo? “Se não fosse por Cornelia, talvez eu fugisse também”, pensa. Enquanto a residência se esvazia, um morador por vez, a casa de bonecas parece mais cheia, mais viva do que nunca.

Da porta aberta atrás dela começa a emanar um cheiro estranho, e Nella volta para dentro de casa. Não vem da cozinha. No andar de cima, ela ouve engasgos abafados. Segue o cheiro excêntrico e o som pela escada e pelo corredor escuro, até onde um fino feixe de luz de vela escapa pela porta de Marin. Nada de lavanda nem de sândalo dessa vez — o cheiro é de decomposição vegetal e faz Nella engasgar.

“Marin deve estar queimando um incenso horroroso”, pensa ela, “um malsucedido neutralizador de perfume”. Mas

o som de engasgo é, na verdade, choro. Nella fica escutando, inclina-se para olhar pelo buraco da fechadura, e descobre que ele foi tapado.

— Marin? — sussurra.

Não há resposta, apenas soluços. Nella empurra a porta entreaberta. O quarto fede, tem um cheiro amargo de vegetação rasteira, raízes e folhas maceradas a fim de liberar suas propriedades secretas. Marin está na cama, segurando um copo com uma mistura verde, da cor da água do canal, como se o lodo do Herengracht tivesse sido servido ali. Sua coleção de crânios de animais foi jogada no chão, alguns quebrados em pedaços irregulares de ossos amarelos. Um dos mapas na parede foi rasgado ao meio.

— Marin? Meu Deus, o que…

Ao som da voz de Nella, Marin ergue o olhar, o rosto coberto de lágrimas, os olhos se fechando de alívio. Sua mão fica frouxa e ela permite que Nella pegue o copo. A cunhada leva a mão à lateral do rosto de Marin, ao pescoço, ao peito, tentando acalmar seu corpo trêmulo e suas lágrimas sem fim.

— O que foi? — pergunta. — Nós vamos salvá-lo. Eu juro.

— Não é ele. Eu não…

Marin não consegue formar uma frase. Com a estranha docilidade do corpo dela ainda sob seus dedos, Nella sente o cheiro da mistura horrível, que a deixa enjoada. Ela pensa no mal-estar de Marin, em suas dores de cabeça, o novo apetite por açúcar, tortas de maçã e nozes carameladas. O cansaço, o mau humor, o ninho de vespa que não se deve chutar por medo de ser picada. Suas roupas largas, como se move mais lentamente. Os vestidos pretos com forro de pele, o bilhete de amor secreto, rasgado até não restar mais nada. *Eu te amo. Eu te amo. De trás para a frente, eu te amo.*

“O que foi que você fez?”, gritara Marin, deitada em seu banho de lavanda.

Marin não detém as mãos examinadoras de Nella, então ela segue adiante, devagar, pelos seios fartos e firmes da cunhada, para a parte de cima de sua barriga, escondida debaixo de camadas de saias de cintura alta.

Ao pressionar, Nella dá um grito.

O tempo para. Não há palavras. Apenas a mão no ventre, surpresa e silêncio. A barriga escondida de Marin está dura e enorme, cheia como a lua.

— *Marin?* — Nella sussurra o nome da cunhada, sem sequer ter certeza de que está pronunciando as palavras.

Ela solta o ar quando o bebê se remexe em seu lar apertado, e assim que um pezinho chuta, Nella cai de joelhos. Marin continua em silêncio, a cabeça erguida, os olhos embotados de cansaço, fixos num horizonte invisível a sua frente, se esforçando para manter o segredo drenado de seu rosto.

Esse não é um bebê pequeno. É um bebê que está quase pronto para nascer.

— Eu não teria bebido isso. — É tudo o que Marin diz.

As paredes do quarto não parecem nada mais que os painéis de um cenário de teatro, caindo, e para além deles há uma paisagem nunca vislumbrada. Um lugar sem pintura estendendo-se em todas as direções, sem qualquer sinalização, apenas um espaço infinito. Marin continua imóvel.

Nella pensa no pequeno berço na casa de bonecas e um tremor percorre seu corpo. Como a miniaturista sabia disso? O olhar de Marin está fixo na vela com cera de abelha, e

não sebo, exalando apenas o odor agradável do mel. A chama se movimenta feito um fantasma, um pequeno deus da luz zombando da paralisia de seus pensamentos. Como começar? O que dizer?

— Não conte a ninguém — sussurra ela, por fim.

— Marin, não pode haver mais segredos nesta casa. Cornelia vai ter que saber.

A cunhada suspira.

— Se é que já não sabe. Tenho encharcado meus panos com sangue de porco para que ela não suspeite. — Seus olhos se voltam para Nella. — E você conhece muito bem as fechaduras desta casa.

— Então era isso que você estava fazendo no porão. Achei que estivesse lavando os panos.

— Você viu o que queria.

Nella fecha os olhos, evocando a imagem de Marin no porão, as mãos vermelhas erguidas. Ela foi muito longe em nome do seu segredo, simulando a menstruação, mantendo a aparência de que seu corpo continuava o mesmo. A barriga protuberante de Marin impressiona, afinal, se duplicou — dois corações, duas cabeças, quatro braços, quatro pernas —, como um monstro a ser registrado no diário de bordo de um navio, anotado em um dos mapas roubados de Johannes. Ela disfarçou muito bem.

Quantas vezes isso aconteceu, as oportunidades perdidas fora da vista de Agnes, de Johannes, da cidade inteira? É chocante, ainda mais por ser Marin. Fornicação, pele contra pele, a Bíblia jogada pela janela. “Mas isso é amor”, pensa Nella. “É isso o que o amor nos leva a fazer.”

Marin apoia a cabeça nas mãos.

— Frans — diz ela, e o nome basta para transmitir tudo o que andara escondendo, a verdade que poderia arruinar sua vida.

— Ele só estava bravo por causa do açúcar, Marin. Ele ama você. — A cunhada ergue os olhos, uma expressão de surpresa surgindo em seu rosto exausto. — Conte a ele sobre a criança. Assim que souber, não vai machucar Johannes, porque isso colocaria você em perigo.

— Não, Petronella — discorda Marin. — Essa não é uma das histórias de Cornelia.

As duas ficam em silêncio por um instante. Nella se lembra da terrível agressão de Meermans, o olhar de triunfo quando informou o que ele e Agnes tinham visto.

— As pessoas não precisam saber, Marin. Somos boas em esconder as coisas.

Marin esfrega os olhos.

— Não tenho tanta certeza. — Ela respira fundo. — Se sobreviver, esta criança vai ficar manchada.

— Manchada?

— Pelo pecado da mãe, pelo pecado do pai…

— É um bebê, Marin, não um demônio. Podemos ir embora — diz Nella, com mais gentileza. — Levamos você para o interior.

— Não há nada para fazer no interior.

Nella morde a língua e absorve a alfinetada.

— Exatamente. Nada de olhares curiosos.

— Sabe como se diz grávida em francês, Nella? *Enceinte.*

Nella fica irritada. Marin é igualzinha ao irmão, mudando o rumo da conversa com idiomas estrangeiros, enchendo-nos com sons mundanos.

— Sabe o que mais isso significa? — insiste Marin, e então Nella percebe um leve tom de pânico em sua voz. — Um cerco. Um muro. Uma *armadilha.*

Nella se ajoelha a sua frente.

— Com quanto tempo você está? — pergunta, querendo ser prática.

Marin suspira, repousando os braços no alto da barriga.

— Sete meses, mais ou menos.

— *Sete meses?* Eu nunca diria. Desde que me lembro, minha mãe ficou grávida quatro vezes, mas a sua gravidez eu não percebi.

— Você não estava olhando, Nella. Deixei as saias frouxas e amarrei os seios.

Nella não consegue deixar de sorrir. Mesmo nessa situação extraordinária, o ato de se fechar, de esconder a verdade dos olhos de todos, deixa Marin orgulhosa.

— Mas ultimamente venho encontrando dificuldade para andar. Tenho a impressão de estar carregando o mundo.

— Em breve vai dar para notar. Não importa quantas saias e xales você use.

— Pelo menos sou alta. Posso parecer apenas gulosa, a personificação do meu pecado.

Nella olha para o copo. Aquele preparo medicinal poderia facilmente tê-la matado. *Preparo*, chamado como se fosse o início de alguma coisa, quando na verdade é o fim. Uma garota em Assendelft morreu depois de tomar um preparo de heléboro e poejo. Os amigos do irmão a atacaram e um deles “plantou seu filho”, como se dizia. O pai fez a mistura, mas algo deu errado, pois a enterraram na manhã seguinte.

A maioria das pessoas do campo sabe reconhecer um cogumelo ou um arbusto venenoso. Sete meses é tarde demais. Depois de tanto tempo escondendo, Marin também morreria. Será que ela sabia disso, ou não? As duas possibilidades eram perturbadoras.

— Onde você arrumou o veneno?

— Num livro — responde Marin. — Arranjei os ingredientes com três boticários diferentes. Johannes acha que roubo dele todas as minhas sementes e folhas, mas na verdade metade disso tudo vem de curandeiros de Amsterdã.

— Mas por que esta noite? Você ainda não tinha pensado no que ia fazer? — Marin desvia o olhar, recusando-se a

responder. — Marin, esses preparos são muito perigosos se não forem consumidos cedo o bastante — insiste Nella, mas a cunhada permanece em silêncio. — Você queria que essa criança sobrevivesse?

Marin toca a própria barriga, mas ainda não fala, fitando um infinito que sua cunhada não consegue ver. Nella desvia o olhar para a pilha de livros. Então, um título se destaca, *Doenças infantis*, de Stephanus Blankaart, e ela não acredita que não refletiu sobre sua presença da última vez em que estivera ali.

Marin se concentra no livro também, parecendo assustada e estranhamente jovem. Nella pega sua mão, uma pulsação leve passando de uma palma para outra.

— Eu me lembro de você tocando os meus dedos no dia em que cheguei.

— Não. Isso não é verdade.

— Marin, eu me lembro muito bem.

— Você me ofereceu a mão como se fosse um presente. Era tão… confiante.

— Não era, *não.* E você estendeu a sua como se estivesse me expulsando. Falou que eu tinha ossos fortes para uma garota de dezessete anos.

— Que coisa ridícula de se dizer. — Marin soa perplexa.

— Ainda mais porque eu já tinha dezoito.

A pele de Marin se suavizou. A troca então fica completa. Seu corpo se inclina na direção de Nella, embalado numa trégua. Nella mal consegue acreditar no que a noite trouxe, naquele pequeno quarto cheio de mapas. É um acontecimento importante demais para digerir, sua mente ferve em volta daquilo, tentando abrir caminho. Ela quer fazer várias perguntas, mas não sabe por onde começar.

As duas descansam desse jeito inédito, e Nella tem uma ideia. Essa criança poderia provar que Johannes é o marido que deveria ser, pai de uma boa família holandesa. Mas ao

olhar para o rosto pálido de Marin, Nella segura a língua. *Dê seu filho para mim, Marin, e proteja o futuro do seu irmão.* Não são palavras fáceis de dizer, e é provável que sejam mais difíceis ainda de ouvir. Marin passou a vida toda fazendo sacrifícios, e uma sugestão desse tipo deve ser dada com gentileza.

— Teremos que encontrar uma parteira — diz Nella, delicadamente.

— Você vai ter que ir ao depósito dar uma olhada no açúcar — responde Marin. Seu corpo começa a enrijecer.

— Mas, Marin! O que vamos fazer com você?

Nella se surpreende com a capacidade de Marin separar as coisas, guardando o assunto do bebê dentro do bolso como se fosse uma joia. Ela se levanta cambaleante da cama e abre caminho entre os crânios espalhados. Sem as saias largas, Nella consegue ver sua barriga saliente, a curva crescente de seus seios. Dentro do corpo de Marin há um bebê crescendo, possuído e possessor, a mãe ainda sem conhecer uma deusa para ele. A criança está chegando, e apesar de Nella ter mais esperança por franqueza, ela sabe que esse será o maior segredo que precisarão guardar.

A menção ao açúcar traz uma lembrança a sua mente.

— Johannes me deu uma lista de nomes para vender o açúcar — diz, relutante, sem vontade de deixar Marin desviar a conversa sobre o filho.

— Que bom.

Mas antes que Nella possa continuar, elas ouvem passos se afastando pelo corredor.

— *Cornelia* — diz Marin. — A vida toda ouvindo atrás das portas!

— Vou falar com ela.

Marin suspira.

— Acho que você deve mesmo, antes que ela fantasie outra história.

— Ela não vai precisar — retruca Nella, dirigindo-se para a porta. — Nada aqui é mais fantasioso do que a verdade.

Sem âncora

No quarto de Nella, Cornelia a princípio fica aborrecida e em silêncio, mas sucumbe, caindo na cama como se seus ossos fossem cinzas.

— Eu sabia — diz, mas sua expressão perplexa deixa transparecer claramente a incredulidade.

Nella se apressa até a criada e lhe dá um abraço apertado. “Pobre Cornelia”, pensa. “Foi enganada.” Mas o grande ato de ilusionismo foi feito à vista de todos. O maior truque de Marin… só que é real.

— Eu sabia que havia alguma coisa errada — diz Cornelia. — Mas não quis acreditar. *Um bebê?*

— Ela pôs sangue de porco nos panos para nos enganar.

— Uma ótima ideia — responde Cornelia, o rosto franzido mudando para uma admiração relutante.

— Sem dúvida mais esperto do que não ser casada e engravidar.

— Madame! — Cornelia parece indignada, e Nella decide não contar à órfã sobre a mistura de Marin.

“Mas aposto que a Rainha das Fechaduras ouviu tudo”, pensa ela, cheia de ternura.

Uma criança está a caminho. O segredo de Marin foi revelado, e agora Nella o vê no volume das cortinas, nos travesseiros arredondados. Ela olha além de Cornelia, para o meio da cama. Marin tem a única coisa que nunca terei. Sem querer, a imagem de Meermans e Marin juntos surge em sua mente. Os dois corpos, a protuberância dele pressionando o meio das pernas dela, a vara de dor… Ele deslizando a meia-calça de Marin para baixo, abrindo suas

pernas, gritando no calor do momento. “É injusto”, pensa. Provavelmente é mais do que isso, pois aquele homem acreditava que o toque de Marin perdurava por mil horas, que ela era a luz do sol que o mantinha aquecido. Com tanta poesia, como poderia ser tão decepcionante?

— O que vamos fazer com a criança? — pergunta Cornelia.

— Talvez Marin a leve para um orfanato particular.

Cornelia se levanta em um pulo.

— Não! Temos que ficar com o bebê, madame.

— Cornelia, essa decisão não é sua. Nem minha — acrescenta Nella, pensando em Johannes na cela.

A criada cruza os braços.

— Eu cuidaria dele como uma leoa.

— Com certeza, Cornelia. Mas não sonhe com o que não pode ter.

Isso é difícil demais, e Nella sabe, sucumbindo à exaustão. Parece algo que Marin diria. A criada se afasta dela e segue em direção à casa de bonecas. A lua se escondeu atrás de uma nuvem, e a luz da vela brilha oscilante no revestimento de casco de tartaruga.

Cornelia abre as cortinas de veludo amarelo e espia lá dentro. Nella, muito envergonhada por ter perdido o controle, não a impede. A criada levanta o berço, balançando-o na palma da mão.

— Que lindo. — Ela suspira.

“Eu deveria ter notado”, pensa Nella, “que, de todos os itens que Marin poderia pegar, o berço foi sua primeira opção. Em quantas outras coisas eu deixei de reparar? Muitas, e continuo não reparando”.

Cornelia vai logo pegando a boneca de Marin.

— É *ela* — diz, olhando para a patroa sem acreditar. — É como se eu a segurasse na palma da minha mão!

A Marin em miniatura olha para as duas, com a boca firme, os olhos cinza inabaláveis. Cornelia passa o dedo pela costura da saia da patroa, a lã preta e suave com um volume bom de tocar. Ela a ergue à luz da vela.

— Cuide-se, madame — sussurra, agarrando a boneca com as mãos.

Quando os lábios de Cornelia encostam na barriga em miniatura para beijá-la, ela se afasta depressa.

— O que foi? Cornelia, o que foi?

— Dá para sentir alguma coisa.

Nella arranca a boneca das mãos da criada, levantando as saias e tirando cada camada até alcançar o corpo volumoso de Marin. Quando seus dedos tocam o que Cornelia havia descoberto, a animação vira náusea. A miniaturista as enganara de novo.

Sem dúvida, o corpo diminuto de Marin tem a curva de quem carrega uma criança. Uma protuberância, uma noz, algo que ainda não nasceu, mas que em breve chegará. A boneca parece pesada, assim como a mulher andando pelo corredor, a barriga crescendo com o tempo.

Cornelia está horrorizada.

— Você encomendou uma boneca em miniatura da madame esperando uma *criança*? — Quando os olhos azuis cor de centáurea da criada brilham para ela em acusação, Nella sente seu corpo ficar pesado. — Como pôde nos trair desse jeito?

— Não, não — retruca Nella. O deslizamento começou, um tijolo solto, uma brecha na barragem.

— Você sabe como os boatos correm…

— Eu… eu… não encomendei isso.

— Então quem foi? — Cornelia parece perplexa.

— Mandaram para mim. Não encomendei nada além de um alaúde, e…

— Então quem está nos espionando? — A criada gira pelo quarto, brandindo a boneca como um escudo.

— A miniaturista não é espiã, Cornelia. Ela é mais do que isso…

— *Ela?* Achei que todos aqueles bilhetes fossem para um artesão.

— Ela é uma profetisa… olhe só a barriga de Marin! Ela observa nossa vida… está tentando ajudar, nos avisar…

Cornelia pega todos os bonecos, procurando mais pistas em seus corpos, jogando-os no chão, um de cada vez.

— Avisar? Quem é essa mulher, essa *pessoa*? O que é essa miniaturista? — Ela aperta a própria boneca com o punho cerrado, observando horrorizada. — Meu Deus, eu tomei cuidado a vida toda, madame, fui obediente. Mas desde que essa casa de bonecas apareceu, muitas portas que sempre consegui manter fechadas se abriram.

— Mas isso é ruim?

Cornelia olha para Nella como se a patroa estivesse louca.

— O Seigneur está na prisão, Otto se foi e madame Marin compartilha um segredo vergonhoso com o homem que é inimigo desta família! Nosso mundo caiu… e essa… *miniaturista*… ficou assistindo o tempo todo? Como ela nos avisou? De que forma ajudou?

— Sinto muito, Cornelia, sinto muito mesmo. Por favor, não conte a Marin. A miniaturista tem as respostas.

— Ela não passa de uma bisbilhoteira — esbraveja Cornelia. — Ninguém além de Deus tem o controle da minha vida.

— Mas se nós não sabíamos sobre Marin, como ela poderia saber, Cornelia?

— Teríamos descoberto. Nós *descobrimos*. Não precisamos dela para nos contar.

— E olhe só para isto. — Nella indica o açúcar de Agnes, escurecido. — Era branco quando chegou.

— É fuligem do fogo.

— *Não sai*. E Rezeki tem uma marca na cabeça, bem onde Jack a atingiu.

Cornelia se afasta da casa de bonecas.

— Quem é essa bruxa?

— Ela não é bruxa, Cornelia. É uma mulher da Noruega.

— Uma bruxa norueguesa que se tornou espiã em Amsterdã! Como ousa enviar a você todas essas coisas más…

— Não são más.

A raiva de Cornelia queima o coração de Nella. Ela sente como se estivesse sendo tão dissecada quanto sua miniaturista secreta, sua única posse cortada e suas vísceras espalhadas.

— Eu não tinha nada nesta cidade, Cornelia. *Nada*. E ela se interessou por mim. Não entendo por que me escolheu, nem sempre compreendo as mensagens que ela me manda, mas estou tentando…

— O que mais ela sabe? O que será que vai *fazer*?

— Não tenho ideia. Por favor, acredite em mim… Pedi para ela parar, mas não parou. Era como se entendesse minha infelicidade e decidisse continuar.

Cornelia franze a testa.

— Mas tentei deixar você feliz. Eu estava aqui…

— Eu sei que estava… e tudo o que descobri é que ela foi aprendiz de um renomado relojoeiro em Bruges, para quem mandei uma carta, mas ele é tão silencioso quanto ela. — Nella ouve a própria voz se transformar num soluço, as lágrimas mornas ameaçando escorrer dos seus olhos. — Mas o que foi que Pellicorne disse? Não há nada escondido que não será revelado.

— Nenhuma mulher pode ser aprendiz — dispara Cornelia. — Homem algum está disposto a treinar uma mulher. Nenhuma guilda, a não ser a das costureiras ou a das

fedorentas transportadoras de turfa, a aceitaria. E qual seria o sentido? Os homens são os construtores deste mundo.

— Ela fez minutos e segundos, Cornelia. Ela criou tempo.

— Se eu não estivesse assando seus peixes, temperando suas tortas e limpando as janelas, *eu* poderia ter criado tempo. Poderia ter feito bonecos demoníacos e espionado pessoas...

— Você *espiona* as pessoas. Nesse sentido, é igual a ela.

Irritada e sem fôlego, Cornelia comprime os lábios e devolve sua miniatura para a casa de bonecas.

— Não sou *nem um pouco* parecida com ela.

Nella reúne os personagens.

— Eu não devia perder a cabeça, Cornelia — diz, em voz baixa.

Há uma pausa.

— Nem eu, madame. Mas meu mundo mudou rápido demais nos últimos dias. Desmoronou.

— Eu sei, Cornelia. Eu sei.

Nella fecha as cortinas da cristaleira na intenção de trazer um pouco de paz. Numa resposta silenciosa, Cornelia fecha as cortinas da janela, e as duas ficam ali à meia-luz abafada.

— Tenho que ir cuidar de madame Marin — diz a criada, virando as costas, resoluta, para a casa de bonecas.

Deixada sozinha, Nella imagina a miniaturista quando jovem. Talvez Cornelia tenha razão, pode ser que ninguém comprasse os relógios dela, preferindo aqueles que eram feitos por homens. Ela nunca teria como aprimorar suas habilidades, então parou de tentar dominar o ritmo artificial do homem e se voltou para si mesma. “Em que momento ela optou por essas aventuras mais íntimas e irregulares da vida privada e por que me escolheu?” Nella apoia a cabeça na lateral da cristaleira, a madeira fria encostando em sua pele como um bálsamo. “Ao me mostrar minha própria

história”, reflete Nella, “a miniaturista se tornou autora dela. Gostaria muito de poder recuperá-la”.



QUATRO

Janeiro, 1687

O Senhor, o seu Deus, os fez multiplicar de tal modo que hoje vocês são tão numerosos quanto as estrelas do céu…
Mas como poderei levar sozinho os seus problemas, as suas cargas e as suas disputas?

Deuteronômio 1:10-12

Esporos

O primeiro dia do ano é uma época em que os cidadãos de Amsterdã abrem as janelas num corajoso ritual de permitir a entrada do ar frio, removendo teias de aranha e lembranças ruins. Nella está vestida como uma criada, e Cornelia ajuda a patroa a calçar as botas, pendurando a chave do depósito de Johannes em seu pescoço como se fosse uma medalha.

Ainda não é Epifania, o dia da diferença, mas elas não têm tempo a perder. A criada parece esperar que o próprio Lúcifer saia marchando com seus goblins, mas prometeu não contar a Marin o segredo escondido sob as saias de sua boneca, nem sobre a ponta escurecida do açúcar de Agnes.

— Ela precisa de paz — disse Nella. — Pense na criança.

Nella ajeita o casaco grosso de Cornelia em volta do pescoço. Tenta se manter firme, mas tem a impressão de estar caindo fundo no pântano da cidade, mais do que parece possível, de volta aos tempos de lama e mar.

— A senhora não devia ir às Ilhas Orientais sozinha — diz Cornelia.

— Não temos opção. Você precisa ficar aqui com Marin. Não vou demorar.

— Leve Dhana. Ela pode ser sua guarda.

* * *

Nella sai de casa e sobe o Herengracht, com Dhana trotando ao seu lado, a chave pendendo pesada em seu peito. Antes, gostaria de visitar Johannes na Stadhuis, mas em Amsterdã

os florins reinam, e ela precisa ser sensata. Pergunta-se o que vai encontrar nas Ilhas Orientais.

— Quem mais vai fazer isso, Marin? — argumentara mais cedo naquela manhã. — Johannes está preso. Se Agnes e Frans decidirem não ter piedade, a gente talvez consiga subornar Jack para que ele pelo menos mude o depoimento.

Marin assentira em concordância, com as mãos na barriga. Após ter sua gravidez revelada, seu corpo parecia ter ficado maior. *Sou um pão gigante*, dissera certa vez a mãe de Nella, quando carregava Arabella. No momento, parece que Marin também está esperando para provar seu valor, para ver se sua pele aguenta. Marin e seu nó apertado demais… o que ela quis dizer com isso?

— Depois vou visitar Johannes, se me deixarem entrar — acrescentara Nella. — Quer que eu dê algum recado?

O rosto de Marin pareceu tomado pela dor. Deixando as mãos tombarem ao lado do corpo, ela se afastou, olhando na direção da sala.

— Não há nada que eu possa dizer.

— Marin…

— A esperança é perigosa, Petronella.

— É melhor que nada.

* * *

O frio é cortante, como pequenas facas atingindo o rosto de Nella. “Que chegue logo a primavera”, pensa, e então se pergunta se é sábio desejar essa passagem de tempo, por Marin, por Johannes. Quando a primavera chegar, a própria república pode ter desabado a sua volta. Numa tentativa de afastar o pensamento sombrio, ela caminha depressa por mais ou menos dez minutos, a leste da cidade. O fato de a miniaturista ter deixado a Kalverstraat a perturba. Nella não perdeu a esperança, ainda anseia ver nas ruas o cabelo

louro, receber uma batida na porta com outra entrega. Mas já faz muitos dias que há apenas silêncio. Embora tenha dito a Cornelia que a miniaturista estava lhe indicando o caminho, Nella sente-se sozinha, tateando no escuro. Ela precisa de mais lemas, mais miniaturas, para entender o que está por vir e o que aconteceu. “Volte”, deseja, ao atravessar uma das diversas pontes em direção às Ilhas Orientais. “Não consigo fazer isso sem você.”

Onde quer que ela olhe há água, lagoas tão imóveis quanto vidro, salpicadas de musgo feito um espelho amarelado quando o sol fraco se esconde atrás das nuvens. As batatas favoritas de Johannes, que são as mais macias de todas, são servidas numa taverna ali perto. Não surpreende que essa seja a área favorita dele, mais perto do mar, com menos pessoas. Vários lugares onde se esconder.

Os depósitos começam a surgir, prédios de tijolos erguem-se para o céu, muito maiores que as casas geminadas no centro da cidade. As Ilhas parecem vazias essa manhã. “A maioria das pessoas ainda deve estar na cama”, supõe Nella, “dormindo depois dos excessos do Ano-Novo”. Seu pai nunca era visto antes do anoitecer do dia seguinte à despedida do ano velho, então ele acordava para dizer que nada havia mudado. “Não aqui”, pensa ela. Nada mais é como antes. Nella ouve os próprios passos, a respiração levemente ofegante de Dhana correndo ao seu lado.

Apesar da tranquilidade, há algo compacto nesses pedaços separados de terra, pois tudo ali tem um propósito único, como o fim do comércio, o estoque de suprimentos, o conserto de navios, o sustento tanto de marinheiros quanto de capitães. Seguindo as diretrizes de Marin, ela finalmente chega ao depósito de Johannes, de seis andares, que tem uma pequena porta preta.

A fechadura está bem lubrificada e a porta se abre com facilidade. Ela ajeita a saia larga e o avental de Cornelia.

Elas tentaram decidir o que seria pior: uma criada flagrada no depósito do patrão ou sua esposa? Melhor que seja a primeira, concluíram. A reputação de Johannes não precisava da notícia de que madame Petronella andava bisbilhotando nas Ilhas. Ela imagina Frans e Agnes indo até lá, esgueirando-se pela parte de trás do prédio.

— Sente-se aí, garota — ordena a Dhana, tentando se concentrar na tarefa que tem em mãos. Nella dá tapinhas na cabeça da cadela. — E pode latir se alguém se aproximar.

"Devíamos ter um cão de guarda permanente", pensa, "agora que Jack sumiu".

O interior do local deixa Nella sem fôlego. Ela se sente tão pequena, parada aos pés de uma escada de mão comprida e estreita que leva aos cinco andares cheios do estoque de Johannes. Ele é um homem com o mundo à disposição, embora muitas vezes tenha se sentido privado de tudo.

Nella começa a subir a escada, procurando o açúcar. Ela tem a sensação de estar escalando a vida do marido. Cada vez mais alto na câmara cavernosa, sua saia vai arrastando nos degraus, ameaçando-a com uma queda. Ela passa por rolos de seda de Coromandel e Bengala, cravos, macis e noz-moscada em caixotes onde está escrito *Molucas*, pimenta rotulada como vindas de Malabar, cascas de canela do Ceilão, folhas de chá em caixas com a inscrição *via Batávia*, tábuas de madeira aparentemente caras, tubos de cobre, faixas de estanho, pilhas de lã de Haarlem. Vê porcelana Delft, barris de vinho com as marcas *España* e *Jerez*, caixas de cinabre e cochonilha, mercúrio *para espelhos e sífilis*, bugigangas persas de ouro e prata. Agarrando-se aos degraus, ela entende o fascínio que Marin tem com o trabalho do irmão. "Isso é vida real", pensa, sem fôlego e tonta. "Aqui é onde as verdadeiras aventuras acontecem."

Nella precisa subir até o teto para encontrar os pães de açúcar. Johannes os estocou no meio das tábuas, cobertos de linho, longe da umidade. Esse cuidado a comove e quase a faz chorar. Meermans a fizera pensar que ele apenas jogara o açúcar no chão junto das velas sobressalentes e das cordas. Mas isso não é verdade. Johannes foi cuidadoso. Há tanto açúcar que chega a encostar nas vigas do telhado.

Saltando da escada, Nella se aproxima da cobertura de linho e levanta uma ponta, cautelosamente. Os pães de açúcar foram colocados uns sobre os outros, como canhões. Parece que está faltando um, sem dúvida o que Agnes levou para o jantar, uma gentileza um tanto duvidosa. “Se isso vier abaixo, serei esmagada”, pensa Nella.

Há bem mais de mil pães de açúcar ali. Nella se ajoelha ao lado dos que parecem ter sido refinados mais recentemente. Continuam organizados e brilhantes, marcados com as três cruzes da cidade de Amsterdã. Alguns da outra metade, refinados no Suriname, estão úmidos ao toque. Nella retira os dedos ligeiramente cobertos com uma pasta branca. No fundo da estrutura de açúcar, minúsculos esporos pretos de fato se espalharam por um quarto da produção do Suriname. Nada é capaz de salvar os preciosos cristais já contaminados. Mas, ainda assim, ela conclui que Meermans exagerou, viu o que quis. Talvez seja possível secá-lo, podendo, sem dúvida, salvar alguma parte de cada pão de açúcar.

Alegre, Nella prova a pasta em seus dedos. “Imagine se eu morresse ao lamber açúcar estragado, pelo louco desejo de *lekkerheid*”, pensa. “Pastor Pellicorne iria adorar, não é mesmo?”

Ela pega o papel de Johannes no bolso, cheio de nomes de gente endinheirada. A lista contém as famílias de condes e cardeais, uma infanta, um barão, pessoas com desejo de adoçar seus momentos de lazer em Londres, Milão, Roma,

Hamburgo e até postos avançados da VOC. É surpreendente como Johannes conseguia negociar com espanhóis, com ingleses, considerando que seu país sempre guerreou com o deles. Nella se lembra de algo que ele disse a Meermans no banquete dos prateiros. *No exterior nos consideram pouco confiáveis. Não quero ser assim.*

Há muito mais açúcar do que ela imaginava. A realidade da atual impotência de Johannes e Marin pesa nos ombros de Nella. Quando opinou que comprometeriam muito de sua preciosa comissão se Johannes contratasse um agente para viajar ao exterior, o marido não negara. Mas precisam de uma pessoa mais próxima, alguém que compreenda, alguém ansioso para pôr as mãos no açúcar. Nella se levanta, coloca as mãos no quadril, pensando, olhando fixo para o ganha-pão de Frans e Agnes. E então relembra um comentário que fizeram no primeiro mês que passou em Amsterdã, quando estava sentada de olhos arregalados com um bolo embrulhado no colo. A interlocutora era uma pessoa de quem Nella gostara de imediato, uma mulher graciosa e experiente. *Favos de mel esta manhã e marzipã à tarde*.

Nella amassa a lista do marido. “Sim”, grita em silêncio para os tijolos e as vigas, a madeira calafetada do telhado pertencente aos domínios de Johannes. “Sei o que devemos fazer.”

Stadhuis

Nella segue um guarda pela primeira passagem subterrânea da prisão Stadhuis, e depois por uma longa ala do prédio. Ela ouve a tosse áspera e as reclamações dos detentos. O lugar é maior do que pensava. Parece se expandir inexplicavelmente à medida que ela anda, escapando ao seu senso de proporção. Cela após cela, tijolo após tijolo, a jovem parece não entender aquele espaço.

Nella começa a ouvir gritos e gemidos, barras retinindo e choramingos. Ela mantém a cabeça erguida para o caso de conseguirem farejar seu medo crescente, tentando ignorar a cacofonia de guinchos masculinos.

Junto ao guarda, percorre um pátio aberto, e ali no meio Nella vê engenhocas feitas de tábuas fixadas com ferrolhos ajustáveis. Outra máquina tem uma fileira de pontas afiadas. Os prisioneiros estão ali para serem, literalmente, reformados. Nella desvia os olhos, determinada a não se deixar intimidar, tocando a chave do depósito escondida no peito, sua nova ideia ainda brilhando na mente. *Não deixe armas doces se perderem.*

— Aqui está ele — diz o guarda, abrindo a porta da cela de Johannes.

O homem fica ali mais tempo que o necessário, e depois tranca a porta atrás dela.

— Não volte muito rápido — pede Nella, entregando-lhe um florim por meio das grades.

“Coisas que esta cidade me ensinou”, pensa. O guarda embolsa o dinheiro e logo seus passos se afastam, deixando apenas silêncio. Nella ouve gaivotas rondando lá no alto do

céu e o barulho distante das carroças passando nos paralelepípedos.

Nas sombras, Johannes está apoiado numa pequena mesa. Não há banco nem cadeira, então Nella fica de pé encostada na porta. O ambiente é úmido, o musgo cobre as paredes, que se assemelham a um mapa de ilhas verdes sem indicação de latitudes. Johannes parece pensativo, mas sua energia é forte. Mesmo ali, despojado de seus direitos, ainda consegue impressionar.

— Subornando oficiais? — pergunta ele.

— Devemos mantê-los nossos amigos. — A voz dela é abafada pela espessura das paredes de pedra.

— Você está falando como Marin — observa ele com um sorriso.

Johannes levou socos nos olhos, a pele ao redor tem cor de tulipa morrendo. Seu cabelo está bagunçado, parecendo algas marinhas artificiais, e suas roupas estão imundas. Os braços tremem enquanto ele sustenta o próprio peso na mesa.

— Não me deixam ter uma Bíblia, nem qualquer outra coisa para ler, aliás.

Do bolso que não contém a lista de nomes amassada, Nella pega três fatias de presunto defumado embrulhadas em papel, metade de um pão doce e dois pequenos *olie-koecken*. Ela anda pela cela, as mãos abertas, e Johannes aceita a oferta, visivelmente emocionado.

— Você ficaria encrencada se encontrassem isso.

— É — diz ela, afastando-se de novo, varrendo o canto da cela com o pé.

— Eu quase escapei.

Nella olha para o canto da cela, onde uma ninhada de ratos recém-nascidos revolve a palha, subindo uns nos outros numa familiaridade cega. Ela se senta pesadamente

no catre, e uma tristeza profunda se expande dentro dela, obscurecendo sua vontade de lutar.

— O que eles lhe disseram?

Johannes aponta para os olhos roxos.

— São homens de poucas palavras.

— Quando conheci você — começa ela, desesperada para se livrar daquela tristeza —, não se importava com a Bíblia, com Deus, com culpa, pecado nem vergonha.

— Como sabe que eu não me importava?

— Você não ia à igreja, se irritava com as orações de Marin, e comprava muitas coisas. Comia bem, desfrutava os prazeres que podia ter. Era seu próprio deus, arquiteto do seu destino.

Ele sorri, gesticulando para as paredes ao redor.

— E veja só o que construí.

— Mas você foi livre, não foi? Pense nos lugares que viu. — Nella engole em seco, quase sem conseguir manter seu discurso.

— Minha irmã sempre disse que eu era uma terrível combinação de descuido com determinação.

— Foi por isso que voltou para Jack?

Johannes fecha os olhos, como se o nome o inundasse.

— Ele traiu você, Johannes. Quanto mais o paga…

— Não dei a ele um centavo desde o dia em que cravou uma adaga na minha cadela — retruca, de tal forma que as palavras parecem cair dele como se fossem pedras. — Eu o contratei para cuidar do açúcar, mas Marin estava tão preocupada com ele que decidi dispensá-lo. Entendi o lado dela, é claro. Ele voltou a fazer entregas, e foi quando tudo deu errado. É verdade que encontrei Jack depois que ele matou Rezeki. — Seu rosto se suaviza sob a luz fraca. — Nunca vi alguém com tanto remorso pelo que fez.

Nella morde a língua. Para Jack provavelmente não havia alternativa a não ser parecer arrependido, e Johannes, por

sua vez, tinha que acreditar.

— Você deve ter grande consideração por ele... para perdoar uma coisa dessas — diz. Ele fica em silêncio. — Johannes, era... amor?

Ele reflete sobre a pergunta, e Nella se espanta outra vez com a maneira como ele sempre a leva a sério.

— Com Jack parecia que... algo que não podia ser controlado... logo se tornou muito real. A rapidez daquilo, Nella. Ao contar mentiras, Jack me fazia enxergar a verdade, assim como uma pintura é capaz de retratar melhor uma coisa sem nunca ser aquilo realmente. Para mim ficou quase impossível distingui-lo de amor. — Johannes suspira. — Mas nunca passou de uma pintura do amor. Dá para entender? O conceito de amor era melhor do que a bagunça deixada por ele.

Johannes concede sua sinceridade a ela como mais um presente inesperado. O canal aberto entre os dois pode ser muito claro e cristalino, mas quando Nella fecha os olhos, tudo o que vê é um rio estagnado.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Marin acredita que o amor é melhor perseguido do que conquistado.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Isso não me surpreende. Não é melhor. Mas é mais fácil. A imaginação é sempre mais generosa. Ainda assim, no final a busca sempre acaba cansando.

“O que todos nós estamos buscando?”, pergunta-se Nella. “Viver, é claro. Livrar-nos das amarras invisíveis das quais Johannes falou em seu escritório. Ou ser feliz com elas, pelo menos.”

— Para onde estava indo quando eles pegaram você em Texel?

— Londres. Tinha esperança de encontrar Otto. Marin estava tão convencida de que ele tinha ido para lá. Como

está minha irmã?

— Você é poderoso, Johannes. — Nella fica compelida a ignorar a pergunta, ciente de que, caso contrário, seu rosto vai denunciar a verdade sobre o deslize de Marin. — Vi você no banquete dos prateiros. E você mesmo disse... os burgomestres não podem tocá-lo.

Ele se agacha no catre ao lado dela.

— É o *crimen nefandum*, Nella. Dois homens juntos. Diante dessa acusação, ninguém é poderoso, só Deus. Não fazer nada seria consentir, e os burgomestres têm que ser vistos em ação.

— Então precisamos convencer Meermans a mudar de ideia!

Johannes passa a mão trêmula no alto da cabeça, como se quisesse encontrar alguma resposta ali.

— Já faz muitos anos — diz ele —, mas fiz algo que deixou Frans bastante infeliz. Depois cometi o crime ainda pior, ao ser bem-sucedido. Isso ecoou e agora está voltando para me assombrar.

Nella imagina Johannes mais jovem expulsando Frans de casa, sua irmã escondida, olhando pela janela, a terrível humilhação que os acometeu nesse momento.

— Pensei que aceitar a comissão do açúcar poderia trazer um *entente* — diz Johannes. — Mas Frans... se tornou amargo. Ficou esperando muito tempo para se vingar dos Brandt. Sou tudo o que ele odeia e quer ser. E Agnes... bem. Ela sempre vai seguir o caminho das migalhas envenenadas do marido.

— Acho que Agnes admira você.

— Bem, isso só vai piorar as coisas. — Os olhos de Johannes cintilam feito duas pérolas na luz fraca. — Estou muito feliz por você ter vindo. Não mereço isso — diz, pegando a mão dela.

Nella supõe que ser apreciada já é alguma coisa, considerando que não pode ser amada. Encontrar substitutos para a coisa verdadeira… quando isso vai acabar? Ainda assim, ela prefere ficar ao lado dele do que em qualquer outro lugar.

— Se eu não confessar, haverá um julgamento — diz Johannes. — Daqui a algumas semanas. Seja como for, não espero sair vivo daqui.

— Não fale assim.

— Vou cuidar de tudo. Você, Marin, Cornelia. E Otto, se algum dia ele voltar. — De repente, Johannes parece revigorado, um notário lendo o testamento de outra pessoa. — Haverá alguns homens do *schepenbank* de Amsterdã na audiência, embora Schout Pieter Slabbaert vá fiscalizar.

— Por que não só o Schout?

— Por causa da gravidade da acusação. Porque sou eu. Porque quanto mais escandaloso for o caso, mais nossos cidadãos de bem se envolvem. — Ele faz uma pausa. — Mas imagino que vai ser tudo bem rápido.

— Johannes…

— Acusações graves geralmente terminam em morte. — A voz dele começa a falhar. — E Schout gosta de dividir a culpa. Quanto mais pessoas participam do ritual, mais justificado ele parece.

— Vou encontrar Jack — diz Nella. — Vou pagá-lo mais para que mude sua história. — Ela relembra o baú de florins de Johannes quase vazio, o açúcar escurecendo no sexto andar do depósito. — E pensei em um plano…

— Há um guarda — avisa Johannes. — Eles o chamam de Ovelha Maldita. — O marido aperta mais a mão dela. — Pastor por profissão, monstro por natureza.

As três últimas palavras pairam no ar úmido, gigantescas, invencíveis. Nella leva a mão ao rosto. A umidade o deixou muito frio. Como Johannes sobreviveu a um dia aqui?

— Vi as vítimas dele sendo carregadas — conta ele. — Os ossos despontando de todos os membros… e não é possível recolocá-los. Pernas que já não são pernas, membros de algodão encharcado, vísceras que mais parecem carne podre. Eles vão me abrir para me forçar a dizer as coisas. Eu vou dizer, Nella, e vai ser isso.

Johannes enterra o rosto o mais fundo que pode no ombro da esposa. Nella sente o nariz dele cutucando sua pele, e passa os braços por seus ombros. Ela quer lavá-lo da cabeça aos pés, deixá-lo limpo de novo, com cheiro de tempero, cardamomo entranhado nas unhas.

— Johannes — sussurra. — *Johannes*. Você tem uma esposa. Tem a mim. Isso não é prova suficiente?

— Nunca seria suficiente.

"E uma criança?", ela quer perguntar. "E uma criança?" O segredo de Marin está na ponta de sua língua. "Mais tempo", pensa, "só preciso de mais tempo. Quem sabe qual história poderíamos contar se recebêssemos a graça de mais dois meses?"

— Johannes — diz —, gostaria de ter sido suficiente.

Ele se afasta dela e segura seu rosto entre as mãos.

— Você foi um milagre.

A luz está baixando na cela, o guarda vai voltar logo. Nos quatro meses de casamento, Nella jamais passou tanto tempo sozinha com o marido. Ela se lembra de revelar a Johannes em seu escritório como ele a fascinava. Olhando para ele nesse momento, as palavras ainda são verdadeiras. Sua conversa e seu conhecimento, seu conformismo seco com as hipocrisias do mundo, seu desejo de ser quem é. Ele ergue a mão para a vela e as pontas duras e fortes de seus dedos são bonitas. Ela quer muito que ele viva…

A conversa sobre transformação, como as coisas podem mudar, sobre quartos inabitados e vazios, corpos de semelhantes pressionados para revelar dois segredos tão

diferentes. Tudo isso lhe dá vontade de contar sobre a miniaturista. Parece que foi em outra vida que ela desceu a escada e encontrou a casa de bonecas à sua espera nos ladrilhos de mármore. Como Nella se sentiu ofendida, como Marin ficou com raiva.

— Jack chegou a lhe contar para quem trabalhava na Kalverstraat? — pergunta ela.

— Ele trabalhava para muitas pessoas.

— Uma mulher de Bergen? Loura? Ela foi aprendiz de um relojoeiro.

Johannes morde um pequeno pedaço de uma das rosquinhas açucaradas e acende a vela na mesa. Nella sente o olhar tranquilo dele no topo de sua cabeça.

— Não — responde. — Eu me lembraria disso.

— Ela é a miniaturista que contratei para mobiliar a casa de bonecas. Foi ela quem fez a miniatura de Rezeki.

Ao ouvir isso, os olhos cansados dele se iluminam.

— Uma mulher?

— Sim, acho que sim.

— Que habilidade e poder de observação extraordinários. Eu seria patrocinador dela, se tivesse chance para isso. — Ele enfia a mão no bolso e, com uma expressão cativante, carinhosamente pega a cadelinha. — Levo-a comigo aonde quer que eu vá. É o maior dos consolos.

— É mesmo? — sussurra Nella.

Johannes lhe estende a miniatura e, de forma respeitosa, Nella a pega, acariciando com o dedo trêmulo a suavidade da cabeça de Rezeki feita com pele de rato. Ali não há qualquer traço vermelho. Nella verifica novamente, mas não resta nada da marca ferruginosa que tinha certeza de ter visto.

— Não entendo — murmura.

— Nem eu. Nunca vi nada assim.

Nella dá uma última olhada na minúscula cabeça do animal. Nada. “Será que eu vi mesmo aquilo?”, pergunta a si mesma. A dúvida luta contra a certeza. O que ela viu e não viu nos últimos meses se torna uma confusão em sua mente.

— Às vezes, quando fico aqui sentado muito quieto, penso se também já morri — revela Johannes.

— Você está vivo, Johannes. Está *vivo.*

— É um mundo estranho — diz ele. — Seres humanos andando por aí e assegurando uns aos outros que não morreram. Sabemos que esta não é Rezeki, mas ainda assim sentimos que é. Dessa maneira, um objeto palpável cria uma memória disforme. Se ao menos fosse ao contrário, se nossas mentes pudessem conjurar qualquer coisa que quiséssemos. — Ele suspira, passando a mão no rosto. — Quando Otto se foi, pelo pouco que eu me reconhecia, poderia estar morto. — Ele faz uma pausa, devolvendo Rezeki ao bolso. — Esta cela agora vai ser a bússola da minha vida — prossegue, abrindo os braços como um moinho torto. — Há horizontes para além dos tijolos, Nella. Espere e verá.

Então ela o deixa, incapaz de suportar por mais tempo aquele pequeno espaço. O musgo e os ratos, o som dos homens guinchando feito pássaros. Johannes está trancado num aviário, como uma grande coruja cercada de corvos. Nella sai para o sol de inverno e só então chora, derramando lágrimas ferozes e silenciosas, encostada em um muro.

Verkeerspel

Quando Nella abre a porta de casa, o desejo de contar a Marin sobre a situação do açúcar e o estado de Johannes morre em sua garganta.

No meio do corredor, balançando em sua base de estanho, paira um berço em tamanho real. Feito de carvalho, incrustado com marchetaria de rosas e margaridas, madressilva e centáureas. Tem um mosquiteiro forrado com veludo e babado de renda. Bonito e impactante, é uma réplica perfeita do berço na casa de bonecas.

Ainda abalada por causa da visita a Johannes, Nella fecha a porta. O que antes tomara como uma zombaria, um berço enviado para uma mulher cujo casamento era uma farsa, havia se tornado realidade. Cornelia vem correndo da cozinha.

— O que é isso? — pergunta Nella. — Você acha que veio da…

— Não — diz Cornelia, de modo brusco. — Madame Marin o encomendou. Chegou numa caixa de Leiden.

Nella toca a peça de madeira, que parece ecoar sob seus dedos, a marchetaria precisamente afinada.

— É igual ao que ela me enviou.

— Eu sei — afirma Cornelia. — Aquela sua pessoa.

Marin surge do salão. De perto, ela agora parece ter a corpulência de um carvalho.

— O trabalho do artesão é incrível — observa ela. — É exatamente como imaginei.

— Quanto custou para mandar fazê-lo, para transportá-lo de Leiden até aqui? — Nella imagina o dinheiro intangível de Johannes diminuindo, finalmente evaporando no ar. — Marin, o que nossos vizinhos pensariam se vissem isso chegar?

— O mesmo que você.

— O quê?

— Não ache que não percebi sua mente maquinando. — Marin caminha com passos pesados até ela. — Você quer o meu bebê.

"Como ela consegue entender os pensamentos das pessoas mais rápido do que qualquer um?", pensa Nella. "Eu poderia negar, mas qual seria o sentido disso? Fui eu que disse que não deveria haver mais segredos entre nós."

— Marin, não quero tirar seu filho…

— Mas você acha que ele seria conveniente — insiste, cobrindo a barriga com as mãos, como se Nella fosse arrancá-lo naquele momento. — O último sacrifício? Abrir mão do meu bebê pelo meu irmão… por você.

— Johannes está na prisão da Stadhuis, Marin. E seria mesmo tão ruim se fingíssemos por um tempo que o filho é meu? Poderíamos provar que ele tem os mesmos desejos… que os outros homens. Você não deseja que ele continue vivo?

— Você realmente não entende.

— Não entendo o quê? Entendo mais do que você.

— Petronella, essa criança está longe de ser conveniente. Pode acreditar.

— Sei disso, Marin, eu *sei.* E enquanto estou tentando nos salvar, você está gastando o dinheiro que simplesmente não temos.

O tapa vem de repente, acertando em cheio o rosto de Nella.

— Me admira como ele um dia possa ter amado você — diz Nella. Furiosas e cruéis, as palavras saem antes que ela possa detê-las.

— Ele amou — responde Marin. — Ele ama.

— Vamos ter que chamar uma parteira — diz Nella, baixinho. — Não consigo suportar o peso desse parto sozinha.

Marin bufa.

— Você não vai suportar peso algum.

— Parem, parem — implora Cornelia.

— Marin, é a lei…

— Não. Definitivamente não. — Marin empurra com agressividade o berço, que balança de um lado para outro, o vazio de seu interior estranhamente hostil. — Você sabe o que mais a lei diz, Petronella? — Seu rosto está vermelho, o cabelo se soltou do chapéu. — Uma parteira deve identificar o pai. E se nós não lhe dissermos o nome, ela também vai denunciar nosso silêncio. — Marin interrompe o movimento do berço, a respiração pesada. — Então, do mesmo jeito que faço com tudo, vou cuidar disso sozinha.

Ela coloca a mão na barriga, mas dessa vez se retrai, como se tivesse tocado carvão em brasa.

À tarde, Nella perambula sem pressa pelos corredores. Os cômodos silenciosos fazem com que sinta como se não houvesse mais ninguém em casa. A chave do depósito ainda está pendurada em seu pescoço, aquecida por sua pele, e vale mais para ela do que qualquer colar de prata que Johannes pudesse ter encomendado.

Com uma corda, Cornelia arrasta o berço até o pequeno quarto de Marin. Aguardando com expectativa, o móvel

ocupa a maior parte do espaço entre crânios, mapas e penas. A atitude da criada em relação ao segredo de Marin sofreu uma rápida transformação; agora o bebê é uma maravilha, um cadinho no qual todos os problemas serão queimados. Cornelia respira sua presença invisível, absorvendo-a como ar fresco sempre que possível. Ela voltou a fazer a faxina, a abrir as janelas, apesar de detestar o frio; passa cera de abelha nos pés das camas, nos assoalhos, armários e parapeitos das janelas, põe alfazema nos queimadores de óleo, passa vinagre nos vidros, respinga suco de limão nos lençóis limpos. “Mesmo isso é melhor que seu desânimo”, pensa Nella.

No quarto dos fundos no térreo, longe dos olhos curiosos que passam pela calçada do canal, Nella ouve Marin e Cornelia arrumando um tabuleiro de *verkeerspel*. Ela pensa nas peças feitas de sementes de coentro no andar de cima, a requintada caixa de madeira feita pela miniaturista, surgida como um milagre do acaso. Nella já quase perdeu as esperanças de receber notícias de Lucas Windelbreke em Bruges, a mais de duzentos quilômetros de distância de estradas congeladas. “Minha carta provavelmente se perdeu”, pensa ela, se arrastando até a porta para espionar Marin e Cornelia.

— Meu corpo de baleia. — Marin suspira.

— Seu pequeno Jonas — diz a criada, sorrindo.

Nella ainda está magoada por conta da discussão daquela manhã. “Marin não está cuidando de tudo sozinha”, pensa. “Quem foi ao depósito, à Stadhuis?” Mas elas não têm tempo para debater e esclarecer as coisas. O tempo é o artigo de luxo mais recente a ficar em baixa no estoque.

O que Agnes diria se visse Marin agora? Sem dúvida Frans Meermans pensara nessa possibilidade. Todos os momentos que passou com Marin, escondidos dos olhos dardejantes da

esposa. Nenhum dos dois se preocupou que a Natureza pudesse seguir seu curso?

— Ele está me chutando — diz Marin a Cornelia, baixando os olhos para a barriga. — Às vezes, quando paro na frente do espelho, me vejo com a marca de um pezinho. Nunca vi isso antes.

Nella já vira, quando seus irmãos mais novos socavam a parte de dentro da barriga de sua mãe. Mas ela não vai falar isso, porque ver Marin em seu encantamento é algo maravilhoso.

— Eu ia gostar de ver — prefere dizer Nella, entrando no quarto.

— Se ele fizer de novo, eu aviso — consente Marin. — Às vezes é a mão. Parece a pata de um gatinho.

— Você acha que é um menino? — pergunta Nella.

— Acho que sim — responde Marin, dando um tapinha decidido na protuberância de seu corpo. Os dedos pairam como se quisessem acariciar a barriga. — Andei lendo — continua, apontando para *Doenças infantis*, de Blankaart, em cima da mesa.

Cornelia faz uma reverência e sai.

— Em breve chegará a hora — diz Nella.

— Vamos precisar de água quente, toalhas, um graveto para eu morder — responde a cunhada.

Nella só sente pena. Ela lembra o que Cornelia disse sobre a mãe da cunhada. *Ela quase não sobreviveu após o nascimento de madame Marin*. Será que Marin tem alguma ideia da quantidade de sague, da rebelião do corpo, dos barulhos e do medo? Ela parece determinada a exercer sua formidável força de vontade com o bebê, como se, igual à criatura hermeticamente protegida dentro dela, Marin não fosse afetada por truques externos, como se fosse imune ao sofrimento.

— Pensei que poderíamos jogar um pouco — diz Marin, alinhando as peças feito moedas. — Você começa.

Nella aceita a sugestão como uma oferta de trégua, e põe a primeira peça no tabuleiro. Marin avalia a jogada, contemplando o único disco, balançando os dados nas mãos fechadas como se fossem dois dentes. Ela mexe sua peça preta, incerta de onde colocá-la.

— Marin — diz Nella. — Você não perguntou sobre o depósito.

Marin continua encarando o tabuleiro. Contra sua vontade, Nella sente que está perdendo a paciência.

— E não me perguntou sobre Johannes.

Marin ergue os olhos.

— O quê?

— Eles vão… vão… feri-lo até…

— *Pare* — alerta Marin.

— Se nós não…

— Por que você tem que me torturar? Sabe que não posso sair para ir vê-lo!

— Mas preciso da sua ajuda. Duas testemunhas respeitáveis, Marin. Frans e Agnes. Pense no que isso significa.

Marin fica imóvel.

— Eu soube o que isso significava no momento em que Frans entrou pela nossa porta.

— Então *fale* com Frans, Marin. Conte sobre o filho dele.

Muito calmamente Marin pousa os dados sobre o tabuleiro de *verkeerspel*. Ela parece sem ar, franzindo as sobrancelhas, retorcendo a boca.

— Você faz essa conversa parecer fácil — fala. — Mas não sabe nada sobre o que diz.

— Sei mais do que você pensa. — Nella se detém, procurando controlar a irritação e guardá-la para si. —

Meermans é homem — acrescenta, mais gentilmente. — Ele pode fazer alguma coisa.

— Acredite, há muito pouco que ele possa fazer.

— Ele não tem um herdeiro, Marin…

— O quê? Agora está propondo que eu venda meu filho? Como acha que Agnes receberia uma notícia dessas? — Marin se levanta de súbito e começa a andar de um lado para outro no pequeno quarto. — Isso daria a ela ainda mais motivos para nos destruir. Você está sempre se intrometendo…

— Não é intromissão. É sobrevivência.

— Você não sabe nada de sobrevivência…

— Sei o que aconteceu, Marin — solta Nella. — Cornelia me contou.

— *Aconteceu*?

— Sei que você e Frans estavam apaixonados, e Johannes impediu que se casassem.

Marin põe a mão na parede para se equilibrar e coloca o outro braço sob a barriga, apoiando-a.

— O quê? — Sua voz surpreende, um assobio feroz.

— Sei que Frans se casou com Agnes para machucar você, e que até Agnes sabe disso. Vi como ele olha para você… Sei sobre o leitão, o bilhete de amor no seu livro. Você vive dizendo que eu não entendo, mas eu entendo tudo.

— O leitão — repete Marin. Ela faz uma pausa, como se estivesse diante de uma lembrança há muito esquecida que acabou de ressurgir em sua mente. — E Cornelia se atreveu a contar isso para você?

Nella olha de relance para a porta.

— Não fique brava com ela. Eu a fiz contar, eu tinha mesmo que saber. Era importante.

Por um momento, Marin não diz nada. Respira pesadamente e se senta na cadeira.

— Frans ama a esposa — diz. Quando Nella parece querer contestar a afirmação, Marin ergue a mão. — Você não sabe como é o amor, Petronella. Doze anos juntos não devem ser subestimados.

— Mas…

— E todo o restante é uma boa história, costurada a partir de coisas ouvidas atrás das portas. É mais elaborada do que eu mesma poderia inventar. Eu devia ter dado mais tarefas para Cornelia.

— Não é história…

— Eu saí bem dela, não saí? Meu irmão nem tanto. De todo modo, a verdade é um pouco diferente. — Nella percebe como a mão de Marin está tremendo. — Johannes realmente negou o pedido de casamento de Frans Meermans — diz Marin, a voz agora pesada.

— Eu *sabia…*

— Porque eu pedi.

Nella fica olhando as peças do tabuleiro de *verkeerspel*. Elas escorregam diante de seus olhos. O que ela ouve não faz sentido. A revelação de Marin é lancinante, as certezas agora perdidas.

— Eu amava Frans — confessa Marin, sua declaração é firme. — Quando tinha treze anos. Mas nunca quis me casar com ele.

Embora pareça indescritivelmente triste, outra emoção surge como um sol pálido no rosto de Marin. Nella sente que é o alívio agridoce da confissão.

Ainda assim, Nella não consegue entender. O cenário e os atores eram os mesmos, mas em papéis que não deveriam atuar. *Fiz algo que deixou Frans muito infeliz*, disse Johannes em sua cela na Stadhuis. Por que não contou a Nella naquela ocasião? Por que nunca se explicou? Que laço é esse de lealdade que une ele e Marin, uma corda tão

escorregadia que Nella não tem nem sequer a esperança de conseguir agarrar?

— Quando eu tinha dezesseis anos, não queria abrir mão de quem eu era e do que tinha — diz Marin baixinho. — Já possuía uma casa. Quando Johannes estava fora, eu ficava no comando.

As lágrimas começam a chegar, tomando seus olhos cinza. Ela abre bem os braços, como se fossem asas, um gesto familiar indicando o quarto em que estão.

— Nenhuma mulher tinha isso, a menos que fosse viúva. E então vieram Cornelia e Otto. "As grades de nossa gaiola são construídas por nós mesmos", dizia Johannes. Ele prometeu que eu poderia ser livre. Por muito tempo, acreditei nele. Achei mesmo que era. — As mãos se dirigem para a barriga.

— Marin, você está gerando o filho de Meermans…

— E apesar de seus defeitos, meu irmão sempre me deixou em paz. Infelizmente, ele não pode dizer o mesmo de mim.

Marin pressiona a área embaixo dos olhos com os dedos, como se isso pudesse conter as lágrimas. É um gesto inútil, porque elas escorrem, e a mulher começa a soluçar.

— Tirei de Johannes coisas que não me pertenciam — começa ela.

— Marin, o que você quer dizer com isso?

Mas a cunhada tem dificuldade para encontrar as palavras. Ela tira as mãos finas do rosto e respira fundo.

— Quando Frans fez o pedido de casamento, eu não sabia como recusar. Não era uma situação para a qual eu estivesse preparada. Achei que seria melhor para ele ouvir que eu tinha sido impedida de aceitar, em vez de descobrir a… relutância que eu sentia. Então pedi a meu irmão que assumisse a culpa. — Os olhos dela estão arregalados de aflição. — E ele assumiu. Johannes mentiu, por mim. Eu era

jovem… todos nós éramos! Nunca achei que isso acabaria… — Marin leva a mão à boca, incapaz de conter o grito. — Toda a amizade destruída — diz ela. — Todos os acordos. Porque eu não podia suportar ser uma esposa.

Pão de açúcar da esperança

Do lado de fora do depósito do marido, Nella espera por Hanna e Arnoud Maakvrede, a chave de Johannes pendurada no pescoço. Sua mente ressoa com a nova descoberta sobre Marin e Johannes; o acordo dos irmãos constituído tanto de luz quanto de sombras. O amor mudou de forma, um raio de sol que às vezes obscurece o coração. “Parece que Marin via o casamento como abrir mão de alguma coisa, ao passo que tantas mulheres, incluindo minha própria mãe”, percebe Nella, “o vê como a única forma de influência que uma mulher pode ter. O casamento deveria estar atrelado ao amor para aumentar o poder das mulheres”, supõe Nella. “Mas será que é assim? Marin acreditava que era mais poderosa sem ele. O amor ficou sem arreios, e de fato coisas extraordinárias aconteceram. Uma criança, uma cela de prisão, sim, mas também a escolha e alguém moldando o próprio destino.”

Depois da revelação sobre o passado, Marin quis uma distração, uma ocupação — praticamente a exigiu — e Nella aproveitou a oportunidade. “Você não foi insensível”, diz a si mesma, recostando-se na parede do depósito. “Foi por pura necessidade.” Então, enquanto Nella ficava sentada à pequena mesa no quarto dos fundos, longe dos olhares curiosos passando pelo canal, Marin escrevera uma carta para Arnoud Maakvrede passando-se por Johannes. Ela concordara com a ideia de Nella de convidar Maakvrede para experimentar o açúcar, propondo vendê-lo exclusivamente na república; uma venda mais rápida para

um mercado já estabelecido. “Ao menos meu casamento me garantiu alguma influência”, pensou Nella com ironia.

A voz de Marin ecoa na mente de Nella.

— Nós que estabelecemos a margem de lucro. Temos mil e quinhentos cones de açúcar, então, pelo que calculei, se nos sairmos bem podemos ganhar trinta mil florins. Comece com um preço mais alto do que aquele que realmente pretende usar na venda. Lembre-se de que, se eles quiserem comprar, vamos dividir os lucros por três agora, e a maior parte do dinheiro ainda precisa ir para Frans.

— Mas e se Arnoud tiver ouvido sobre Johannes... e se ele não comprar?

— É o florim acima de Deus. Tudo o que podemos fazer é rezar para que Arnoud Maakvrede seja um cidadão de Amsterdã, e não um anjo.

— Talvez ele saiba que queremos vender o estoque depressa. Talvez perceba o real estado do açúcar.

— Mantenha-se firme, Nella. Ponha o preço alto e faça parecer que está dando um desconto por causa dos esporos.

Nella não podia deixar de admirar o modo como Marin recolhia sua tristeza nos momentos em que era realmente importante, como se colocava de lado, em um lugar onde os outros não podiam alcançá-la. Nella se perguntou se ela mesma era pequena demais para essa grande ideia, se acabaria afundando nela, afogada por sua própria ambição. E, ainda assim, Marin lhe ofereceu todas as palavras que queria ouvir.

— Petronella — disse ela, baixinho. — Você não está fazendo isso sozinha. Eu estou aqui.

Por cima do tabuleiro abandonado de *verkeerspel*, Marin estica a mão para pegar a dela e apertá-la. Em seu espanto, Nella achou que o coração fosse explodir.

* * *

Nella vê o casal de confeiteiros se aproximar sob a luz fria. Pergunta-se se alguém contou a eles o que aconteceu na Stadhuis, mas o escândalo envolvendo a prisão de um comerciante rico parece ainda não ter chegado às ruas da cidade. Cornelia disse não ter ouvido nada na calçada ao longo do canal. Será que talvez Aalbers, com toda sua decência, conseguiu manter os guardas em silêncio? Mas é apenas uma questão de tempo até que todos saibam o que aconteceu com Johannes Brandt. Um garoto de nove anos orgulhoso como Christoffel não pode ser tão facilmente controlado quanto um guarda com bocas para alimentar. Amsterdã floresce com esses atos de vigilância mútua, o sufocamento social do espírito das pessoas.

Do lado de fora, à sombra do depósito, Arnoud parece menos inflamado, o avental substituído por um terno preto elegante e chapéu. Ele parece um homem diferente daquele com tabuleiros de favos de mel. É como se o ar o tivesse encolhido.

— Seigneur, madame — cumprimenta Nella, girando a chave na fechadura. — Feliz Ano-Novo. Obrigada por terem vindo.

— Seu marido não mencionou na carta que encontraríamos a senhora — informa Arnoud, incapaz de esconder a surpresa ao ver Nella ali sozinha.

— De fato, Seigneur — responde Nella, sentindo o olhar perspicaz de Hanna observá-la. — Meu marido está fora.

— E Marin Brandt?

— Visitando parentes, Seigneur.

— Entendo.

Arnoud está visivelmente perturbado pela juventude de Nella e pelo fato de ela ser mulher, como se a jovem não passasse de um truque de mágica, uma invenção. “Mas

espere só”, pensa ela, fechando os punhos e segurando as pontas da manga do casaco.

— Venham por aqui, Seigneur, madame. E cuidado com os pés nos degraus.

Conduzindo Arnoud e Hanna pela escada, Nella pensa na miniatura que a mão de Agnes segurava em casa. O pão de açúcar na casa de bonecas pode não ter escurecido mais; no entanto, um dia se passou do lado de fora daquele mundo encolhido, outra noite de clima frio e umidade. Nella mal pode imaginar o que vai encontrar. O que um dia foi, já não é mais. Seu coração acelera quando ouve Arnoud respirando ofegante nos degraus, o passo firme de Hanna atrás dele na escada.

* * *

— Aqui estão — diz ela, indicando os pães de açúcar quando chegam às calhas.

— Não esperava que fossem tantos — diz Arnoud.

— Imagine isso transformado em florins.

Ele ergue as sobrancelhas e Nella estremece por dentro diante de sua tagarelice grosseira. “Pense em Marin”, diz a si mesma. “Seja tão gentil quanto Johannes.”

Hanna se aproxima da parte com o açúcar refinado no Suriname e respira fundo.

— Mofo? — pergunta.

— Só em alguns — diz Nella. — A estação não tem sido piedosa.

Arnoud se ajoelha, respeitoso, como um sacerdote diante do altar.

— Posso? — pergunta.

— Por favor.

Ele pega um pão de açúcar dentre os vindos do Suriname e outro marcado com as três cruzes de Amsterdã. Tira do

bolso uma faquinha afiada, e com um movimento experiente tira um pedaço de cada cone. Partindo-os em dois, entrega uma metade a Hanna. Quando colocam as amostras do Suriname na boca, seus olhares se encontram.

O que estão dizendo um ao outro, sem palavras? Sem dúvida está acontecendo uma conversa. Seguem o mesmo ritual com a amostra de Amsterdã, derretendo-a em suas bocas e dialogando em silêncio. “Qualquer que seja o verdadeiro propósito deles, o casamento é mesmo uma coisa engraçada”, pensa Nella. Quem teria unido a elegante Hanna com um homem roliço como Arnoud Maakvrede? Ela gostaria que Johannes estivesse ali. Homem de muitos idiomas, ele certamente entenderia o silêncio dos negociantes. A imagem do marido naquela cela é mais do que pode suportar, e Nella a enterra, tentando se concentrar no açúcar.

— Há mil e quinhentos pães de açúcar — informa. — Setecentos e cinquenta foram refinados no Suriname. O restante foi refinado aqui na cidade. Queremos vender tudo.

— Achei que Brandt os vendesse no Oriente.

— Ele vende. Mas uma plantação do Suriname excedeu o estoque e ele quis mantê-lo na república. Outras pessoas virão mais tarde — mente Nella. — Estão muito entusiasmadas.

Hanna limpa delicadamente o canto da boca.

— Quanto pelo lote de Amsterdã?

Nella finge pensar.

— Trinta mil — responde.

Os olhos de Hanna se arregalam de surpresa.

— Impossível — diz Arnoud.

— Temo que sim — concorda Hanna. — Simplesmente não temos esse dinheiro todo.

— Somos prósperos o bastante — murmura Arnoud. — Mas não burros.

— Produzimos bolos, não somos vendedores de açúcar — diz Hanna, franzindo a testa para ele. — Pode não haver nenhuma guilda para nós, mas como confeiteiros ainda somos alvo dos caprichos dos burgomestres e do ódio deles por biscoitos de gengibre em forma de ídolos papistas.

— É um açúcar excelente, e tenho certeza de que vocês concordam. A qualidade por si só garantirá a venda. O desejo por doces não apresenta sinais de que vai diminuir... marzipãs, bolos, waffles — diz Nella. Ela observa Arnoud pensar, olhando os cones empilhados até o teto. — A reputação de vocês sem dúvida cresceria — acrescenta. — Fico só imaginando que outras portas um açúcar como esse pode abrir.

Nella não tem certeza, mas acredita que Hanna esteja escondendo um sorriso. É improvável que eles tenham trinta mil florins para gastar, embora nunca dê para saber nesta cidade. É uma quantia absurda. Mas o que ela pode fazer? Marin disse para colocar um preço alto, assim Arnoud acreditaria estar negociando com vantagem. Nella começa a se desesperar.

— Vamos dar nove mil — diz Arnoud.

— Não posso permitir que levem todo esse açúcar por nove mil.

— Muito bem. Vamos levar cem cones de Amsterdã por novecentos florins e então diremos como vão as vendas. Se tivermos lucro, compraremos mais.

Nella tenta pensar rápido, tão ágil quanto Arnoud. Ele quer comprar um cone por nove florins, mas ela precisa vender cada um por cerca de vinte. “Ele veio preparado”, pensa ela.

— É muito pouco, Seigneur. Três mil e quinhentos — diz ela.

Arnoud ri.

— Mil e cem — responde.

— Dois mil.

Ele franze o lábio.

— Mil e quinhentos.

— Muito bem, Seigneur Maakvrede. Mas tenho dois outros interessados que virão esta tarde. Posso lhe dar três dias para decidir sobre o restante, mas se eles oferecerem mais, o senhor perde a oportunidade.

— Fechado — responde ele, cruzando os braços e com um olhar impressionado. Parece contente; é a primeira vez que ela o vê sorrindo. — Por cem pães de açúcar.

A cabeça de Nella gira. Ela não se saiu tão bem quanto esperava, mas pelo menos parte do estoque vai circular; e, em Amsterdã, onde palavras são como água, tudo do que se precisa é de uma travessa de deliciosos pães doces. Ela põe um cone de açúcar do Suriname numa cesta para Cornelia tentar secá-lo.

Arnoud dá a Nella mil e quinhentos florins em notas novas. É animador tocá-las — uma sensação de potencial, um bote salva-vidas de papel. Mil devem ir direto para Agnes e Meermans na Prinsengracht, um incentivo para que desistam de testemunhar contra Johannes. Os outros quinhentos devem subornar Jack Philips. Só pensarão em guardar alguma parte para si mais adiante.

Hanna começa a carregar uma cesta com pães de açúcar.

— Como está Cornelia? — pergunta ela.

“Assustada”, Nella tem vontade de dizer. “Prendendo-se à cozinha.” Ela havia deixado a criada em meio a um frenesi, abrindo uma couve-lombarda, picando cebolinha-verde e alho-poró.

— Ela está bem, obrigada, madame Maakvrede.

— Alguns encolhem, enquanto outros crescem — observa Arnoud, balançando a cabeça diante da montanha de cones.

Hanna aperta a mão de Nella.

— Vamos vender o açúcar e voltar — diz ela. — Vou garantir que isso aconteça.

Nella corre para casa no momento em que começa a chover, sentindo como se as notas de florins no bolso fossem provas de um pequeno triunfo. É um começo, e Nella confia em Hanna Maakvrede. Embora não vá ser prazeroso fazer uma visita a Agnes e Frans na Prinsengracht, fingimento é tudo. Ela vai esconder quem é de verdade, assim como Marin o faz. Há uma chance de que o fato de receber dinheiro suavize o coração estranhamente endurecido de Frans Meermans, ou desperte a generosidade há muito adormecida de Agnes. Será que querem mesmo a morte de Johannes? Quanta dor é preciso ter guardada dentro de si para desejar o fim de outra pessoa?

Ao entrar no corredor tirando os pingos de chuva da roupa, Nella ouve Cornelia chorar. Seus baixos soluços vêm da cozinha. Ela larga a cesta contendo o pão de açúcar enegrecido do Suriname e desce correndo, quase tropeçando na própria saia.

Cascas de legumes estão espalhadas no chão, uma bagunça de tiras verdes e brancas.

— O que aconteceu aqui? — pergunta Nella.

Cornelia aponta o bilhete que se encontra na mesa.

— É dela? — pergunta Nella, animando-se.

“Finalmente a miniaturista voltou”, pensa. Ela corre em direção ao papel. Ao ler as palavras, uma pontada aguda de medo a atravessa, os florins de Arnoud e a animação com o açúcar evaporam.

— Meu Deus — grita ela. — Hoje?

— Sim — responde a criada. — Sua norueguesa bisbilhoteira não previu *isso.*

Animais selvagens devem ser domados pelo homem

O tribunal na Stadhuis é uma sala quadrada com janelas altas e uma área de observação ao longo de toda a parte superior, algo entre uma capela e uma cela subterrânea. Não há ouro, veludo nem qualquer outro traço de indulgência, apenas quatro paredes de um branco brilhante, o mobiliário escuro e simples. O restante da Stadhuis é monumental, inacreditável. Arcos se erguem para as cornijas douradas, e mapas esculpidos em mármore na parede cintilam. Mas, nesta câmara onde a lei é exercida, o ambiente é sóbrio. Nella e Cornelia se acomodam na galeria de observação e olham para o tribunal lá embaixo.

Pieter Slabbaert — o Schout — e seis outros homens entram marchando e ocupam seus lugares para a audiência de Johannes.

— Eles devem ser os membros do *schepenbank* — sussurra Nella para Cornelia.

A criada assente, sem conseguir parar de tremer. Os seis homens têm idades variadas; alguns parecem em melhores condições que outros, mas nenhum tem um manto e condecorações como os do oficial de justiça, o Schout. A individualidade é uma mancha nessa cidade, e Nella teme que, diante da acusação contra Johannes, eles vão se aglomerar em uma massa hipócrita, unificada pela aversão.

* * *

Nella mal consegue olhar para Schout Slabbaert. O homem guarda mais que uma leve semelhança com um sapo; um rosto bulboso, boca larga e olhos vidrados. À sua volta, a área de observação começa a se encher de espectadores da cidade, entre eles, várias mulheres e até mesmo algumas crianças. Nella pensa ter visto Christoffel, o pequeno dedo-duro que trouxe a notícia da prisão de Johannes.

— Eles não deviam trazer crianças — murmura Cornelia.

A presença de tantos peixes pequenos a deixa ansiosa, como se eles estivessem ali para assistir à pesca de uma baleia.

À esquerda de onde ela e Cornelia estão sentadas, Nella vê Hanna e Arnoud Maakvrede. “Então eles sabem”, pensa, acenando com um gesto de cabeça para o casal e sentindo o coração pesado. Arnoud retribui o cumprimento com um tapinha no nariz, e ela tenta extrair algum conforto desse gesto conspiratório. “Ele sempre soube?” A possibilidade de Arnoud ser *mesmo* mais cidadão de Amsterdã do que um anjo a consola, até que ela se pergunta se, dependendo do resultado do julgamento, ele vai voltar para tentar negociar o restante do açúcar a uma taxa ainda menor.

Do lado oposto da galeria, na primeira fila, Agnes Meermans está embrulhada em seus casacos de pele.

— O que há de errado com o rosto dela? — sussurra Cornelia.

Os traços de Agnes de fato estão ainda mais acentuados do que quando Nella a viu na Igreja Antiga, em dezembro. Ela parece doente, os malares e as órbitas muito proeminentes enquanto olha para a câmara lá embaixo, remexendo em algo no colo. De repente Agnes segura o corrimão de madeira à sua frente, as unhas todas roídas. A faixa em sua cabeça, antes perfeita, está torta, as pérolas sem brilho; suas roupas têm uma aparência desleixada. Ela

parece um animal encurralado, o olhar esquadrinhando a galeria, procurando alguma coisa.

— Vou dizer o que é, madame — fala Cornelia. — Consciência pesada.

Mas Nella não tem tanta certeza disso. No que Agnes remexe como uma menininha? O que é aquela coisa minúscula que enfia na manga do vestido?

Frans Meermans se encontra atrás da esposa, usando seu chapéu de aba larga. Nella se pergunta por que não estão sentados juntos. O rosto dele, grande e bonito, parece úmido por causa da manhã chuvosa. Ele ajeita o paletó, mexendo na roupa como se estivesse com muito calor. Nella verifica seu bolso, ainda guardando os florins de Arnoud. Ela precisa convencer Meermans de que o dinheiro está vindo, e em grande quantidade. *Vamos pôr fim a esse caos, Seigneur. Vamos dizer que estávamos enganados. Sem dúvida pode perceber que Agnes não tem condições de testemunhar.* Enquanto repassa os argumentos, Nella tenta atrair seu olhar, mas Meermans não se vira em sua direção, fitando em vez disso a arena por cima da cabeça da esposa.

Quando Johannes é trazido, uma respiração coletiva, aguda, toma a câmara. Nella leva a mão à boca, mas Cornelia não consegue conter um grito.

— Seigneur! — exclama. — Meu Siegneur!

Johannes se desvencilha do apoio dos guardas, mas mal consegue andar. O *schepenbank* o observa, os rostos tensos. Está claro que Johannes foi interrogado e torturado. Os ferimentos são graves, mas não o suficiente para pôr sua vida em risco. Ele se inclina para o lado, os tornozelos quase sem forças para se mover, manca e arrasta um dos pés atrás de si como se fosse um trapo. Johannes disse que podia ver horizontes para além dos tijolos, mas parece tão mudado em tão poucos dias. Sua capa está puída, e ainda

assim, quando assume seu lugar, ele a joga para trás como se o tecido fosse de ouro.

De algum modo, a brutalidade dos parafusos e correias não funcionou. O prisioneiro trôpego sem dúvida guardou seus segredos. Do contrário, ninguém estaria ali no tribunal. Será que ele não lhes disse nada? A finalidade dessa audiência é forçar uma confissão por meio de humilhação verbal, e dessa vez a tortura será testemunhada pelos cidadãos, uma brutalidade diferente. O que foi mesmo que Johannes disse na cela? Quanto mais pessoas tomam parte do ritual, mais justificado ele parece.

Nella se lembra do marido no banquete dos prateiros. O encanto que tinha Johannes, tão experiente e inteligente, o modo como atraía a todos. Onde estão essas pessoas agora? Por que só crianças e funcionários do tribunal vêm vê-lo lutar?

— Ele devia estar andando com uma bengala — sussurra Cornelia.

— Não, Cornelia. Ele quer que todos entendam a brutalidade daqueles homens.

— E também quer testar nossa compaixão. — Hanna Maakvrede mudou de lugar para se sentar com elas, e agora segura a mão de Nella.

As três mulheres formam uma corrente e Nella sente que seu coração pode se partir. Todo esse tempo, achou que Johannes havia negado a Marin a vida que a cunhada queria, quando na verdade ele havia tentado libertá-la. O coração de Johannes é grande e forte, mas veja aonde o levou.

Se ao menos Marin pudesse retribuir o favor agora, quando se faz mais necessário. Pode ser tarde demais para convencer Jack a mudar sua versão ou para apaziguar a raiva de Frans. E agora que o Estado está envolvido, o que pode enfrentar a máquina indignada que vislumbrou um

possível sodomita em seu meio? *Não dá para realmente tocar na minha fortuna*, disse Johannes certa vez. *Ela está no ar*. Mas um bebê é feito de carne e osso. “Empreste-nos seu filho, Marin, empreste-nos ao menos a farsa de um casamento normal.”

Lembrando do berço em miniatura, do minúsculo ventre inchado de Marin, do pão de açúcar na mão de Agnes e do boneco imaculado de Jack, Nella amaldiçoa a miniaturista por não tê-la alertado quanto ao que precisava ser feito, quanto ao que poderia ter sido evitado. De que serve uma profetisa que não nos evidencia o inevitável?

Hanna se inclina na direção dela.

— Já reservamos metade dos cones que levamos esta manhã, madame. Arnoud quer levar um pouco para Haia, onde vive sua família. Tenho certeza de que não demorará muito para comprarmos mais. Tenha isso em mente quando vir as outras… partes interessadas.

Nella tenta disfarçar seu constrangimento. Ela não se importa de blefar com Arnoud. Ele parece quase pedir por isso, mas com Hanna parece desonroso.

— Algum dos seus clientes sabe de quem é o açúcar? — pergunta ela.

Ao ouvir isso, é a vez de Hanna corar.

— Arnoud está omitindo a fonte — responde. — Mas o açúcar é excelente, madame. Acho que meu marido conseguiria vendê-lo mesmo que tivesse vindo do próprio belzebu.

As palavras de Hanna dão esperança a Nella. Mas ali, no tribunal, parece que a difícil situação de Johannes tomou um impulso fora de controle. A chuva está mais forte agora, um rugido baixo no telhado.

— Bom povo de Amsterdã, temos sorte — começa o Schout Slabbaert. Sua voz é profunda e fluida, e chega até

onde as pessoas comuns estão sentadas em seus duros bancos de madeira.

Ali está um homem no auge da vida, do alto de seu poder legislativo, segurando a vida dos cidadãos na palma de sua mão. “Ele come bem”, supõe Nella. “Deve dormir profundamente.” Os horrores das câmaras de tortura sob seus pés lhe são tão distantes quanto as ilhas Molucas.

— Tornamos nossa cidade um sucesso — prossegue Slabbaert. A galeria urra em um reconhecimento orgulhoso, e o *schepenbank* assente em concordância. — Domamos nossas terras e nossos mares; nos banqueteamos em sua generosidade. Vocês todos são pessoas corretas. Não se perderam no excesso de sorte. Mas... — Slabbaert faz uma pausa, erguendo o dedo antes de apontar para Johannes. — Aqui está um homem que se tornou arrogante. Um homem que se achava acima da própria família, da cidade, da Igreja e do Estado. Acima de Deus. — Slabbaert para outra vez, deixando o silêncio aumentar o poder de sua retórica. — Johannes Brandt acha que pode comprar qualquer coisa. Para ele, tudo tem um preço. Mesmo a consciência de um jovem, a quem ele tomou para o prazer de seu corpo e tentou subornar para que se calasse.

Há uma onda de animação. Arrogante, prazer, corpo. Essas palavras proibidas provocam o entusiasmo das pessoas no tribunal. Mas Nella sente o medo desabrochar, como se fosse uma das plantas venenosas de Marin.

— Você não pode fazer tal acusação. — A voz de Johannes soa ríspida e vacilante. — O *schepenbank* ainda não tomou sua decisão e você não pode decidir por eles. Dê algum crédito a eles, Seigneur. São homens sensatos.

Dois homens do *schepenbank* se iluminam de presunção. O restante olha para Johannes com um misto de admiração e repulsa.

— Eles formam um bom conselho — diz Slabbaert —, mas a palavra final é minha. Você nega a acusação de ter cometido um ataque sodomita?

Ali estão as palavras que a plateia aguardava. É quase como se elas se movessem entre as pessoas, desafiando seus músculos a absorvê-las, a provar sua rara transgressão.

— Nego — responde Johannes. Ele estica as pernas feridas. — Apesar de todos os seus esforços.

— Limite-se a respostas simples, por favor — diz Slabbaert, olhando seus papéis. — Jack Philips de Bermondsey, Londres, alega que no domingo, dia 29 de dezembro do ano passado, nos depósitos das Ilhas Orientais, você o atacou e sodomizou. No dia do Senhor, ele foi golpeado e ferido até que mal pudesse andar.

A plateia explode em comentários.

— Silêncio — grita Slabbaert. — Silêncio aí em cima.

— Não fui eu — diz Johannes, mais alto que o clamor.

— Testemunhas vão jurar sobre a Bíblia Sagrada que viram você.

— E como podem me identificar?

— Seu rosto é conhecido, Seigneur Brandt. Este não é o momento para fingir humildade. Você é poderoso, um líder rico. Está frequentemente nas docas, nos depósitos, no cais. O ato que cometeu…

— Que supostamente cometi…

— Vai contra tudo o que é bom e direito. Seu comportamento em relação a sua família, sua cidade, seu país é como o do demônio.

Johannes olha para o quadrado de céu branco através da janela alta. O *schepenbank* se inquieta em suas pequenas cadeiras.

— Minha consciência está limpa — diz ele, baixinho. — Tudo de que me acusa é tão falso quanto os seus dentes.

As crianças na galeria riem.

— Desacato ao tribunal além de sodomia…

— Posso perfeitamente desacatar o tribunal, Seigneur Slabbaert. O que vai fazer? Pretende tentar me afogar outra vez por evidenciar sua vaidade?

Os olhos de sapo de Slabbaert se arregalam, as bochechas bem-alimentadas despencam com uma raiva difícil de ser contida. “Tenha cuidado, Johannes”, pensa Nella.

— Quando eu lhe fizer uma pergunta — diz Slabbaert —, responda com o respeito que todo cidadão deve à lei.

— Então me faça uma pergunta que mereça esse respeito.

O *schepenbank* parece estar se divertindo com esse embate, suas cabeças se virando de um homem para o outro.

— Você é casado? — questiona Slabbaert.

— Sou.

Nella se encolhe em seu assento. Agnes olha para ela, um esgar brincando em seus lábios.

— E que tipo de marido você é?

— Estou inteiro, não estou?

Alguns homens na plateia riem, e Johannes olha para cima. Reconhece o rosto de Cornelia inclinando-se sobre o parapeito de madeira e consegue sorrir.

— Isso não responde à minha pergunta — rebate Slabbaert, aumentando um pouco a voz. — Você é um bom ou um mau marido?

Johannes dá de ombros.

— Acredito que sou um bom marido. Minha esposa está satisfeita. Ela tem riqueza e segurança.

— Essa é a resposta de um mercador. Ter riqueza não significa exatamente estar satisfeito.

— Ah, sim, eu me esqueço das suas agonias espirituais quando se trata de dinheiro, Slabbaert. Tente dizer isso a

um artesão, um homem que faz essa república não afundar e ainda assim mal consegue pagar seu senhorio. Tente dizer a ele que estar seguro não significa felicidade.

Alguns grunhidos de aprovação são ouvidos na galeria, e um membro do *schepenbank* escreve algo.

— Você tem filhos? — pergunta Slabbaert.

— Ainda não.

— Por que não?

— Só estamos casados há quatro meses.

Cornelia aperta a mão de Nella. Involuntariamente, Johannes jogou fora a chance de usar o bebê de Marin para se salvar.

— Com que frequência se deita com ela?

Johannes faz uma pausa. Se sua intenção é mostrar a impertinência da pergunta, a invasão grosseira de seu leito conjugal, a tentativa não funciona. O *schepenbank* se inclina para a frente, assim como Frans Meermans. Agnes aperta o balaústre, esperando como uma ave de rapina.

— Sempre que posso — responde Johannes. — Tenho que viajar muito.

— Você se casou tarde, Seigneur.

Johannes ergue os olhos para a galeria.

— Minha esposa valeu a espera.

A ternura é clara em sua voz, e Nella sente uma tristeza invadi-la. Duas mulheres atrás dela suspiram de prazer.

— Ao longo dos anos você empregou muitos aprendizes em várias guildas — observa Slabbaert.

— Esse é meu dever como cidadão de Amsterdã e membro sênior da VOC. Fico feliz em cumpri-lo.

— Alguns diriam que feliz até demais. Ao longo dos anos, uma preponderância de rapazes...

— Com todo respeito, mas todos os aprendizes não são rapazes?

— ...em um número muito superior ao que qualquer outro membro sênior da guilda ou representante da VOC empregou. Tenho os números aqui.

Johannes dá de ombros de modo troncho.

— Tenho mais dinheiro do que a maioria — responde. — As pessoas querem aprender comigo. Alguém poderia até argumentar que esse é o motivo de eu estar aqui.

— O que você quer dizer?

— Os caçadores mais pobres querem sempre o maior cervo. Eu me pergunto, Schout Slabbaert, quem vai ficar com o meu negócio se eu for morto? Será você, dividindo-o e trancando-o em seus cofres na Stadhuis?

— Você insulta a cidade de Amsterdã! — grita Slabbaert. — Você nos enoja com suas insinuações. — O Schout olha para o *schepenbank*. — Trata a cidade como um brinquedo, minando tudo pelo que trabalhamos.

— Isso não é um fato. É a sua opinião.

— Você também empregou um Preto, não foi?

— Ele é de Porto-Novo, em Daomé.

— Você o manteve por perto, ensinou nossos modos. Domou o selvagem.

— Aonde quer chegar, Slabbaert? O que tem em mente?

— Só quero ressaltar que você tem gosto para o incomum, Seigneur Brandt. Muitos de seus colegas podem confirmar isso. Chamem o autor da denúncia — ordena Slabbaert.

Os olhos de Johannes se arregalam, em choque.

— O autor da denúncia? — Nella se vira para Cornelia. — Achei que hoje fossem apenas apresentar a acusação.

Mas não. Elas ouvem os passos e olham horrorizadas para baixo quando os guardas trazem para o tribunal o denunciante de Johannes.

O ator

Cornelia aperta a mão da patroa ao rever o inglês. O assassino de Rezeki anda pelo tribunal. Seu cabelo desgrenhado perdeu o brilho e ele usa um curativo ensanguentado no ombro.

— Aquele sangue não é dele — murmura Nella. — A essa altura, já teria cicatrizado.

Jack olha para a galeria e Nella percebe que é a vez de Agnes se encolher em seu assento.

Ao vê-lo, um verdadeiro demônio inglês, o *schepenbank* se endireita em suas cadeiras.

— Você é Jack Philips, de Bermondsey, Inglaterra? — pergunta Slabbaert.

Diante dos olhares e sussurros dos espectadores, Jack parece indeciso por um momento. Nella, lembrando-se de sua interpretação perfeita no saguão após esfaquear Rezeki, não sabe dizer se ele está de fato aterrorizado ou apenas fingindo.

— Sou — responde ele.

Jack despeja a palavra diante de Johannes como manoplas, seu holandês estranho ecoando pelo tribunal. Algumas pessoas na galeria riem abertamente do sotaque.

— Passe a Bíblia para ele — ordena Slabbaert. Um funcionário do tribunal se levanta e apresenta um pequeno e grosso exemplar. — Ponha a mão sobre ela e jure que vai falar a verdade.

Jack coloca os dedos trêmulos na capa.

— Eu juro — diz.

O rosto de Johannes é ilegível e Jack não retribui seu olhar.

— Você reconhece esse homem? — Slabbaert aponta para Johannes, mas Jack mantém a cabeça baixa. — Eu perguntei se reconhece esse homem.

Jack continua sem olhar. Seria culpa ou um medo fingido, apenas um dos truques que aprendeu nos teatros às margens do rio Tâmisa?

— Você é surdo? — questiona Slabbaert, um pouco mais alto. — Ou não está me entendendo?

— Eu entendi — responde Jack.

Seus olhos passam rapidamente por Johannes, demorando-se nas pernas machucadas, na capa puída.

— Que acusações tem contra ele? — pergunta Slabbaert.

— Ataque sodomita, agressão e suborno.

O *schepenbank* se agita de empolgação.

— Deixe-me ler seu depoimento para a assembleia. — Slabbaert pigarreia. — “Eu, Jack Philips, de Bermondsey, Inglaterra, hospedado sob a marca do coelho em Kloveniersburgwal, perto de Bethaniënstraat, fui sumariamente atacado e sodomizado no final da noite de 29 de dezembro. Meu agressor era Johannes Matteus Brandt, comerciante de Amsterdã e bewindhebber da VOC. Fui tomado contra a minha vontade e esfaqueado no ombro por oferecer resistência.” Há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar? — pergunta Slabbaert, espiando por cima dos óculos.

— Não.

Cornelia se vira para Nella.

— Ele acabou de dizer que o Seigneur o apunhalou? Isso significa que Toot está a salvo? — Ela mal consegue acreditar. — Um pequeno milagre, madame.

Mas Nella não consegue ficar tão contente. A mentira liberta seu criado, mas deixa Johannes mais perto da sentença de morte.

— E tudo que foi registrado aqui está correto? — indaga Slabbaert, referindo-se à declaração.

— Sim, Seigneur. Exceto que, quando ele me esfaqueou, por pouco não atingiu meu coração.

— Entendo. E onde ele o atacou, Sr. Philips?

— Nas Ilhas Orientais. De vez em quando trabalho como vigia nos depósitos da VOC.

— E como ele o abordou?

— Como assim?

— Bem, como Johannes Brandt se comportou antes de... atacá-lo?

— Parecia desvairado.

"Como Jack sabe uma palavra dessas em holandês?", pensa Nella.

— Vocês conversaram?

A interpretação de Jack está engrenando. Com domínio de pausa dramática, ele espera, fazendo com que o tribunal não ouça nada além da chuva e de seus próprios pensamentos.

— Ele falou com você? — insiste Slabbaert.

— Ele me chamou de sobrinha e perguntou onde eu morava.

— Ele o chamou de sobrinha? — Slabbaert se vira para o *schepenbank*. — Esses homens são antinaturais em todos os níveis. Até roubam palavras ligadas à família e as transformam em zombaria. Ele disse mais alguma coisa, Sr. Philips?

— Que vinha me observando — continua Jack. — Perguntou se poderia ver meus aposentos.

— E como o senhor respondeu?

— Eu o empurrei e disse para me deixar em paz.

— E depois que o empurrou?

— Ele me puxou pelas mangas do casaco e me arrastou para a parede de seu depósito — responde o jovem.

— E então? — Jack fica em silêncio. — E então? — pressiona Slabbaert. — O senhor foi abusado?

— Fui.

— Foi sodomizado.

— Sim.

Dois membros do *schepenbank* têm um ataque de tosse, as cadeiras arrastando no chão. Na galeria, as pessoas murmuram. Uma das crianças mais novas, de uns três anos, observa pelas grades do balaústre numa admiração horrorizada.

O Schout se inclina para a frente na direção de Jack, um leve tremor de prazer em seus olhos de anfíbio.

— Ele falou alguma coisa enquanto o atacava?

— Disse… disse que tinha que possuir meu corpo. Que me mostraria o quanto amava sua sobrinha.

— E o senhor respondeu alguma coisa?

Jack joga os ombros para trás e estufa o peito, mostrando o curativo ensanguentado.

— Eu disse que ele tinha o demônio dentro dele. Depois, que era o próprio demônio, mas ele não parou. Falou que ia mostrar a um miserável como eu o que era ser tomado por um homem como ele. Afirmou que sempre conseguiu tudo o que queria, e que me bateria se eu não me sujeitasse.

— Temos o relato de um cirurgião sobre o estado físico do denunciante quando este veio à Stadhuis fazer a acusação — informa Slabbaert, entregando cópias do documento ao *schepenbank*. — Ele o esfaqueou, meu jovem. Um pouco mais abaixo, e teria perfurado seu coração.

Meu jovem. Uma expressão apaziguadora. Pobre Jack, o jovem, atacado no escuro pelo próprio Lúcifer. À luz da óbvia declaração de qual lado se encontra a simpatia de Slabbaert, Johannes parece desmoronar, como se seus ossos fossem feitos de pedra.

— Sim — concorda Jack.

Ao ouvir isso, Johannes ergue imediatamente a cabeça. Jack se vira depressa para o *schepenbank*.

— E ele me bateu. Eu mal conseguia andar.

— É tudo mentira — interrompe Johannes.

— Ele não pode falar comigo, Schout Slabbaert — protesta Jack. — Diga a ele que não pode falar comigo.

— Silêncio, Brandt. Você terá sua chance. Sr. Philips, tem certeza absoluta de que o homem que o agrediu naquela noite foi Johannes Brandt?

— Tenho — responde Jack. Mas seus joelhos começam a vacilar.

— O garoto vai desmaiar — diz Johannes enquanto Jack cambaleia para o chão.

— Leve-o daqui — ordena Slabbaert, apontando para Jack.

Dois guardas o amparam.

— A audiência está suspensa até amanhã de manhã, às sete horas.

— Schout Slabbaert — chama Johannes. — A sessão de hoje era apenas para ler as acusações, e ainda assim o senhor trouxe meu acusador. O que pretende com isso? Quando vai ser minha vez de fazer as perguntas? Você tentou me difamar e chocar a plateia. Tenho direito de falar.

— Você já fala demais. Nós ainda nem ouvimos as testemunhas.

— Está escrito que deve ser assim — insiste Johannes. — Nós dois devemos ter a nossa chance. — Ele aponta para a Bíblia. — *Não sejam parciais no julgamento! Atendam tanto o pequeno como o grande. Tragam-me os casos mais difíceis e eu os ouvirei.* Deuteronômio. Caso queira conferir.

— Você terá a sua vez, Brandt — responde Slabbaert. — Mas, por ora, estamos em recesso. Amanhã, às sete horas.

Johannes e Jack são conduzidos para fora por portas diferentes. Jack mantém a cabeça baixa, mas Johannes se vira rapidamente para a galeria, onde Cornelia e Nella já

estão de pé. Nella ergue a mão, e ele assente para ela antes de ser arrastado para fora.

As pessoas se esticam e trocam expressões de surpresa e consternação, mórbidos participantes de piquenique procurando nos bolsos sacos de castanha, pedaços de queijo e presunto. Agnes se apressa pelo corredor. Nella surpreende-se de novo com sua magreza, os passos de passarinho. Frans Meermans já sumiu de vista.

Ela sabe que não tem muito tempo.

— Não vou demorar — diz para Cornelia. — Volte para junto de Marin.

Hanna imediatamente a olha com curiosidade, mas Nella só pode lançar um olhar de alerta a Cornelia. Nem mesmo Hanna pode saber. Cornelia responde com um gesto de cabeça quase imperceptível.

Dando a volta até a porta por onde Agnes saiu, Nella percebe que algo caiu no chão perto de onde a mulher estava sentada, largado na poeira em meio à casca de laranja fresca. Dois minúsculos pés despontam debaixo do banco, enfiados num par de tamancos. “Conheço esses pés”, pensa Nella, ajoelhando-se.

Os pés pertencem a uma pequena boneca, vestida de dourado. O rosto é de Nella, mechas de cabelo escapando de uma faixa cor de açafrão.

— Por Deus — sussurra.

Essa versão dela mesma parece menos surpresa do que a que se encontra em sua casa de bonecas. É mais altiva. Instintivamente, Nella estuda o corpo em miniatura. “Em busca de feridas”, diz a si mesma, a fim de se preparar para qualquer perigo iminente. Mas em um compartimento escuro e quase nunca visitado de sua mente, ela sabe que está tentando encontrar qualquer sinal de uma criança. Não há nada; nenhuma proeminência escondida. Nella afasta a

tristeza. “Pelo menos você não tem cortes e fraturas”, diz a si mesma. “Não é a sua hora.”

Os florins e a boneca

“Agnes podia ter essa miniatura há meses. Ela ficou com inveja da minha casa de bonecas”, pensa Nella. “Fingiu que tinha uma, entregando a mentira nos degraus de casa ao ir embora da reunião sobre o açúcar. *Quero que a minha seja melhor que a dela*, dissera a Frans. E sem dúvida só há um lugar onde Agnes poderia ter conseguido essa miniatura. A boneca é tão pertinente, tão precisa. É doloroso aceitar que tenha sido feita para outra pessoa.”

Nella põe sua cintilante versão em miniatura no bolso junto com os florins de Arnoud e desce correndo à procura de Meermans. A chuva diminuiu um pouco, a luz está enevoada. Observadores caminham devagar pela rua estreita, evitando as poças. Nella vê o colarinho branco à moda antiga e a batina preta e comprida do pastor Pellicorne. Seu rosto imaculado, sua coroa de cabelos grisalhos, os olhos de pregador ensandecido. Pessoas se juntaram em volta dele como carrapichos na lã.

— Isso é o pecado — diz o pastor enquanto a chuva cai de leve. — É possível sentir seu cheiro. Johannes Brandt levou uma vida pecaminosa.

— Essa é a consequência da luxúria — observa a mulher ao lado dele.

— Mas ele trouxe dinheiro para a cidade — intervém um homem. — Ele nos tornou ricos.

— Quem exatamente ele tornou rico? E veja só o que isso causou à sua própria *alma* — rebate Pellicorne. Ele sussurra a palavra, como se descartasse com um último suspiro a abominação que é Johannes Brandt.

Nella mal consegue respirar. Cheiro de comida podre se espalha conforme o fedor pesado e fumarento de carne de taverna corre pelas paredes. Pellicorne direciona o olhar para ela.

— Não se sente bem, garota? — pergunta uma das mulheres com o pastor, mas Nella não responde.

— É a *esposa* — sussurra alguém, e mais cabeças se viram.

"Olhem para mim, então", pensa Nella. "Olhem para a esposa."

— Sim — grita. — Sou a esposa dele.

— Deus enxerga atrás das portas, madame — diz a primeira mulher. — Ele vê tudo.

Nella caminha na direção oposta, apertando a boneca em seu bolso. Ela tenta imaginar a casa sem Johannes. "Não", pensa, sentindo a vida do marido escorrer entre seus dedos. "Você não pode deixá-lo morrer."

— Madame Brandt.

Ela se vira. Frans Meermans está parado à sua frente. "Fique calma, Nella Elisabeth."

— Seigneur — diz. — Estava a sua procura. Onde está sua esposa?

Meermans enfia o chapéu na cabeça.

— Agnes foi para casa e vai voltar amanhã. Ela não tem… se sentido bem desde que viu o horror…

— É preciso acabar com isso, Seigneur. Vale a pena matar seu amigo por dinheiro? — Ela hesita. — Ou deixar Marin tão infeliz?

Meermans pisa em uma poça.

— Johannes Brandt não é meu amigo, madame. E Agnes é uma testemunha diante de Deus. Sinto muito por madame Marin, mas o que seu marido fez com aquele rapaz não pode ficar impune.

— A questão não é o que Johannes fez com Jack, é? — sussurra Nella. — Mas sim o que aconteceu doze anos atrás. Você acha que meu marido arruinou sua vida. Mas não foi ele.

Meermans estufa o peito.

— Madame…

Ela está desesperada.

— Sei o que aconteceu, Seigneur. Você e Marin. Entendo o ciúme de Agnes, mas…

— Cale-se — sibila ele. — Guarde sua imaginação terrível para si mesma.

— Há doze anos Johannes tomou uma decisão por você — insiste ela. — Mas ele não…

— Não vou falar sobre isso, madame. — Meermans olha rapidamente para os dois lados da rua, estremecendo com a chuva que continua encharcando a aba de seu chapéu e a ponta quadrada de suas botas. — Agnes é minha esposa.

— Mas não acabou, Seigneur Meermans. E há mais uma coisa que precisa saber. — Nella tira os mil florins do bolso, a bonequinha de si mesma logo embaixo. — É uma parte do seu dinheiro — diz. — Johannes vendeu uma boa quantidade do açúcar, Seigneur. Para Arnoud Maakvrede.

— Mil florins. Ainda me fazendo de tolo? — O semblante de Meermans muda; ele se tensiona de medo. — E o que é *isto*?

Ele encara a boneca, horrorizado. Nella se lembra dele na Kalverstraat, marchando com a Milícia Cívica de São Jorge, observando a placa do sol.

— Onde conseguiu isso? — sussurra Frans.

— É… sou eu.

— Esconda isso. *Agora.*

Nella respira fundo. “Conte a ele sobre Marin”, pensa. “Pode ser o único modo de acabar com essa loucura.”

— Seigneur — começa ela —, Marin está…

— Nunca mostre isso a ninguém, está ouvindo? — Meermans espana a água da aba do chapéu, fazendo-a espirrar no vestido de Nella.

Ela enfia a boneca de volta em seu bolso.

— Por que não? — pergunta, mas ele não responde. — Seigneur, Agnes encomendou uma miniatura de sua casa?

— Uma bala de canhão causaria menos danos ao meu casamento do que essas miniaturas amaldiçoadas — dispara ele, pegando o dinheiro das mãos de Nella. — Vou contar esses florins e seguir meu rumo.

— Há mais por vir. E talvez então o senhor possa reconsiderar seu plano contra meu marido.

— Não tenho plano algum, madame. É a vontade de Deus.

— O que a pessoa que faz as miniaturas mandou para vocês?

Meermans mostra os florins respingados de chuva.

— A senhora não deveria estar mais preocupada em como vai conseguir mais destes aqui?

Os pingos de chuva começam a cair com mais firmeza. As pessoas passam por eles, apressadas, retornando para o abrigo da galeria. Nella segura o braço de Meermans para impedi-lo de ir embora.

— Receberam coisas que ainda vão acontecer, Seigneur? Ou coisas que já aconteceram?

— Insinuações malignas e uma zombaria vil… nenhum holandês deveria ter que lidar com isso. — Ele hesita, então a oportunidade de falar sobre aquilo o domina, o alívio de existir alguém que pode acreditar nele. — Eu escondi os pacotes e as mensagens, mas Agnes os encontrou mesmo assim, ou eles encontraram Agnes. Não foi o ciúme que a perturbou, madame. É a casa de bonecas. Se ela não tivesse descoberto sobre a sua, nada disso teria acontecido.

— O que houve? Agnes está bem?

— “É a verdade. Ele está me falando a verdade”, Agnes vive dizendo. Então fui à Kalverstraat prender esse miniaturista.

— Você…

— Sua casa de bonecas vai ficar inacabada, madame, assim como a de Agnes foi destruída. Os burgomestres ficaram muito interessados ao saber que havia alguém trabalhando na cidade sem a jurisdição de uma guilda. Miniaturista — zomba ele. — Nem mesmo é uma profissão.

O medo devasta Nella. Ela não sente o próprio corpo, tudo o que consegue ver é o enorme rosto de Meermans, os olhos de porco, a mandíbula larga.

— Seigneur, o que fez com o miniaturista?

— Ele já tinha fugido, o maldito espiãozinho. Mas dei um jeito de garantir que não volte. Marcus Smit recebeu uma multa pesada por permitir que alguém que não é de Amsterdã oferecesse seus serviços na Lista. E aquela casa na Kalverstraat acomodará alguém que de fato pertença a esta cidade. — Meermans segura os mil florins diante do rosto de Nella. — Você nem se dá conta do insulto que é isto aqui, madame, os milhares de florins que poderiam ter sido ganhos. Minha vida econômica está arruinada por causa da negligência de Brandt.

“Como ele é obcecado pelos florins, e pouco se importa com todo o resto.” O sangue de Nella ferve, fazendo-a perder o controle.

— Eu vi o açúcar de Agnes — diz. — A glória que o senhor pega emprestada. Os pães de açúcar não estão todos estragados… mas você, sim, e sua esposa também. Marin teve sorte quando decidiu rejeitá-lo.

Ao ouvir isso, ele cambaleia para trás.

— E acredito, Seigneur — continua Nella —, tenho *certeza* de que, mesmo que Johannes já tivesse vendido cada um

dos seus cones, o senhor ainda ficaria feliz em vê-lo ser afogado.

— Como se atreve? Você não passa de uma…

— Fique com esses florins — diz Nella, afastando-se. E então grita para os céus: — E que o miniaturista leve vocês dois para o Inferno.

Chegada

Nella sai da Stadhuis apressada em direção à Kalverstraat, mas os passos rápidos e um grito de Cornelia a detêm.

— Madame, madame!

— Cornelia? Encontrei Meermans...

— Você contou a ele sobre madame Marin? — Aflita, Cornelia olha os dois lados da rua. Ela aparenta um tom esverdeado sob a luz fraca do dia chuvoso, as mãos entrelaçadas como se segurasse um ramalhete de flores invisíveis.

— Não. — De repente Nella se sente exausta. — Fiz uma troca com ele. Florins por uma vida.

Cornelia fica perplexa.

— Mas você o convenceu a não depor?

— Eu dei a ele mil florins como início da venda de seus preciosos cristais de açúcar. Não posso prometer que isso vá mudar a situação, Cornelia. Mas eu tentei. Ele fez alguma coisa com a miniaturista, enviou os burgomestres até lá. Não sei se ela está...

— Você tem que ir para casa.

— Mas...

— *Agora*. Algo está acontecendo com o coração de madame Marin.

— Veja — diz Marin. Ela se arrasta para sair da escuridão assim que as duas mulheres chegam e fecham a porta

pesada. — Meu coração está batendo tão rápido.

Nella põe os dedos no pescoço da cunhada e sente a pulsação agitada. Marin ofega, estendendo a mão para ela.

— O que foi?

— A dor — diz com dificuldade. — Está me rasgando.

— *Dor*? — pergunta Cornelia, horrorizada. — Você disse que a dor ainda não havia começado.

Marin geme. A lã escura de sua saia está encharcada, um círculo se expandindo em direção à barra.

— Vamos lá para cima — diz Nella, tentando parecer calma. Seu coração, no entanto, também dispara. — Para o meu quarto. Fica mais perto da cozinha para buscar água.

— Está na hora? — pergunta Marin, a voz aguda de medo.

— Acho que sim. *Temos* que trazer uma parteira.

— *Não*.

— Podemos comprar o silêncio dela.

— Com o quê, Petronella? Você não é a única que está de olho no cofre de Johannes.

— *Por favor*, Marin. Temos o bastante para pagá-la! Fique calma.

— Não quero ninguém aqui além de você e Cornelia. — Marin aperta a mão de Nella, como se agarrar-se a ela fosse fazer tudo ficar bem. — As mulheres passam por isso o tempo todo, Petronella. Ninguém além de vocês pode ver.

— Vou buscar água quente — diz Cornelia, correndo para a cozinha.

Nella nota que o livro de Blankaart está aberto em uma cadeira.

— Você sabe o que fazer, Petronella?

— Vou tentar.

Nella tinha quatro anos quando Carel nasceu, nove quando Arabella foi puxada do ventre de sua mãe. Ela se lembra dos gritos, da respiração ofegante, dos gemidos que pareciam mugidos de vaca ecoando pela casa. Os lençóis

manchados de vermelho, amontoados depois no jardim, prontos para a fogueira. A luz fraca no rosto úmido da mãe, o olhar maravilhado do pai. Houve outros, claro, crianças que não sobreviveram. Nessa época, Nella já era mais velha. Fecha os olhos, tentando lembrar o que as parteiras faziam, tentando esquecer aqueles pequenos cadáveres.

— Que bom — diz Marin, mas parece pálida.

— Quando a dor era muito forte, minha mãe caminhava — fala Nella.

* * *

Por duas horas, Marin anda de um lado para outro no segundo piso, gemendo quando as contrações explodem em seu ventre. Nella vai até a janela, pensando em Johannes no seu catre de palha, em Jack encenando para ser lançado em uma caixa trancada, em Meermans com seu orgulho e seus florins respingados de chuva, em Agnes à espera de uma mensagem da Kalverstraat. Onde está a miniaturista? De canto de olho, Nella vê a casa de bonecas, viva por trás das cortinas amarelas, cheia de miniaturas paradas no tempo. *Sua casa de bonecas vai ficar inacabada, madame.*

Lá fora, a chuva se intensificou; chuva de janeiro, fria e implacável. Há uma briga de cães, o vulto de um gato castanho-amarelado. Um cheiro forte e ruim de repente toma o quarto; Nella se vira da janela e vê a expressão de puro horror no rosto de Marin, olhando a pilha de fezes quentes e ensanguentadas a seus pés.

— Ah, Deus — exclama Marin, cobrindo o rosto com as mãos.

Nella a leva de volta para a cama.

— Meu corpo não é mais meu. Estou…

— Não pense mais nisso. É um bom sinal.

— Mas o que está acontecendo? Estou me desintegrando. Não vai restar nada de mim depois que o bebê nascer.

Nella limpa a sujeira e põe a toalha manchada em um balde com tampa. Quando se vira, Marin está deitada de lado, em posição fetal.

— Não é como eu imaginei que seria — confessa ela, o rosto enterrado nos travesseiros.

— Não — diz Nella, entregando-lhe uma toalha limpa e úmida. — Nunca é.

Marin esmaga flores de lavanda com as mãos, inspirando seu aroma.

— Estou tão cansada — diz ela. — Estou exausta.

— Vai dar tudo certo — incentiva Nella, mas sabe que são apenas palavras.

Do lado de fora, no corredor, ela respira o ar frio, aliviada por ter escapado do clima pesado dentro do quarto, da lenta pulsação de medo. Cornelia sobe as escadas, pega a mão de Nella e dá um sorriso.

— É uma bênção, madame — fala. — É uma bênção você ter vindo para cá.

* * *

À medida que a noite chega e a chuva continua, as ondas de dor se tornam mais constantes. Marin parece se contorcer. A sensação, diz ela, é de uma agonia profunda e progressiva.

— Sou uma nuvem cheia de sangue — murmura. — Um hematoma gigante, minha pele sendo rasgada diversas vezes.

Para que ficasse mais confortável, as mulheres tiraram sua saia, e agora Marin não usa nada além de uma blusa de algodão e anáguas.

Marin é ao mesmo tempo um receptáculo da dor e a própria dor. Não é nada do que já foi. Enquanto Cornelia e Nella tocam de leve sua testa e esfregam óleos aromáticos em suas têmporas para acalmá-la, Nella pensa na cunhada como uma montanha, enorme e fixa, impossível de mover. A criança dentro dela é um peregrino descendo das alturas, movendo-se enquanto a própria Marin está paralisada. Cada passo que o bebê dá, cada vez que espeta seu cajado na mãe, cada chute dá a ele mais poder.

Marin grita. Com o cabelo grudado na testa, o rosto normalmente suave agora está corado e inchado. Inclinando-se para fora da cama pela lateral, ela vomita no tapete.

— Devíamos chamar ajuda — sussurra Nella. — Olhe para Marin. Ela não ia nem saber.

Cornelia morde o lábio, observando o rosto contraído e encharcado de suor de Marin.

— Ela saberia — murmura de volta, os olhos brilhando de medo. — Não podemos. Madame Marin não quer que mais ninguém saiba. — Ela joga uma toalha sobre o líquido ralo que Marin pôs para fora e o vê ser absorvido. — E, de todo modo, quem poderíamos trazer até aqui?

— Deve haver alguém na *Lista de Smit*. Não sabemos o que estamos fazendo — sibila Nella. — É normal vomitar assim?

— Onde ele está? — murmura Marin, limpando os resíduos da boca em um dos travesseiros.

Nella oferece a ponta de uma toalha umedecida para absorver o líquido.

— Temos que olhar debaixo da anágua — murmura, indo até Cornelia.

A criada empalidece.

— Ela arrancaria a minha cabeça se eu fizesse isso. Não me deixa olhar nem para suas costas nuas.

— Mas temos que olhar. Não sei se essa dor é normal.

— Vai ter que ser a senhora, madame — avisa Cornelia. — Eu não posso.

As pálpebras de Marin tremem e ela começa a emitir um som baixo, gutural. O som fica mais alto, saindo dela como um toque de corneta. Quando ela solta outra dessas expirações intensas, Nella não hesita e se ajoelha, levantando a barra da anágua de Marin. O ato de olhar entre as pernas da cunhada é quase impensável. Uma blasfêmia.

Nella enfia a cabeça no ar abafado sob a anágua e fica perplexa. É a coisa mais extraordinária que já viu. Difícil de descrever. Não é divino, nem humano. E, por mais estranho que pareça, ao mesmo tempo é tudo isso. Nesse momento, parece com algo vindo de outra terra. Uma pequena coisa ganhando dimensões de gigante, uma boca enorme bloqueada pela cabeça de um bebê.

Nella vê a pequena cabeça sendo expelida no calor dos lençóis. Ela tira o rosto de sob a anágua para tomar ar.

— Estou vendo — diz, eufórica.

— Está? — pergunta Marin, se sentindo fraca.

— Agora você tem que empurrar — orienta Nella. — Quando dá para ver o topo da cabeça do bebê, é preciso empurrar.

— Estou muito cansada. Ele vai ter que sair sozinho.

Nella espia sob a anágua outra vez e estende a mão para sentir o bebê.

— O nariz ainda não saiu, Marin. Ele não vai conseguir respirar.

— Empurre, madame, a senhora tem que empurrar — grita Cornelia.

Marin berra e Nella põe um graveto entre os dentes da cunhada.

— Agora empurre de novo!

Enterrando os molares na madeira, Marin começa a empurrar, gargarejando enquanto segura o graveto com a boca. E logo depois cospe.

— Ele está me rasgando — diz, arquejando. — Posso sentir.

Nella levanta a anágua e Cornelia cobre os olhos.

— Você não está sendo rasgada — responde, mas pode ver uma fissura vermelha em meio aos pelos escuros e mais sangue. Ela guarda essa visão para si mesma. — Ele está vindo — avisa. — Continue empurrando, Marin, continue empurrando.

Cornelia se posta junto da janela e dá início a uma longa e fervorosa oração. *Pai nosso que estais no*... Mas Marin começa a uivar, um gemido alto e interminável de dor, de epifania. É um som de arrancar a pele. Mas, sem aviso, a cabeça da criança sai por completo. Está voltada para baixo, o nariz virado para os lençóis, sua cabeça uma massa escura de cabelo molhado.

— A cabeça saiu! Empurre, Marin, empurre!

Marin grita, perfurando os ouvidos das mulheres. Sai muito mais sangue, escorrendo quente e úmido, ensopando a cama. Nella se sente enjoada, sem saber se deveria mesmo haver tanto sangue assim. Marin quase arranca a mão de Cornelia no esforço para expulsar a criança de seu ventre. Sua cabeça vira para o lado e Nella assiste, perplexa, enquanto aquela coisinha parece se contorcer para se libertar.

Um ombro emerge e Marin volta a berrar. O bebê gira a cabeça em direção à cama outra vez.

— Empurre, madame, empurre — incentiva Cornelia.

Marin faz mais força, entregando-se à agonia, incapaz de continuar resistindo a ela, aceitando-a como parte de seu próprio ser. Então ela para, exausta, sem conseguir se mexer na cama, e com falta de ar.

— Não consigo — sussurra. — Meu coração.

Hesitante, Cornelia leva a mão ao peito de Marin.

— Está saltando como um pássaro, madame — diz ela. — Está martelando.

O quarto fica em silêncio. Nella se encontra de joelhos, Cornelia junto ao travesseiro, Marin esticada como uma estrela, os joelhos dobrados para cima. As chamas da lareira estão fracas, as toras precisam ser reabastecidas. Lá fora, há apenas o barulho da chuva. Dhana arranha a porta, desesperada para entrar.

As mulheres esperam. O outro ombro, pequeno como o de uma boneca, aparece pelo pântano dilatado de Marin. Ela volta a empurrar e, quando Nella estende a mão até os ombros do bebê, a cabeça do tamanho de uma xícara de chá, o corpinho desliza para suas mãos surpresas junto a um último jorro de sangue. Com os dedos encharcados, Nella sente o peso da criança, de olhos fechados como um filósofo, os membros molhados e azulados, coberto de manchas brancas viscosas, encolhido nas palmas de suas mãos trêmulas. Ela verifica. O peregrino da dor de Marin é uma menina.

— Ah, Marin — diz ela, levantando a bebê. — Marin, olhe!

Cornelia chora de alegria.

— Uma menina! — exclama. — Uma menininha!

O longo cordão preso a ela, forte e cor de metal, serpenteia de volta para dentro de Marin.

— Traga uma faca, Cornelia — ordena Nella. — Precisamos cortar isso.

A criada sai correndo. Marin está com a respiração pesada, tentando se apoiar nos cotovelos para conseguir ver. Ela tomba para trás, mal conseguindo falar.

— Minha menina — diz, a voz soando insana e vazia. — Ela está viva?

Nella olha para a criança, que está coberta pela crosta do fluido secando e pelas digitais ensanguentadas da tia. O cabelo é escuro e desgrenhado, os olhos ainda estão fechados, como se aquele não fosse o momento de nascer.

— Ela não está fazendo barulho — preocupa-se Marin. — Por que ela não está fazendo nenhum barulho?

Nella pega um pano quente e úmido do balde de água e começa a esfregar os braços moles do bebê, as pernas e o peito.

— Você sabe o que está fazendo? — pergunta Marin.

— Sei — responde Nella, mas está mentindo. “Acorde, bebê”, pensa ela. “Acorde.”

Cornelia volta com uma faca de carne. A criança ainda continua quieta e o quarto também cai num silêncio mortal, as três esperando, rezando com toda fé por um pequeno sinal de vida.

Nella entrega o bebê para Cornelia e tenta cortar o cordão, mas, apesar da composição humana, ele parece mais forte que um carvalho. Ela tem que serrá-lo, e o sangue respinga nos lençóis e no chão. Dhana, que se esgueirou para dentro do quarto, pula, estudando a possibilidade de uma refeição.

Talvez tenha sido a chegada da cadela, ou a intervenção desajeitada no cordão, mas o fato é que o bebê começa a chorar.

— Obrigada, Senhor! — Cornelia explode em lágrimas.

Marin respira profundamente, cansada, e a inspiração acaba se transformando em choro.

Com a criança já aninhada nos braços de Nella, Cornelia amarra uma fita azul-escura no coto do cordão, que cai sobre a barriga do bebê. A menina finalmente venceu a batalha.

Com um pano molhado, Nella esfrega a recém-nascida com mais força, observando fascinada o sangue começar a

circular na renda de veias muito fundas. Cornelia, parada ali perto, se inclina e comenta num sussurro:

— Não está vendo?

— O quê? — pergunta Nella.

— Olhe — diz Cornelia, apontando o bebê. — *Olhe*.

— Thea — fala Marin, fazendo-as dar um salto. Sua voz está rouca e pesada. — O nome dela é Thea.

Ela se remexe na cama, inquieta. A extremidade do cordão ainda está presa dentro dela, jorrando sangue. Marin tenta erguer os braços, mas está exausta.

— Thea — repete Cornelia, olhando para a menina enquanto Nella a põe junto ao peito da cunhada.

A criança oscila no ritmo da respiração irregular da mãe. Os dedos de Marin tremem nas costas de Thea, sentindo as pequenas nádegas e a curva da coluna. Lágrimas enchem seus olhos e ela chora de novo, enquanto Cornelia a acalma, acariciando sua testa. Marin agarra a filha, que aninha a cabeça na curva do pescoço da mãe. A mulher exibe uma expressão atônita, uma mistura de triunfo e dor.

— Nella? — diz.

— Sim?

— Obrigada. Obrigada a vocês duas.

Elas se encaram enquanto Cornelia recolhe as roupas de cama ensanguentadas numa trouxa. A respiração de Marin vacila um pouco, um som de dar arrepios. Ela se vira para a janela e observa a escuridão que paira sobre o canal. A chuva finalmente parou. Acima dos telhados quase grudados, dos cata-ventos e empenas, a lua está alta no céu estrelado, uma metade não simétrica de luz brilhante.

Virando-se para as cortinas de veludo fechadas da casa de bonecas, Nella percebe que Johannes esqueceu um detalhe quando passou as medidas. Afinal, onde é o quarto de Marin? Onde está sua cela de sementes e mapas, suas conchas e espécimes? Há a copa e a cozinha, o escritório, o

salão, quartos e até o sótão. Talvez ele a estivesse protegendo, ou talvez nunca tenha pensado em mandar criá-lo. A miniaturista não mandou nenhum comentário sobre o pequeno espaço de Marin. Sua sala secreta tinha eludido qualquer tipo de definição.

O contador de histórias

Nella e Cornelia tentam dormir, sentadas em duas das cadeiras de pau-rosa trazidas do salão. Elas se remexem, desconfortáveis, enquanto Marin geme e suspira na cama.

Quando Nella acorda, os sinos anunciam as oito horas. Um cheiro perturbador ainda impregna o quarto; órgãos expostos, fezes, sangue e carne vulnerável. A lareira se apagou. Em volta dela, estão espalhadas as inúteis e frágeis flores de lavanda, o jarro de prata derrubado em meio à agonia de Marin. Ela percebe que está uma hora atrasada para ir ao encontro do marido.

Com pressa, Nella afasta as cortinas. Cornelia abre os olhos e pula na direção da cama.

— Tenho que ir ver Johannes. Agora.

— Você não pode me deixar aqui sozinha — implora Cornelia. — Não sei o que fazer.

O travesseiro de Marin está encharcado de suor, e Thea, enrolada em um cobertor, dorme junto ao peito da mãe. Ao som das vozes, Marin abre os olhos rapidamente. Sob o brilho salgado, a pele ainda recende a noz-moscada, e Nella inspira o aroma. Ela tem que ir à Stadhuis, mas se sente desconfortável por deixar Marin desse jeito.

— Nella, vá e me diga o que estão fazendo com ele — pede Marin com a voz ainda mais fraca do que na noite anterior. — *Vá*. Cornelia, fique comigo.

Cornelia pega a mão de Marin e a beija com o intenso afeto de uma criança.

— Claro, madame. É claro que fico.

Nella dá a volta até o pé da cama. O cordão umbilical ainda está dentro de Marin, a extremidade enrolada sobre o colchão. Ela tenta puxá-lo, como se isso fosse desobstruir alguma coisa, essa sensação de pânico. Mas ele está preso, e Marin geme de dor.

— Ela precisa dormir — diz Cornelia. — Devíamos deixá-la descansar.

— Sei que você quer chamar alguém, Nella — sussurra Marin. — Mas ninguém pode saber.

A barriga de Marin está um pouco murcha agora que Thea nasceu, mas ainda há uma massa lá dentro. Quando Nella pressiona, Marin se encolhe. “Isso não está certo”, pensa Nella. “Nada disso está certo.” O nódulo é duro, inflexível, e por um momento ela se pergunta se há mais uma criança, um gêmeo mais quieto, relutante em sair para o caos. Ela gostaria de saber mais, gostaria que sua mãe estivesse ali. Nunca se sentiu tão impotente.

A respiração fica presa na garganta de Marin. Cornelia pega Thea enquanto a mulher força seus pulmões.

— Madame? — diz Cornelia. Mas Marin faz um gesto no ar com a mão, um eco visual do irmão.

Thea, ao ouvir os barulhos extraordinários da mãe, começa a fazer mais barulho também. São de partir o coração, mas revigorantes; gritinhos curtos de uma voz nova em folha. Em meio ao som do choro, Nella faz um gesto para Cornelia ir até ela num canto.

— Veja, madame. *Veja* — sussurra a criada, lançando um olhar sofrido para Thea. — O que devemos fazer?

— Como assim?

— Não é possível. Não pode ser verdade!

— Pegue a *Lista de Smit* — sussurra Nella, ignorando-a. — E chame uma ama de leite, uma parteira, qualquer pessoa que consiga entender o que está acontecendo com ela.

Cornelia olha para o bebê, aterrorizada.

— Mas Marin vai me matar.

— Cornelia, faça o que estou dizendo. Johannes tem alguns florins no cofre do escritório. Dê à mulher o que for preciso para que fique em silêncio. E, se não for suficiente… venda a prataria.

— Mas, madame…

Nella sai do quarto depressa, o desespero a impedindo de parar.

Correndo para a Stadhuis, ofegante e com o rosto vermelho, Nella chega e encontra a galeria já cheia, a audiência em andamento, e tem que se sentar nos fundos. Exaurida e delirante, sua cabeça dói, os olhos estão muito secos e cansados, as unhas sujas com os resíduos do sangue de Marin. Ela quer gritar para Johannes o feito de Marin, contar sobre a magia que espera por ele em casa, mas sabe que não pode. “Em que tipo de mundo vivemos”, se pergunta Nella, “se posso prejudicar Thea apenas por anunciar sua existência?”

Ela olha para a câmera lá embaixo, por cima da cabeça dos espectadores da galeria de observação. Johannes mantém o corpo ferido imóvel na cadeira, a cabeça erguida. Slabbaert está diante de sua mesa, o *schepenbank* enfileirado a seu lado. Jack agora está entre os espectadores no andar de baixo, observando Frans Meermans empoleirado numa cadeira no centro das lajotas.

“Por que Agnes não está com ele? O que eu perdi?” Ela observa a parte de trás da cabeça do pastor Pellicorne, o corpo inclinado do homem, animado e cheio de expectativa.

— Agnes Meermans testemunhou? — pergunta ela à mulher ao seu lado.

— Às sete horas, madame. Estava tremendo. Achei que nunca fosse soltar a Bíblia.

A mulher balança a cabeça, e a voz de Slabbaert chega até Nella. O Schout já está a todo vapor.

— Sua esposa nos contou de modo claro o que viu naquela noite de 29 de dezembro, Seigneur Meermans — diz ele. — Eu jamais ofenderia os sentimentos de uma mulher, mas agora que é sua vez de falar, gostaria de me aprofundar mais. Diga-nos o que viu, Seigneur Meermans.

Frans, parecendo pálido e grande demais para sua cadeira, assente com um gesto de cabeça.

— Nós demos a volta do lado de fora do depósito e ouvimos vozes. O Seigneur Brandt tinha empurrado o jovem de encontro à parede lateral do lugar. O rosto do rapaz ficou pressionado contra a alvenaria. Os dois estavam com a calça arriada, na altura do tornozelo, os chapéus caídos no chão.

Várias inspirações profundas se seguem ao relato; uma imagem ao mesmo tempo de indignidade e de forte desejo.

— Jack Philips... bem, agora sei o nome dele. Ele implorava para ser libertado. O jovem nos viu e pediu ajuda. Minha esposa, com certeza o senhor entende, estava bastante nervosa. Ela havia recebido esse comerciante à sua mesa.

A voz trêmula de Meermans toma conta da sala, e Nella sente como se as paredes da Stadhuis estivessem se cerrando à sua volta.

— Prossiga — instrui Slabbaert.

— Ouvimos o grito nojento de alívio de Brandt — continua Meermans. — Deixei Agnes e, ao me aproximar, pude ver a luxúria nos olhos de Brandt. Ele ajeitou as calças quando cheguei mais perto e começou a bater no Sr. Philips de modo rápido e feroz. Tinha uma adaga. Eu o vi esfaquear o ombro de Jack. Quase atingiu o coração... ele não está

mentindo. Nenhuma mulher deveria testemunhar isso. Nem um homem.

A câmara está fascinada pelo depoimento de Meermans. Johannes baixou a cabeça, curvando o corpo ferido numa posição de resistência.

— Frans Meermans — diz Slabbaert —, o senhor conhece Johannes Brandt há muitos anos. Apesar do momento que testemunhou, apesar de sua esposa ter jurado sobre a Bíblia, esta é sua chance de confirmar que o bem habita este homem.

— Compreendo.

— Brandt disse que os senhores se conheciam bem.

— Trabalhamos juntos quando éramos jovens.

— E que tipo de homem ele era?

Meermans parece enfrentar uma luta contra si mesmo. Ele não consegue nem olhar para as costas curvadas de Johannes. Em vez disso, prefere encarar o próprio chapéu preto e cônico.

— Esperto — responde. — Inclinado às suas próprias filosofias.

— Johannes Brandt estava vendendo sua produção, certo?

Nella sente uma estranha desaceleração, como se o coração começasse a gastar suas últimas forças. Mais uma acusação seria jogada sobre Johannes, a de ser um negociante preguiçoso, e isso não era considerado um crime irrelevante em Amsterdã.

— Sim — confirma Meermans.

— E com relação a isso, o açúcar foi bem-conservado? Brandt estava fazendo seu trabalho?

Meermans hesita.

— Sim — responde. — Estava.

Nella se empertiga em seu assento. Por que Meermans disse isso? De acordo com essa declaração, todo o açúcar está em perfeito estado. Quando dois homens do

schepenbank fazem uma anotação, ela percebe que Meermans não tem a intenção de revelar a raiva que sente de Johannes. Ao esconder a questão do açúcar que não foi vendido, Meermans nega a ele a oportunidade de expor isso como motivo para sua vingança. Ele está reduzindo as chances de Johannes se defender. Quer que o caso pareça pura e simplesmente um comportamento pecaminoso contra Deus e a república, nada além disso. “E é improvável”, supõe Nella, “que Johannes admita negligência nos negócios. Isso o tornaria responsável por destruir a própria reputação”.

Ela não imaginou que Meermans seria tão calculista. “Ainda assim”, pensa, olhando para Arnoud Maakvrede, “ao afirmar publicamente que todo o estoque está bom, Meermans pode ter dado aos Brandt o deleite de vender todo o açúcar no futuro”. Sentindo-se culpada por essa mínima pontada de prazer, Nella tenta se concentrar.

— Então o senhor diria que ele era um bom comerciante? — pergunta Slabbaert. Meermans respira fundo. — O senhor jurou dizer a verdade — pressiona o Schout. — E então?

— Sob juramento, eu… questionaria essa afirmação.

— O senhor acha que ele é um comerciante *ruim*?

— Tendo em vista seu histórico, acho que a reputação mascarou um autocentrismo. Seus sucessos não são todos merecidos.

— E ainda assim o contratou para vender sua produção?

— Minha esposa… — Meermans não termina a frase.

— O que sua esposa tem a ver com isso?

O homem deixa o chapéu cair no chão e o pega de volta. Johannes ergue a cabeça, sem tirar os olhos de seu velho amigo.

— Brandt sempre seguiu sua vontade com uma insistência desafiadora — diz Meermans, virando-se para Johannes. — Mas não percebi quão desafiador você era de fato. Os

subornos que pagou, as dívidas que acumulou… Não apenas comigo, mas com as guildas, os clérigos e amigos…

— Quem são essas pessoas? — questiona Johannes. — Essa é uma acusação formal? Me diga quem são. Mostre os registros delas.

— É pela sua alma que estou aqui hoje…

— Não tenho dívidas com você, Frans. Nem com homem algum…

— Mas Deus falou comigo, Johannes.

— *Deus*?

— Ele me disse que meu silêncio já não basta.

Mesmo enquanto fala Meermans soa surpreso, como se tivesse flagrado a si mesmo, oprimido por sua própria compulsão, pelo prazer amargo que todos podem sentir com seu discurso.

— Frans, você nunca foi discreto quando se trata de me denegrir.

— Meu velho amigo precisa de salvação, Schout Slabbaert. Ele está destruído, vivendo na sombra do demônio. Eu não poderia ficar em silêncio depois de ter visto o que vi naquela noite. Nenhum cidadão de Amsterdã poderia.

Ao terminar o discurso, Meermans levanta a cabeça como se esperasse alívio, mas não é o que acontece. Há apenas Johannes diante dele — o rosto, a imagem do desgosto. Lentamente, Johannes endireita as costas em agonia. Mesmo lá de cima, Nella consegue ouvir seus ossos estalando.

— Somos todos fracos, Frans — diz Johannes. — Mas alguns são mais fracos que outros.

Meermans baixa a cabeça; o chapéu escorrega de suas mãos e dessa vez ele o deixa no chão. O movimento de seus ombros mantém o público em um suspense mudo. Johannes é um espelho para Meermans enxergar a si

mesmo e, em vez de um reflexo, o que vê é um buraco negro. Ninguém toca em Meermans, ninguém se aproxima para consolá-lo ou parabenizá-lo pelo que fez.

— Frans — diz Johannes. — Você não prendeu um sodomita, um homem ambicioso que toma para si tudo que deseja? Não ajudou a purificar os canais e as ruas da cidade? Então por que tudo o que consegue fazer agora é chorar?

A câmara irrompe em gritos e assobios. Slabbaert pede silêncio para que ele e o *schepenbank* cheguem ao veredicto.

— Não! — diz Johannes em voz alta, o olhar se desprendendo de Meermans e voltando-se para o Schout. — Isso não está certo.

O tribunal fica em silêncio, as pessoas na galeria se esticam para ver esse homem com seu glamour e sua natureza perigosa, que arrasou a comunidade perfeitamente ordenada. Johannes se levanta com muita dificuldade, apoiando-se na cadeira.

— É de praxe que o acusado possa falar.

Slabbaert pigarreia, olhando para ele com uma repugnância não disfarçada.

— Você gostaria de falar?

Como um pássaro de asas quebradas, Johannes abre os braços o máximo que pode. Jack grita quando a capa escura e drapejada de Johannes cai no chão.

— Você coloca essa fantasia de manhã, Pieter Slabbaert — diz Johannes. — E você também, Frans Meermans. E ambos escondem seus pecados e suas fraquezas em uma caixa sob a cama, e esperam que, deslumbrados com suas vestes, nos esqueçamos deles.

— Fale por você, Johannes Brandt, não por mim — rebate Slabbaert.

Johannes o encara.

— Sou o único pecador neste recinto? — pergunta, virando-se e erguendo o olhar para as fileiras da galeria. — Sou?

Não há resposta. O silêncio caiu sobre a multidão.

— Trabalhei por esta cidade — continua Johannes — desde que tive idade para tal. Naveguei em direção a terras que não achava que existiam, nem mesmo nos meus sonhos. Vi homens lutarem, morrerem e trabalharem por esta república, nas praias escaldantes e em alto mar, arriscando as vidas por uma glória maior do que a que receberam ao nascer. Esforçando-se, construindo, sem nunca serem complacentes. Schout Slabbaert critica meu criado africano, um homem de Daomé. Será que o Seigneur ao menos sabe onde fica Daomé, enquanto bebe seu chá açucarado e come seus pães doces? Frans Meermans critica minha liberdade, mas não sente culpa em desfrutar a sua. Peguem um mapa, Seigneurs, e aprendam.

“Acolhemos uma menina órfã. Apadrinhei aprendizes, trabalhei incansavelmente contra as ondas capazes de afundar tudo. E as ondas vão afogar todos nós, Seigneurs. Eu vi os livros contábeis, vi como a VOC está se desintegrando nas águas, mas nesse processo não explorei a necessidade de homem algum, nunca comprometi uma alma com subornos. Tentei fazer minha esposa feliz, como ela me fez no tempo que passamos juntos. Mas o problema, Seigneurs e Mesdames, é que aqueles sem horizontes querem destruir os nossos. Eles não têm nada, apenas tijolos e vigas, nem uma ínfima noção da grande alegria de Deus. — Ele olha para Jack. — Tenho pena deles, de verdade. Eles nunca vão manter a república na glória que eu testemunhei.”

Andando como um velho, Johannes se aproxima de Meermans. Levanta a mão e Meermans se encolhe,

esperando um golpe. Johannes toca o ombro trêmulo do homem.

— Frans — diz ele. — Meu perdão é todo seu. — Meermans parece ceder sob a força de seu toque. — E você, Jack Philips?

Jack ergue o olhar e encontra o de Johannes.

— Eu?

— Você é como uma pedra jogada em um lago. Mas as ondulações que gera jamais o deixarão tranquilo.

— Tirem-no daqui! — grita Slabbaert, apontando para Johannes.

Os homens do *schepenbank* olham confusos para o prisioneiro, como se, qual um gigante entre os homens, seu simples toque tivesse o poder de destruir. O tribunal se torna uma dissonância de murmúrios e desaprovação, e Pellicorne parece tomado de entusiasmo. A morte paira no ar, insinuando-se sobre todos, seu terror ou sua bênção. Eles não querem que Johannes vá, querem mantê-lo ali. Homens ricos já tentaram silenciá-los antes, mas nenhum deles jamais conseguira usar seu poder de forma tão leve, ou apontara os dentes falsos de um magistrado despertando risadas.

Mas Johannes é levado, e o *schepenbank* se reúne em volta de Slabbaert, em um semicírculo, enquanto Meermans cambaleia até uma cadeira afastada, branco e trêmulo. O poder do Estado está prestes a ser exercido e os corpos das pessoas estão tensos. Com Nella não é diferente. Ela sente uma pressão entre as pernas, como se pudesse molhar as próprias roupas de tanto medo.

Minutos se passam. Dez, depois vinte, trinta. É horrível observar esses homens decidirem o destino de Johannes. “Existe sempre a chance de perdão”, pensa Nella. Mas Slabbaert, um pouco abaixado no centro do semicírculo, continua murmurando algo no ouvido dos outros homens.

Por fim eles se separam, voltando para suas cadeiras. O Schout caminha com passos pesados até o meio da área de lajotas e pede que Johannes Brandt seja trazido de volta. Desacompanhado, o prisioneiro entra lentamente, arrastando os pés machucados. Johannes para em frente ao Schout e olha-o diretamente nos olhos. Nella se levanta nas sombras e ergue o braço. “Estou aqui”, sussurra, mas Johannes está focado no rosto de Slabbaert, e Nella não consegue elevar a voz para vencer seu terror.

— Você foi flagrado — acusa Slabbaert. — O crime de sodomia destrói a santidade e a integridade de nossa sociedade. Você estava tão inflamado com sua autoconfiança e sua riqueza que se esqueceu de Deus. Seu prazer foi ouvido e testemunhado, mas seu pecado também.

Slabbaert circula pelo centro do tribunal. Johannes entrelaça as próprias mãos atrás do corpo. Algo começa a crescer dentro de Nella; ela se engasga com o esforço de controlá-lo.

— A morte vem para todos nós — entoa Slabbaert. — É a única certeza desta vida.

“Não”, pensa Nella. “Não, não, não.”

— Pelo crime obsceno que cometeu, faça-se ouvir hoje, no nono dia de janeiro de 1687, que eu, Pieter Slabbaert, Schout de Amsterdã, e esses seis membros do *schepenbank* desta cidade, o consideramos, Johannes Matteus Brandt, culpado pelos crimes de ataque sodomita a Jack Philips, culpado pela agressão e suborno subsequentes. Portanto, declaro que, como justa punição, terá um peso amarrado ao pescoço e será afogado no mar, neste domingo ao pôr do sol. Que o novo batismo de Johannes Brandt sirva de aviso a todos vocês. E que Deus tenha piedade de sua alma pecadora.

* * *

Há um momento — uma fração de segundo — em que o tribunal fica fora do alcance de Nella. Livre de um corpo, de uma mente, ela luta contra o ar, tentando fazer seu mundo parar de desmoronar. Então, quando Johannes cai no chão, a dor que Nella tentava manter sob controle a inunda. A câmara é tomada por um barulho estridente, que a engolfa e afoga. Ela tenta resistir, abrindo caminho à força entre as pessoas no corredor, sabendo apenas que precisa sair do recinto antes que desmaie. Eles já puxam Johannes, arrastando-o para fora, erguendo seus pés do chão.

— Johannes — lamenta ela. — Eu vou atrás de você!

— *Não* — diz uma voz.

Nella tem certeza de que ouve uma voz de mulher, vinda do alto da escada da galeria. Ela se vira, buscando cegamente sua dona. Então vê: o movimento súbito, o inconfundível brilho e inclinação de uma cabeça loura.

Filhas

Seu sangue pulsa mais alto do que Nella acredita ser possível. Ela sai correndo da Stadhuis. Corre mais rápido do que jamais correra em toda a vida, mais rápido do que quando era criança e perseguia Carel ou Arabella pelos bosques e campos. As pessoas se viram para observá-la, essa jovem maluca com a boca escancarada, os olhos lacrimejantes — por causa do vento, supõem. “Onde ela está?”, pensa Nella. “Aonde foi? Os burgomestres ainda não a pegaram.” Não havia sinal da mulher quando Nella desceu as escadas da galeria cambaleando, então subiu correndo o Heiligeweg e até a Kalverstraat. Sempre ágil, Nella é impulsionada por uma força que lhe permite voar.

No entanto, quando chega à casa da miniaturista, fica paralisada.

A porta ainda está lá, mas a placa do sol se foi. Os raios do corpo celeste foram grosseiramente raspados da alvenaria, o provérbio está meio apagado e tudo o que resta é *Por Brinquedo*. Montes de pó de tijolo se acumulam no degrau e a porta foi deixada entreaberta.

Finalmente — hoje, de todos os dias — Nella pode entrar. Ela olha para os dois lados da rua. O vendedor de lã em frente não está à vista. “Que me levem para a Spinhuis por invasão”, pensa ela. “Que me afoguem também.”

Nella abre a porta e entra com cautela em uma pequena sala. Surpreendentemente, o lugar está sem mobília, as tábuas do piso riscadas e sujas, prateleiras vazias nas paredes. Cornelia adoraria atacar esse lugar com seu vinagre e cera de abelha. Parece que nunca foi habitado.

Há outro cômodo nos fundos, mas também parece sem vida. Nella sobe em silêncio uma escada de madeira, achando que suas costelas não conseguirão deter os pulmões arquejantes.

Quando chega ao topo, a respiração fica presa em sua garganta. Uma enorme bancada de trabalho foi construída ao longo das quatro paredes; outro cômodo quadrado, o assoalho empoeirado, as janelas manchadas pela chuva. Mas em cima da bancada, um mundo.



Minúsculas e inacabadas peças de mobiliário se encontram espalhadas em uma parte da bancada. Parcialmente serradas e abandonadas — carvalho, freixo, mogno, faia —, cadeiras e mesas, camas e berços, até um caixão, armários e molduras. Há peças suficientes para mobiliar dez, vinte casas de bonecas, suprimentos para uma vida inteira. Em um forno a lenha, pequenas panelas de cobre e pires de peltre imperfeitos estão caídos como moedas sem valor, e os braços de um minicastiçal se estendem como pequenos tentáculos.

E então os bonecos. Fileiras e mais fileiras de cidadãos em miniatura — velhos, moças, sacerdotes e milicianos, uma vendedora de peixe, um menino com uma atadura nos olhos — e esse é Arnoud Maakvrede, com seu avental e seu rosto redondo e vermelho? Alguns sem cabeça, outros sem pernas, alguns com rostos inexpressivos, outros com o cabelo cuidadosamente enrolado, pequenos chapéus do tamanho da cabeça de uma mariposa.

Com os dedos trêmulos, Nella procura em toda Amsterdã um novo Johannes, uma última e aflita esperança de que ele vai sobreviver. *Domingo ao pôr do sol* — as palavras

dançam em sua mente como uma maldição sem fim. Ela vê um bebê, menor do que a unha de seu polegar, encolhido, os olhos fechados e com um sorrisinho.

Então, Nella grita. À sua frente está uma casa em miniatura, pequena o bastante para caber na palma da mão. É a sua casa: nove cômodos e cinco figuras humanas esculpidas no interior, a carpintaria intricada e bem-pensada. Cada quarto contém uma miniatura das miniaturas que ela recebeu, as cadeiras verdes, o alaúde, o berço. Atônita, ela encerra a própria vida em sua mão fechada.

Nella põe a casa no bolso do casaco junto com o bebê e, depois de hesitar um pouco, pega Arnoud também. É difícil se livrar do resquício da superstição de Cornelia sobre os bonecos, mas Nella os aperta com força, desesperada por conforto na ausência de uma miniatura de Johannes.

À esquerda de Nella há uma pilha de cartas ordenadamente empilhadas e presas com um prendedor de madeira. Com as mãos ainda trêmulas, ela pega os papéis e começa a folheá-los. Um: *Por favor — vim vê-lo várias vezes, mas ainda assim você não responde.* Outra: *Recebi sua miniatura. Está dizendo que eu não deveria me casar com ele?* Outra: *Meu marido ameaça acabar com isso, mas então eu não suportaria viver.* Outra: *Você enviou um gato para minha filha de doze anos. Devo lhe pedir que pare.* Outra: *Obrigada. Ele morreu há dez anos e sinto sua falta todos os dias*. Outra: *Como você soube? Sinto uma loucura me invadindo.* Algumas são apenas listas: *Dois filhotes de cachorro, preto e branco, mas um tem que ser bem pequeninho. Um espelho, refletindo um lindo rosto.*

Nella procura sua carta, e ali está ela, a primeira, escrita em outubro do ano anterior, quando havia acabado de chegar, quando Marin agitara o lodo e Cornelia ainda não podia ser considerada sua amiga. *Imagino,* escrevera ela,

que o senhor tenha treinamento na arte das coisas pequenas. Isso parece ter acontecido anos atrás.

"Durante todo esse tempo", pensa ela, "tenho sido observada e protegida, ensinada e provocada". Mas Nella nunca se sentira tão vulnerável. Ali, escondida no meio de tantas mulheres de Amsterdã, com suas esperanças e seus medos secretos. Ela não é diferente. Ela é Agnes Meermans. É a menina de doze anos. É a mulher que vai sentir saudade do marido todos os dias. "Somos uma legião, nós, mulheres; escravas da miniaturista. Achei que ela estivesse roubando minha vida, mas na verdade ela abriu os compartimentos da vida e me deixou espiar lá dentro."

Enxugando os olhos, ela encontra todos os seus outros bilhetes — inclusive a longa carta que perdeu no dia em que Jack apareceu no saguão, na qual pedia um tabuleiro de *verkeerspel*. A promissória de quinhentos florins ainda se encontra presa a ela. *Espero que sirva para o óleo das dobradiças da sua porta*, escrevera, mas a miniaturista não a havia trocado. Ela não pegara o dinheiro.

"Ela devia estar me observando na Igreja Antiga aquele dia", pensa Nella, "quando Otto foi rezar e Agnes me puxou pela manga. O único modo de saber que eu queria um tabuleiro de *verkeerspel* era se aproximar e pegar o papel do meu bolso?" Dizem que, em Amsterdã, os observadores são sempre observados, mesmo aqueles que não podem ver.

No entanto, tudo isso se parece mais com a espionagem de Cornelia, e nem tanto com a profetisa de Nella. Ela cheira os papéis, como se para sentir o aroma da miniaturista — talvez de pinheiro norueguês, ou o perfume relaxante de hortelã da beira do lago. Mas é só papel seco, recendendo vagamente ao cheiro do quarto de Nella. Esta carta era destinada à miniaturista e de alguma forma a mulher a recebeu.

Há anotações nas laterais das cartas. *Periquito — verde. Marido — sim, Johannes Brandt. Ela luta para emergir. Muitas portas sem chave, e mais de um explorador. A cadela. A irmã, o criado. Mapas que não abrangem seu mundo. Uma pesquisadora constante, uma tulipa plantada no meu solo que não terá espaço para brotar. Não volte. Solidão. Fale com o rapaz inglês. Tente fazê-lo enxergar.*

— *Uma tulipa plantada no meu solo* — repete Nella.

Alguém está no andar de baixo, fechando a porta da frente, andando com dificuldade com botas pesadas. Nella procura desesperadamente um lugar para se esconder, e corre para o quarto nos fundos. A única coisa ali é uma cama estreita e desarrumada. Rastejando para baixo do estrado, Nella espera.

— Você está aí em cima? — chama uma voz.

É uma voz masculina, suave e um pouco ranzinza. Soa estranho aos ouvidos de Nella, o homem não é da cidade.

— Eu vim — diz ele. — Recebi cartas demais. Eu avisei tantas e tantas vezes para não fazer isso.

Ele espera, Nella espera. A poeira do chão adentra seu nariz e, antes que consiga evitar, ela espirra. O som das botas fica mais alto. O homem está subindo as escadas de madeira. Agora começa a remexer as coisas na oficina, soltando um som de reprovação conforme pega as peças e as coloca de volta no lugar, resmungando enquanto vasculha os trabalhos da miniaturista.

— Tanto talento. — Nella o ouve dizer. — Um desperdício.

Ele para. Nella congela, mal conseguindo respirar.

— Petronella, por que está se escondendo debaixo da cama? — chama ele do outro cômodo.

Ela não se move, um calafrio percorre seu corpo, o sangue latejando em sua cabeça. Sua garganta se contrai, os olhos ardem. Como ele sabe meu nome?

— Posso ver seus pés — continua ele. — Vamos, menina. Não temos tempo para isso. — Este último comentário o faz rir. Nella acha que vai vomitar de pavor.

— Venha, Petronella. Vamos conversar logo sobre esses acontecimentos estranhos.

A voz dele não é cruel. Embora Nella prefira passar o restante desse dia horrível escondida sob a cama desarrumada da miniaturista a enfrentar o mundo, o convite dele, feito de forma tão gentil, tão tentadora, a faz rastejar para fora de seu esconderijo.

Ao ver um idoso à sua frente, Nella grita de surpresa. Ele é tão pequeno, ela acredita ter o dobro da altura dele.

— Quem é você? — pergunta.

Os olhos cheios de remela se arregalam e ele se afasta. Um tufo solitário de cabelo branco repousa no alto de sua cabeça como um pensamento tardio.

— Mas você não é Petronella — diz ele, perplexo.

— Sou, sim — responde Nella, o pânico começando a aumentar. “Você é Petronella”, diz a si mesma. “É claro que é.” — Quem é você? — repete ela, tentando fazer a voz soar em tom de desafio.

O velho olha para ela com desconfiança.

— Eu sou Lucas Windelbreke. — Nella afunda na cama. — Ela se foi — diz ele, triste, olhando para os cantos do quarto. — Tenho certeza.

— A miniaturista?

— Petronella.

Nella balança a cabeça, como se para tirar o próprio nome de seus ouvidos.

— Petronella? Seigneur… a mulher que morava aqui se chamava Petronella?

— Sim, madame. Acha mesmo um nome tão incomum em nossa língua?

Nella imagina que não. A própria mãe tinha o mesmo nome, e Agnes fez uma observação semelhante no banquete dos prateiros.

— Mas ela é da Noruega — insiste Nella, tentando amenizar sua confusão. — Ela é de Bergen.

O rosto de Lucas Windelbreke fica sombrio por um instante.

— A mãe dela era de Bergen. Petronella cresceu comigo em Bruges.

— Mas por quê?

— Por quê? — repete Windelbreke, fitando o quarto com um olhar triste. — Porque Petronella é minha filha.

Nella ouve a última palavra que o homem diz, mas não faz sentido. Parece impossível chamar a miniaturista de *filha*. Isso evoca Assendelft, uma mãe, uma estranha segurança, o conforto de uma falha humana.

— Não acredito em você — diz Nella. — Ela é a miniaturista, ela não…

— Todos temos que vir de algum lugar, madame — rebate Windelbreke. — Você acha que ela nasceu de um ovo?

A pergunta ressoa na mente de Nella. Ela tem certeza de que já ouviu isso antes.

— A família da mãe não queria a menina — continua ele.

— Por que não?

Windelbreke não diz nada, desviando o olhar.

— Escrevi para o senhor — fala Nella. Ela se sente tonta e volta a se sentar na cama.

— Se escreveu, sua carta foi uma de muitas.

Os olhos de Nella oscilam para a pilha de cartas, visível na bancada do outro quarto.

— Foi porque sua filha estava começando a me assustar — explica. — Mas ela nunca me respondeu, nem o senhor. Eu queria saber por que ela estava me enviando aquelas peças.

— Com toda sinceridade, madame, não a vejo há anos. — Ele pigarreia e mexe no tufo de cabelo, dando tapinhas na cabeça como se para manter lá dentro a dor que se agita em direção à superfície. — Todas aquelas cartas continuavam chegando e depois descobri que ela tinha colocado um anúncio na *Lista de Smit*. “Tudo, e ainda assim nada.”

— Mas...

— Não consigo acreditar que Petronella estivesse tentando assustá-la.

Nella pensa em Agnes, suas unhas roídas, seu jeito estranho, distraído.

— Imagino que ela tenha assustado muitos de nós, Seigneur.

Ele franze a testa.

— Minha filha tem um grande dom para oferecer ao mundo, madame. Mas reconheço: muitas vezes ignora a forma como se apresenta para ela. Petronella sempre disse que havia algo além de seu alcance e chamava isso de “eternidade passageira”. — Ele se senta na beirada da cama, e seus pés não tocam o chão. — Se ao menos ela tivesse sido feliz com os relógios! — exclama ele. — Mas Petronella sempre desejou viver fora dos limites da contagem do tempo. Sempre rebelde, sempre curiosa. Ela zombava do modo como as pessoas se agarravam aos relógios, como tudo tinha que estar sempre em ordem. Meu trabalho era muito restritivo para ela, e as coisas que criou na minha oficina quase não vendiam. Admito que eram extraordinárias, mas eu relutava em pôr meu nome nelas e afirmar que eram minhas.

— Por quê?

Ele sorri.

— Porque elas não diziam as horas! Mediam outras coisas, coisas das quais as pessoas não querem ser lembradas.

Mortalidade, um coração partido. Ignorância e insensatez. Nos espaços em que deviam ficar os números, ela pintava os rostos dos clientes. Mandava para eles mensagens que saíam do relógio quando o ponteiro chegava ao doze. Tive que implorar que parasse. Ela disse que fazia isso porque conseguia enxergar suas almas, seu tempo interior, um lugar que não precisava de horas e minutos. Era como tentar domesticar um gato.

— Você acreditava que ela conseguia enxergar a alma das pessoas? — pergunta Nella. — Ela parecia saber muito do que ia acontecer comigo.

Windelbreke passa a mão no queixo.

— Verdade? — Ele olha para a oficina da filha. — Você parece ter tanta certeza quanto as outras mulheres que escreveram para mim. Totalmente disposta a abrir mão do controle da própria vida.

— Não! Na realidade, Seigneur, ela me ajudou a recuperá-lo.

Nella é silenciada pela verdade do que acabou de dizer, por seu protesto. Windelbreke ergue as mãos.

— Ela lhe deu de volta o que já era seu. — Ele sorri, parecendo timidamente satisfeito. — Tudo o que posso lhe dizer é isso, madame. Minha filha acreditava piamente que o que fazia tinha um propósito. Mas tentei ensinar a ela que seu poder de observação só poderia ir até determinado ponto. Outras pessoas também teriam que escolher ver o que ela via, ou ela estaria se doando para nada. Se ela não lhe respondeu, talvez tenha sentido que a senhora entendeu. Viu o que ela estava tentando mostrar.

Nella sente as lágrimas a caminho.

— Mas eu não entendo — diz ela.

— Eu me pergunto se não entende mesmo.

Nella observa as linhas nas palmas das mãos, começando em sua pele e a guiando para lugares que não pode ver. Ela

fecha as mãos, enrolando esses mapas de si mesma.

— Talvez eu entenda — confirma.

Windelbreke a intimida com seu tom inquisitivo. Ela quer correr para casa, para o Herengracht, ficar com Marin, Cornelia e Thea, sentar-se com Dhana e fazer carinho em suas orelhas. Mas elas vão perguntar sobre Johannes e Nella terá que contar. *Domingo ao pôr do sol*. Ela não sabe se tem força para isso.

— Não sei o que ela vem fazendo todos esses anos, que habilidades estranhas desenvolveu ou quem lhe faz companhia — diz Lucas Windelbreke. — Ela é a pessoa mais inteligente que já conheci. Mas, se vir minha filha, madame, por favor diga a ela para voltar para casa.

Nella deixa Windelbreke, o homem com uma filha desaparecida, enquanto ele embala sem pressa a bela obra da miniaturista em um conjunto de caixas.

“Isso não pode ficar aqui”, dissera ele. “Mas não vou jogar fora. Talvez ela vá a Bruges buscar.” Ele não parecera convencido.

Nella pensa nas mulheres por toda Amsterdã à espera do próximo pacote. Algumas com medo, muitas com esperança, outras com os olhos vidrados de quem não pode viver sem outra coisa para lhes dar apoio, sem a miniaturista e sua fugacidade. Elas vão esperar por felicidade. E quando ela não vier, quando as peças pararem de chegar, como pararam para Nella, o que vão fazer? Essas mulheres lhe deram suas cartas, e a miniaturista as transformou em moedas de si mesmas. Elas são suas próprias donas, e podem se trocar, poupar ou gastar.

Nella desce a Kalverstraat, alheia às chamadas dos lojistas. *Domingo ao pôr do sol.* “Como vou contar a elas?”, pergunta-se. “Como vou dizer que Johannes vai ser jogado ao mar com uma pedra amarrada ao pescoço?”

Entorpecida, ela continua andando pelas ruas, pela Gouden Bocht. Cornelia está de pé junto à porta, esperando, e, assim que a vê, a notícia sobre Johannes e o segredo de Lucas Windelbreke e da miniaturista morrem na garganta de Nella. A jovem está pálida e sombria. Parece muito mais velha do que é.

— Fizemos algo errado. — É tudo que Cornelia consegue dizer. — Fizemos errado.

Uma porta fechada

O tempo, em casos assim, não é fácil de medir. Nella revira suas memórias mais recentes: deixou Marin acordada, correu para a Stadhuis e depois para a Kalverstraat, em busca de uma salvação que jamais chegaria. Tudo isso no mesmo dia, mas a sentença de Slabbaert e os segredos de Windelbreke parecem ter acontecido no ano anterior. Marin foi consumida pelo tempo e, no mapa de sua pele pálida, Nella não consegue encontrar a pista de quando ela imergiu e como desapareceu.

A esperteza de Marin resistiu até o fim, permitindo-lhe partir sem ser vista. O espírito da mulher lhes escapara por entre os dedos. Mesmo em seu último suspiro, ela foi evasiva, guardando para si o momento de sua morte.

— Não. — Nella engasga. — Não. Marin, você está me ouvindo?

Mas Nella sabe que ela já não está ali. De pé, com Cornelia ao lado da cama, elas tocam o rosto de Marin. Ela está coberta por um brilho úmido, como se tivesse se deitado sob a chuva.

Tremendo, Cornelia pega o legado solitário de Marin de seu peito inerte. Ela levanta Thea, a mão aninhando a minúscula cabeça do bebê. Cornelia a embrulhou em diversas faixas de algodão, apenas o rosto cor de noz à vista. Nella e Cornelia permanecem na cama, o choque mantendo-as obedientes a Marin.

— Não é possível — sussurra Nella.

— Eu não pude fazer nada — diz uma voz junto à porta aberta.

Nella dá um salto, virando-se horrorizada para uma mulher grande que caminha em sua direção, as mangas arregaçadas, lembrando uma vaqueira de Assendelft.

— Quem…

— Lysbeth Timmers — interrompe a mulher. — Sua criada encontrou meu nome na *Lista de Smit*. Você deve tirar a criança daqui imediatamente.

— Ela era a que se encontrava mais perto — murmura Cornelia para Nella, a voz rouca enquanto aperta Thea junto ao corpo. — Você *mandou*, madame.

Nella fita Lysbeth Timmers, protegendo o corpo de Marin da observação perspicaz da desconhecida. Nessa calma estranha e suspensa, ela se pergunta como pôde ter sido tão imprudente, mandando Cornelia abrir suas portas e expor seus segredos. Uma raposa no galinheiro, Lysbeth permanece de pé com as mãos nos quadris.

— Ela é ama de leite — sussurra Cornelia. — Mas não passou no exame de parteira.

— Já pari quatro filhos — diz Lysbeth, sem alterar a voz, ouvindo a conversa das duas. Caminha em direção a elas e arranca Thea dos braços de Cornelia.

— Não! — grita Cornelia quando Lysbeth leva a criança para o umbral e puxa uma cadeira.

A ama de leite examina o bebê de alto a baixo, como se Thea fosse um legume prestes a estragar no mercado. Depois de correr os dedos avermelhados pelo gorrinho apertado da criança, sem demora ela tira o corpete frouxo e a camisa. Leva Thea até seu mamilo rosado e deixa que a criança se alimente.

— Vocês não fizeram um bom trabalho — observa ela.

— O que você quer dizer? — pergunta Cornelia.

Nella ouve o inexplicável pânico em sua voz.

Lysbeth a encara.

— Enrolando-a assim.

Exausta, Nella se enfurece.

— Não estamos pagando para ouvir as suas críticas, Sra. Timmers.

— Olhe — diz Lysbeth, inabalável. — Nesta idade os membros são como cera. Se amarrá-los do modo errado, vai ter uma coluna torta e pernas retorcidas quando completar um ano.

Ela tira Thea de seu peito e começa a desembrulhá-la, como se fosse um pacote. Em um segundo, arranca o gorro da menina.

Cornelia dá um passo à frente, tensa e alerta.

— Qual é o problema? — pergunta Nella.

Com a corrida para a Stadhuis, ela mal olhou para a criança na manhã seguinte ao nascimento. Mas agora, enquanto se lembra da agitação de Cornelia, “Não é possível. Não pode ser verdade!”, vê com os próprios olhos o que a criada espantada tentara lhe dizer.

Com seus cabelos escuros, negros demais para um bebê holandês, a pele recém-lavada de Thea é da cor de uma noz caramelada. Os olhos da criança se abriram e as pupilas são pequenas poças de noite. Nella se aproxima; não consegue parar de olhar.

— Thea — sussurra Cornelia. — Ah, Toot.

Como se tivesse ouvido, a filha de Otto se vira para a criada. Lança-lhe um olhar de recém-nascido; um mundo inteiro guardado em si mesma.

* * *

Lysbeth olha para Nella, esperando que ela fale. Quando o silêncio no quarto se torna mais pesado, as palavras de Marin começam a girar na mente de Nella. Essa criança está longe de ser conveniente. *Se sobreviver, esta criança vai*

ficar manchada. Será que Lysbeth pode ouvir seu coração martelar? Ao seu lado, Cornelia está paralisada.

— Você será amplamente recompensada… por toda a sua ajuda. Um florim por dia. — É o máximo que Nella consegue dizer. Um tremor em sua voz mostrando o choque diante do que vê; um rosto em outro rosto, um segredo revelado. *De trás para a frente, eu te amo.*

Lysbeth bufa, pensando. A mão áspera acaricia delicadamente os cabelos negros de Thea. A ama de leite ilegal observa as pinturas, o relógio de pêndulo, o jarro de prata. Seus olhos focam a enorme cristaleira contendo vidas em miniatura, tão opulenta, tão excessiva, que Nella se sente envergonhada.

— Tenho certeza de que serei, madame — observa Lysbeth, por fim. — Aceito quatro florins por dia.

Nella ainda parece espantada demais para falar, mas está em Amsterdã há tempo suficiente para saber que seus cidadãos passam a barganhar no instante em que começam a respirar. No geral, sente-se aliviada por Lysbeth parecer mais interessada em seu dinheiro do que em seus segredos, mas talvez a mulher esteja gostando até demais de sua sorte repentina. “Não vou ficar em dívida com ninguém”, Nella diz a si mesma. Aparentemente a ama de leite sabe que o caos se esconde sob a superfície, mas infelizmente também tem ciência de seu preço.

Talvez Johannes estivesse certo. Mesmo coisas abstratas como o silêncio podem ser negociadas de forma semelhante a um pernil de cervo, um faisão, uma bela peça de queijo. Ela pensa no cofre de florins do marido se esvaziando. “Você tem que ir falar com Hanna”, lembra-se. “Todo aquele açúcar precisa ser vendido. Mas quando? As coisas já estão desmoronando, exatamente como Otto disse que aconteceria.”

— Dois florins por dia, madame.

Lysbeth Timmers franze o nariz.

— Dadas as circunstâncias inusitadas, tenho certeza de que você entende. Três.

“Eu quase disse a Frans Meermans que Marin teve um filho seu”, pensa Nella, estremecendo ao imaginar o que teria acontecido se o homem também tivesse descoberto esse segredo.

— Que seja, Sra. Timmers — diz ela. — Três florins por dia. Por *toda* a sua ajuda.

Lysbeth balança a cabeça, satisfeita.

— Pode confiar em mim. Não estou interessada nos burgomestres.

— Não sei o que você quer dizer, Sra. Timmers.

Lysbeth sorri.

— Então é assim, não é? Bem, no meu mundo, um pai é um pai. Sempre igual. E com certeza ela é bonita.

— Com certeza — repete Nella, tentando controlar seu torpor.

“Será que Otto sabe?”, Nella se pergunta. “Será que Marin contou para ele… e foi por isso que fugiu?” Cornelia parece prestes a desmaiar, e Nella pensa se a empregada alguma vez desconfiou dessa extraordinária verdade. Contava com tanta determinação a história de Marin e Frans Meermans, o modo como se gabava de ser a rainha dos buracos de fechadura! Otto era amigo de Cornelia, seu igual nesta casa. Ela perdeu sua coroa.

— Eles gostam disso, sabe? — diz Lysbeth.

— De que diabo está falando? — dispara Cornelia.

— Dos panos apertados em volta do corpo — observa Lysbeth, a voz seca, dispensando a provocação de Cornelia. — Faz com que se lembrem do ventre.

Dor e confusão tomam o rosto de Cornelia. Quando pensa em Johannes na Stadhuis e na sentença que recebeu, Nella

sabe que será quase impossível dizer outra verdade a Cornelia.

* * *

No quarto de Marin, em meio às sementes e penas, Lysbeth mostra o jeito correto de embalar o bebê. O corpo de Thea é mole e o bebê está semiadormecido. Em seguida, a ama a amamenta outra vez e a criança desperta, agarrando-se à vida com uma determinação que faz Nella se lembrar de Marin, quando se debruçava sobre o livro contábil ou olhava um dos mapas de Johannes. Ela fica observando aquele maravilhoso mistério, o tom caramelo que brilha na pele de Thea. O bebê choraminga e enrosca os dedos, cerrando o punho. Nos traços de seu rosto recém-nascido, é possível ver que ela claramente puxou ao pai, mas é cedo para dizer em definitivo.

Cornelia, movendo-se como se estivesse em um sonho, começa a acender os queimadores de óleo pela casa, mantendo afastado o cheiro da morte. Ela vira todos os espelhos para a parede, garantindo que o espírito da patroa encontre o caminho para o céu. Elas não querem Marin presa nas chaminés; desejam que sua alma voe pelas nuvens acima dos telhados de Amsterdã.

Lysbeth avisa que logo será necessário remover o corpo de Marin. O mau cheiro não fará bem a Thea.

— Ponha um lençol simples sobre ela, madame.

— Um lençol simples? — diz Nella. — Acho que não. Marin merece o melhor tecido adamascado.

— Ela provavelmente preferiria o simples — fala Cornelia em voz baixa.

Depois que a criança dorme, Lysbeth recebe seus três florins, enfiando-os no bolso do avental.

— Chamem quando ela acordar. Não moro longe.

Saindo pela porta da cozinha por insistência de Nella — nada de porta da frente para Lysbeth Timmers, por mais que esteja sendo paga —, a mulher para mais uma vez e se vira para a nova patroa.

— O que é aquela coisa que você tem lá em cima? — pergunta. — A cristaleira grande no canto. Nunca vi nada igual.

— Não é nada — responde Nella. — Um brinquedo.

— Um brinquedo e tanto.

— Sra. Timmers…

— Você deve batizar a criança. Seja rápida, madame. Esses primeiros dias são perigosos.

Os olhos de Nella se enchem de lágrimas. Ela pensa nas últimas palavras de Slabbaert. *Que o novo batismo de Johannes Brandt sirva de aviso a todos vocês.*

Lysbeth olha para ela com um misto de piedade e impaciência.

— Basta mantê-la com o gorro, madame — sussurra. — Ouso dizer que é um lindo cabelo, mas essa pobre criança terá que viver nas ruas.

Quando ouve isso, Nella se pergunta como isso poderia ser possível. Cornelia jamais deixará a criança ir embora.

* * *

A criada está aconchegada junto ao berço. Seu rosto se mostra inexpressivo, pálido como cera. Ela parece murcha, e Nella se lembra do primeiro encontro no corredor, de sua arrogância, o modo confiante como olhava a recém-chegada. Não parece possível que seja a mesma pessoa.

— Eu tentei, madame.

— Você fez tudo que podia.

Nella faz uma pausa, ouvindo os sons da casa. No jardim, uma trouxa de lençóis duros e amarronzados queimam em

chamas fracas, as fibras de algodão carbonizadas flutuando no céu. Entre as chamas, Nella vê a costura de um travesseiro, um ninho de pássaro colorido no meio da folhagem. *Cornelia exagerou nos bordados*. A cada momento, a voz de Marin.

— Vamos ficar com Thea, não vamos, madame? — sussurra Cornelia. — Ela ficará mais segura aqui.

— Já estamos subornando novas pessoas para manter outro segredo. Quando isso vai acabar? — pergunta Nella.

"Vai acabar quando o dinheiro terminar", responde a voz em sua cabeça.

— Prefiro morrer antes de deixar que algo aconteça a essa criança. — Os olhos de Cornelia estão ferozes.

— Cornelia, mesmo que isso signifique levá-la daqui para Assendelft, eu prometo a você que não abriremos mão dela.

Agora é Assendelft que parece tão distante quanto a Batávia, não Amsterdã, como Agnes disse uma vez. Nella ouve Marin novamente, sua voz clara como um sino, os olhos cinzentos se iluminando de desprezo. *Não há nada para fazer no interior.*

Cornelia assente.

— Thea pode usar uma touca nos cabelos quando sair e deixá-los soltos quando estiver em casa.

— Cornelia…

— E teremos que contar ao pastor Pellicorne sobre madame Marin. Não podemos simplesmente enterrá-la em qualquer lugar. Não quero colocá-la no St. Anthonis. É longe demais. Eu a quero aqui, dentro dos muros da cidade…

— Vou fazer algo para você comer — diz Nella, percebendo a crescente histeria da criada. — Um pouco de queijo e pão?

— Não estou com fome — responde Cornelia, pondo-se de pé com um salto. — Mas temos que preparar alguma coisa e levar para o Seigneur.

Nella se senta, esgotada diante da agitação de Cornelia, incapaz de encontrar as palavras para explicar o que aconteceu naquele mesmo dia na Stadhuis. Ela anseia por ver Johannes, mas terão que fazer algo a respeito de Marin — essa será a primeira tarefa pela manhã, depois de dormirem um pouco. É quinta-feira. No domingo, ao pôr do sol, ela, Cornelia e Thea se verão saltando em queda livre, Lysbeth Timmers pendurada nas barras de suas saias. Matar alguém nessa cidade parece tão fácil quanto remover uma peça do tabuleiro de *verkeerspel*.

Nunca deve ter havido um bebê como esse em toda Amsterdã. Há os judeus sefarditas, é claro, os meninos e meninas negros de Lisboa, e os mulatos trazidos pelos comerciantes portugueses, que esperam do lado de fora da sinagoga, no Houtgracht, guardando lugares para suas patroas. Há os armênios fugindo dos turcos otomanos — e quem sabe o que acontece nas Índias —, mas em Amsterdã as pessoas se atêm aos seus iguais, não se misturam. É por isso que sempre olhavam para Otto. No entanto, aqui está uma combinação pura dos opostos da república, nascida não a milhares de quilômetros de distância, mas nas curvas secretas da pátria, na parte mais rica da Gouden Bocht. Para essas pedras e esses canais, Thea é ainda mais escandalosamente única do que seu pai.

De trás para a frente, eu te amo. Otto e Toot, o círculo completo, os bilhetes e a criança que ele deixou para trás como um reflexo de si mesmo. Nella se lembra dos sussurros à noite, as portas se fechando, o rosto surpreso de Cornelia quando, pela manhã, Nella perguntava se ela ficara acordada até tarde. Marin, em lágrimas na Igreja Antiga. Otto, aterrorizado, semanas depois, no mesmo banco. Então Marin havia contado a ele?

Talvez a única coisa que Nella possa entender sobre Otto e Marin é Thea, que, por sua vez, será um segredo para si

mesma; a mãe morta e o pai desaparecido. Nella pensa em outra mãe, em Bergen, e outra criança frustrada, crescendo em Bruges com um pai idoso. Por que a miniaturista foi levada embora? “Estou enlouquecendo pela falta de sono”, diz Nella a si mesma, tentando olhar para trás, para os sinais que pode ter perdido a respeito de Otto e Marin, ou sobre a outra Petronella. Ela não tem certeza se um novo dia trará qualquer esclarecimento sobre essas questões.

Cornelia avalia o rosto de Thea.

— Eu queria que fosse o Seigneur Meermans — diz em voz baixa. — Eu queria que fosse ele.

— Por quê?

Mas Cornelia não responde. Esse é o limite de sua confissão. Ela estava tão determinada em relação à identidade do amor secreto de Marin, o leitão dado de presente e o ciúme de Agnes. *Eu devia ter dado mais tarefas para Cornelia*, dissera Marin, resmungando sobre sua propensão para inventar histórias. O olhar de Meermans se demorava em Marin, era verdade, mas a própria Marin nunca deu nenhuma prova. E o que disse quando questionada sobre seus afetos? *Você está gerando o filho de Meermans*, dissera Nella. *Tirei de Johannes coisas que não me pertenciam*, foi a sua resposta. Marin, sempre evasiva, vivendo nas sombras entre verdades e mentiras.

— Quero que as coisas voltem a ser como antes — diz Cornelia.

— Cornelia — começa Nella, pegando a mão da criada. — Tenho que contar uma notícia sobre Johannes. — Ela sente a dor crescer, uma pesada rosa soltando suas pétalas rápido demais. Com os olhos claros, silenciosa, a criada se senta na cama.

— Então me conte — fala Cornelia, sem soltar sua mão.

* * *

Nella acha que as paredes vão ceder com a força das lágrimas de Cornelia. Thea acorda, claro, e Nella ergue a recém-nascida chorosa de sua nuvem de algodão. A criança é fascinante, um pacotinho de estranheza envolto em branco, seus pulmões um pequeno par de gritos no quarto.

— Por que Deus nos puniu, madame? Será que Ele sempre planejou isso?

— Não sei. Ele pode ter lançado a pergunta, mas nós somos a resposta, Cornelia. Temos que perseverar. Pelo bem de Thea, temos que emergir disso.

— Mas como? Como vamos viver? — pergunta a criada, enterrando o rosto nas mãos.

— Chame Lysbeth — diz Nella. — Thea precisa se alimentar.

Apaziguada pela necessidade de ficar calma, Cornelia sossega diante do barulho do bebê. Com o rosto manchado e dormente, a criada deixa Nella na cama, Thea berrando em seus braços. Deitada de costas com a criança, algo espeta a parte superior da coluna de Nella, e, quando ela tateia sob o travesseiro, seus dedos encontram um objeto pequeno, duro.

— *Otto* — sussurra ela.

Olha a miniatura do homem, a filha dele, real, pesando no outro braço. Nella não tinha notado que ele fora tirado da casa de bonecas. Será que Marin dormia aqui, noite após noite, com ele escondido sob ela, um conforto que falhou ao tentar trazê-lo de volta para casa?

— Onde você está? — pergunta Nella, como se as palavras fossem fazê-lo voltar depois de o boneco ter miseravelmente falhado.

Thea chora querendo leite, o querubim barulhento de um admirável mundo novo. Essa criança tem um começo, assim como Johannes e Marin receberam um fim.

Silenciosamente, em meio ao choro do bebê, Nella faz uma oração. Em Assendelft, desolado com a morte do pai, Carel tinha escrito um apelo a Deus. Era desafiador e infantil, no melhor sentido das palavras. Nella se lembra disso agora, as palavras gravadas em seu coração, e ela as murmura na pequena orelha de Thea. Um pedido de consolo, um desejo de ressurreição. Uma esperança que nunca morre.

Quartos vazios

Lysbeth Timmers dorme na cozinha. Na manhã seguinte, sexta-feira, seu rosto parece salpicado pelo ar úmido do cômodo.

— O corpo da senhora — diz ela. — Vocês vão precisar de ajuda.

Nella sente uma onda de gratidão. Escuta a voz de Johannes em sua mente, questionando a irmã. *Marin, acha que essa casa se sustenta com mágica?* "Não com mágica", pensa Nella, "mas com pessoas como Cornelia e Lysbeth Timmers".

Cornelia, cujos dedos mal se aproximavam de Marin quando viva, agora tem de manejar a patroa e a segura com força.

— Ela sempre detestou ser tocada — diz a criada.

Confrontada com a realidade de Thea, Nella se pergunta quão verdadeira é essa declaração.

— Esta aqui.

Cornelia segura uma longa saia preta. Está falante hoje, como se sua voz pudesse banir os demônios que chamam na Stadhuis, as palavras *domingo ao pôr do sol* agora também dançando em sua cabeça. O tecido do corpete que escolheram é coberto por pedaços de zibelina e pele de esquilo, e uma faixa de veludo corre pelas barbatanas.

— Vai ficar perfeita em madame Marin — diz a criada.

Nella se sente como se estivesse andando em areia movediça e pudesse afundar a qualquer momento. Suas axilas estão molhadas de suor, o intestino parece frouxo.

— Vai mesmo — responde ela com um débil sorriso.

Lysbeth franze a testa.

— As roupas estão realmente ótimas — concorda. — Mas antes temos que prepará-la.



Essa é a parte mais difícil.

Elas sentam Marin, e Lysbeth usa uma faca afiada para cortar a anágua e a blusa de algodão. Nella se empertiga quando as peças de tecido são cortadas em duas partes, tentando se concentrar apenas em sua tarefa. É quase doloroso demais olhar para a região vazia e flácida onde Thea viveu por quase nove meses. E é inevitável ver os seios arredondados e prontos de Marin. O cordão umbilical, que elas não conseguiram retirar, continua pendurado entre suas pernas.

Cornelia engasga ao buscar ar, se por tristeza ou por repulsa, Nella não sabe dizer. A entrada no mundo realizada por Thea parece selada, mas Nella não se atreve a se aproximar muito, temendo que a mulher possa perder mais sangue. Em vez disso, elas esfregam no corpo de Marin o que restou do óleo de lavanda, pouco a pouco suprimindo seu cheiro, que vai se tornando mais intenso, tão estranhamente doce.

Nella e Lysbeth cambaleiam quando levantam Marin; Cornelia veste delicadamente a saia, amarrando-a com os dedos trêmulos. Quando Nella a inclina para a frente, a cabeça de Marin bate em seu peito. Cornelia passa um dos braços pelo espartilho.

— Faz anos que não a visto — diz, com a voz leve e aguda. — Ela sempre fez isso sozinha.

Cornelia calça as meias de lã e um par de chinelos feitos com pele de coelho e bordados com as iniciais *M* e *B*. Nella

lava o rosto de Marin, depois o seca com veneração. Lysbeth solta os cabelos da mulher e volta a trançá-los, escondendo-os sob um gorro branco limpo.

— Espere — pede Nella.

Ela corre para o pequeno quarto de Marin, onde Thea dorme em seu berço de carvalho. Nella puxa o mapa da África, ainda com suas perguntas sem resposta: *Clima? Comida? Deus?*

— Podíamos pôr mais itens de suas coleções com ela — sugere Cornelia, ao ver o que Nella foi buscar. — As penas e especiarias… aqueles livros.

— Não — diz Nella. — Vamos ficar com eles.

— Por quê?

— Porque um dia serão de Thea.

Cornelia assente, parecendo dominada pela lógica e melancolia dessa ideia. Nella imagina Cornelia dali a quatro anos, mostrando à menina o mundo mais amplo que sua mãe reuniu com tanta persistência e, sem dúvida, com tanto amor. Os olhos azuis da criada se tornam distantes, e Nella se pergunta se Cornelia também está pensando no futuro. Thea balançando suas perninhas na cama, sendo apresentada a essa estranha herança pela criada que amava sua mãe. Nella quer que Cornelia se agarre a essa imagem, uma dádiva futura para arrancá-la do horror do dia de hoje.

— Ela parece em paz — observa Cornelia.

Mas Nella vê a familiar linha bem-marcada na testa da cunhada, como se estivesse calculando impostos ou pensando no irmão. Marin não parece em paz. Parece que não queria morrer. Ainda havia muito a fazer.

* * *

Enquanto Lysbeth e Cornelia vão ao quarto de Marin cuidar de Thea, Nella desce e segue até o armário de Otto, onde suas ferramentas se encontram dispostas em uma prateleira arrumada, sempre prontas, ordenadas, lubrificadas e afiadas. Ela encontra o que procura. Os fazendeiros de Assendelft os chamavam de *bludgeoners* e, quando criança, ela os observava, os braços atarracados golpeando com força árvores moribundas.

De volta ao andar de cima, com as vozes das outras mulheres murmurando pelo corredor, Nella tranca a porta de seu quarto pela primeira vez.

Ela olha o belo presente de Johannes em um canto. Em outubro, ele havia chamado a casa de bonecas de distração, mas Nella, no limiar de uma nova vida, tinha tomado aquilo por um insulto à sua frágil condição. Ela rejeitou esse mundo inabitável, mas então, gradualmente, começou a acreditar que ele detinha as respostas, que a miniaturista era a única que tinha a luz. “Mas de certo modo Johannes estava certo”, pensa Nella. “Tudo nessa casa de bonecas distraía mesmo a atenção. Tanta coisa aconteceu enquanto eu estava olhando para o outro lado. Tinha certeza de que estava parada, mas veja quão longe cheguei.”

Só agora Nella tem certeza do que deve ser feito. Ela se aproxima da casa de bonecas e ergue os braços, imitando os homens locais que cortaram os troncos. Uma respiração profunda, um momento de hesitação, depois o golpe do machado. Atravessa o casco de tartaruga e tira uma lasca do olmo. As veias de peltre serpenteiam como as raízes das plantas, as cortinas de veludo se amontoam no chão. Nella ataca e ataca, fazendo a casa de bonecas desabar. O piso cede, o teto rui, o artesanato e o tempo, o detalhe e o poder, caindo diante de seus pés.

Com o sangue circulando a toda em seu corpo, Nella deixa cair o machado e enfia a mão nos destroços. Rasga o papel

de parede de couro italiano, a tapeçaria, a cola no meio do piso de mármore. Pegando os livros, rasga suas minúsculas páginas. Esmaga o cálice de noivado com o punho, e o metal suave cede à pressão, o casal na lateral sendo aniquilado. Reunindo as cadeiras de pau-rosa, a gaiola, Peebo, a caixa de marzipã, o alaúde, ela os quebra sob a sola do sapato, tudo irreconhecível, destruído para sempre.

Com os dedos em forma de garras, Nella quebra o corpo de Meermans, destroçando seu chapéu de aba larga. Arranca a cabeça de Jack como uma flor prestes a morrer. Com um pedaço de olmo, esmigalha a mão de Agnes, ainda segurando o pão de açúcar enegrecido. Nella não poupa nem Cornelia nem as duas miniaturas de si mesma — a cinza e a dourada, uma enviada pela miniaturista, a outra deixada por Agnes no chão da galeria de observação da Stadhuis. Ela as atira na pilha junto com o saco de dinheiro de Johannes. Apenas Marin e Johannes permanecem intactos, e Nella os põe no bolso junto com Otto e o bebê. Thea pode ficar com eles quando for mais velha; retratos atemporais.

Ela sente Arnoud em seu bolso e hesita. “É apenas um boneco”, diz a si mesma, ainda espantada com a estranha alquimia de artesanato e espionagem da miniaturista. Não é nada. Ela o pesa na palma da mão. A maior parte do açúcar ainda não foi vendida. Quase se odiando, Nella volta a enfiar o confeiteiro depressa no bolso da saia, seguro e fora de vista.

Vazia, exausta, Nella não consegue destruir mais nada; seu presente de casamento se transformou em uma pira. Deslizando para o chão ao lado dele, descansa a cabeça nos joelhos dobrados. Sem ninguém que faça isso por ela, Nella abraça a si mesma; o corpo sacudido pelo choro.

O mal no jardim

Naquela noite, Cornelia não pode ser dissuadida de ir à prisão da Stadhuis. Em um ímpeto de produtividade, ela fez tortas de frango e vitela, água de rosas e abóbora adoçada, repolho e carne. Elas têm cheiro de lar, de uma cozinha bem-estruturada com bons utensílios, um cozinheiro habilidoso no comando.

— Eu vou, madame — diz ela. A determinação trouxe cor de volta ao seu rosto.

— Não conte a ele o que aconteceu aqui.

Cornelia puxa o embrulho quente de comida e o mantém junto ao corpo, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu preferiria morrer a partir o coração dele, madame — responde ela, enfiando a comida em seu avental.

— Eu sei.

— Mas se contássemos a ele sobre Thea, um bebê, um começo…

— Isso daria a ele mais remorso pela vida que está prestes a deixar. Não acho que ele suportaria.

Cornelia sente raiva das decisões terríveis que são forçadas a tomar. Nella observa a figura desamparada da criada enquanto ela sobe o canal.

Lysbeth está na cozinha, dobrando fraldas limpas para Thea.

— Você fica com ela por algumas horas enquanto eu saio? — pergunta Nella.

— Com prazer, madame.

Nella fica satisfeita por Lysbeth não questionar aonde vai; tão diferente de Cornelia. Ela se pergunta o que Lysbeth

diria sobre o massacre em seu quarto, os danos que uma noiva infantil causou a seu brinquedo.

— Tem lenha no andar de cima — diz Nella à ama de leite. — Devemos manter Thea aquecida.

Nella é autorizada a entrar pela porta da sala dos *kerkmeester* atrás do órgão da Igreja Antiga. O pastor Pellicorne se encontra diante de sua mesa. Nella está ali por Cornelia. Ela preferiria que Marin fosse enterrada discretamente na igreja de St. Anthonis, longe do olhar minucioso dos outros.

— Essa também não seria a vontade dela? — perguntara a Cornelia.

— Não, madame. Ela ia querer a mais alta honraria civil que esta cidade pode oferecer.

Isso é como as coisas costumam ser, Cornelia acalmando a superfície. Assim, o legado de Marin vive, e o fato de a mais obsessiva de suas preocupações permanecer viva em sua criada é um estímulo amargo.

Pellicorne olha para Nella, tentando enterrar o brilho de seu desgosto. “Você sabe quem sou”, pensa ela, seu ódio brotando. “Você estava do lado de fora da Stadhuis, gritando para todos ouvirem.” Nella veio armada com sua riqueza, mas pérolas e um vestido prateado parecem uma armadura frágil diante do desdém de Pellicorne.

— Vim comunicar uma morte — informa ela com voz clara, olhando diretamente para o pastor.

Pellicorne baixa o queixo em direção a seu grande colarinho.

— Achei que seria no domingo — responde ele. Puxa o enorme registro de óbitos, um grande livro com capa de

couro que contém toda a movimentação de corpos da cidade, partindo para o Céu ou para o Inferno. Ele mergulha a pena na tinta.

Nella se acalma, respirando fundo.

— Vim comunicar a morte de Marin Brandt.

A pena de Pellicorne paira no ar. Ele olha para Nella, o rosto severo inclinando-se para a frente.

— Morte?

— Ontem à tarde.

Pellicorne pousa a pena e se recosta.

— Que Deus guarde sua alma — fala, finalmente. Ele estreita os olhos. — Diga-me, como nossa irmã Marin Brandt deixou o mundo?

Nella visualiza em sua mente o cadáver de Marin, os lençóis ensanguentados, Thea recém-nascida, então volta no tempo; Otto e Marin entrelaçados, seu segredo enterrado profundamente no corpo vivo de Marin.

— Ela morreu de febre, pastor.

Ele parece alarmado.

— Você acha que foi a doença do suor?

— Não, Seigneur. Ela estava doente havia um tempo.

— É verdade, não a vi na igreja nas últimas semanas. — Pellicorne junta as mãos, apoia o queixo nas pontas dos dedos afilados. — Eu estava me perguntando se a ausência dela tinha a ver com o irmão.

— O choque não ajudou, Seigneur. Ela já estava muito fraca — diz Nella em voz baixa, o ódio florescendo dentro dela, mal deixando-a respirar.

— Certamente não. — Nella fica em silêncio. Não quer dar ao homem o combustível que ele deseja. — O seu *gebuurte* veio ajudar? — pergunta ele.

Ela se lembra do funeral do pai em Assendelft, como os vizinhos foram auxiliar a mãe enlutada; despindo o corpo dele, vestindo-o com uma camisola, levantando seu corpo

rígido sobre uma chapa de ferro, colocando palha para absorver os líquidos liberados. Depois, as jovens solteiras da cidade chegando para colocar as palmas e flores, folhas de louro. Não houve *gebuurte* para Marin, apenas Cornelia e ela mesma, a desolação em meio ao pânico das mulheres, além de Lysbeth, que nunca a conhecera viva. Pelo menos Cornelia acendeu os queimadores de óleo.

Nella sofre com a falta de dignidade por que Marin passa em sua morte. Deveria ter havido um *gebuurte*, pois Marin era uma boa pessoa, era forte. Em outra vida poderia ter liderado um exército. Mas no fim, ela não manteve os amigos por perto — apenas um, e ele está desaparecido.

— Sim, pastor — responde ela. — Os vizinhos foram. Mas temos que movê-la em breve. Temos que trazê-la para a Igreja.

— Ela nunca se casou — diz Pellicorne. — Um desperdício.

“Para algumas de nós”, pensa Nella, “desperdício é se casar”.

Está completamente escuro do lado de fora. Na área principal da igreja, ela ouve a organista praticando, tochas sendo acesas para a oração da noite. O pastor se levanta, alisando sua túnica preta como se fosse um avental.

— Se você veio para enterrá-la aqui, é impossível.

Há um momento de silêncio. Nella mantém os pés no chão, as costas eretas.

— Por quê, pastor?

Sua voz é forte e razoável, porque ela se esforçou para isso. Não vai deixá-la tremer ou ceder à emoção. Pellicorne fecha o registro de sepultamento e olha para a mulher, surpreso, como se não estivesse acostumado ao fato de lhe pedirem para explicar algo melhor.

— Não podemos recebê-la, madame. Ela está contaminada por associação. Assim como a senhora. — Ele

faz uma pausa, perfurando-a com seus olhos de pedra. — Você tem toda a minha lástima, madame.

— E ainda assim nem um pouco da sua misericórdia.

— Estamos lotados. Dou meus sermões para mais esqueletos do que carne. Bom Deus, o fedor… — diz ele a si mesmo. — Nem todos os perfumes da Arábia poderiam disfarçar esses holandeses apodrecendo. — Dirigindo-se a Nella, simplesmente acrescenta: — Sinto muito pela morte dela, mas não posso recebê-la aqui.

— Seigneur…

— Procure os homens na St. Anthonis. Eles vão ajudá-la.

— Não, pastor. Não posso enterrá-la fora dos muros da cidade. Ela rezava aqui.

— Atualmente, ser enterrado no seio da cidade não é uma opção para a maioria, madame.

— Deveria ser para Marin Brandt.

— Não tenho mais espaço. Está me ouvindo?

Nella tira do bolso duzentos florins de Arnoud e os põe sobre o livro de registro de Pellicorne.

— Se o senhor providenciar a lápide, o caixão, os homens para carregá-lo e o espaço na igreja, ao final, vou dobrar a quantia — oferece ela.

O pastor fita o dinheiro, que vem da esposa de um sodomita. Vem de uma mulher. É a raiz mais profunda do mal, mas é muito dinheiro.

— Não posso aceitar — recusa.

— A cobiça é o vício que devemos combater — responde Nella, com a expressão triste.

— Exatamente. — Ela percebe que o pastor fica satisfeito ao ter seu sermão repetido.

— O senhor, um homem de Deus, sem dúvida está em melhor posição para cuidar do mal — continua Nella.

— Uma vez que for removido — responde ele, os olhos passando rapidamente pelos florins.

— É claro.

— Nossos cidadãos desafortunados precisam de muitas esmolas.

— E algo deve ser feito por eles, ou o mal começa a crescer.

Ambos ficam em silêncio.

— Há um pequeno espaço no canto leste da igreja — diz Pellicorne. — Cabe apenas uma lápide modesta, nada mais.

"Como ele é tolo", pensa Nella. "É só um homem como todos os outros, não está mais próximo de Deus do que ninguém." Ela se pergunta quanto será desviado dos quatrocentos florins antes que os carregadores do caixão sejam pagos e as esmolas, distribuídas. Será que Marin ia gostar, em um canto? Ela passou a vida em um canto, talvez preferisse a nave. Mas ali, na nave, as pessoas andariam de um lado para outro em cima dela. Alguns cidadãos provavelmente desejam esse fim, para que nunca sejam esquecidos, gravados na memória e fazendo parte das orações, mas Nella acha que é muito indigno para Marin. No canto é melhor.

— Estou falando a verdade, madame — insiste o pastor Pellicorne. — Estamos totalmente lotados. Esse canto é o melhor que tenho a oferecer.

— Vai servir — responde ela. — Mas quero o melhor olmo para o caixão.

Pellicorne segura a pena e abre outra vez o livro de registro.

— Vou cuidar disso. O funeral poderia ser na próxima terça-feira à noite, depois do serviço normal?

— Está bem.

— À noite é mais fácil. O cheiro que sobe quando se abre o chão atrapalha as orações das pessoas.

— Entendo.

— Quantas pessoas virão? — pergunta ele.

— Não muitas — responde Nella. — Marin era bastante reclusa.

Ela diz isso quase em tom de desafio, para ver se o homem vai contradizê-la ou mostrar algum conhecimento a respeito do lado oculto da vida de Marin. As livrarias que visitava, talvez ele pudesse dizer. O companheiro que mantinha, aquele negro que ela exibia pelas ruas.

Mas Pellicorne apenas franze os lábios. Reclusão é ruim. Nella sabe o que sua expressão significa. Consciência cívica, vigilância dos vizinhos, todos tomando conta de todos — isso é o que faz a cidade seguir em frente. Não se fechar aos olhares indiscretos.

— Será uma cerimônia breve — diz ele, colocando os florins dentro do registro.

— Nós não gostamos de pompa — responde ela.

— Exatamente. E além do nome e das datas, o que será inscrito na lápide?

Nella fecha os olhos e evoca Marin em seu longo vestido preto, a perfeição de seu gorro e dos punhos escondendo tanta comoção. Publicamente rejeitando o açúcar, mas roubando nozes carameladas, escondendo bilhetes de amor de Otto, anotando países não visitados nos mapas furtados do irmão. Marin, tão desdenhosa com as miniaturas, mas que dormia com o boneco de Otto sob seu travesseiro. Marin, que não queria ser uma esposa, mas que tinha o nome de Thea na ponta da língua.

Nella se sente oprimida pela perda sem propósito da vida da cunhada, as muitas perguntas sem resposta. Frans, Johannes, Otto — esse trio de homens conhecia Marin melhor do que ela?

— E então? — pergunta Pellicorne, impaciente.

Nella pigarreia e responde:

— *T’can vekeeren*.

— Só isso?

— Sim — responde ela. — *T’can vekeeren*.
As coisas podem mudar.

Gradações de estar vivo

Na manhã de sábado, Nella pega uma torta na despensa achando que é de frutas vermelhas. Ela está faminta, pois mal comeu desde o veredicto.

A crosta engana, revelando-se uma torta de peixe frio, um linguado sem graça, enquanto ela esperava frutas típicas do inverno. Em seu estado de nervos, é quase como se a comida a estivesse insultando. Ela então se pergunta, sofrendo, se Cornelia algum dia voltará a adoçar qualquer coisa. A visão de uma noz caramelada pode evocar Marin e suas deliciosas contradições.

Com o estômago roncando, Nella vai à loja de Hanna e Arnoud, sob a placa de dois pães de açúcar.

— Vamos comprar mais — diz Arnoud ao vê-la. — Combina bem com o favo de mel, e, sem dúvida, você está desesperada para se livrar dele.

— *Noud* — repreende Hanna. — Sinto muito, Nella. Nunca ensinaram boas maneiras a ele em Haia.

Nella sorri. Negócios são negócios. “Não tenho que gostar de você, Arnoud”, pensa ela, embora goste muito de Hanna, com sua fala clara, uma diplomata vestindo um avental sujo. Assim que vender o açúcar, Nella promete a si mesma que vai enfiar o boneco de Arnoud em um apiário municipal para deixá-lo coberto de abelhas gananciosas.

— Venha — chama Hanna, indicando que ela se sente no banco polido na frente da loja. Arnoud sai pisoteando até os fundos e começa a bater uma bandeja na outra. — Experimente esta nova bebida de cacau que estou testando

— oferece Hanna, alegre. — Coloquei um pouco do seu açúcar e algumas sementes de baunilha.

É mesmo deliciosa. Como uma lembrança feliz da infância, a bebida aquece Nella.

— Você já está sabendo? — pergunta Hanna.

— Do quê?

— Os burgomestres suspenderam a proibição dos biscoitos em forma de pessoas. Embora nossos cães tenham ficado populares, estou feliz em poder voltar a esculpir namorados para aqueles que têm a sorte de ser jovens e apaixonados. É uma boa notícia para o seu estoque.

Nella envolve a caneca quente de terracota com os dedos agradecidos. É uma boa notícia, mas, ainda assim, não é boa o bastante para suprimir a esmagadora tristeza que ela sente.

— Não posso ficar muito tempo fora — diz ela, pensando em sua casa recém-configurada, metade da qual ela acabou de conhecer.

— Claro — diz Hanna, olhando para ela com atenção.

“Será que ela sabe?”, pergunta-se Nella. “Ou Cornelia finalmente segurou a língua?”

— Mas eu agradeço por sua amizade e pelos negócios.

— Eu faria qualquer coisa por ela — afirma Hanna.

Nella imagina Hanna e Cornelia no orfanato, os pactos que fizeram, os juramentos de sangue até a morte… Hanna abaixa o tom de voz:

— Desde que me casei… — Ela interrompe a própria frase, olhando para o marido por cima do ombro. — Tocar um negócio ocupa todas as horas do meu dia.

— Você tem Arnoud.

— Exatamente. — Hanna sorri. — Ele não é um homem cruel. Nem egoísta. Fui eu que escolhi esse futuro. — Ela se inclina para a frente, sussurrando: — Vamos pagar a quantia

que você precisa. De pequenas sementes brotam belas flores.

Nella olha para a cozinha.

— Mas o que Arnoud vai dizer? Não posso vender a um preço baixo.

Hanna dá de ombros.

— Há formas de persuasão. É meu dinheiro também. Ganhei e guardei o que pude antes de me casar. Meu irmão negociava para mim na bolsa e depois que consegui algum lucro pedi que parasse. Ele me atendeu, ao contrário de algumas pessoas. — Ela suspira. — Arnoud admira minhas habilidades, mas parece ter esquecido a origem de metade do seu capital. Ele gosta do novo papel que assumiu como comerciante de açúcar. Isso lhe deu status na Associação dos Confeiteiros. Pode ser que o nomeiem um dos líderes. O produto é bom, então acham que ele também é. — Hanna sorri. — Novas receitas, planos de expansão. Ele quer vender o próximo lote em Delft e Leiden, e em Haia também. — Ela faz uma pausa. — Encorajei todas essas decisões.

— Você vai com ele?

— Alguém tem que manter o negócio aberto aqui. Vamos comprar mais trezentos pães de açúcar. E pagaremos seis mil. É justo, não é? Cristais de açúcar são mais úteis para mim do que diamantes, madame Brandt.

Ela está comprando paz ou um momento para desfrutar do seu trabalho árduo? Nella se alegra com o valor proposto por Hanna.

— A longo prazo — diz Hanna —, acredito que isso vá beneficiar a todos nós.

* * *

Nella sai andando depressa da loja de Hanna e Arnoud em direção à Stadhuis. O guarda lhe permite atravessar os portões, então ela segue pelo mesmo corredor e vê a porta de Johannes. Dessa vez, conseguir mais que os usuais quinze minutos custa três florins. A vida limitada de Johannes o tornou mais caro, mas Nella pagaria dez vezes mais se fosse preciso. Ela percebe que o guarda emana um cheiro de água de rosas e abóbora. Verificando o dinheiro na mão, ele assente e fecha a porta da cela.

Alguém, talvez Cornelia, fez a barba de Johannes, o que lhe confere um aspecto mais cadavérico, como se o crânio estivesse abrindo um caminho de dentro para fora. “Eu devia ter trazido uma camisa nova para ele”, pensa, observando o marido na penumbra. A que está usando é esfarrapada e fina. Nella engole em seco, controlando-se diante daquela visão. Ele está sentado na palha, a cabeça encostada nos tijolos úmidos, as pernas desajeitadamente contorcidas.

Ela percebe como ele se parece com Marin, altivo em repouso, e bonito até mesmo nesse momento. Ela sente um nó na garganta. Há excrementos no canto, cobertos negligentemente com palha. Nella desvia o olhar.

“Se eu contasse tudo, quem Johannes acharia que o traiu mais?”, pergunta-se. Ela se lembra de Jack gritando com Otto… *ele sabe que você fez alguma coisa*. Johannes uma vez questionou a devoção de Marin naquela discussão na sala, e, mais tarde, disse que havia tirado do irmão algo que não pertencia a ela. Será que Johannes sabia, mas fingia não ver? Parece incrível, mas muita coisa em Johannes é incrível. Ele e Marin disputavam Otto com frequência, reivindicando-o como se fosse um território, discutindo sobre quem valorizava ou precisava mais dele.

Os dois pastéis restantes estão intocados ao lado de Johannes.

— Você devia comer enquanto estão frescos — diz ela.

— Sente-se comigo — responde ele, com a voz baixa.

Johannes parece muito frágil, a luz sugada de seus olhos. Nella quase consegue sentir seu espírito se dissolvendo no ar, virando nada. Ela quer agarrá-lo e prendê-lo em suas mãos, impedi-lo de ir embora.

— Estou vendendo o açúcar — informa, sentando-se. — Um confeiteiro está me ajudando.

— Não acho que você vai conseguir transferir tudo até amanhã — responde ele, com a sombra de um sorriso.

Nella reprime um soluço instintivo.

Parece que Cornelia manteve a promessa e nada falou sobre Marin, mas como conseguem não contar a ele o que aconteceu? Sua irmã, sua adversária mais adorada, está morta. Como é possível ele não ver a tristeza no rosto de suas mulheres?

— Meermans não vai aceitar um suborno agora, de qualquer maneira — diz Johannes. — Parece que, no fim das contas, algumas coisas não têm preço. Marin tinha razão, não se pode negociar coisas abstratas. Traição, com certeza, não.

Nella pensa em Lysbeth Timmers, barganhando por seu silêncio.

— Mas aqui é Amsterdã…

— Onde o pêndulo oscila de Deus para um florim. Frans diz que está fazendo isso para salvar minha alma, mas no fundo está furioso por eu não ter vendido o açúcar do dia para a noite. Ele está lutando por seu açúcar ao me chamar de sodomita.

— Esse é o único motivo, Johannes, vingança?

Ele olha para ela na escuridão, e Nella espera. “Agora”, pensa ela, “agora com certeza ele vai contar sobre Marin e sua recusa em se casar”. Mas Johannes é leal até o fim.

— Aquele açúcar representava muito para ele — continua. — Eu o ridicularizei com minha indiferença.

— Por que fez isso? Por causa de Jack?

— Não. Porque eu podia sentir a ganância de Frans e Agnes e isso me dava nojo.

— Mas você é um comerciante, não um filósofo.

— A ganância não é um pré-requisito para se sair bem nos negócios, Nella. Almejo muito pouco para mim.

— Apenas batatas?

Ele sorri.

— Apenas batatas. E você tem razão, não sou filósofo. Sou simplesmente um homem que acabou navegando até o Suriname.

— Você disse que o açúcar era delicioso.

Ele observa a cela com tristeza.

— E é assim que sou amplamente recompensado. O segredo nos negócios é não se importar muito, estar sempre preparado para perder. Parece que ao mesmo tempo me importei muito pouco e demais.

A perspectiva de que a maior perda de Johannes ainda está por vir deixa o clima mais pesado.

— Julguei mal a situação. Velhas mágoas — diz ele. — Agora não importa. Bem, não há nada a fazer. Cornelia me encharcou com suas lágrimas e agora você também. Podia ter me trazido uma camisa nova. Que péssima esposa você é — caçoa ele, apertando a mão dela. — Diga a Marin que ela não pode vir aqui.

O sentimento de perda a inunda, como uma maré salobra.

— Eu não ia querer que ela me visse assim — afirma ele.

— Johannes, por que Jack traiu você?

Ele passa a mão no cabelo grisalho.

— Por dinheiro, suponho, e o que dinheiro significa. Só pode ter sido por dinheiro, não consigo entender nenhum outro motivo. — O silêncio fica pesado e ela sente Johannes

se esforçando para controlar o próprio medo. — Você precisava ter escutado o depoimento de Agnes. Ela sempre foi frágil, mas naquele momento acho que se despedaçou de vez. — Ele fala depressa, afastando-se dos pensamentos mais sombrios. — Agnes sempre amou Frans, mas amor demais pode ser um veneno. Não sei quão satisfeita ficou em cumprir a ordem dele dessa vez. Ela acredita em Deus, é claro, e na ordem sagrada de como as coisas deveriam ser. Mas havia algo diferente nela na quinta-feira de manhã. Parecia bastante confusa, como se soubesse perfeitamente que estava fazendo uma coisa errada, mas que faria mesmo assim. Ela nunca deve ter se conhecido tão bem quanto naquele momento, nem se surpreendido mais.

Ele ri, e Nella guarda esse som dentro de si.

— Marin sempre esteve certa sobre Agnes e Frans — continua ele. — É o tipo de gente que vê açúcar estragado em todos os lugares.

Deus sabe que seu marido nem sempre foi o mais prudente juiz de caráter, mas quando se trata de Marin, Johannes constantemente reconhecia o valor da irmã. Ele guarda anos de lembranças de sua inteligência e de seus modos mais gentis. Talvez a tenha visto se transformar de uma garota brilhante em uma mulher forte que não conseguiu trilhar o caminho planejado em sua cabeça. Ele é generoso quanto a irmã e, para Nella, é quase como se Marin estivesse com eles, cintilando na escuridão da cela.

Nella não é Jack. Não é ela quem vai rasgar da moldura a imagem que Johannes tem da irmã. Ela não pode dizer ao marido o que ele perdeu, nem como, no fim, Marin delicadamente ficou conhecida por todos.

— Eu odeio eles, Johannes — diz ela. — Com toda a minha alma.

— Não, Nella, não se desgaste. Cornelia me contou o trabalho que você fez com Arnoud Maakvrede. Não estou

surpreso, mas fiquei muito feliz de ouvir. Imagine só o açúcar ficar aqui na república!

— Marin tem me ajudado muito — diz ela, sentindo a chave do depósito sob a camisa encostando em sua pele.

Em silêncio, os dois entrelaçam as mãos, como se o toque de uma pele na outra fosse impedir que amanhecesse.

Pedra

Nella vê centenas de navios atracados, espalhados pelos longos e afilados cais da VOC. Filibotes, galeotas, *hookers*, embarcações de popa quadrada e de diversas outras formas e propósitos, todas a serviço da república. A maioria dos mastros está vazia, os cordames e as velas já foram recolhidos e estão protegidos dos elementos até serem novamente encerados, arrastados e estendidos na madeira.

Os navios com velas parecem florir, prontos para enfrentar os ventos alísios e levar seus marinheiros para longe. Os cascos rangem, expandidos com a irreprimível umidade salgada que atormenta a vida de todos os navegadores. O ar deixa um gosto amargo em sua língua, devido ao cheiro ruim da doca, com os detritos que as gaivotas não conseguiram dar conta de consumir e os peixes parcialmente bicados. Sob a luz que desvanece, o esgoto das embarcações boia na água.

Normalmente, os navios seriam uma visão impressionante, suas estruturas largas oscilando nas ondas, esses veículos do império, cães de guerra que fazem o negócio sujo de todo mundo. Mas, na tarde pálida de domingo, os olhos de todos são atraídos para o homem com a pedra no pescoço.

Em Amsterdã, as cerimônias não são bem-vistas, quer se trate de um casamento ou de um funeral. Rituais podem ser muito brutos, papistas e devem ser evitados. Mas o afogamento de um homem rico é diferente, a suculência moral, o simbolismo que poderia ser arrancado da Bíblia, e, portanto, é claro que uma multidão se reuniu. Ao longo do

cais há vários funcionários da VOC, capitães de navios e secretários. Lá também estão o pastor Pellicorne, Schout Slabbaert, e até mesmo Agnes Meermans, sozinha com seu cachecol de pele gasto. Não está acompanhada do marido. Há vários homens das associações, regentes da Stadhuis, suas esposas, outros pastores e os três homens solenes que compõem a guarda de Johannes.

No cais, Nella fica atrás da multidão. Pellicorne lança um olhar severo para ela, mas finge não vê-la. Ontem à noite, os carregadores do pastor levaram sua cunhada em um caixão, e agora Marin espera na cripta da Igreja Antiga o último serviço a que vai comparecer.

Pellicorne se vira outra vez para o que interessa. “Que glória deve estar sentindo esse momento”, pensa Nella. “A vontade da lei e da igreja estão matando sua sede de sangue, e ele parece repugnantemente satisfeito.”

Nella prometeu a Johannes que estaria presente naquela tarde, e nunca teve que cumprir uma promessa pior. Na última noite eles passaram uma hora sentados na cela escura, de mãos dadas em silêncio, e o guarda os deixou em paz. Aquela hora e aquele silêncio tiveram algo especial que Nella nunca mais vai vivenciar. No futuro, vai se referir a esse momento como sua primeira noite de núpcias, uma comunhão em que palavras não foram necessárias. Elas perderam seu poder de confundir e enganar, e em seu lugar havia uma linguagem mais rica e profunda.

Quando o deixou, Nella parou à porta da cela e ele sorriu, parecendo muito jovem, enquanto ela se sentia extremamente velha, como se, de alguma forma, o silêncio tivesse transferido para ela todo o sofrimento de Johannes. Nella terá que carregá-lo, ao passo que o marido voa, vazio, oco e livre.

Em casa, Cornelia foi sedada com um forte remédio para dormir, preparado com uma facilidade assustadora por

Lysbeth Timmers, que apareceu ao nascer do sol para amamentar Thea e resolveu não ir embora.

— Você pode precisar de mim para mais alguma coisa hoje — dissera ela.

Os olhos das duas se encontraram. Nella assentiu em silêncio e Lysbeth continua na casa, esperando na cozinha por sua volta.

Nella não confia no chão sob seus pés e tenta se firmar com as pernas afastadas. O turbulento vento de janeiro sopra por seu casaco, tão cortante quanto as garras de um gato. Ela está usando uma capa com capuz e uma saia marrom simples de Cornelia. Veio disfarçada para suportar essa provação, como se isso pudesse protegê-la da verdade.

Johannes também está disfarçado. Vestiram-no com um terno de cetim prateado que não lhe serve, e seu chapéu tem uma pena presunçosa que ele nunca usaria, uma indicação de que o modo como a pessoa se veste diz quem ela é. Nella tem vislumbres da roupa em meio aos ombros da multidão, uma manga brilhante como armadura entre os trajes pardos e pretos. Apoia-se repentinamente na mulher ao seu lado. Ao contato, ela dá um salto e se vira.

— Está tudo bem, meu amor — diz ela, reparando no terror de Nella. — Não olhe, se não consegue suportar.

Sua bondade quase parte Nella ao meio. Como pessoas boas podem vir assistir a isso?

* * *

Slabbaert põe a mão no ombro de Johannes, e a partir de então Nella não olha mais. Apenas ouve, fechando os olhos, o vento no rosto, as velas dos barcos batendo feito roupa molhada no varal. Ouve a pedra sendo arrastada pelos dois carrascos. Johannes, preso a ela, nesse momento deve estar

oscilando à beira do cais. A pedra de meia tonelada faz um barulho contínuo e rangedor que percorre a pele de Nella, chegando até o âmago dos seus ossos.

Enquanto a multidão inspira, ela sente a urina quente escorrer por suas pernas cobertas de meias, a lã se encharcando e irritando sua pele. Ele está falando. Ela o imagina se virando à procura dela, de Marin, de Cornelia. “Deixe que ele me veja”, pensa. “Deixe-o pensar que estou orando por ele.”

Mas o vento sopra para longe as últimas palavras de Johannes e ela não as ouve.

— Johannes — sussurra.

Nella se estica para escutar, mas há murmúrios triviais à sua volta, orações e declarações inúteis. Ele está fraco demais para se fazer ouvir, e quando os murmúrios silenciam, a pedra já rolou da beirada do cais. Johannes atinge a superfície irregular do mar e afunda.

Ela abre os olhos. Uma onda densa sobe, estoura em um círculo branco e desaparece em segundos.

Ninguém se mexe.

— Ele era um dos nossos melhores comerciantes — diz um homem, por fim. — Somos uns idiotas.

A multidão exala, os cabelos batendo nas próprias testas com o vento.

— Sem corpo para enterrar — comenta alguém. — Eles não vão trazê-lo de volta.

Nella se vira. Ela está viva, e ao mesmo tempo não está. Afundou na água com Johannes. Encostada ao muro, com a cabeça baixa, seu corpo ameaça virá-la do avesso. Quanto tempo será que vai levar para o mar encher seus pulmões? “Que seja rápido”, pensa. “Seja livre.”

Ela sente alguma coisa. Sua nuca se arrepia, os joelhos querem ceder. Nella ergue a cabeça, examinando a multidão em busca de um vislumbre de cabelo claro. “Ela

ainda está aqui", pensa. "Consigo sentir." Ela olha para o rosto das pessoas, em busca daquele olhar tranquilo de avaliação, um momento para a miniaturista se despedir.

Mas não é a miniaturista que Nella vê.

Ele está mais magro, vestindo as mesmas roupas de quando se foi, usando aquele elegante casaco de brocado. Por um segundo insano, Nella acha que seu marido saiu da água, que um anjo o trouxe de volta à vida. Mas, não, ele é inconfundível. Nella ergue a mão em reconhecimento e, com a boca aberta de sofrimento, Otto também levanta a mão. Cinco dedos trêmulos, como uma estrela brilhando na escuridão.



CINCO

Mesma noite, domingo, 12 de janeiro de 1687

Venha, vamos embriagar-nos de carícias até o amanhecer;
gozemos as delícias do amor!
Pois o meu marido não está em casa; partiu para uma longa
viagem.
Levou uma bolsa cheia de prata e não voltará antes da lua cheia.

Provérbios 7:18-20

Nova Hollandia

Nella supõe que Otto está em choque com o que testemunhou, pois precisa puxá-lo pela manga, seus pés se arrastando na calçada.

— Venha para casa — diz ela. — Venha para casa.

Nella está agoniada, sem fôlego por causa da enorme dor que sente. A luz diminuiu e a noite cai sobre os dois. Ela tenta apagar a imagem da onda se quebrando, o som de Johannes sendo arrastado para o fundo do mar. Sua velocidade aumenta por medo de que a dor vá paralisá-la, de que vá se enroscar em uma bola perto do canal e nunca mais se mexer.

Otto se vira para ela, atordoado, apertando o casaco de Johannes em volta do corpo. Ele para, apontando na direção das docas.

— Madame, o que aconteceu aqui?

— Não consigo… não conheço as palavras, Otto. Ele se foi.

O criado balança a cabeça, ainda estupefato.

— Eu não sabia que ele tinha sido preso. Achei que, indo para Londres, eu estaria protegendo todos vocês, madame. Eu nunca teria…

— *Venha*.

* * *

Quando chegam ao Herengracht, Otto sente-se esmagado pela visão da casa. Ele segura a aldrava de golfinho, usando-a de apoio para não desabar, seu rosto travando uma batalha entre agonia e autocontrole. O que ele está

prestes a descobrir atrás da porta desabrocha como uma flor maligna no corpo de Nella, pois parece impossível uma pessoa conseguir suportar essa dor duplicada. Ela tropeça atrás de Otto neste que é o pior de todos os regressos à casa, mas a tranquilidade do interior esconde a perda de Marin.

— Por aqui.

Ela o leva até a sala, onde Lysbeth Timmers já acendeu a lareira, deixando o ambiente mais quente do que qualquer um deles sentiu por semanas, as chamas bruxuleando numa alegria incongruente. Nella sente seu sangue se agitar. Atrás do fogo, pontas de peltre se curvam em reverência, painéis de casco de tartaruga se dividem e crepitam.

Lysbeth está de pé no meio da sala, segurando Thea com firmeza junto ao peito, observando Otto olhar para a criança.

— Quem é essa? — pergunta.

Nella se vira para Otto, considerando se ele é capaz de se apresentar, se está se perguntando a mesma coisa sobre Lysbeth Timmers. Como num sonho, o criado estende as mãos para a criança. Nella se dá conta de que já o viu fazer esse gesto, suas palmas estendidas no primeiro dia que ela passou ali, quando ele lhe ofereceu um par de tamancos para protegê-la do frio.

Lysbeth se encolhe.

— Lysbeth, este é Otto. Por favor, entregue a criança a ele — ordena Nella.

Sua autoridade é tão palpável que a mulher obedece imediatamente.

— Cuidado com ela — murmura a ama de leite.

Otto aninha Thea no peito como se ela fosse a própria manifestação da vida, como se o seu coraçãozinho batendo pudesse manter o dele vivo. Até mesmo Lysbeth fica quieta,

vendo uma introdução tão estranha em meio a tantas perdas; tão estranha, e ainda assim, tão natural.

— Lysbeth — murmura Nella. — Vá acordar Cornelia.



Quando ficam sozinhos, Nella sabe que precisa falar.

— O nome dela é Thea — diz. — Otto, tenho que contar uma coisa para você.

Mas, absorto no rosto de Thea, nesse pequeno espelho de si mesmo, ele não parece ouvir.

— Otto…

— Madame Marin disse que seria menino — comenta ele.

Nella não sabe como responder. Parece impossível falar.

— Então você sabia? — pergunta, por fim.

Ele assente, e quando mexe a cabeça diante da luz do fogo, Nella vê suas lágrimas, vê como ele também luta para encontrar a palavra certa, qualquer palavra que possa comunicar um fragmento do peso que seus ombros parecem suportar. De repente, ele aponta para o chão que não foi polido e para as cadeiras de pau-rosa empoeiradas.

— Ela não está aqui — observa ele, como se esses objetos inanimados fossem prova suficiente da perda.

— Não — diz Nella. — Ela não está aqui. — Engole em seco, sabendo que está prestes a soluçar, preocupada que chorar signifique invadir a dor dele. — Sinto muito, Otto.

— Madame — começa ele, com a voz rouca, dividindo essa simples palavra ao meio. Ela ergue a cabeça e ele sustenta seu olhar devastado. — Você salvou a criança. Madame Marin sacrificaria a vida dela para que esta pequena criatura sobrevivesse.

— Mas por que ela precisou fazer isso? — pergunta Nella. As lágrimas estão vindo e ela não consegue detê-las. O

esforço para parar só as faz cair mais depressa, mais espessas, borrando sua visão. — Ela piorou tão depressa. Eu… nós não conseguimos trazê-la de volta à vida. Tentamos, Toot, mas não sabíamos…

— Entendo — diz ele, mas pela dor refletida em seu rosto fica claro que não consegue entender. Nella sente as pernas cederem e puxa uma cadeira. Otto permanece de pé, observando o topo da cabeça de Thea. — Nunca a vi mais determinada do que quando me disse que estava esperando um bebê — conta ele. — Eu tinha certeza de que o mundo acabaria. Perguntei a ela: “Como vai ser a vida dessa criança?”

— E o que ela disse?

Otto aproxima mais Thea de si.

— Ela falou: “Vai ser o que ela fizer com a própria vida.”

— Ah, Marin.

— Sabia que seria mais seguro se eu fosse embora. Mas eu tinha que voltar. Tinha que ver.

A realidade de Thea — o ato de sua criação — paira no ar, a vida de mãos dadas com a morte. “Talvez seja um segredo que Otto vai guardar para sempre”, pensa ela. “Deus sabe que Cornelia vai ajudá-lo, fingindo que nunca aconteceu, como se Thea fosse imaculada, ou tivesse brotado em uma árvore. Talvez um dia ele conte como tudo começou entre Marin e ele, o motivo e se os dois sentiram o amor como poder ou como entrega, e se seus corações foram trocados livremente e com leveza, ou se foram vítimas do peso do tempo.”

Thea, um mapa de si mesma, vai ver traços do rosto do pai em metade do seu, e se perguntará: onde está minha mãe? “Vou dar o boneco para ela”, pensa Nella. “Vou lhe mostrar aqueles olhos cinza, os pulsos finos, até mesmo o corpete forrado de pele. *Não pode haver mais segredos*, foi o que falei. Então vou lhe mostrar a curva, o dom da

miniaturista revelado. Você estava lá, Thea. Petronella Windelbreke viu que você estava vindo e sabia que isso era algo bom. Ela até lhe enviou um berço. Ela estava contando sua história antes de você nascer, mas agora é você quem precisa terminá-la.”



Ainda tonta por causa da valeriana, Cornelia foi tirada da cama por Lysbeth. Ela para na porta da sala com uma expressão interrogativa, seu espanto deleitando-se com a resposta diante de seus olhos.

— Você — sussurra.

— Eu — responde Otto, nervoso. — Estive em Londres, Cornelia. Os ingleses me chamaram de crioulo e idiota. Fiquei hospedado no Emerald Parrot. Estava quase escrevendo para contar. Eu…

As palavras caem umas sobre as outras. Otto suporta a onda de dor antes que ela se quebre na cabeça da sua mais velha amiga.

Cornelia cambaleia em direção a ele, toca seus cotovelos e ombros, as mãos dele ainda ocupadas com Thea. Ela encosta em seu rosto, em qualquer coisa capaz de provar que ele é real. Agarra a parte de trás da cabeça de Otto numa fúria carinhosa.

— Chega — diz ela, abraçando-o, inalando sua presença. — Já chega.

Ainda de casaco, Nella os deixa na sala, atravessando os ladrilhos de mármore até a porta da frente que, na pressa, foi deixada entreaberta. Ela a escancara, de pé no umbral, sentindo o ar gelado no rosto. Os sinos da noite de domingo começam a tocar sobre os telhados de Amsterdã, e as harmonias metálicas das igrejas ecoam alto. Dhana trota

para cumprimentar sua nova dona, oferecendo a cabeça para receber carinho.

— Elas alimentaram você, minha linda? — pergunta à cadela, esfregando suas adoráveis orelhas sedosas.

Enquanto os sinos anunciam a chegada da noite, Nella vê o pequeno crescente branco da lua, que mais parece a unha curva de uma mulher no céu escurecendo. Cornelia atravessa o saguão, o avental amarrado, seguindo para a cozinha.

— Está frio, madame — diz. — Entre.

Mas Nella continua olhando o longo canal congelado. Uma faixa de gelo derretido escorre pelas margens. A água mais quente começou a desgastar a borda invernal do Herengracht e, para Nella, parece uma renda rasgada, o forro de um berço gigante.

A criada deixa uma panela cair na cozinha. Um pedido de silêncio vem da sala quando Thea começa a chorar. As vozes de Lysbeth e Otto flutuam sobre os ladrilhos. Nella enfia a mão no bolso do casaco para pegar a casa em miniatura que trouxe da Kalverstraat, só que o objeto não está mais ali. “Isso não pode estar certo”, pensa, procurando melhor. O bebê continua lá, assim como a miniatura de Arnoud. “Então será que a deixei cair enquanto corria pelas ruas da cidade? Será que a larguei na oficina? Você a viu”, diz a si mesma. “Era real.”

Real ou não, o fato é que não está mais com Nella. Porém, as cinco pessoas que a miniaturista colocara lá dentro ainda estão nesta casa. A jovem viúva, a ama de leite, Otto, Thea e Cornelia. Será que conhecerão os segredos da vida uns dos outros? “São todos fios soltos, mas sempre foi assim”, pensa Nella. “Formamos uma tapeçaria esperançosa. Não há ninguém para tecê-la além de nós mesmos.”

O crepúsculo virou noite, e dá para sentir o cheiro de noz-moscada. O corpo de Dhana aquece a lateral da saia de

Nella. O céu é um vasto mar fluindo em meio aos telhados, grande demais para enxergar a olho nu como ele começou ou onde vai terminar. Sua profundidade, infinita em possibilidades para Nella, começa a atraí-la para mais longe de casa.

— Madame? — chama Cornelia.

Ela se vira, sentindo o aroma das especiarias. Após olhar uma última vez para o céu, Nella entra.

Glossário holandês do século XVII

Bacamarte (*Donderbus*) — em holandês, o termo significa literalmente “cano de trovão”. É uma espingarda primitiva.

Bewindhebber — sócio da VOC. Muitas vezes, tinha bastante capital investido na empresa.

Bolsa (*Bourse*) — entre 1609 e 1611, o primeiro Commodity Exchange (ou bolsa) foi construído em uma área no canal Rokin. A bolsa consistia em um pátio retangular rodeado por arcadas onde aconteciam as negociações.

Florim (*Gulden*) — moeda de prata cunhada pela primeira vez em 1680, dividida em 20 *stuivers* ou 160 *duits*. Valores maiores eram representados por cédulas.

Gebuurte — um grupo de vizinhos que cuida da ordem pública, segurança e tranquilidade da comunidade, auxiliando um vizinho em dificuldade, agindo como intermediário em conflitos internos, oferecendo ajuda em mortes iminentes e enterros.

Herenbrood — literalmente, “pão dos cavalheiros”, que era consumido pelos ricos. Feito com farinha de trigo, pura e peneirada, ao contrário do pão de centeio, mais barato.

Hutspot — um ensopado de carne e vegetais, que consiste em jogar tudo na panela.

Kandeel — conhecido em inglês como *caudle*, é uma bebida temperada feita com vinho e às vezes engrossada com farinha de amêndoas, amido de trigo, frutas secas, mel, açúcar e gemas de ovos.

Olie-koecken — um tipo antigo de donut. Consiste em farinha de trigo com passas, amêndoas, gengibre, canela,

cravo e maçã, frito em óleo e polvilhado com açúcar.

Puffert — panqueca frita em uma panela.

Schepenen — se o *schout* era um xerife ou magistrado, o *schepenen* era um grupo masculino de magistrados. Quando atuava em uma decisão judicial, o *schepenen* era chamado com frequência de *schepenbank.* Uma das funções do *schepenbank* era julgar criminosos, funcionando, assim, como júri. Como consequência, a palavra *schepen* é muitas vezes traduzida para “magistrado” nesse contexto histórico holandês.

Schout — é a palavra holandesa para xerife ou oficial de justiça. Essa pessoa supervisionava processos judiciais na Stadhuis, assumindo função semelhante a de um magistrado.

Spinhuis — prisão feminina em Amsterdã, fundada em 1597. As presas eram colocadas para trabalhar com fiação e costura.

Stadhuis — a Prefeitura, que agora é o Palácio Real na Praça Dam. Os testemunhos e as deliberações dos casos aconteciam na *Schoutkamer*, e a prisão e a câmara de tortura ficavam no subsolo. A pena de morte era anunciada no porão pelo *Schout*, na frente do acusado e com a presença de um pastor. O público podia ouvir a sentença de um espaço limitado no nível do solo, observando a sala da sentença lá embaixo. O Amsterdam Exchange Bank também ficava no porão da Stadhuis, guardando todo tipo de moeda, pepitas de ouro e pedaços de prata. Os depositantes recebiam o valor equivalente em florins. O Exchange Bank também fazia transferências de dinheiro da conta de um cliente para a de outro.

Tamanco — *pattens*, em holandês, são sapatos parecidos com tamancos e eram usados dentro e fora de casa, para proteger um calçado mais delicado da sujeira.

True Fool (“Warenar”) de Hooft — uma tragicomédia do ano de 1617 sobre moderação, ganância e obsessão. Warenar, o avarento, tem uma filha, Claartje, que engravida de forma ilegítima de um pretendente não aprovado por Warenar. No século XVII, Amsterdã se tornou o centro do comércio internacional de livros, que não costumavam ser objeto de censura do governo. Os que foram proibidos em outros países eram publicados em Amsterdã.

Verkeerspel — uma antiga versão holandesa do gamão, muitas vezes representado em pinturas para lembrar às pessoas de não ficarem complacentes. Significa “jogo de mudança”.

Comparações salariais no final do século XVII em Amsterdã

Nos últimos vinte e cinco anos do século XVII, 0,1% da Amsterdã rica detinha cerca de 42% de toda a riqueza da cidade.

O Tesoureiro Geral da República (a posição mais alta do governo) recebia um salário de 60 mil florins por ano em 1699.

Um comerciante rico como Johannes ganharia em torno de 40 mil florins por ano, sem contar seus bens, que somavam uma parcela à parte e substancial da riqueza. Mercadores muito bem-sucedidos eram conhecidos por deixar legados de até 350 mil florins.

Um *schout* ou xerife de Amsterdã (uma alta posição na máquina da república) podia ganhar 9 mil florins por ano.

Um cirurgião, cerca de 850 florins por ano.

Um membro mediano ou alto das guildas (sapateiro, fabricante de velas, padeiro) podia ganhar 650 florins por ano. (A renda de Arnoud e Hanna é alta, mas eles juntaram seus rendimentos e tiveram sorte na Bolsa.)

Um trabalhador comum podia ganhar cerca de 300 florins por ano, ou 22 *stuivers* por dia.

Exemplos de custos domésticos de um cidadão rico de Amsterdã no fim dos anos 1600

Uma camisa masculina — 1 florim

A conta do boticário — 2 florins e 10 *stuivers*

Uma saia simples — 2 florins

Benefício da viúva pago pela guilda do marido — 3 florins por semana

Pintura bíblica ou de pequena paisagem — 4 florins

Um roupão — 10 florins

A conta do cirurgião — 15 florins

Pintura em moldura dourada de uma batalha no mar — 20 florins

Um armário de roupas de cama decente — 20 florins

A conta do sapateiro — 23 florins

Uma paisagem italiana de caça ao estilo de Cuyp — 35 florins

Casaco e colete — 50 florins

Um armário de roupas de cama de boa qualidade — 60 florins

Um vestido adamascado — 95 florins

A conta do alfaiate — 110 florins

Um cavalo e um trenó — 120 florins

Quarenta e cinco quilos de lagosta — 120 florins

Ingressar em uma das guildas mais exclusivas (como a dos prateiros, dos ourives, dos pintores e dos comerciantes de vinho) — 400 florins

Doze pratos de prata — 800 florins

A casa de um pequeno comerciante e sua família — 900 florins

Uma tapeçaria comprada para a sala de uma casa no canal Herengracht — 900 florins

Um colar de diamantes — 2 mil florins

Uma cristaleira contendo uma casa de bonecas, mobiliada com 700 itens ao longo de vários anos — cerca de 30 mil florins

Agradecimentos

Aos primeiros leitores: Jake Arnott, Lorna Beckett, Mahalia Belo, Pip Carter, Anna Davis, Emily de Peyer, Polly Findlay, Ed Griffiths, Antonia Honeywell, Susan Kulkarni, Hellie Ogden, Sophie Scott, Teasel Scott e às mulheres do clube do livro Pageturners. Obrigada por não dizerem que a narrativa era uma bobagem e por suas observações sempre gentis, úteis e criativas. Minha sorte em relação a amigos indica que, na próxima vida, voltarei como um mosquito.

Às Três Graças das canetas e pontos de exclamação: minha editora no Reino Unido, Francesca Main, que combinou observações e comentários extraordinários com gentileza e sensibilidade, e meus editores nos Estados Unidos e no Canadá, Lee Boudreaux e Jennifer Lambert, cujos entusiasmo e perspicácia fizeram deste livro o melhor que poderia ser. Muito obrigada, a todos os três, por acreditarem tanto em mim como na miniaturista.

Na Picador, agradeço imensamente a Sandra Taylor, Jodie Mullish e Sara Lloyd por todo o trabalho e bom humor, a Paul Baggaley pelo apoio pastoral, e a Nicholas Blake pelo olhar atento. Obrigada ainda a Line Lunnemann Andersen, Martin Andersen, Katie Tooke, a equipe de design da Picador e Dave Hopkins, que fez uma capa tão incrível para a edição britânica, com uma verdadeira casa em miniatura. Meu profundo agradecimento também a Greg Villepique e Ryan Willard, da Harper Ecco.

Marga de Boer, na Luitingh-Sijthoff, por suas excelentes observações sobre a infraestrutura de Amsterdã, a vida da verdadeira Petronella Oortman e de seu marido Johannes, e

pela precisão acerca de informações legais e cívicas da Holanda do fim do século XVII. Quaisquer erros e deslizes fantasiosos são responsabilidade minha, e minha biografia de Nella é completamente ficcional.

Pela consultoria médica: obrigada a Jessica Cutler, Prasanna Puwanarajah e Victoria Scott. Mais uma vez, quaisquer anomalias são culpa exclusivamente da minha imaginação fértil.

Pelos olhos de águia: Gail Bradley.

Edward Behrens e Penny Freeman, que tão gentilmente permitiram que eu me isolasse em suas casas, onde não havia internet, apenas tempo, paz e tranquilidade. E vinho.

Sasha Raskin, por cuidar tão brilhantemente de *Miniaturista* nos Estados Unidos.

E:

À minha agente, Juliet Mushens: conselheira, campeã, superstar, amiga. Por tornar essa experiência tão divertida e maravilhosa. Você é uma agente excepcional e um ser humano incrível.

A Linda e Edward, também conhecidos como mamãe e papai. Por terem lido para mim quando eu era pequena, por me levarem à biblioteca e por me comprarem livros. Por perguntarem “Por que você não escreve uma história?” quando eu estava entediada aos seis anos, aos doze, aos vinte e sete. Por sempre, sempre, estarem presentes.

A Margot, por não ser nada além de uma bola de pelo inútil que pula no meu teclado.

E a Pip. Não sei como começar. Por sete anos de amor e amizade, consideração, riso e fascínio — obrigada. Você é incrível. Minha alma tem sorte.

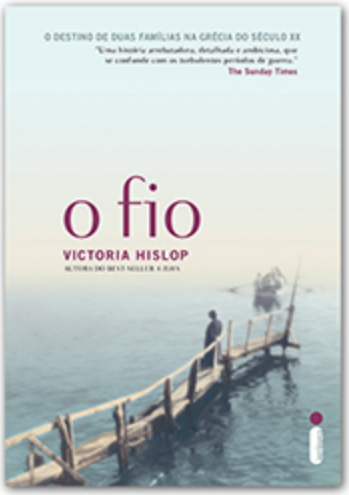
Sobre a autora



© Alexander James

JESSIE BURTON nasceu em 1982. Estudou na Universidade de Oxford e na Central School of Speech and Drama, e trabalha como atriz e assistente executiva em Londres, onde mora. Best-seller internacional, *Miniaturista* é seu primeiro romance e foi publicado em mais de trinta idiomas.

Leia também



O fio
Victoria Hislop



Os lança-chamas
Rachel Kushner



A garota que você deixou para trás
Jojo Moyes